Série Negra

# Suicidas

Raphael Montes



Série Negra

# Suicidas

Raphael Montes

Benvirá

Raphael Montes

# Suicidas

Benvirá

*Para Cici*

*Não me pergunte quem eu sou e não me diga para permanecer o mesmo.*

*Michel Foucault*

# *Prólogo*

*07 de setembro de 2008 – Domingo – 17h42*

*Cyrille. Eu pesquisei antes de vir. É um nome francês. Mas vem do grego* Kyrillos*, que significa "plena autoridade". No meu entender, algo só pode ter plena autoridade se for um ser humano. Digo isso porque o único Cyrille que tive oportunidade de conhecer nesses vinte anos de vida é o nome de uma casa. Cyrille's House, na verdade. Um nome atípico, não só pela tosca combinação francês-inglês, mas também por sua localização abaixo da linha do Equador, em pleno Sudeste brasileiro.*

*Felizmente, tudo fica mais claro quando se conhece a dona da casa: Maria Clara, ou Marie Claire, como prefere ser chamada. Só o fato de ela preferir atender por um nome de revista em vez de usar o original já revela que ela não era lá muito normal. Mas, como todos os pirados com mais de sete dígitos na conta poupança, Maria era considerada apenas moderna. A mansão de nome gringo era só mais uma das pecinhas da sua personalidade peculiar.*

*Não sou capaz de lembrar a primeira vez que entrei em Cyrille's House. Eu tinha oito meses, e meu universo se resumia a papinha, gugu-dadá e berço. Minha mãe sempre fora grande amiga da Maria e compartilhava com ela aquele estilo high society de encarar um país subdesenvolvido: casas com nome de gente, carros blindados e babás devidamente robotizadas e uniformizadas para cuidar dos filhotes.*

*Naquela época, a casa não era tão importante para mim. Eu corria pelos corredores perseguido por uma infeliz que ganhava um salário mínimo. Depois, chorava porque queria brincar no parquinho, e, então, chorava porque tinha brigado com Zak. Acho que minha infância toda pode ser resumida em choro. Não de tristeza, mas de pirraça mesmo. Eu chorava e conseguia o que queria. Era feliz daquele jeito.*

*Só a partir dos três anos a arquitetura do lugar começou a fazer sentido para mim, como um mapa se formando em minha mentezinha infantil. A grande porteira de ferro já gasta. O caminho de terra até o casarão. O parquinho com balanços e gangorra onde eu me divertia com Zak. O tímido jardim na entrada, fazendo frente à convidativa varanda. E, na parte de dentro, uma infinidade de quartos, banheiros, cozinhas, salões... Daria para vinte famílias comunistas morarem ali. Mas não, Cyrille's House era apenas uma casa de campo para a família Vasconcellos receber os amigos nas férias de julho.*

*A história toda parecia até conto de fadas: era uma vez uma Maria Clara, vinda de família pobre, filha de dois nordestinos. Ela conhece o empresário Getúlio Vasconcellos*

*enquanto arruma o quarto dele no hotel. Getúlio se apaixona pela camareira, e, dois meses depois, eles se casam. Maria Clara se torna Marie Claire. E eles têm seu herdeiro: Zak. Um nome inquestionavelmente estrangeiro para espantar da mente dos curiosos as origens da genitora. Pronto, hora de serem felizes para sempre.*

*Cyrille's House. Marie Claire. Zak. Não fosse o fato de viverem se borrando de medo de sequestro, eles teriam formado uma perfeita família plastificada para morar em Beverly Hills. Não tenho dúvidas de que Maria seria muito mais feliz assim. Remoía-se por viver na terra do carnaval, do futebol e da caipirinha...*

*Interessante perceber como o tempo passa. Aos nove, eu e Zak curtíamos soltar pipa, jogar videogame, bater um futebol no campo dos fundos. Com os anos, Zak se tornou o exemplo perfeito de filho de papai criado na zona sul carioca: fortinho, roupa de marca, carro do ano (uma Hilux prata de dar inveja) e garanhão das meninas na faculdade. Já eu... virei o nerd do grupo, que gosta de escrever, curte cinema nacional e acha Machado de Assis um gênio da literatura brasileira. Mais estranho ainda é que continuamos amigos. Não importa o quanto o destino cisme em romper o tênue fio que nos une, os laços da infância não se desfazem.*

*Hoje é a primeira vez que pisaremos em Cyrille's House sem a presença dos nossos pais. Também não poderia ser diferente. Não estamos indo para brincar no balanço ou nadar na piscina enquanto nossas mães conversam sobre a última moda em Paris. Desta vez, iremos por algo muito mais sério. Nós decidimos nos matar.*

# Capítulo1

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-0506-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*05 de junho de 2008 – Quinta-feira*

– Para a semana que vem, senhores, um relatório crítico sobre *Vigiar e punir* do Foucault. Baseado nos princípios que vimos nesta semana. Podem se dividir em grupos de quatro pessoas.

Às vezes me questiono onde eu estava com a cabeça quando escolhi estudar direito. Existem tantas coisas mais legais para se fazer da vida: cinema, artes cênicas, letras...

– E, antes que perguntem, vale nota, sim.

Eu gosto de filosofia. Mas nunca, nunca mesmo, desejaria ser um filósofo. De que adiantaria gastar minhas células cinzentas pensando e pensando para, no final, me tornar tema de trabalho de faculdade e merecer uns cinco ou seis "relatórios críticos" sobre minha obra? Não, não. Muito obrigado. Prefiro ganhar a vida como funcionário público: estabilidade, bom salário e outras mil vantagens que minha mãe não me deixa esquecer.

– Alê, conhece esse aí?

Como eu estava guardando o caderno na mochila, não vi quem era o "esse aí" a quem Zak se referia. Diante da minha expressão de ignorância, ele se deu ao trabalho de apontar mais uma vez para o quadro-negro:

TRABALHO FOUCOLT PARA 12/06

– Conhece?

Deus do céu, como alguém pode chegar ao quarto período de uma faculdade de direito sem saber quem foi Michel Foucault?! De qualquer modo, é possível. Zak conseguiu essa proeza. Ajeitando a manga direita para que seus músculos pudessem ganhar espaço, olhou-me, aguardando a resposta.

– Conheço – respondi.

No fundo, bem lá no fundo, ele nem era tão culpado. O velho professor, com todos os seus mestrados e doutorados, tinha sido imbecil o bastante para escrever Foucault errado. Ignorante por ignorante, pelo menos Zak era meu amigo.

– Bora fazer junto então.

Concordei com a cabeça. Existe um acordo implícito entre nós. Zak me ajuda com as garotas e eu o ajudo com os trabalhos da faculdade. Isso, sim, é que é justiça!

A sala já se esvaziava. Sempre sou um dos últimos a sair. O zíper da mochila não ajuda muito.

– Posso fazer com vocês?

A garota que fez a pergunta: cabelos ruivos entrelaçados ao estilo anos 1970, rosto fino, pele branca e olhos claros. Vestia um blusão bege e uma calça preta comprida o suficiente para cobrir o All Star vermelho. Sentava-se lá no fundo da sala e raras vezes tentava alguma pergunta. Eu sabia seu nome pela lista de presença que alguns professores ainda tinham a paciência de fazer: Rita Antunes Peixoto. Chamada de Ritinha pelos mais chegados. Eu não era um deles. Tampouco o Zak. Mas fora a ele que ela tinha feito a pergunta.

– Pode – respondeu ele, sem desviar o olhar de mim. Na verdade, a mensagem que seu sorriso me passou foi: *Essa eu não comi, mas vou comer*. E isso não era novidade.

O agradecimento da garota também foi murcho. Desde o início, ela sabia que seria aceita. Provavelmente nunca tinha levado um "não" ao longo dos seus dezoito ou dezenove anos de vida.

– Mas nós vamos fazer hoje. Lá em casa... Certo, Alê? – virou-se para mim, esperando uma anuência. Conseguiu. Ele estava mesmo apressado para conhecer os dotes da Ritinha...

Ela concordou desleixadamente com a cabeça. Afinal, o que havia demais em se meter numa casa desconhecida com dois caras para fazer um trabalho sobre Foucault? Nada.

– Quinta, dia 12, é meu aniversário... – comentou ela, prendendo os cabelos cor de fogo. – E vejam só o que eu ganhei de presente. Uma merda de um trabalho!

E riu, esperando que compartilhássemos de sua piadinha. Ficamos em silêncio.

– Quem vai ser a quarta pessoa? – perguntei, no auge da minha inocência.

– Pode ser eu?

A voz masculina veio de trás de mim. Era grave, agitada e um tanto fanha. Eu não precisava me virar para saber de quem era. Na aula, o infeliz fazia uma pergunta inútil por minuto. O sorriso amarelo no rosto do Zak expressou toda a receptividade que ele teria em nosso grupo. Três homens e uma mulher? Não daria certo.

– Pode, sim, Noel – aceitou Ritinha, como se a brincadeira toda fosse acontecer no apartamento dela.

Noel foi a primeira pessoa que conheci na faculdade. Naquele desespero patético de colecionar amigos como se colecionam figurinhas, logo na primeira semana eu o considerava um companheiro de anos. No trote, fui idiota o suficiente para tentar defendê-lo de uma

situação ridícula na qual acabei me dando mal. É a vida... Dois ou três meses foram suficientes para mostrar que ele não era boa companhia: as garotas fugiam dele. Eu fugi também.

As sardas, os pequenos óculos tombados no nariz pontudo e o cabelo cacheado caindo de modo irritante sobre a testa... Definitivamente, ele era asqueroso.

– É. Pode – concordou Zak, com toda a secura que foi capaz de expressar.

Viagens de carro costumam ser momentos constrangedores, em que o fato de um não poder olhar para a cara do outro trava a conversa. Inicialmente se fala sobre o tempo, depois sobre o último campeonato de futebol, mas logo, logo fica evidente que o melhor mesmo é ligar o rádio e esperar chegar ao destino. Como só éramos eu e Zak na Hilux, a conversa até que rendeu.

– Eu tenho pena dele, coitado – disse Zak.

Eu também tinha. Olhando pelo retrovisor e vendo-o logo atrás, seguindo-nos em seu fusquinha azul com Ritinha no assento do carona, esse sentimento crescia ainda mais dentro de mim. Não só porque a imagem lembrava uma baratinha seguindo um elefante, mas também porque meu bisavô tinha um fusquinha da mesma cor. Doce ironia.

– Ele deve ser virgem.

– E quer perder a virgindade com a sua garota – retruquei, pouco animado para a piedade. Principalmente envolvendo Noel.

– Viu o jogo do Fluzão ontem? – perguntou Zak, mudando de assunto, o olhar fixo ao trânsito à frente.

– Você sabe que não gosto de futebol.

– Cinema?

– Sem saco para falar de cinema.

Silêncio.

– Ok. Acabou o assunto – disse ele.

– É. Liga o rádio.

Duas do Caetano, uma da Elza Soares e chegamos ao prédio do Zak.

Entrar pela primeira vez no apartamento do Zak faz você acreditar que mora em uma caixinha de fósforos. Como eu já fui lá umas duzentas vezes, a sensação deprimente já está se dissipando. Ainda assim, sempre levo uns biscoitinhos no bolso para o caso de me perder por uma semana naquele labirinto de concreto.

A grande vantagem de morar num apartamento como aquele é possuir uma sala que produz eco. Um puta eco. Além de, claro, valorizar-se o dono diante dos olhos femininos. Zak sabia aproveitar muito bem essa bênção imobiliária.

– Uau!

“Uau”. É essa a interjeição que define a extensão da sala do apartamento. Saída da boca da Ritinha, então, parecia até poesia.

Os quadros muito sóbrios e alguns almofadões dão ao ambiente um estilo moderno e ao mesmo tempo descontraído. A mesa escura, combinando com o tapete, completa a arte de algum *designer* contratado para a decoração.

– Cadê seus pais? – perguntou Noel.

Nesse caso, a pergunta era plausível. Era bem possível que eles estivessem a quilômetros dali, conversando na cozinha.

– Viajando.

*Para variar*, pensei em completar. Mas me mantive calado e puxei uma cadeira. Não sei o porquê, mas a imagem do fusquinha azul veio à minha mente. Pelo peso, podia apostar que aquela cadeira tinha sido mais cara que o fusca. Madeira maciça.

Imaginei como Noel devia estar se sentindo. Um bosta, é claro. Se ele fosse religioso, tenho certeza, acabaria de perder toda a fé no Santíssimo. Como poderia haver justiça naquilo tudo? Fusca *versus* Hilux. Caixinha de fósforo *versus* aquela sala!

Deus é um cara muito sagaz, mas seu senso de justiça estava falho quando criou Zak e Noel. Todos sabiam que Noel era doido para namorar Ritinha. Todos sabiam também que ele nunca o conseguiria. E nós quatro sabíamos que ela estava doida pelo Zak. Pelo olhar dela, percebi que só não tirava a roupa e fazia o serviço ali mesmo porque o asqueroso estava presente.

Eu sabia que ele iria atrapalhar...

– Pode sentar? – perguntou ela.

– U-hum.

Se Ritinha estava procurando um cavalheiro, melhor caçar em outra freguesia. Zak não estava nem aí se ela ficaria de pé, sentada ou pendurada no lustre de cristal.

Enquanto todos se acomodavam, retirei da mochila meu exemplar de *Vigiar e punir*, comprado por dez pratas num sebo do centro.

– Você já leu isso tudo? – perguntou Noel, coçando o nariz, o que acentuava sua voz nasalada.

– Li.

– Alguém mais leu? – indagou novamente, temendo ser o único a não ter sequer folheado o livro. Encontrou nos outros dois o aconchego para sua falha. Enfim, eu era o único que sabia do que tratava o livro.

– É pra fazer o que mesmo? – perguntou Zak, retirando os tênis e colocando os pés com meia sobre a mesa. Descansou no encosto da cadeira, como um marajá.

– Um relatório crítico. Seja lá o que isso signifique – disse Ritinha.

– Parece chato – sentenciou meu amigo, brincando com o lápis entre os dedos compridos. – Mudando de assunto... Sábado vou numa rave. Topam?

– Nem rola – explicou Ritinha, dobrando as pernas e exibindo suas lindas coxas como em

uma vitrine. – Por causa do meu aniversário, uns parentes do Sul chegam amanhã pra me ver. Vão passar a semana. Tias velhas, primos chatos...

– Vai ter festa? – tentou Zak.

– Nada.

– E você, Alê? Que tal rave no sábado?

Minha negativa foi expressa e silenciosa. Eu? Numa rave? Onde já se viu?

– Ah, Alê, vai uma galera legal – argumentou. – Você deveria ir...

Decidi não responder. Contrariar, nessas horas, é a pior opção.

– Eu talvez possa ir – disse Noel, com naturalidade. Imaginá-lo na rave era apenas mais um motivo para eu ter a certeza de que não queria estar lá.

Pelo silêncio que se formou, achei que era minha vez de tentar começar o trabalho. Eu sabia que logo seria interrompido por algum assunto mais babaca, mas não custava nada tentar.

– Foucault escreve sobre o sistema judiciário penal. Segundo ele, ocorreram transformações no sistema penal europeu e mundial em fins do século dezoito e início...

– Esse cara ainda está vivo? – interrompeu Noel, brincando com a espiral de seu caderno. Como não estávamos na sala de aula, pensei em lhe dizer que não toleraria suas perguntas idiotas. Mas não. Estiquei pacientemente a contracapa do livro na direção dele para que lesse a biografia do "cara" para nós.

– Lê alto, curioso – disse eu.

Ele pareceu não se importar com o "curioso". Era mesmo.

– Michel Foucault, quando morreu de aids aos 57 anos...

– Continue.

Noel tirou os olhos do livro e mirou-me com um sorriso irônico.

– O cara morreu de aids. Devia ser veado.

– Era gay, sim – respondi, pedindo o livro de volta.

Mas Noel continuou a leitura em voz alta:

– Em sua casa, as pressões para que o menino se "endireitasse" deviam ser intoleráveis. Pouco antes de morrer, o filósofo contou que, quando pequeno, seu pai o levou a uma das salas de cirurgia a fim de que ele "se fizesse homem". A vida então se tornou uma tortura: até seus vinte e poucos anos, Foucault tentou várias vezes o suicídio, e a sua afeição pelo álcool nasceu nessa época.

– É... O cara era pirado mesmo – disse Zak.

– Melhor se tivesse conseguido se matar – defendeu Noel, buscando nossa aprovação a seu comentário patético. – Pelo menos não teríamos um relatório crítico para fazer.

Sem paciência, tomei o livro de suas mãos. Ele voltou a brincar infantilmente com a espiral do caderno. Zak e Ritinha já tinham, há muito, entrado num transe sensual: lançavam olhares, trocavam sorrisos e, por debaixo da mesa, tocavam-se com as pernas. Eu antevia a hora em que empurrariam os papéis para o chão e fariam tudo ali mesmo.

– Falando em suicídio... Vocês viram a notícia que saiu no jornal? – indagou Noel, decidido a fazer tudo, menos a porra do trabalho da faculdade.

– Da roleta-russa? – perguntou Ritinha, parando de chamego e demonstrando certo interesse no assunto.

É impressionante a atração humana pela desgraça alheia. É legal ver o fulaninho casar e a beltraninha ter filhos, mas a notícia vende muito mais se o fulaninho mata a beltraninha e depois comete suicídio.

Essa notícia dos jovens nos Estados Unidos tinha sido capa dos jornais na última semana: quatro infelizes juntos. Um deles achou a arma do pai sobre o armário e propôs a brincadeira. O revólver carregado, só uma bala faltando no tambor. Todos aceitaram. Resultado: três mortos e um babaca preso.

– Macabro, né, não?

– É... – respondeu Ritinha.

– Coisa de americano – disse Zak.

– Os caras eram franceses – discordou Noel.

– Eram americanos! – confirmou ela.

– Eram franceses. Eu li no jornal!

– Os caras morreram em Boston!

– Eu não sei onde eles morreram. Sei que eram franceses!

Adoro esse tipo de discussão: a força argumentativa de sua tese é medida pelo vigor com que você a pronuncia... Franceses! Americanos! Franceses!!!

– Então eram franceses que decidiram se matar nos Estados Unidos – concluiu Ritinha, apaziguando os ânimos.

– Tenho os jornais com a reportagem lá no quarto – disse Zak. – Vou buscar pra esclarecer isso. Bora comigo, Ritinha?

Pronto. Aquela era a deixa do casalzinho para a sacanagem.

Desistindo da discussão, Noel voltou a brincar com a espiral. Parecia se divertir tanto fazendo um barulhinho irritante ao deslizar o dedo sobre ela que sequer percebeu o que acontecia.

Esticando a mão para o anfitrião, Ritinha sumiu pelos corredores. Aproveitei para tentar organizar mentalmente o relatório crítico. Na verdade, desde que o professor o propusera, eu já tinha uma ideia formada na cabeça. Agora era só colocar no papel.

Com o som do mar batendo suavemente na areia lá fora, iniciei um esboço. Depois, numa revisão de quinze minutos, corrigi algumas partes e cheguei a uma versão final.

– Ei, cadê eles?

Saindo do estado apático, Noel percebia a ausência da sua musa inspiradora.

– Estão no quarto. O Zak foi buscar os jornais com a reportagem da roleta-russa.

*Há quarenta minutos*, pensei em acrescentar. Mas daí ele poderia suspeitar, e eu queria

evitar constrangimentos desnecessários.

Discrição é para poucos. Mesmo que eu quisesse manter Noel na inocência, os decibéis dos gemidos da Ritinha não ajudaram muito. Ganhando caminho nos corredores e ecoando pela sala, reverberou uma longa sequência de “Oh”, “Ah” e “Ui”, misturando-se ao som do mar de Ipanema ao longe.

– Eles estão... – Noel não completou a frase. Fechou o rosto, meio indignado, meio irritado. Então, levantou-se bruscamente para ir embora.

Não sou nenhum tipo de vidente, não jogo tarô, mas tudo terminou exatamente como eu havia previsto: Zak e Ritinha trepando, Noel saindo puto e eu, sozinho, fazendo a porra do trabalho sobre Foucault.

# Capítulo 2

DOS REGISTROS DE ÁUDIO – CASO CYRILLE'S HOUSE
REALIZADO EM: 09 DE OUTUBRO DE 2009
SALA DE REUNIÕES DA CHEFIA DE POLÍCIA
CIVIL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
RESPONSÁVEL: DIANA CUSTÓDIO GUIMARÃES
DURAÇÃO: 06 HORAS, 23 MINUTOS E 41 SEGUNDOS

*(CHIADO)*

DIANA – Nove de outubro de 2009. Dezesseis horas e trinta e dois minutos. Reunião para esclarecimentos sobre o caso Cyrille's House. Sou a delegada Diana Custódio Guimarães. Esta conversa está sendo gravada. Alguma objeção?

*(SOM DO GRAVADOR SENDO APOIADO EM UMA SUPERFÍCIE)*

DIANA – Ótimo. (PAUSA) Estão presentes Rosa Wallwitz, Sônia Castro de Mendonça, Rebecca Amaral Feitosa, Débora Parentoni de Carvalho, Amélia da Silva Guanabara, Olívia Azambuja e Vânia Antunes Peixoto. Mães das vítimas do incidente ocorrido em 07 de setembro de 2008. Nenhuma falta. Esta reunião tem duração prevista de quatro horas. Algum comentário ou objeção?

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(SILÊNCIO – 03 SEGUN*DOS)

DIANA – Antes de tudo, devo dizer que lamento a perda que sofreram. *(PAUSA*) Acreditando que, depois de um ano, essa dor já tenha arrefecido, esta reunião foi marcada.

REBECCA – Não arrefeceu. Você não sabe o que é perder uma filha... *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA)*

DIANA – Em parceria com a Polícia Civil do Estado de Minas Gerais, a Chefia de Polícia Civil do Estado do Rio de Janeiro cede espaço para esta reunião. Hoje, temos por objetivo buscar esclarecimentos acerca dos fatos ocorridos em 07 de setembro do ano passado. Como se sabe, nove jovens se reuniram na casa de campo Cyrille's House, em Minas Gerais, com o objetivo de realizar a chamada roleta-russa. Nesse "jogo", uma única bala é introduzida aleatoriamente em uma das câmaras do revólver. Depois, o tambor é girado e fechado. Então, forma-se uma roda e cada participante mira a própria cabeça, puxando o gatilho, sem saber se...

*OLÍVIA* – Chega dessa palhaçada, doutora. Todas aqui sabemos o que é roleta-russa. *(VOZ*

*RÍSPIDA)*

*REBECCA* – Sabemos.

SÔNIA – O que não entendo é como eles fizeram isso... Como podem ter morrido em uma mesma roleta-russa? Normalmente só morre uma única pessoa, não?

DIANA – As regras da roleta-russa deles foram um pouco diferentes. Vou explicar isso em breve. Vocês vão entender tudo.

SÔNIA – Ok.

DIANA – Como vocês sabem, o episódio terminou de forma violenta e um tanto quanto... misteriosa. *(PAUSA)* Os corpos foram encontrados pelos ex-policiais militares Jurandir Coelho Sá e Plínio Motta. *(PAUSA)* Acreditando que uma reavaliação dos fatos traria luz ao caso, estamos aqui hoje. Decidimos convocar apenas as mães, porque percebemos que as vítimas tinham mais contato com as senhoras do que com os pais, principalmente nos casos de pais separados.

OLÍVIA – Nós já fomos exaustivamente interrogadas esse tempo todo. Não sei o que mais vocês querem sugar da gente. (VOZ RÍSPIDA E DEPOIS CHOROSA*)*

DIANA – Estamos em busca da verdade, Olívia.

OLÍVIA – Eu também quero a verdade, mas já disse tudo o que sei. Não tenho nada a esconder.

DIANA – Decidimos avaliar novas perspectivas. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* Durante todo esse tempo, guardamos um trunfo que poderia ser a chave para entender como tudo aconteceu. *(AGITAÇÃO)* Esse trunfo nos ajudou bastante, mas não tanto quanto esperávamos. Talvez, se compartilharmos o material com vocês, possamos chegar a resultados satisfatórios...

SÔNIA – Do que você está falando? Trunfo? Não estou entendendo nada!

*(R*ANGER *DE CADEIRAS)*

DIANA – Na época do incidente, nossas bases investigativas foram os interrogatórios com os pais e amigos, as evidências coletadas em Cyrille’s House, os resultados periciais dos corpos encontrados e, como vocês sabem, as anotações de Alessandro Parentoni de Carvalho num caderno encontrado em sua residência, em Copacabana. *(PAUSA)* Uma espécie de diário precisamente datado, em que foram narrados alguns dados sobre as relações entre as vítimas e também o processo de elaboração e convocação de amigos para a roleta-russa.

OLÍVIA – Sim, vocês já tinham dito que encontraram no apartamento do Alessandro algumas anotações num diário... *(VOZ RÍSPIDA)* O que tem de novo?

DIANA – Isto aqui.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

SÔNIA – Outro caderno?

DIANA – Sim. Também escrito pelo Alessandro. Um livro, na verdade. Encontrado no local onde tudo aconteceu. Em Cyrille’s House.

DÉBORA – Um outro caderno... Do meu filho?

DIANA – É o que ele mesmo chamou de sua *"*grande cartada". Um livro que ele iniciou quando estava indo para lá, narrando todos os acontecimentos da roleta-russa. Não é muito grande, mas esclarece alguns pontos. Não tudo, porque o livro para quando ele... *(PAUSA)* Quando ele morre.

DÉBORA – O meu filho... *(CHORO)*

DIANA – O Alessandro não foi o último a morrer. *(PAUSA)* No intervalo entre sua morte e o instante em que os corpos foram encontrados – cerca de cento e cinquenta minutos –, algo aconteceu. Algo que deixou os corpos naquele estado inexplicável...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DÉBORA – Meu filho sonhava em ser escritor. Chegou a escrever dois livros, mas as editoras recusaram. Ele disse... *(CHORO)* Ele disse que um dia escreveria um livro que todos iriam querer ler, mesmo que ele tivesse que morrer por isso...

DIANA – O Alessandro conta detalhadamente a maioria das coisas que aconteceram na casa. Em alguns momentos, o relato é bastante forte. *(PAUSA)* Se as senhoras se sentirem mal, não deixem de me avisar. *(PAUSA)* O livro... Eu o lerei todo para vocês. Qualquer coisa que passar por suas cabeças, por favor, digam. Mesmo aquele detalhe que parecer irrelevante, digam. Tudo pode ser útil para chegarmos a uma resposta. Certo?

DÉBORA – Ele só podia estar falando nisso... Quando me contou que seria um escritor famoso mesmo que tivesse que morrer por isso... Ele só podia estar... *(CHORO)*

DIANA – É bem possível que tenha sido esse o seu motivo para aceitar participar da roleta-russa. *(PAUSA)* Os motivos dos outros jovens também ficam um pouco mais claros. Mas não todos. Espero que vocês consigam nos ajudar com isso também. *(PAUSA)* Posso começar a ler?

OLÍVIA – Pode.

DIANA – Então vamos lá. "*Prólogo*. – Cyrille. Eu pesquisei antes de vir. É um nome francês. Mas vem do grego Kyrillos, que significa 'plena autoridade'..."

# Capítulo 3

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-1301-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO – 12.ª DP – COPACABANA

*13 de janeiro de 2008 – Domingo*

Saber jogar pôquer é uma arte. Não só pelos blefes nos momentos certos, mas também por reconhecer uma boa mão quando calha de ela vir para você. Uma boa mão não depende apenas das cartas na mesa, mas também das cartas nas mãos dos outros jogadores. Muitas vezes, uma dupla pode esconder sua vitória. Mas, dependendo da rodada, uma sequência pode não valer nada. Tudo depende da expressão. Da expressão corporal dos seus oponentes. Saber reconhecê-la é outra arte. Alguns desandam a falar quando vêm com uma boa mão, outros batucam as cartas na mesa na hora de blefar e outros jogam pôquer acreditando que aquilo é puro jogo de sorte. Esses são os melhores. Entram para perder.

Eu entro para ganhar.

Obviamente, já perdi algumas vezes. E tive que ouvir o discurso moralista da minha mãe, do tipo: "Você vai ficar viciado!". Ou: "Vai perder todo o dinheiro do estágio nisso!". – E outras lenga-lengas. Meu argumento é simples e irrefutável: não existem aqueles que saem de casa para ir ao cinema e comer pipoca? Pois então, eu prefiro o pôquer. Se ganhar, é lucro. Se perder, pelo menos me diverti. Pior é ela, que joga há vinte anos na Mega-Sena e nunca recebeu nem um centavo de volta.

– Mesa – pedi, com um soquinho no pano verde.

– Eu cubro a aposta do Otto e dobro.

Uma ou duas vezes ao mês, a gente marca um "poquerzinho". Normalmente na casa do Zak, porque os pais dele estão sempre viajando e porque ele sempre traz uns amigos de "não-sei-onde" para jogar. Dessa vez, foi o Otto. É impressionante como, mesmo sendo meu amigo desde pequeno, Zak ainda arranja pessoas que eu nunca vi na vida. Otto, ele conheceu num cruzeiro pelas ilhas gregas. Coisa chique mesmo. A cara da Marie Claire.

– Eu saio – disse eu. Um dois e um três na mão. Naipes distintos. Apenas cartas altas na mesa. Não era hora de blefar.

Ainda estava tentando descobrir o padrão do Otto. Pensei que ele abria bastante os olhos toda vez que tinha uma mão ruim, mas tive o dissabor de perceber que estava errado. Mais algumas rodadas e eu descobriria seu ponto fraco.

As pessoas mais comuns do mundo são, sem dúvida, as que têm mais potencial para ser grandes jogadores de pôquer. Otto é a prova disso. O rosto comprido, cabelos pretos cortados curto. Nariz pequeno, boca média de lábios finos. Olhos vazios e negros, marcados por longos cílios femininos. Magrelo. Enfim, uma pessoa que passa despercebida. Para compensar, ele usava um short amarelo-mostarda e uma camisa verde-kiwi.

– Eu também saio – disse ele.

Merda! Zak levou a mesa sem ter que mostrar as cartas. E ele estava blefando. Eu sabia.

– Eu sou o *dealer* agora – retomou ele.

As rodadas se sucederam. Perdi algumas, ganhei outras. O pôquer simula a vida. Às vezes você perde, às vezes você ganha, mas o negócio é manter-se lá, jogando. Dar *All-in* toda hora é coisa de principiante.

Meu bisavô me ensinou que você só pode dar *All-in* em dois momentos, que ele chamava de "a grande cartada" e "o grande blefe". Na "grande cartada", você aposta tudo simplesmente porque tem a certeza de que possui a melhor mão da mesa. No "grande blefe", você tem que conhecer bem os outros jogadores para ter a certeza de que eles vão correr quando você fizer sua aposta mentirosa. Como ele mesmo dizia, a "grande cartada" é para os homens de sorte e o "grande blefe", para os homens de coragem. E ele era um sortudo corajoso...

– Não tem nada pra beber, não? – perguntou Otto, piscando excessivamente os olhos, os cílios compridos parecendo abanadores nervosos.

– Água?

– Eu estava pensando em uísque. Tem?

Zak sorriu. Desceu as cartas na mesa e foi buscar a bebida.

– Eu aceito a água! – gritei, enquanto ele sumia no corredor.

Beber álcool naquela altura do jogo só baixaria a minha atenção nas cartas. Se fosse para me embebedar, eu iria para um bar e não para uma mesa de pôquer. Por um instante, considerei a possibilidade de aquela ser mais uma tática do Otto, mas logo abandonei a hipótese. Ele não parecia tão esperto.

Zak voltou segurando desajeitadamente uma jarra de água e uma tentadora garrafa de Blue Label. Distribuiu os copos e serviu-se. Otto observava a bebida, tenso.

Copos cheios, brindamos. Um brinde nada animado, pontuado apenas pelo tilintar dos vidros em choque. Zak esvaziou o copo numa golada. Moderados, eu e o outro tomamos apenas um gole e voltamos a atenção às nossas cartas.

Um três de copas e um dois de ouros. Só carta baixa... Mas que merda! Mesmo assim,

apostei, acreditando na possibilidade de uma sequência. Tensão total.

– Eu dobro – disse Otto.

– Eu cubro e dobro – disse Zak, rindo, antes de engolir a segunda dose de uísque.

Briga de cachorro grande. Ainda nem tinha saído nenhuma carta, e aqueles desgraçados já apostavam alto. Deviam ter um par de ases nas mãos, os filhos da puta.

– Saio – disse eu. Agora, não tinha como saber se Zak estava mentindo. Toda vez que blefava, ele inclinava levemente a cabeça para a esquerda. Depois de três copos, sua cabeça tombava de um lado para o outro como um pêndulo.

Bebi a água e fiquei observando Otto apostar. Segurava as fichas com firmeza e jogava-as na mesa com uma segurança admirável. Mantinha a postura ereta, os olhos negros atentos ao jogo, ignorando sumariamente o ambiente ao redor. Nenhuma brecha. Nenhum tique.

Decidi, então, fazer o tratamento de choque: puxar um assunto. Quanto mais banal, melhor. Com o desgraçado falando sobre uma asneira qualquer, sua guarda baixaria e ficaria mais fácil descobrir um ponto fraco.

– Otto... É um palíndromo, não é? – eu disse, como quem não quer nada. – Quero dizer, seu nome, Otto, é um palíndromo.

Ele não respondeu. Segurou três fichas e lançou-as sobre o pano verde da mesa.

– Eu acho legal... Palíndromos – não desisti.

– Que diabos é um palíndromo, porra? – perguntou Zak, rindo. Por que quanto mais bêbado, mais engraçado a gente se acha?

– São palavras ou frases que, lidas na ordem comum e na inversa, dão na mesma coisa. Otto. De trás para a frente e de frente para trás, é Otto – expliquei.

– Ovo também é! – animou-se Zak.

Otto coçou a nuca, sem tirar os olhos do jogo. Ignorava minha conversa.

– Anotaram a data da maratona... Também é um palíndromo – disse eu.

Zak mirou-me com um olhar desconfiado e começou a rir. Depois, parou. Encheu mais um copo de uísque e ficou pensando.

– Vai. Aposta – disse Otto, cansado de esperar.

– Puta merda, pior que é um palíndromo mesmo! “Anotaram a data da maratona.” Gostei!

– Aposta – Otto mandou mais uma vez, sem alterar a voz.

– Está um saco esse jogo. Só você leva a mesa, Otto! – disse Zak, acompanhado de mais uma risada e mais um copo de uísque.

– O Lucas e a Maria João deveriam ter vindo. Cinco na mesa é bem melhor – opinei.

– Os pais deles se separaram, parece. Tá uma confusão só. Não deu para eles aparecerem...

Concordei com a cabeça. Também estava cansado de ficar ali perdendo. Por um segundo, voltar para casa e ficar na internet ouvindo música me pareceu a melhor opção da noite.

– Por que nós não jogamos outro jogo? Algo mais divertido – propôs Otto.

*Uau, péssima ideia!*, pensei em dizer. Mas só saiu:

– Eu não jogo outra coisa. Só gosto de pôquer.

– Então vamos jogar strip-pôquer.

Confesso que essa era a última proposta que eu esperava ouvir naquela sala. Meus músculos faciais se contorceram em sinal de reprovação, e tudo o que consegui balbuciar foi:

– Hein?

– Strip-pôquer! – gritou Zak, confirmando que eu não estava ficando surdo. – Boa ideia!

Mirei meu amigo com total incredulidade. Ele, com os olhos caídos, levantou seu oitavo copo de uísque e simulou um brinde, a garrafa de Blue Label já quase no fim.

Como assim, três marmanjos sentados numa mesa jogando strip-pôquer?

– Eu não vou – respondi.

– A gente aposta o relógio, a meia, o tênis. Coisas assim! – disse Otto, tentando me convencer.

– Bora, Alê, deixa de besteira. Bora! Vai ser engraçado!

Eu não sei onde estava com a cabeça quando anuí levemente. Talvez aquele desgraçado tenha posto algo em minha inocente água. De qualquer forma, estava consciente o bastante para evitar que as apostas ultrapassassem os acessórios básicos que eu usava.

Otto distribuiu as cartas apressadamente. Minha cabeça fervilhava e, sob a iluminação fraca do lustre, segurei-as. Ajeitando o pescoço e respirando fundo, olhei a mão: uma dupla de reis. Bom sinal.

– Eu aposto meu relógio – disse Otto, jogando um Swatch de pelo menos trezentas pilas na mesa. Olhei para o relógio, tentando conter o sorriso. Ele seria meu.

– Minhas meias valem seu relógio? – perguntou Zak.

Ele deu de ombros e, pela primeira vez, sorriu.

– Valem.

Ofereci o pé direito do meu tênis.

Apostas feitas, Otto virou as três primeiras cartas, ansioso: um ás de ouros, um três de copas e outro de ouros.

Agora eu estava numa situação de risco: quem quer que tivesse um três na mão ganhava da minha duplinha de reis. Mesmo assim, confiante de que o relógio Swatch seria meu, apostei o outro pé do tênis. Otto tinha apostado a camiseta verde-kiwi. Zak, as calças que vestia.

Mais uma carta virada: cinco de espadas.

Nada mudou no jogo. A tensão continuava a mesma. Todos pediram mesa. Ninguém queria arriscar nada. A última carta foi virada: sete de ouros.

*Droga*, pensei. *Tenho duas duplas. Os reis na mão e os três na mesa. Se alguém tiver um ás ou um outro três, estou pior do que ferrado! Estou descalço!*

Havia ainda a possibilidade de alguém ter duas cartas de ouros na mão e fazer um *flush*! Resolvi não arriscar e saí do jogo. Zak apostou a camisa. Otto, as havaianas.

Meu amigo não parava de rir enquanto esperava o resultado daquela jogada. Já Otto se

mantinha calado, sem revelar seu maldito ponto fraco.

Hora de mostrar as cartas. Zak tinha na mão uma dupla de seis. Otto, uma de sete! Com um risinho contido, ele disse:

– Ganhei!

Não consigo definir em palavras a raiva que senti naquela hora. Se eu tivesse continuado, teria ganhado! Merda, merda, merda! Observei Otto segurar meu tênis como se fosse ouro.

– Vamos, Zak. Tira a camisa e a calça.

Aquilo foi o cúmulo para mim. Zak apenas ria, enquanto se despia diante de nós. O que nove copos de uísque não fazem com um sujeito?

Levantei-me de súbito:

– Vou embora.

– Fica aí, chato! – reclamou Zak, atrapalhado ao tirar a camisa.

– Não, não. Tô indo nessa.

Caminhei depressa até o quarto do Zak e peguei emprestado um par de chinelos. Um turbilhão de pensamentos invadia minha mente. De volta à sala, fui até a porta e disse um “tchau” revoltado.

A última imagem que tive foi a de Zak sem camisa caindo na gargalhada enquanto Otto, ajoelhado, ajudava-o a descer as calças. Na cadeira onde Otto estava sentado, havia um montinho de cartas discretamente agrupado. O filho da puta tinha roubado o tempo todo!

Resolvido a não discutir, bati a porta. Ao entrar no elevador, ouvi a voz embriagada do Zak gritando:

– Anotaram a data da maratona!

Agora, escrevendo, até achei engraçado ele gritar aquilo. Mas, na hora, eu estava puto. O sangue fervilhava nas veias. Se eles queriam ficar naquela coisa de bêbado, boa sorte! Não iria me meter.

# Capítulo 4

*Capítulo 1*

*Para conseguir comprar uma boa quantidade de maconha em Paris, você deve procurar determinados bairros underground, onde se vende droga como se fosse pão em padaria. No Brasil, a coisa é mais simples: basta conhecer bem os seus amigos e você acaba descobrindo um fornecedor ao lado de casa.*

*Avançando pela estrada de terra, a Hilux seguia com os pneus baixos, suportando o peso de nove pessoas com bebidas e drogas suficientes para fundar uma nova Colômbia. Embaladas pelo som de "Smooth", do Santana, repetido pela vigésima vez (Zak é daqueles que ouve a música predileta diversas vezes, sem deixar que o CD avance para a próxima faixa), as sombras das pessoas amontoadas na caçamba, refletidas na lataria do carro, lembravam uma orgia dos tempos romanos.*

*Na cabine, Zak ocupava a mão esquerda com uma garrafa de cerveja enquanto a outra segurava desleixadamente o volante.*

*– Você deveria beber uma. Vai ser uma das últimas da sua vida – disse ele, dando um sorriso.*

*– Não, obrigado. Pode faltar – gritei, tentando vencer o volume máximo da música.*

*Ele concordou com a cabeça e bebeu uma golada, deixando a garrafa pela metade.*

*Por sorte, ele não estava a fim de argumentar. Todos sabíamos que não faltaria nada: o banco traseiro estava completamente ocupado com caixas de bebidas alcoólicas, cocaína e maconha suficientes para levar o Vaticano inteiro ao êxtase. Aquilo, dividido por nove, dava praticamente uma overdose para cada um.*

*Todo o cenário fazia com que eu me sentisse um coiote tentando atravessar a fronteira dos Estados Unidos com uns mexicanos ilegais: o sol se pondo atrás das montanhas, o calor infernal lá fora, o horizonte deserto pontuado pela vegetação alta, a poeira subindo com a passagem da Hilux, o carregamento de drogas na traseira e o som da guitarra do Santana evocando aquela imagem de "latino bigodudo".*

*– Como está ficando? – perguntou Zak, tentando puxar assunto.*

*Levantei os olhos do caderno e mirei-o mais uma vez.*

*– O quê?*

*– O livro, porra. Como está ficando?*

*– Ainda estou no capítulo um.*

*– Queria poder ler – mais uma golada, esvaziando a garrafa. – Mas nem vai dar tempo.*

*– É. Não vai dar...*

*– Está conseguindo escrever com essa luz?*

*Tive vontade de cair na gargalhada. Estávamos numa estrada de terra batida que tinha mais crateras que a Lua, com o CD do Santana berrando em meus ouvidos e um motorista bêbado. Será que a parca iluminação do carro era realmente um grande problema naquele momento?*

*– Lê o início aí para mim.*

*– Tô escrevendo – respondi.*

*É estranho escrever os verbos no passado sendo que tudo está acontecendo agora. Mas eu sempre fiz assim. Parece-me que, de certa maneira, este é o jeito mais verossímil de se contar as coisas. Afinal, se as estou contando, é porque já aconteceram. É um passado recente, mas é passado.*

*– Pega mais uma cerveja aí atrás para mim.*

*Pronto! Além de escritor do grupo, agora eu era o barman. Do jeito que íamos, era mais provável terminarmos num acidente de carro do que em Cyrille's House.*

*Deixando o caderno de lado, procurei nas caixas cheias de gelo mais uma garrafa de cerveja. Troquei a cheia pela vazia – a qual juntei às outras três que Zak já tinha bebido. Ele agradeceu com a cabeça e voltou o rosto para o caminho adiante.*

*Olhando-o assim, de perfil, era impressionante perceber como a dor o havia castigado na última semana. Não estava mais ali o riquinho da zona sul que distribuía felicidade como se a comprasse em lojas de conveniência. Sua expressão exalava melancolia, angústia, certo desapego material... O corpo curvado sobre o banco de couro, tímido, como que com medo do mundo lá fora, não revelava o Zak que eu conhecia. Eu, reservado no meu canto, não ousei me aproximar num ato de consolo. Expressar piedade nessas horas soa vulgar, até ofensivo.*

*Sem que percebêssemos, o CD do Santana avançou e "Maria, Maria" invadiu a cabine com seu solo de violão. Zak sequer se mexeu, os olhos vidrados no horizonte já escurecido e a mente viajando por sabe-Deus-lá-onde.*

*– Espero que seu livro faça um puta sucesso, Alê – disse ele.*

*Então era disso que ele precisava: alguém para conversar e fazê-lo esquecer de tudo o que tinha acontecido nos últimos oito dias. Pois então, eu era a pessoa errada. Nunca fui bom em travar diálogos. Nunca soube fingir interesse por assuntos alheios. Nunca acreditei na eficiência das palavras. Como escritor, brinquei com elas por tempo suficiente para perceber que não dizem nada, podem ser forjadas, como a embalagem bonita de um bombom envenenado.*

*– Eu também – respondi. Esforcei-me para que o assunto não morresse ali. – É tão estranho escrever sem saber como as coisas vão acontecer...*

– Seus livros são bons, Alê. Essas editoras é que são foda!

Ótimo! O problemático era ele, e era eu quem estava sendo consolado. Que belo amigo eu me saíra! Em busca de algo para dizer, só encontrei:

– Deixou a música passar, é?

Ele olhou para mim, um sorriso amarelo e forçado no rosto. Depois, com o indicador, voltou duas faixas. Pela vigésima quinta vez, “Smooth” bateu em meus ouvidos.

Uma coisa que aprendi nos primeiros anos de faculdade é que mais legal do que ficar bêbado é estar sóbrio quando seus amigos estão bêbados. Não que a partir desse princípio eu tenha cortado o álcool da minha vida e fundado uma nova religião, mas passei a moderar as doses semanais. Nas reuniões etílico-sociais da vida, eu bebia um pouco de vinho ou de cerveja e, então, água para equilibrar. Hoje, prometi a mim mesmo que não vou beber nada. Até porque, de certa forma, estou a trabalho. Meu último trabalho. A minha grande cartada.

Pelo retrovisor, estudei os rostos das pessoas lá atrás, segurando na borda da caçamba, correndo o risco de cair. Ritinha percebeu que eu estava olhando e estendeu a garrafa, propondo um brinde. Eu apenas sorri. Deus, como ela é bonita! Contrastando com a blusa preta e o jeans escuro, sua pele reluz de brancura, como leite derramado num piso negro.

Logo atrás dela, um Noel já completamente bêbado pendia entre os outros, segurando uma garrafa oscilante na mão esquerda. Com o olhar perdido nos seios de Ritinha, cambaleou até ela e, pelas suas costas, cochichou algo em seu ouvido. Ela sorriu... O que a bebida não faz com uma mulher? Mais umas cervejas e era bem capaz de ele conseguir um beijo naquelas bochechas sardentas.

Desviei o olhar do retrovisor. Sem eu ter percebido, Zak havia terminado a quinta garrafa e trocado o CD do Santana por um dos Mamonas Assassinas. O rock brega e irônico da banda em “Pelados em Santos” remeteu-me à infância. Lembrei-me do quanto tinha curtido o som daqueles caras aos meus oito anos. Lembrei-me da tristeza que me acometeu quando, em 03 de março de 1996, vi o Fantástico anunciar que todos haviam morrido num acidente de avião. Aquela foi a primeira morte com que tive de conviver. Fiquei chocado. Havia comprado o ingresso no dia anterior para o show que eles fariam no Rio. E simplesmente não haveria mais nada. A casa de espetáculos obviamente devolveu o dinheiro, mas fiz questão de guardar o ingresso. Agora, o pedaço de papel devia estar perdido entre livros de faculdade e rascunhos de romances.

– Eles eram bons, não? – perguntou Zak, entregando-me a garrafa vazia.

– Eram. Chegaram a gravar um segundo CD. Eu comprei numa lo...

– Fodeu! – interrompeu ele, desligando o som, apressado. Reduziu a velocidade, projetando nossos corpos levemente para a frente.

Agitado, retirei os óculos do bolso da camisa. Não precisava deles para escrever, mas para avistar qualquer coisa a mais de dez metros sou quase cego.

*– Tem bala aí? – perguntou ele, nervoso.*

*À nossa frente, como um elemento atípico largado desleixadamente naquele cenário rústico, havia uma patrulha da polícia. Deviam estar a uns sessenta metros, mas, naquele local onde não havia nada para distraí-los, qualquer marcha a ré seria um evidente sinal de fuga.*

*– Tem bala aí, porra?*

*– Tá no porta-luvas – respondi, abrindo-o. Será que Zak iria mesmo fazer o que eu estava pensando? Pegar as balas, carregar o revólver e dar uns tiros nos PMs? No fundo, não era má ideia. Neste fim de mundo, quando descobrissem os corpos, seria tarde demais. Estaríamos todos mortos mesmo.*

*– Não tô falando disso. Bala de chupar, Alê! Bala de chupar!*

*Eu sempre ando com balas e chicletes quando vou a qualquer lugar, e Zak sabe disso. É como um vício, uma mania. Passo por um camelô vendendo três Halls por dois reais e tenho a necessidade imperiosa de comprá-los.*

*– Melancia ou menta? – perguntei, caçando-as na parte da frente da mochila.*

*Pelo visto, o pessoal lá atrás já tinha se tocado da presença da polícia. Haviam cessado os palavrões, as conversas altas, as gargalhadas exageradas de bêbado. Oportunamente, as garrafas de cerveja que seguravam também haviam sumido, jogadas no matagal pelo caminho. Olhando assim, pelo retrovisor, pareciam sete jovens na caçamba de uma picape esperando pelo início da aula de catecismo.*

*– Menta. Menta. Dá logo isso!*

*Coloquei duas balas na mão dele, e ele as meteu na boca como se fossem comprimidos.*

*– Manda mais! Manda mais!*

*Estávamos a menos de vinte por hora. Dava para descer do carro e ir andando.*

*– Só tenho mais duas – observei.*

*– Então me passa as de melancia também... Rápido, rápido.*

*Entreguei os pacotes pra ele. Largando mão do volante, Zak segurou as balas, enfiando na boca umas oito de uma só vez, com papel e tudo. E então mastigou. O barulho irritante dos dentes triturando as balas como se fossem pedras batendo em terra firme.*

*– Pronto.*

*Jogou as balas restantes no meu colo e reduziu a velocidade enquanto chegava perto da patrulha, o ar da cabine empesteado com um cheiro doce de menta e cerveja. Naquele instante, imaginei como seria se Zak bebesse um copo d'água. Posso apostar: sua boca arderia como o inferno.*

*Ao sinal, paramos.*

*– Boa noite, policial – disse ele, sorrindo, tentando estabelecer uma inútil relação de simpatia com a autoridade.*

*– Noite... – foi a resposta, com certo desdém. – Habilitação e documento do veículo.*

*Os dois seres fardados provavelmente dariam mais certo como dupla sertaneja de cidade pequena. O primeiro, sentado no banco do carro, nos olhava com uma expressão de "só sei que nada sei". O segundo, que se dera ao trabalho de sair da viatura para encher o nosso saco, ostentava um bigodão ruivo como os daqueles xerifes texanos e falava tão pausadamente que parecia arrotar entre uma palavra e outra.*

*– É pra já! – respondeu Zak.*

*Com as mãos levemente trêmulas, meu amigo abriu o porta-luvas e pegou a documentação. Do ângulo em que estava, o policial não conseguia ver o que mais havia lá dentro. Sorte nossa. Imagino a sua reação ao perceber que carregávamos um revólver e munição dentro de um saquinho de supermercado.*

*– Tudo certinho. Levando o que aí atrás? – perguntou o policial, indicando os bancos traseiros com a ponta do narigão.*

*– Cerveja. Vamos fazer uma festa – disse Zak, com toda sobriedade. Falando assim, parecia um padre que acabara de abandonar a clausura. Fosse eu, estaria falando alto, desregradamente e chamando o oficial Motta, como estava escrito em seu uniforme, de Xororó.*

*– Não é permitido andar com pessoas na caçamba do veículo – retrucou o policial, enfiando a cabeça pela janela da Hilux. – Não posso deixar vocês continuarem.*

*– Nós só estamos indo passar uma agradável semana de férias, oficial Motta. Que tal tentarmos chegar a um acordo favorável para os dois lados?*

*O policial fechou a cara, aproximando-se do rosto do Zak. Deu umas duas ou três fungadas inconvenientes, provavelmente por sentir o cheiro mentolado que havia dominado o hálito do meu amigo.*

*– O senhor está falando de suborno? — perguntou, com uma rispidez assustadora.*

*– O senhor entende um acordo favorável para os dois lados como suborno? – devolveu Zak.*

*Franzindo o cenho, o policial prosseguiu:*

*– Salamandra. Você tá falando da salamandra? – perguntou, parecendo um pouco nervoso. Por um segundo, acreditei que ele também tivesse acabado de tomar uns gorós.*

*Nesse instante, o outro policial saiu da viatura e caminhou até a Hilux. Passou lentamente em frente ao carro e mirou-me como se examinasse um monte de bosta no chão. Então, juntou-se ao colega, enquanto observava com atenção o rosto do Zak.*

*– Não são eles, Plínio. Esquece a parada – disse ao Motta, com uma voz fina e fanha.*

*– Salamandra? – tentou Zak, segurando o volante com firmeza, o pé encostado no acelerador para o caso de os babacas decidirem atrapalhar nossos planos.*

*– Volta para o carro, Coelho. Deixa que eu resolvo a parada aqui – disse Motta ao outro.*

*Fechando a cara, Coelho acabou decidindo que o melhor a fazer era voltar para a viatura.*

*– De que acordo exatamente você estava falando, moleque? – perguntou, agora mantendo distância da boca do Zak.*

*– Duzentos reais – respondeu meu amigo, com a cara mais lavada que vi na vida.*

*– Quatrocentos, você disse? – perguntou o policial, os olhos brilhando de animação.*

*– Quatrocentos – concordou Zak, entrando no jogo.*

*Nesse momento, elevei meus pensamentos aos céus, agradecendo a Deus por morar no Brasil. Só num país como este você é liberado carregando drogas e cerveja porque deu quatrocentas pratas para o PM. Isto, sim, é o paraíso!*

*Lá atrás, a turma da caçamba continuava em silêncio, os rostos abaixados como se estivessem na lista de procurados.*

*Zak puxou o talão de cheques.*

*– Cheque? – brigou o policial Motta – Tá maluco, moleque? E se essa porra não tiver fundo?*

*– Não estou com dinheiro vivo. É só descontar o cheque. Qualquer coisa, pode ir cobrar lá em Cyrille's House. Sabe onde é?*

*– Cyrille's House? Sei... Casa de bacana... Eu cobro com juros, hein? – disse ele, dando soquinhos leves na lataria do carro. – Juros altos.*

*– O cheque tem fundo – respondeu Zak, com seriedade.*

*– Sei...*

*– Vou colocar meu telefone no verso. Qualquer problema, é só ligar, ok? – disse o meu amigo, enquanto preenchia o papel.*

*O oficial Motta tomou o cheque das mãos dele. Tirou um celular do bolso e discou o número que Zak anotara.*

*– Só pra confirmar... – explicou, esperando a ligação ser completada.*

*O toque do celular do Zak – a música "Rehab", da Amy Winehouse – invadiu a cabine da Hilux.*

*– Bom garoto – disse, dando tapinhas amigáveis no ombro do seu financiador. – Agora, circula.*

*– Você nunca viu a gente, certo?*

*– Nem sei quem é você, moleque.*

*– Beleza, então – respondeu Zak.*

*– E vê se o seu amigo aí bebe menos – comentou, apontando o narigão para as cinco garrafas vazias do Zak que eu havia guardado.*

*Assim que tomamos certa distância da patrulha, a agitação na caçamba recomeçou. Alguns se levantaram, xingando Deus e o mundo por terem sido obrigados a ficar sentados durante aquele tempo todo. Outros, aliviados, comemoraram o fato de não terem sido pegos com meio quilo de cocaína no banco traseiro e decidiram iniciar uma nova rodada de cerveja.*

*Zak religou o rádio, deixando que os Mamonas terminassem "Pelados em Santos" e iniciassem "Chopis Centis".*

*– Como você sabia que ele iria aceitar? – perguntei.*

*– Hein?*

*– Do jeito que ele falou... Pensei que não fosse aceitar. Como você sabia que... ele aceitaria a grana?*

*– Ah, Alê, isso é mole. Esses caras ganham um salário mínimo por mês. Quatrocentas pratas para eles é ouro. E, além do mais, se eles quisessem mesmo fazer justiça e salvar o mundo, não ficariam no meio do nada esperando pelo bandido. Eles queriam dinheiro. Eu tinha. Encaixe perfeito.*

*Deu um sorriso orgulhoso.*

*– O cheque tem fundos? – perguntei.*

*– Claro que não! – exclamou Zak, como se aquela fosse uma resposta óbvia.*

*– Mas e se eles forem lá cobrar?*

*– Será divertido. Terão que explicar o que foram fazer numa casa onde nove jovens se suicidaram.*

*Zak deu uma gargalhada, buzinando alto por uns cinco segundos.*

*– Pega mais uma cerveja aí atrás.*

*Eu peguei.*

*Engraçado como ainda não me acostumei com a ideia de que, em breve, não estarei mais aqui...*

# Capítulo 5

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-3008-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*30 de agosto de 2008 – Sábado*

Apesar de ter acordado às duas da tarde, hoje tive um dos dias mais longos da minha vida.

De segunda a sexta, levanto às seis e vou de metrô para a faculdade. Depois, almoço em um boteco e corro para não chegar muito atrasado ao estágio. Quando a novela das oito está no meio, estou chegando em casa. Uma rotina e tanto! Por isso mesmo, nos finais de semana, me dou o direito de viver como um rei: acordar tarde, ficar largado no sofá mudando de canal, navegar na internet ou combinar com os amigos uma noitada na Lapa.

Hoje, assim que me levantei, tinha o dia todo organizado na cabeça. Acredito que herdei o espírito metódico do meu pai. Como médico, ele possui os livros catalogados por assunto, os pacientes marcados com cinco semanas de antecedência e uma agenda que prevê seus próximos seis meses. Sou capaz de apostar que ele combinou com Deus o dia em que vai morrer.

O barulho de um ônibus passando na rua invadiu a janela e me tirou do sono. Sentindo a cabeça latejar por causa da bebedeira da noite anterior, saí da cama, caminhando pesadamente até o banheiro. Uma ducha e – eu sabia – seria um novo homem. Minha mãe não estava em casa e havia deixado no microondas um macarrão instantâneo preparado com todo amor e carinho. Esquentei-o e comi apressado. Tinha ensaio da banda marcado para as quatro.

Vesti calça jeans, chinelos e a tradicional camisa com a estampa do Che Guevara. E montei na bicicleta.

A ida de Copacabana até o final de Ipanema leva meia hora de pedaladas no calçadão se você tiver vitalidade. Como não é o meu caso, cheguei ao prédio do Zak em cinquenta minutos.

Sorrindo como se eu fosse morador e, no fim do ano, contribuísse para sua caixinha natalina,

o porteiro me deixou entrar.

– Os outros dois já chegaram – avisou, enquanto eu chamava o elevador.

Ao apertar o botão do nono andar, torci para que o maldito elevador subisse logo. Como ele não pareceu se comover com minha pressa, aproveitei para estudar a figura feminina ao meu lado. Com o rosto fixo no visor dos andares, parecia ignorar minha presença. Para mim, no entanto, era impossível fingir que ela não estava ali. Mais alta do que eu, vestia um alinhado terninho branco e exibia no rosto o ar besta de quem mora em frente à praia de Ipanema. A maquiagem carregada tentava disfarçar os quarenta e poucos anos, mas ela era uma mulher bonita. Contrapondo-se à estrutura corporal firme, o olhar parecia perdido e um tanto cansado.

Chegando ao nono, antes que pudesse abrir a porta, alguém, do lado de fora, o fez para mim. Era Zak.

– Fala, seu puto! Está atrasado! – brigou, em tom de brincadeira.

Retruquei com um sorriso amarelo, na tentativa de indicar que havia mais gente no elevador. Discretamente, joguei a cabeça para trás, apontando a mulher. Pela brusca mudança na sua expressão, percebi que ele a havia notado.

– Boa tarde, Sônia – disse, com voz envergonhada.

– Oh... Boa tarde, Zak – respondeu a mulher, parecendo ter sido retirada do sono. Possuía uma voz fina e chorosa.

Zak apoiou o corpo malhado contra a porta, impedindo que o elevador subisse.

– Este é o Alessandro – apresentou.

A mulher me estudou com os olhos espantados, como se eu tivesse acabado de me materializar naquele elevador. E então fez uma mesura automática com a cabeça.

– Vamos ensaiar com a banda... É bem capaz de o barulho chegar à sua casa. Use tapa-ouvidos! – brincou ele. Observei que ela tinha apertado o botão do décimo. Certamente morava no apartamento de cima.

Ela deu de ombros, e um enorme sorriso brotou em seu rosto.

– Vocês vão ter ensaio? Agora?

– Vamos. Tem problema? – perguntou Zak, sem expressar a menor preocupação.

– É o Danilo – a mulher estudou o visor, tomando coragem. – Ele pode vir assistir ao ensaio? Ele... Ele tem ficado tão sozinho lá em casa. E ele gosta tanto de você, Zak!

– Ah, pode, sim! Manda o Dan descer que ele fica lá no quarto vendo a gente ensaiar.

A mulher relaxou os ombros.

– Ele vai ficar tão feliz! Vou falar para ele vir, ok?

– Ok – respondeu, fechando a porta do elevador.

Do jeito que a conversa ocorreu, formei na cabeça uma imagem completamente diferente do Danilo que apareceu na porta do apartamento do Zak dez minutos depois. Imaginara-o uma criança pentelha de uns oito anos, cabelos ruivos como os da mãe caindo nos olhos, corpo pequeno e ágil o suficiente para causar um belo estrago nas louças de um apartamento. Mas

não. Danilo era do meu tamanho, um pouco acima do peso, mãos gordas e rosto simpático. Seu cabelo ruivo chamaria mais atenção não fossem os traços fortes na face indicando a síndrome de Down.

– Devo entrar, Zak? – perguntou ele, com uma voz levemente fanha. Falava as palavras de forma atropelada, como se temesse perdê-las.

– Entra aí, Dan!

O rapaz agradeceu, fazendo um aceno com seus braços curtos. Abriu um sorriso, andou depressa até Zak e deu-lhe um abraço apertado.

– Mamãe disse que você me convidou. Quero ver sua banda – ele comentou. – A sua banda!

Observando-o assim, julguei que tivesse por volta de dezesseis anos. Apesar da doença, possuía um rosto bonito, másculo. Os olhos verde-claros revelavam um brilho incomum de inocência sobre o nariz reduzido, de ponte nasal achatada, e a boca pequena, com a língua protrusa que atrapalhava a fala.

– Este é meu amigo Alê – disse Zak.

Sem pestanejar, ele veio em minha direção e me deu um abraço também.

– Sou o Dan. Muito prazer. Somos amigos agora.

– O prazer é todo meu – respondi. E era verdade. Simpatizei com ele à primeira vista. Apesar de lhe impor limites na fala e na locomoção, a doença não parecia ter abatido sua forma de encarar as pessoas ou a vida. Sentia-se uma pessoa normal. E eu acho isso muito nobre. Não admiro os coitadinhos.

Por um segundo, fiquei envergonhado por ter me sentido o cara mais infeliz do mundo no dia anterior e ter partido para a bebedeira. A cabeça ainda doía... E ele? Ao contrário, exalava uma felicidade tão sincera quanto incômoda.

– Eu já ouvi vocês tocando uma vez – comentou despretensiosamente. – Devo dar uma sugestão?

– Diga lá – incentivou Zak.

– Deviam tentar Radiohead.

Arqueei as sobrancelhas. Quem diria que ele apreciava o trabalho do Radiohead?

– Alguma sugestão de música? – perguntei.

– “Karma Police”, talvez – respondeu.

Boa sugestão! O álbum *OK Computer,* de 1997, era, sem dúvida, o melhor da carreira deles. “Karma Police” realmente combinava com o nosso som. Ao fundo da conversa, um barulho abafado de guitarra e saxofone vinha pelo corredor. Eles já estavam ensaiando.

– É uma boa – respondeu Zak, jogando a cabeça para a esquerda, como no pôquer. Tive a certeza de que ele não conhecia a música e só concordava para não ser grosseiro.

Satisfeito por ter contribuído de algum modo com a banda, Danilo se sentou no sofá.

– Qual é o nome da banda de vocês? – perguntou, mirando-me com ansiedade.

Como todo grupo musical de garagem sem grandes perspectivas, já havíamos criado

diversos nomes para a banda. O primeiro fora Concertistas de Carro. Mas uma infinita discussão sobre a grafia de "concertistas" (se seria com "s", fazendo alusão ao conserto de carros, ou com "c", referindo-se à música) fez com que abandonássemos a ideia. Depois, chamamos de Os Estilingues, porque não tínhamos um gênero definido para a banda e, metaforicamente, estávamos atirando para todos os lados. Quando nos fixamos num som mais rock, fugindo às vezes para o folk, o jazz e o tango, decidimos chamar de Gardel, em homenagem ao cantor argentino. Por fim, percebemos que aquele era um nome muito velho para uma banda formada por quatro jovens e decidimos chamá-la de Amenidades da Zona Sul. Confesso que esse era o meu predileto, pois carregava a ironia de nos considerarmos uma das coisas boas que a zona sul carioca possuía. Infelizmente, Amenidades já era o nome de uma banda de punk rock em Brasília e então desistimos dele. Enfim, com nossa capacidade criativa esgotada, chegamos à decisão unânime de que a banda não teria nome até que ficássemos razoavelmente conhecidos. De certo modo, nos achávamos o máximo por ter uma banda sem nome. Parecia inovador.

– Não tem – respondi.

Danilo sorriu, tentando ser agradável. Um silêncio constrangedor indicou que era hora de irmos para o estúdio. Zak fez o convite:

– E então? Vamos ao trabalho? O Lucas e a João já estão lá ensaiando.

O nome dos dois me causou um frio na barriga. Não que eu tivesse algo contra eles, mas digamos que não eram as minhas pessoas favoritas. Lucas não era o tipo com quem eu travaria uma amizade sólida: vestia sempre roupas pretas, encontrava no corpo uma vitrine para piercings e tatuagens, achava que apenas rock pesado era música decente e tinha lapsos depressivos frequentes que terminavam em ineficazes tentativas de suicídio. Eu sempre me considerei um pouco estranho, mas Lucas extrapolava os limites do razoável.

Já Maria João era um caso à parte. Meu único problema com ela era aquela sensação constrangedora entre duas pessoas que já foram para a cama e que simplesmente, com o passar dos meses, se afastaram sem justificativas. Eu ainda queria algo com ela, claro. Mas ela me esnobava. Maldita!

– Seus pais não estão em casa? – perguntou Danilo, avançando pelo corredor.

– Estão passando um tempo em nossa casa de campo em Minas – informou Zak. – Mas voltam hoje... Devem chegar umas seis da tarde.

Danilo concordou com a cabeça, dando uns tapinhas camaradas em meu ombro. Parecia me considerar um amigo de infância.

Chegamos ao estúdio. Eles finalizavam um trecho que, salvo engano, era de uma música do Iron Maiden. Com um sorriso montado no rosto, apertei a mão do Lucas e recebi da João um beijo murcho na bochecha.

Ajeitando o moicano, Lucas encostou a guitarra na parede acústica e foi falar com Zak.

– Quem é esse? – perguntou, apontando o indicador na cara do Danilo.

– O Dan. Meu amigo e vizinho aqui de cima.

Lucas recuou assustado quando Danilo se aproximou para cumprimentá-lo, dizendo:

– Muito prazer. E qual é o seu nome?

Pelo jeito, Lucas parecia acreditar que Dan latiria em vez de falar. Babaca!

– Lucas – respondeu a contragosto.

– E aquela lá é a Maria João. Mas pode chamar de João que ela atende – apresentou Zak, com uma gargalhada.

Aos meus olhos, Maria João era uma mulher bonita. Possuía o jeitinho de moleque que lhe rendera o vocativo masculino, mas isso não mudava nada. Quero dizer, o fato de ela gostar de futebol, não usar vestido e ter os braços mais fortes que os meus não significava que ela fosse homem...

– Fala aí, cara! – cumprimentou ela, abandonando a limpeza do bocal do sax e batendo continência.

– Devo ir lá beijá-la? – perguntou baixinho para Zak.

– Vai com fé! – incentivou.

Animado, Danilo deu um beijo na bochecha da João e sussurrou algo em seu ouvido.

Zak sentou-se diante da bateria ao fundo, pegando as baquetas.

– Vocês são irmãos? – perguntou Danilo, olhando para ela como quem acaba de avistar um oásis no deserto.

Afinando a guitarra, Lucas respondeu:

– Somos, somos...

– Eu não tenho irmão. Lá em casa, somos só eu e minha mãe – informou Danilo, com um sorriso.

Ajeitando a altura do microfone, sentei-me no banquinho. Testei o volume e vi que estava bom. A melhor voz de nós quatro é a da João: suave, meio rouca, insinuante. No entanto, é impossível ela cantar e tocar o sax ao mesmo tempo. Então, sobrou para mim a tarefa de fingir uma voz decente.

– Qual é o seu sobrenome? – perguntou Danilo à João, sentando-se numa cadeira que Zak havia pegado na cozinha.

– Hein? – retrucou ela, abandonando a partitura que estudava.

– Seu sobrenome. É qual?

– Da Silva Guanabara. Maria João da Silva Guanabara – respondeu.

Confesso que fiquei tentado a indagar por que diabos ele perguntara aquilo, mas me contive. Fiquei repetindo “Som, som, testando” ao microfone.

– Se tivéssemos um filho, o sobrenome seria Da Silva de Mendonça ou Castro Guanabara – comentou ele, com uma risada infantil. – Meu nome todo é Danilo Castro de Mendonça!

A João deu um sorriso amarelo. Lucas continuou a dedilhar a guitarra. Para quebrar o silêncio, Zak deu uma risada forçada, dizendo:

– Boa, Dan! Acho que a João ganhou um novo admirador aqui...

E era verdade. Definitivamente, ele estava dando em cima dela. Com um método bem pouco ortodoxo, claro. Não senti ciúmes, mas uma incrível vontade de cair na gargalhada. Imaginei-o dizendo "Nosso filho teria o sobrenome Da Silva Mendonça... Falando em filho, vamos ali para o cantinho fazer um?".

– Vamos começar por qual música? – perguntou Lucas, cortando a conversa. Ele era um sujeito de poucas palavras, e essa era uma de suas raras qualidades.

– A dos Beatles já está ensaiada. Vamos começar por essa – sugeriu a João.

– Ei, eu ouvi uma piada das boas outro dia... – disse Zak, batendo a baqueta de leve nos pratos. – O que falta para os Beatles estarem juntos mais uma vez?

Eu sabia a resposta. Mantive-me calado para não estragar a brincadeira.

– Mais duas balas! – respondeu ele mesmo, divertindo-se.

Lucas também começou a rir. Danilo se manteve impassível, aparentemente sem entender. No entanto, o que eu mais esperava era a reação da João. Como "beatlemaníaca", era ela quem nos tinha convencido a adicionar faixas da banda inglesa ao nosso repertório. Fora ela quem havia feito os arranjos para o saxofone nas músicas. Sua reação à piada foi até das mais educadas: estendeu o dedo médio para Zak e proferiu uns quatro ou cinco palavrões. Nada comparado ao que a minha mente fértil havia imaginado.

– Vamos, então.

– Antes, vou ao banheiro. Esperem um pouco aí – pedi.

– O banheiro social está quebrado. Use o da suíte dos meus pais... – avisou Zak.

Odeio invadir a intimidade dos outros. Mesmo que eu os conheça desde pequeno. Apesar disso, peguei o caminho do corredor e entrei na suíte. O humilde quartinho do casal Vasconcellos era algo indescritível: lustre de cristal bem extravagante ao estilo Maria Clara, armário de mogno e cama *king size*, bagunçada, conforme observei. Lembrei-me da conversa com Zak pelo telefone no dia anterior... A noitada com a garota dele na cama dos pais parecia ter sido boa: lençóis amassados, travesseiros jogados. O banheiro anexo mais parecia um outro quarto, pouco menor que o primeiro.

Quando voltei, os acordes de "All You Need is Love" soavam no estúdio. Zak entrou com a bateria e Maria, com o solo inicial do sax. Uma maravilha! A minha vez chegou. Fiz esforço para que a voz saísse bonita, porque dessa vez tínhamos plateia. Emendamos "Penny Lane" e "I Am the Walrus". Quando terminamos, já sentia minha garganta seca devido ao ar-condicionado. Dan se levantou da cadeira batendo palmas efusivas para nós. Por um instante, me senti uma celebridade. Talvez o brilho nos olhos de Dan, revelando a sinceridade naquele gesto, tenha acentuado meu orgulho. Pela primeira vez, achei que a banda valia a pena. Pelo menos, já teríamos alguém para presidente do fã-clube...

– Tive uma ideia – eu disse ao microfone.

– Que é? – perguntou Zak.

– O nome da banda... Podia ser Dan. É um bom nome. *"Dan"*. Simples, compacto.

Danilo sorriu satisfeito, batendo mais palmas de alegria.

– Eu aprovo! – disse Zak, dando uma gargalhada. Eu olhei para ele naquele momento. Deus, ele parecia o homem mais feliz do mundo!

Então, o telefone tocou.

Para evitar sair do estúdio, Zak tinha instalado um sem-fio ao lado da porta.

– Atende aí, Dan – pediu.

Sem precisar se levantar, Danilo estendeu o braço e pegou o telefone. Nesse instante, senti o celular vibrar em meu bolso. Odeio celulares. Eles já perderam a função original de comunicação e passaram a servir de disputa para ver quem tem a melhor câmera, os melhores *ringtones* ou ainda o melhor tio para trazer o último modelo dos Estados Unidos.

Enquanto lia a mensagem, perdi, por um segundo, o que acontecia ao meu redor. Agora, tentando puxar os detalhes pela memória, apenas me lembro de ver Dan atendendo e entregando o fone a Zak. Ele pegando o aparelho para falar. Algumas palavras, o seu rosto subitamente tomado de espanto e, então, o grito. O grito mais chocante que ouvi em toda a minha vida.

Larguei o celular na cadeira e corri para Zak. Seu corpo encolhido em posição fetal, os olhos fechados expulsando lágrimas teimosas e o grito incessante, doloroso. O telefone ao lado, jogado no chão. Apenas *flashes* na minha mente marcada pela tensão, pela surpresa e pelo desespero tentando entender o que estava acontecendo.

Peguei o telefone apressado, em busca de alguma resposta.

– Alô. Alô. Quem é? Quem é, porra?

Do outro lado, um som meio chiado. Difícil de escutar.

– Aqui é o delegado Jonas da 59.ª DP de Duque de Caxias. Houve um acidente na BR-040... Um casal... Achamos esse número no registro do celular. Infelizmente, eles não resistiram e... É necessário que alguém próximo às vítimas compareça ao IML para a identificação dos corpos.

# Capítulo 6

DIANA – “Engraçado como ainda não me acostumei com a ideia de que, em breve, não estarei mais aqui...” *(PAUSA)* Esse é o final do capítulo um. Algum comentário ou detalhe a acrescentar?

SÔNIA – Eu tenho.

DIANA – Diga.

SÔNIA – Como eles arrumaram dinheiro para toda essa droga que levavam no carro? *(PAUSA)* O Zak disse que o cheque do policial nem tinha fundos!

DIANA – *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* O Zak tinha acesso ao dinheiro da família e possuía pouco mais de cem mil em sua conta. Não sabemos bem o porquê, mas ele sacou o dinheiro na sexta anterior ao episódio, dia 05. Falamos com o gerente do banco e ele informou que o Zak parecia agitado, mas certo do que estava fazendo. Chegou ao banco por volta das 15 horas e encerrou a conta. Não revelou os motivos para isso. *(PAUSA)* É difícil ele ter gasto tudo em droga. Alguém aqui teria alguma explicação plausível?

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Sem problemas. Gostaríamos de deixar claros alguns outros pontos. *(PAUSA)* Os policiais militares envolvidos na blitz descrita no livro já perderam seus cargos e estão sendo acusados de corrupção e tráfico de drogas. Pelo que as investigações revelaram, eles estavam aguardando um carregamento de maconha que chegaria para ser redistribuído. É o que eles chamaram de “Salamandra”. Eles e mais três policiais militares estavam envolvidos no esquema.

OLÍVIA – *(VOZ RÍSPIDA)* Ainda existem outros por aí. Tirando dinheiro de cidadãos honestos.

DIANA – Não cabe aqui avaliar a natureza ou a qualidade do trabalho policial, Olívia. A questão é que os policiais envolvidos foram...

OLÍVIA – *(VOZ ALTERADA E CHOROSA)* Se eles tivessem feito o trabalho deles, nossos filhos estariam presos, e não mortos! O que é bem mais reconfortante na nossa situação, doutora. *(PAUSA)* A senhora não tem filhos! *(SOLUÇOS)* A senhora não sabe! Mas esses filhos da puta são, sim, responsáveis pela morte dos nossos filhos! Deveriam ser acusados de assassinato!

DIANA – Por favor, Olívia. Por favor. *(PAUSA)* Não estamos aqui para julgar o que teria acontecido, mas para entender o que realmente aconteceu. Como eu disse, os ex-policiais estão presos, em julgamento, e serão devidamente punidos.

OLÍVIA – Não existe justiça neste país. Eles mereciam pena de morte. Pena de morte! Juízes comprados, fianças... Essa porra de Justiça não vai fazê-los pagar por nada.

SÔNIA – Ei, veja como fala! Sou juíza de direito e não admito que a senhora trate com desprezo o Judiciário brasileiro!

DIANA – Senhoras, por favor...

OLÍVIA – Sônia, você é patética! Seu filho está morto por causa dessa merda de Judiciário e você ainda vem defendê-lo? Não sou obrigada a aturar isso! Polícia incompetente. Justiça incompetente...

SÔNIA – *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA E FRACA)* Você está errada, minha querida! O meu filho está morto porque sofria de um retardo mental e foi levado pelos amigos a cometer esses atos. Ele não sabia o que estava fazendo! Já o seu filho sabia muito bem! Ele meteu uma bala na cabeça porque quis! Ele optou por morrer!

OLÍVIA – Cale a boca! Você... Você não sabe o que está dizendo!

DIANA – Parem com isso! Será impossível terminar se formos nos embrenhar em discussões infundadas e inúteis! Tenham respeito umas pelas outras! Lembrem-se de que todas aqui sofreram perdas indesejadas. Lembrem-se de que estamos em busca de esclarecimentos, e não de mais discórdia! Por favor!

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

SÔNIA – Desculpem. Eu me excedi.

DIANA – Ok. Tenho algumas perguntas a fazer. *(PAUSA)* O Alessandro começou o capítulo um do seu livro com o seguinte trecho: “Para conseguir comprar uma boa quantidade de maconha em Paris, você deve procurar determinados bairros underground onde se vende droga como se fosse pão em padaria. No Brasil, a coisa é mais simples: basta conhecer bem os seus amigos e você acaba descobrindo um fornecedor ao lado de casa.” *(PAUSA)* No porão de Cyrille’s House, encontramos mais de cinquenta garrafas vazias, entre cerveja, uísque e vodca. Além de duzentos gramas de cocaína restantes e nove cigarros de maconha. Nos corpos em que foi possível realizar exames laboratoriais, a perícia encontrou altos teores de álcool e substâncias tóxicas características dessas drogas, como morfina e metanfetamina.

REBECCA – “Nos corpos em que foi possível realizar exames laboratoriais”... *(PAUSA)* Você não precisa ficar nos lembrando dessas coisas.

DIANA – Não há dúvida de que as bebidas foram compradas por Zak num supermercado perto da sua casa. Ele pagou no cartão de crédito, e conseguimos o registro. O que não conseguimos foi descobrir a origem das drogas, nem quem as comprou. *(PAUSA)* Nesse trecho que li, o Alessandro deixa implícito que foi adquirida por algum dos participantes da roleta-russa ou alguma pessoa próxima, mas não cita quem é. Vocês podem imaginar alguém?

*(RANGER DE CADEIRAS)*

ROSA – O filho da minha vizinha foi preso esta semana por tráfico. Uma coisa horrível... Nunca poderíamos imaginar que ele era desses... *(PAUSA)* Talvez ele tenha vendido para o

Otto.

DIANA – O Otto consumia drogas, Rosa?

ROSA – Até onde eu sei, não... Mas, no trecho que você leu, o Alessandro diz que dá para conhecer um fornecedor na casa ao lado ou algo assim... O Júlio morava na porta em frente à nossa. Apenas pensei na possibilidade.

DIANA – Ele diz: "Basta conhecer bem os seus amigos e você acaba descobrindo um fornecedor ao lado de casa". *(PAUSA)* Sim, é possível que seja isso. Vamos investigar essa possibilidade. Sabe o nome completo do menino?

ROSA – Júlio Albuquerque, acho. Não tenho certeza. Foi preso na quarta. Não deve ser difícil de achar.

DIANA – Ótimo.

DÉBORA – Eu também conheço alguém. *(VOZ HESITANTE)* Ou melhor, conhecia... *(PAUSA)* Moro em Copacabana, perto de uma praça. Tem um homem... Um homem de rua, um mendigo... Um mendigo que repassa drogas, entende? É o fornecedor daquela área. Sobe o morro, pega com os traficantes e vende para o pessoal da zona sul que não quer subir a favela... Todo mundo sabe disso e... O Alessandro não usava drogas, mas com certeza saberia onde comprar se quisesse...

DIANA – Certo. Vamos conversar com esse homem também. Ele dorme na praça?

DÉBORA – Dormia. Não o vejo há alguns meses... Bastante tempo. *(PAUSA)* Na verdade, conheci-o quando foi ao meu consultório odontológico. Na época, eu fazia parte de um programa social que atendia pessoas de rua. *(PAUSA)* Mas aquele era um infeliz qualquer. Passava o tempo inteiro bêbado. Certa vez, chegou completamente alterado para cuidar de uma cárie e tive que expulsá-lo... *(PAUSA)* Deve ter sido preso. Ou atropelado por alguém. Um maltrapilho daqueles não faz falta.

DIANA – Não sabe o nome dele, então?

DÉBORA – Devo ter ainda nos meus registros. Cheguei a fazer alguns exames... *(PAUSA)* Mas não lembro o nome dele.

AMÉLIA – De que adianta saber quem forneceu as drogas? O que isso muda?

DIANA – Talvez essa pessoa tenha algo a nos contar. *(PAUSA)* Além disso, queremos precisar a quantidade de drogas que eles consumiram durante a roleta-russa. É importante para termos noção do estado de alienação em que estavam.

AMÉLIA – Talvez tenha sido o Lucas... *(PAUSA)* quem conseguiu a droga...

DIANA – A senhora sabia que seu filho se drogava?

AMÉLIA – Tinha as minhas suspeitas... *(PAUSA)* Meu filho era uma pessoa muito difícil de se conviver, doutora. Muito mesmo. A Maria João era quem o domava.

DIANA – A senhora acha possível que o seu filho tenha conseguido essas drogas?

AMÉLIA – Ele tinha um dinheiro guardado numa caixa. Eu... Eu não achei o dinheiro.

DIANA – Acha possível?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

AMÉLIA – Sim, acho. *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA)* O que... O que eu fiz pra merecer perder os meus dois filhos?

DIANA – Fique calma... A senhora tem ideia de onde ele conseguia as drogas?

AMÉLIA – Não. Não tenho.

*(SOM DE LÁPIS ESCREVENDO NO PAPEL)*

DIANA – Ok.

OLÍVIA – Você não vai continuar? A leitura...

DIANA – Não estamos com pressa, Olívia.

OLÍVIA – Doutora, eu não sei como você se sente, mas saiba que isto não está sendo nem um pouco confortável pra mim. Reunir sete mães e relembrá-las dos piores momentos de suas vidas... Qual é o sentido disto? O que há para ser descoberto?

DIANA – Você sabe muito bem, Olívia. Não me obrigue a relembrar como tudo terminou.

OLÍVIA – Por Deus, eles estão mortos! Mortos! Você não entende isso? Essa merda toda não vai trazê-los de volta. Só vem... *(VOZ CHOROSA)* Só vem trazer mais sofrimento!

DIANA – Se não julgássemos extremamente necessário, esta reunião não teria sido marcada, Olívia. Pensamos muito antes de decidir reunir vocês. Tentamos de todas as formas. Relemos e refizemos exaustivamente os interrogatórios individuais. Esta é nossa última chance. Nossa última tentativa. Mais de um ano depois... Reunir vocês... Sei que não é fácil. Mas, por favor, tente compreender que...

OLÍVIA – Apenas leia, doutora. *(VOZ RÍSPIDA)*

*(SILÊNCIO – 06 SEGUNDOS)*

*(SOM DE PÁGINA SENDO VIRADA)*

DIANA – Vamos lá. “*Capítulo dois*. – Depois de uma curva acentuada, contornando um morro, foi possível avistar Cyrille’s House...”

# Capítulo 7

*Capítulo 2*

*Depois de uma curva acentuada, contornando um morro, foi possível avistar Cyrille's House. Sacolejando na caçamba da Hilux, as pessoas comemoravam a chegada, deixando pelo caminho seus restos de discernimento. Entre um baseado e outro, brindavam com as garrafas, os olhos caídos assistindo, perdidos, ao Sol se esconder.*

*Sem desviar o olhar da direção, Zak avançava com o carro pela estrada de terra. Depois de oito cervejas, meu amigo já não desviava dos buracos com a mesma habilidade. Aos solavancos, ultrapassamos a entrada e, cerca de duzentos metros depois, Zak parou o carro diante da escadaria de acesso.*

*Jogando seu cigarrinho na grama, Waléria tentou se levantar e se manter firme, apoiada no ombro do Lucas. Sorrindo, a boca expelindo a fumaça negra da última tragada, a criatura gritou:*

*– Chegamos, porra!*

*Esticando a mão, pedindo por ajuda, Waléria apoiou-se em mim e desceu da caçamba. O fato de estar em terra firme não pareceu suficiente para mantê-la de pé. Com uma risada, ela desabou sobre a grama.*

*– Para de escrever nessa merda de caderno e me ajuda! – gritou, achando graça.*

*Merda de caderno? Nem me movi. Por mim, ela apodreceria ali, aguardando ser comida por urubus, se eles tivessem o mau gosto de querê-la.*

*Zak passou o braço por minhas costas, apoiando o corpo pesado sobre meus ombros. Então, colocou a mão no bolso da calça jeans e retirou uma chave.*

*– Vamos entrar! Vamos entrar! – gritou, me presenteando com seu bafo de álcool e menta, enquanto sacudia a chave no ar.*

*Subimos as escadarias e rapidamente alcançamos a porta de entrada. Zak tentou enfiar a chave na fechadura, mas não conseguiu, com as mãos trêmulas e pouco precisas.*

*– Abre aí! – disse, me entregando a chave.*

*Assim que entramos, ele trancou a porta e seguiu pelo corredor, sem sequer acender as luzes. Eu e Zak conhecemos perfeitamente a casa. O grande salão que impressiona de imediato os visitantes de primeira viagem. Ao lado, a escada que leva ao segundo andar. Logo à esquerda, a porta que vai para a cozinha e, continuando pelo corredor, as portas dos cinco quartos do piso térreo.*

*– Uh... Estou me sentindo uma exploradora de caverna... – murmurou Waléria com a voz fantasmagórica.*

*– Cala a merda da boca – respondi, me aproveitando da escuridão para descontar a raiva na gorda.*

*Interessante como eu me sentia bem naquele lugar... Cada cantinho era íntimo, remetia a alguma situação do passado... Será que eu estava muito melancólico?*

*Ao mesmo tempo, percebia uma sensação de novidade, como se agora, sem pais ou funcionários para nos controlar, um enorme leque de novas possibilidades se abrisse oferecidamente diante de mim. O porão, sem dúvida, é uma delas. Talvez a única parte da casa que eu não conheça...*

*Dê um brinquedo a uma criança e ela se esquece dele uma semana depois. Dê uma bronca e ela se lembrará pelo resto da vida. Aprendi isso com o Getúlio. Eu tinha sete anos na época, e, Zak, oito. Decidimos invadir o porão numa manhã em que estávamos à toa e nossos pais descansavam na piscina. A invasão não tinha objetivo específico, mas só o fato de o tio Getúlio deixar a porta trancada em tempo integral era um bom motivo para aguçar nossa curiosidade. Como o porão não tem janelas, o único acesso é pela porta. Nós tínhamos visto em um filme um cara roubar uma casa enfiando um pedaço de arame na fechadura e decidimos tentar o mesmo. Foi o maior esporro que levei em toda a minha vida. Lembro-me do olhar enraivecido do Getúlio, o dedo em riste na minha cara, minha mãe ao fundo pedindo desculpas e prometendo-me uma nova leva de palmadas. Oh, sim, o pobre Zak nunca pensaria em invadir o porão do seu papai... Sem dúvida, a ideia tinha sido minha. Pequeno meliante, aos sete anos de idade.*

*Acho que Getúlio nunca mais me olhou do mesmo jeito. Mesmo quando adolescente, sentia que ele ainda me encarava como o pivete que havia tentado invadir o porão da sua casa de campo. Eu também tinha mudado minha visão das coisas. Reservara um lugar especial na memória para toda aquela cena lamentável e comumente consultava o banco de dados. De certa forma, era uma vitória carregar, agora, a chave do porão no bolso da calça jeans. Sem ninguém para me dizer não.*

*Talvez isso explique o arrepio que senti, uma espécie de vazio. Nesses anos todos, imaginei o que essa merda de porão devia guardar para que Getúlio tivesse tanto cuidado. Imaginei corpos congelados, montanhas de barras de ouro, cartas de amantes... Tudo! E, em breve, o mistério acabaria... Eu teria acesso ao porão.*

*– Está pensando nele? – perguntou Zak, pegando a lanterna que eu tinha colocado na boca para poder escrever.*

*– Quem?*

*– Meu pai... – disse ele, melancólico.*

*Não respondi.*

*– Eu estou – ele continuou. – Foi uma bronca e tanto aquela. Imagino o que ele diria se*

*estivesse aqui.*

*Deu uma tragada no cigarro.*

*– Você agora fuma? – perguntei.*

*Ele estendeu o cigarro.*

*– Esta é uma das vantagens de saber que vai morrer. Você não precisa se preocupar com sua saúde daqui a dez anos... Vive mais o agora. Você deveria experimentar.*

*Deu outra tragada.*

*– Acho que seu pai se importaria mais com seu cigarro do que com a nossa invasão – disse eu.*

*Zak sorriu, sem resposta. Jogou a luz da lanterna em meu rosto.*

*– Isso depende do que a gente vai encontrar lá dentro – respondeu, arqueando as sobrancelhas.*

*– Você ainda acha que esse porão pode ser o acesso a um mundo de duendes? Nós já não temos mais oito anos.*

*– Ora, Alê, quando foi que você perdeu sua inocência? Duendes, talvez não... Mas fadas...*

*– Fadas... – repeti, dando de ombros.*

*Chegando ao fim do corredor, viramos à esquerda numa escadinha que leva ao subsolo. Logo atrás de mim, uma caravana de fumaça e sombras mambembes seguia caminho entre gritos e risadas. Como eu odeio bêbados!*

*Alguém atrás de mim pareceu levar um tombo, e todos caíram na gargalhada.*

*– Abre logo essa merda – disse algum ser não identificado, percebendo que a fila havia estacionado no meio da escadinha.*

*Peguei a chave no meu bolso, tentando relembrar, pela décima vez, por que diabos eu tinha vindo parar ali. Fazia uns bons dez ou doze anos que eu não olhava para aquela porta. Na minha memória, ela era muito maior, mais imponente. Girei a chave na fechadura e abri a porta. Diferentemente dos filmes de terror, ela não rangeu.*

*Passei a mão no interruptor e a luz se acendeu: uma única lâmpada no centro do ambiente empoeirado.*

*Nem corpos, nem fadas, nem duendes. Senti meu corpo brochar quando me dei conta de que o porão era igualzinho ao porão de qualquer casa: minúsculo, teto rebaixado, pilastras de sustentação, piso de tábua corrida, iluminação parca, o recanto das quinquilharias indesejáveis. Não acreditei que tinha levado um esporro por tentar entrar naquela porcaria...*

*Dei um passo à frente e tive a impressão de que o piso rangeu. Nos passos seguintes, o rangido não se repetiu. Em um canto escuro da sala, havia uma mesinha de madeira com um pé quebrado e uma cadeira lascada que, um dia, tivera pintura branca. Logo ao lado, jazia o pé faltante da mesa, enroscado em um pedaço comprido de corda. Provavelmente alguém havia tentado, sem sucesso, recuperar a mesa. Sobre a cadeira, descansavam um rolo de*

*esparadrapo, uma chave de fenda, uma pinça e um martelo enferrujado, esquecidos ali há anos. Mais próximo da porta, por onde o pessoal entrava, havia um sofá depenado encostado à parede. Na estampa mostarda, reconheci o sofá que ficava na sala quando éramos crianças. O enchimento de espuma saindo pelo encosto me fez sentir um aperto no peito. Será que a iminência da morte nos faz ficar mais sentimentais? Definitivamente, acho que sim.*

*– CA-RA-LHO! Chegamos! – gritou Waléria, batucando na parede um som desritmado.*

*Odeio quando pronunciam devagar uma palavra separando cada sílaba.*

*Consegui imaginar um dia ensolarado, bonito. Deus lá em cima, sentado em uma nuvem com os anjos tocando harpas ao fundo. Ele me cria. Pouco depois, percebe que eu seria um indivíduo feliz demais para um ser humano. E decide criar aquela criatura de nome Waléria para me irritar. Ela nunca me fez nada de mais, e eu odeio tudo nela. Simples assim.*

*– Eu te adoro, cara. Na boa, eu te adoro – disse ela, passando o braço roliço pelas minhas costas.*

*Só pode ser Deus conspirando contra mim.*

*– Ah. Eu também te adoro. Você vai ter um carinho especial aqui no meu livro – respondi. – Ou melhor, na minha merda de caderno!*

*Ela sorriu, sem entender.*

*Compenetrados em seu trabalho, Ritinha e Lucas enrolavam cigarrinhos de maconha sentados no sofá depenado. Bem perto dali, Noel estudava o ambiente. Nas nuvens, parecia pensar em seus joguinhos de computador.*

*Vi Zak conversar com Otto, segurando desajeitadamente o baseado entre o polegar e o indicador. Então, ele foi até a porta, passou o trinco e retirou a chave. Senti algo pesar em minhas costas. Agora é definitivo. Estamos trancados. Enjaulados no mesmo porãozinho que tentei invadir anos atrás... Como eu poderia imaginar que tudo acabaria aqui?*

*– Posso ler alguma parte? – perguntou Dan, sem nenhuma arrogância ou tom de desafio.*

*– Pegue.*

*Entreguei o livro.*

*– Enjaulados no mesmo porãozinho que tentei invadir anos atrás... Como eu poderia imaginar que tudo acabaria aqui? – leu, com certa dificuldade. – Você tentou entrar aqui?*

*– Eu e o Zak. Quando éramos pequenos. Está explicado um pouco antes... – respondi, indicando o trecho.*

*De repente, ele riu.*

*– Que foi?*

*– Eu também não gosto dela... – disse, apontando com a cabeça para Waléria, que agora socializava com a turma do pó. Por alguns instantes, eu me esquecia de que ele é deficiente.*

*– Está ficando bom – murmurou, devolvendo-me o caderno. Coçou o nariz e retirou um chiclete do bolso.*

*– Quer?*

*Neguei com a cabeça.*

*– O que você vai escrever agora?*

*– O que acabamos de conversar – respondi.*

*– Mas... Você lembra tudo?*

*– Tenho boa memória – disse eu, querendo cortar o assunto.*

*– Mas quem vai querer ler o que a gente falou?*

*– Não me interessa muito. Não mesmo.*

*Abri o caderno e apoiei a caneta sobre o papel. Não escrevo a lápis para não poder apagar o que foi escrito. Nada deve ser omitido.*

*– Você quer ser famoso?*

*– Há mais famosos mortos do que vivos. A morte traz a fama e o reconhecimento. Quando eu morrer, vão querer saber o que aconteceu aqui, e o meu trabalho será reconhecido... Eu espero.*

*Ele se afastou, sem dizer nada. Na verdade, não havia mais o que dizer.*

*– Lucas – Zak chamou de canto.*

*Abandonando seus serviços de embalador de maconha, Lucas se levantou. Vi quando Zak lhe entregou a chave com que acabara de trancar a porta. Cochichou algo em seu ouvido, deu-lhe dois tapinhas camaradas no ombro, e isso foi tudo. Senti certo ciúme por ele não ter confiado a chave a mim, mas, de certa forma, compreendi. Ele tinha deixado a chave comigo desde o dia anterior, mas agora precisava de alguém que soubesse como se livrar dela para evitar quaisquer desistências... Eu não duvidava de que o Lucas simplesmente engolisse a chave com um gole de cerveja.*

*Fiquei observando seus movimentos... Ele inicialmente massageou a chave, sentiu seu peso, seu tamanho. Então olhou ao redor, buscando algum lugar peculiar onde escondê-la. Aproximou-se do sofá e tocou a espuma, sentindo-lhe a textura. Desistiu dali. Foi até a mesa... a cadeira... nada.*

*Finalmente, olhou para a porta e pareceu tomar uma decisão. Tateou a rigidez da porta. Por um momento, pareceu desistir. Mas não. Largou a chave, deixando-a quicar no chão. E então, discretamente, chutou-a para debaixo da porta. Como num filme, vi a chave deslizar em câmera lenta, ultrapassar a fresta do vão e chegar ao outro lado. Tão perto, mas ao mesmo tempo tão longe de nós a ponto de nos impedir de sair... Maravilhoso! Brilhante!*

*Por um segundo, admirei a coragem do Lucas... Sim, sim, estou convicto do que vim fazer aqui, mas, mesmo assim, não seria capaz de dar aquele empurrãozinho sem antes hesitar, repensar o ato e calcular o quanto essa medida nos tirava a chance de arrependimentos ou de dúvidas. Apenas a prisão.*

*– Dan! – ouvi a João chamar. Neste ambiente pequeno, sua voz ganhava um timbre carregado, bastante sonoro.*

*Danilo observava a parede escura, mastigando ruidosamente o chiclete que tinha na boca. Ao mesmo tempo, eu e ele olhamos para a João. Estava cercada por Zak, Waléria e todos os outros, exceto Lucas. Ao que parece, ninguém mais vira como ele se livrou da chave... Melhor assim.*

*– Que é? – perguntou Dan.*

*Todos riam, embebidos de alegria alcoólica.*

*– Quer cheirar uma carreirinha? – continuou ela.*

*Waléria se ajeitou, cruzando as pernas no chão, e pude ver o papelzinho com uma fileira do pó branco.*

*– Porra, João, para com essa merda! – gritei, chegando mais perto e puxando Dan pelo braço. – Isso é cocaína.*

*– Cocaína e mais um pouco! – acrescentou Ritinha, os olhos vermelhos e o cigarrinho de maconha na boca.*

*– Deixa ele ser feliz um pouco, Alê. Você não é nossa mãe nem merda nenhuma – retrucou ela, esticando o papelote.*

*Pensei em responder. Dar um tapa no papel e espalhar aquela bosta para todos os lados.*

*– Eu quero! – disse Dan, olhando para mim. Soltei seu braço.*

*– Vocês são uns babacas! – respondi, me afastando. – Você é doente, porra. Parece que às vezes se esquece disso!*

*O silêncio ganhou a sala. Dan ficou paralisado, como se não soubesse do que eu estava falando. Ou pior, como se acreditasse que ninguém percebia que ele é diferente. Tenho certeza: nunca falaram assim, tão abertamente, com ele. De qualquer modo, não acho que fiz errado.*

*– Enfia no cu! – disse ele, irritado. Jogou o papelote no chão e se recolheu em um canto. Pelo menos consegui que ele não cheirasse, independentemente da raiva que agora sentia de mim.*

*Os outros continuaram em silêncio, encarando-me com um olhar acusador enquanto reclamavam do desperdício da droga. Tentaram agrupar o pó branco jogado pelo chão. Eu tinha "cortado o barato" deles. Eu era o "careta". Havia uma série de gírias para expressar minha atitude moral.*

*Aos poucos, o clima se arrefeceu. Eles voltaram à bebida, o ar empesteado pela fumaça dos cigarros. A carreirinha de cocaína foi rapidamente recuperada e cheirada pelo grupo. Pareciam aspiradores de pó.*

*Dan continuou lá, no canto, sem falar com ninguém, mascando um chiclete atrás do outro.*

*Então Zak se levantou. Pegou a sacola plástica que tinha deixado perto da porta. Retirou um paninho de lã e o revólver. Uma Magnum 608, cano 165 mm em aço inox. Oito tiros. Uma arma de bom porte.*

*Segurando as alças da sacola, ele a virou e a esvaziou no chão de madeira. Nove balas*

*tilintaram no piso. Uma para cada um de nós. Nem mais, nem menos.*

*Zak passou a flanela pela arma, limpando o cilindro giratório, a empunhadura e o cano. Então, escolheu uma das balas. Colocou-a em uma das oito câmaras, guardando as restantes no bolso. Levantou os olhos, percebendo que todos nós o observávamos, e arqueou as sobrancelhas.*

*Num movimento ágil, girou o tambor e – antes que alguém pudesse enxergar em qual câmara estava a bala – fechou-o no revólver, fazendo um clique metálico. Com um sorriso no rosto, sacudiu a arma carregada no ar.*

*É hora de começarmos.*

# Capítulo 8

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-2908-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*29 de agosto de 2008 – Sexta-feira*

O que faz de alguém um escritor de sucesso? Essa é uma pergunta que sempre me fiz.

Entrando no banho ou deitado na cama enquanto olho o teto do quarto, consigo me imaginar um grande escritor. Vejo meus livros, grossos, capas perfeitas, dispostos numa estante. Vejo-me numa mesa, repleta de exemplares empilhados e, lá fora, em algum lugar que não consigo definir, vejo a fila. Uma enorme fila de fãs que aguardam para falar comigo, comentar minha obra, discutir meus personagens, me parabenizar pelas criações... Será tudo isso possível?

Os obstáculos não são poucos, eu sei. Escrever, por si só, já é uma árdua tarefa. O verdadeiro escritor sofre com os personagens, vive o texto que escreve. E, pior, ao mesmo tempo que mora em seu mundo imaginário, é severamente confrontado pelo mundo real. Um escritor se acostuma a ser considerado lunático, se cansa de ouvir que escrever não sustenta ninguém e que o melhor mesmo é seguir um caminho mais normal, mais seguro, mais, mais e mais...

Concluir um livro dá aquela sensação que nem mesmo o mais prolixo dos narradores é capaz de expressar. Algo como um sentimento de serviço completo, somado ao prazer de se sentir Deus, criador de pessoas, determinando-lhes os atos, a vida e a morte. É poético...

Logo depois, vem a questão: todo escritor escreve para ser lido! A fama, o dinheiro e a noite de autógrafos são saborosas consequências de algo muito maior e mais importante: o reconhecimento. Não somente no sentido pecuniário, mas o reconhecimento pessoal, aquele elogio que leva às alturas o ego de qualquer escritor... O prazer de ouvir alguém dizer: "Li seu livro e adorei. Muito interessante mesmo!".

Comecei meu primeiro livro aos dez anos de idade. Chamava-se *A galinha dos ovos de diamante*, uma variação da tradicional galinha dos ovos de ouro. Acontecia no sertão

nordestino e era uma história boba de um caipira que, por sorte (ou azar), acabava ficando com a galinha do coronel malvadão da cidade. E a galinha, obviamente, chocava ovos de diamante. Criava-se uma confusão, mas todos saíam felizes no final. Escrevi essa história num caderno que agora está guardado na gaveta. Um dia, pretendo passá-la para o computador e encadernar como recordação. Quem sabe, no futuro, eu a leia para os meus netos.

Na época, minha mãe achou uma gracinha ter um escritor em casa. Ligou para todas as suas amigas para contar as peripécias do menino prodígio. Depois, eu cresci, o sonho continuou, e já não era mais uma gracinha. Afinal, eu estava virando homem... Até quando eu poderia acreditar que um dia viveria dos livros? Sonhar com o sucesso literário em um país onde tão pouca gente lê? Não. Deixei de ser prodígio e passei a ser problema.

Minha mãe martelando a importância da estabilidade financeira, o mundo real me chamando para ser mais um cidadão de terno, gravata e maleta de couro. E eu me rendi. Prestei vestibular para direito, mergulhei em toda essa massa podre respaldada em códigos e doutrinas.

Ainda assim, resistente lá dentro, em algum lugar que só os escritores têm, permaneceu o desejo, o formigamento criativo. Foram longas madrugadas, fins de semana perdidos, mentiras contadas para poder escrever o livro. Um livro feito com todo o cuidado, com o objetivo de contar uma boa história... Nada mais, nada menos.

Terminado o texto, registrei-o na Biblioteca Nacional e fiz tudo conforme o figurino: cópias encadernadas para enviar às editoras, sinopse anexa. Escolhi as cinco editoras que possuíam um perfil compatível com a trama policial da obra.

Depois de enviado, o prazo de resposta varia entre seis e nove meses! Nove meses! Deus, eu posso ver nascer um filho nesse período! Isso quando a editora se digna a responder... Cópias esquecidas no meio de tantas outras: "O volume de obras recebido é muito intenso... Fica impossível ler tudo o que nos mandam" é o que dizem. Hoje (mais de quatro meses após o envio), recebi uma carta de uma das cinco editoras. Está reproduzida aí embaixo:

*Sr. Alessandro Parentoni de Carvalho*

*A sua obra* Dias perfeitos *foi lida pela equipe especializada da Editora TintaBrasil. Sem dúvida, é uma obra de grande potencial. No entanto, lamentamos informar que nosso cronograma de lançamentos 2008/2009 já está fechado.*

*Certa de que, em breve, terá seu livro publicado, a Editora TintaBrasil deseja-lhe boa sorte no caminho.*

*Vicente Nunes*
*Diretor editorial*

Filhos da puta! Todos uns filhos da puta! Bela forma de dizer: "Olha, sinto muito, mas você

não é ninguém. Nós somos uns covardes e preferimos pegar os best-sellers norte-americanos e trazer para cá”.

Tenho minhas dúvidas se eles realmente leem os originais enviados... Quero dizer, “Sem dúvida, é uma obra de grande potencial” serve para qualquer livro. Posso apostar que é uma carta padrão, com lacunas no nome do autor e da obra. Basta preencher, enviar e destruir mais um sonho.

Passei o dia deitado na cama, lendo e relendo a carta. Fico pensando em como os grandes escritores enfrentaram isso. Um dia eles foram “zés-ninguém”, obrigados a ouvir que a editora já estava com o cronograma completo. Será que sentiam dentro de si que, no final, tudo daria certo e seriam famosos? Em caso positivo, será que não é isso o que sinto? Porque, sim, eu sinto algo estranho... Como uma força maior que diz peremptoriamente que um dia serei reconhecido. Que um dia escreverei algo que as pessoas desejarão ler...

Mas, enquanto isso não acontece...

– Alô, Zak? Alê – eu disse, ainda deitado na cama.

– Alê?! Alê? – perguntou ele.

– É, cacete! Sou eu... Não me conhece mais? – indaguei, achando estranho aquilo tudo.

– Ah... Desculpa... Eu estou meio... ocupado.

– Quero sair. Sair pra beber. Vamos?

– Sair pra beber? – ele deu uma risada forçada. – Alê? É você mesmo que está falando?

– Sou, porra – respondi, sem vontade de explicar que queria beber para esquecer os livros, a escrita, o maldito diretor editorial.

– Desde quando você sai para beber?

– Desde hoje, Zak. Não estou com vontade de responder muitas perguntas. Vamos?

– Não dá, cara... – disse ele. – Meus pais foram passar um tempo na casa de campo... Voltam amanhã...

– E? – completei.

– E hoje eu tenho a casa livre. Para fazer o que quiser, entende? – arfou ele. – Tem uma mulher perfeita me esperando no quarto...

– Entendo.

– Vou ter uma noite de sexo selvagem! – ele riu. – Amanhã a gente sai, depois do ensaio... Você vem ao ensaio da banda, não? Às quatro...

– Vou, vou – respondi. Não iria implorar para ele largar a piranha e sair comigo.

– Até mais, então. Estou ouvindo ela gemer daqui – continuou, meio que com prazer em me dizer sacanagens ao telefone. Qual é o sentido disso? Mesmo que eu tivesse uma garota gemendo de prazer na minha cama, não contaria isso a meu amigo depressivo do outro lado da linha!

De qualquer modo, apurei os ouvidos. Não escutei gemido algum. Ficamos em silêncio por alguns segundos.

– Tchau... E use camisinha – aconselhei antes de desligar.

Não seria a trepada do Zak que me impediria de sair para afogar as mágoas. Como fazem os seres normais de carne e osso: beber, beber, beber e esquecer...

Vesti uma roupa qualquer e vim aqui escrever isso. Agora vou sair para algum lugar. Encontrar a ideia perfeita para o livro que vai me levar ao sucesso. Nesses momentos, espairecer faz bem. Talvez essa ideia esteja lá, no mundo dos ébrios, esperando, silenciosamente, para ser descoberta...

# Capítulo 9

DIANA – "... fazendo um clique metálico. Com um sorriso no rosto, sacudiu a arma carregada no ar. É hora de começarmos." *(PAUSA)* Acabamos o capítulo dois. Algum comentário ou detalhe a acrescentar?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

AMÉLIA – A arma...

DIANA – O que tem?

AMÉLIA – Onde eles conseguiram a arma?

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – A Magnum 608 era propriedade do Getúlio Vasconcellos. Registrada em 2005. *(PAUSA)* Nós chegamos a considerar a possibilidade de eles terem comprado a arma junto com as drogas, mas não. Ao que parece, Getúlio tinha a arma, e Zak sabia onde o pai a guardava.

AMÉLIA – Mas e a munição? Eram exatamente nove balas, certo?

DIANA – Sim, sim...

SÔNIA – Eles não teriam como ter comprado a munição... *(PAUSA)* Se o porte era do Getúlio, só ele poderia comprar acessórios para a arma...

OLÍVIA – A juíza já ouviu falar de mercado paralelo? Contrabando?

SÔNIA – É justamente o que estou pensando. Eles não teriam como ter comprado... Não por meios legais. *(PAUSA)* Não raro, o mesmo grupo que vende drogas vende armas. Acho bem possível que eles tenham comprado as balas e as drogas com o mesmo contato.

AMÉLIA – Foi o que pensei... *(PAUSA)* Então... Então só pode ser isso...

DIANA – Aonde você quer chegar?

*(RANGER DE CADEIRAS)*

AMÉLIA – Algo que me ocorreu agora... Na verdade, não sei se faz muito sentido, mas...

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Continue, Amélia.

AMÉLIA – Foi uma das últimas brigas que tive com o Lucas... *(VOZ HESITANTE)* Eu entrei no quarto e ele estava... Estava navegando num site de armas. Eu percebi que ele ficou nervoso porque fechou o site logo que eu entrei. Mas eu pude ver as fotos das armas à venda. Perguntei o que era aquilo e ele simplesmente não respondeu. Ignorou. *(VOZ CHOROSA)* Eu... Eu o expulsei da cadeira e fui ver o histórico. Ele tinha entrado em vários e vários sites, a maioria, eu suponho, ilegais. Todos de arma, munição, coisas desse tipo... Mas não tinha nada

de droga, não. Eu fiquei preocupada, claro. Vocês sabem, o Lucas já havia tentado... Tentado se matar tantas vezes... Eu não sabia o que fazer. Vivia de olho nele. E então aquilo!

DIANA – Quando foi isso, Amélia?

AMÉLIA – Foi na quarta... *(CHORO)* Na quarta anterior ao... Vocês sabem...

DIANA – Dia 03 de setembro, então?

AMÉLIA – Sim. *(PAUSA)* Os dois estavam estranhos naquele dia. A Maria tinha saído sem dizer aonde ia, e o Lucas passou a noite no computador sem sequer ter jantado. O Lucas sempre foi muito quieto, mas naquele dia estava especialmente silencioso... Percebi que alguma coisa acontecia... O Lucas era um jovem revoltado, mas muito transparente nos seus sentimentos.

DIANA – Pelo que você disse no interrogatório, nesse dia o Zak foi visitá-los, não?

AMÉLIA – Sim. Mais cedo... Por volta da hora de almoço. O Lucas tinha acabado de chegar da faculdade. Eu... Eu não conhecia o Zak, mas sabia o que estava acontecendo porque o Lucas e a Maria haviam ido ao enterro dos pais dele na segunda e... Ele parecia calmo... Eu dei meus pêsames, ele pediu pra falar com os meus filhos, e eu deixei... Eu não sabia que... *(VOZ ALTAMENTE CHOROSA)* Eu não sabia! Teria como saber?!

DIANA – A senhora acha que foi neste dia que o Zak fez o convite para a roleta-russa, então?

AMÉLIA – É... Só pode ser isso, não?

DIANA – E por que não disse antes que viu o seu filho acessando sites de armas?

AMÉLIA – Nos interrogatórios, eu... Eu informei que o Lucas passou a noite no computador naquele dia... Pediram para eu contar a última semana dele e da Maria, e eu contei... Só me esqueci do detalhe das armas. Eu simplesmente esqueci! A lembrança me ocorreu agora... Quando você estava lendo o livro... A descrição da arma...

OLÍVIA – De que adianta saber a quantidade que os nossos filhos fumaram, beberam ou cheiraram? Isso não muda nada! *(PAUSA)* Eles estavam fora de si! A quantidade não interessa!

DIANA – Na época, os históricos de todos os computadores foram analisados pela perícia. É estranho que os nossos técnicos não tenham encontrado nada sobre sites de armas no computador do Lucas.

AMÉLIA – O meu filho sempre apagava os históricos. Tenho certeza de que eles não encontraram muita coisa mesmo...

*(SOM DE LÁPIS ESCREVENDO NO PAPEL)*

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

REBECCA – O garoto escreveu esse livro para ser publicado, certo? *(PAUSA)* Mas... Mas vocês não vão deixar... Quero dizer, é um absurdo publicar isso! *(PAUSA)* Degradante!

DIANA – Nós tivemos notícia de que pelo menos três jornalistas investigativos estão escrevendo sobre o caso Cyrille's House. Obviamente, eles não sabem deste livro. São poucos os que sabem. Se vocês não contarem, não há por que o livro ser publicado ou sequer

citado em qualquer coisa que venha a ser escrita.

DÉBORA – O meu filho deu a vida por esse livro, doutora. Eu vou fazer isso por ele... Vou publicar! *(VOZ ALTERADA E CHOROSA)*

REBECCA – Isso é ridículo! *(VOZ EXALTADA)* Um livro difamando os nossos filhos, explicitando em detalhes a forma como morreram! Isso não pode ser exposto assim, como entretenimento. *(PAUSA)* São vidas!

DIANA – Por favor, senhoras. A nossa reunião...

REBECCA – A minha filha era uma pessoa alegre, simpática. Ela... *(CHORO)* Ela não era um monstro, como esse garoto escreveu... A Waléria era doce, era... *(SOLUÇOS)* Era maravilhosa. Ela não precisava ter se metido nisso. Eu a ajudaria no que fosse preciso. Apesar de tudo, eu a ajudaria...

DIANA – Rebecca, por favor, fique calma... Eu...

DÉBORA – Minha vida foi salva por um milagre, senhoras! *(VOZ EXALTADA)* Deus me deixou viver por um motivo! Para uma missão! *(PAUSA)* Eu vou lutar para cumprir o último desejo do meu filho!

REBECCA – Missão? Milagre? Último desejo? *(PAUSA)* Você não se cansa das suas besteiras? *(PAUSA)* Você não vive numa novela, Débora!

VÂNIA – Esse menino é uma farsa... Quero dizer, esse Alessandro. *(PAUSA)* A Ritinha não fumava... Não é possível que ela estivesse fazendo cigarros de maconha como ele disse! Quem garante que ele não mentiu? Que não inventou tudo isso apenas para ter o livro?

DÉBORA – Meu filho não teria por que mentir... Vocês podem dizer o que quiserem...

DIANA – O corpo da sua filha passou por exames toxicológicos, Vânia. Encontraram resíduos de cocaína e maconha. Eu... Eu sinto muito. Não é possível ir contra os resultados científicos.

VÂNIA – Ela não... *(CHORO)* Mas como eu nunca vi nada?

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – É como disse a Débora, o Alessandro não tinha por que mentir. Ao contrário, quanto mais fiel aos fatos, melhor pra ele. Todas as informações batem com os resultados da perícia no local.

SÔNIA – Ele era um bom rapaz. De certa forma, ele... Ele tentou preservar a saúde do Dan impedindo que ele cheirasse aquele pó. Ele gostava do Danilo... Zelava pelo meu filho.

OLÍVIA – Não o suficiente para não levá-lo a se matar. Seu filho meteu uma bala na própria cabeça feito um robozinho, e ele não fez nada para impedir!

DÉBORA – Veja lá como fala! Só você fica causando confusão. Infeliz! Por que não cala a boca?

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(VOZES EXALTADAS)*

DIANA – Por favor! Respeito! Por favor!

OLÍVIA – Dói tanto eu dizer algumas verdades? *(PAUSA)* Pois eu digo! Seu filho não era nenhum santinho! Odiava a Waléria, odiava o Otto, odiava o meu filho também, que nunca fez nada contra ele! O Noel pediu a ajuda dele uma vez, e ele negou! *(PAUSA)* O Alessandro era muito bonzinho desde que ele mesmo levasse alguma vantagem!

DÉBORA – Prefiro ficar quieta a responder às suas asneiras!

DIANA – Silêncio! Por favor! Não estamos aqui para uma troca de desaforos! *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* A chave do porão. Segundo o livro do Alessandro, o Zak lhe entregou a chave no dia anterior. No entanto, as anotações do próprio Alessandro no dia anterior não registram nenhuma entrega de chave.

OLÍVIA – Ele mesmo se contradiz nos seus textos! Isto é uma perda de tempo! Vocês não veem isso?

DIANA – Não é propriamente uma contradição. É possível que, no calor do momento, ele tenha se confundido e, ao escrever "dia anterior", tenha se referido à sexta-feira e não ao sábado, véspera do episódio. *(PAUSA)* Débora, lembra dos movimentos do Alessandro na sexta-feira, dia 05?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DÉBORA – Agora entendo por que me perguntaram isso no interrogatório... Eu já respondi a essa pergunta. *(PAUSA)* O Alê saiu por volta das onze da manhã dizendo que passaria o dia com o Zak. Eu... Eu não questionei nada. Ele sempre foi muito responsável. Não tinha por que ficar duvidando dele.

DIANA – Entendo.

*(SILÊNCIO – 06 SEGUNDOS)*

AMÉLIA – Tem mais uma coisa que eu não entendi... Quero dizer, eu não conheci os pais do Zak, claro... e... obviamente eram pessoas ricas demais para ficar dando explicações por aí... *(PAUSA)* Mas eu não entendo por que o porão ficava trancado... Trancar um lugar que guarda uma mesa quebrada e um sofá despedaçado?

DIANA – Boa pergunta, Amélia. AMÉLIA – Mas qual é a resposta?

DIANA – Graças ao livro do Alessandro, sabemos. *(PAUSA)* Havia algo mais naquele porão... Veremos isso adiante.

OLÍVIA – Então continue logo a ler!

DIANA – Nada mais a ser dito?

*(SILÊNCIO – 07 SEGUNDOS)*

*(PIGARRO)*

DIANA – Então... "*Capítulo três*. – Cometer suicídio é como se tornar um deus por alguns segundos..."

# Capítulo 10

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-3108-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*31 de agosto de 2008 – Domingo*

Chega uma idade em que você acredita já saber tudo da vida. Comigo isso aconteceu aos dezenove. Foi quando abri minha primeira conta no banco (com o mísero salário do estágio), recebi a carteira de motorista (depois de duas reprovações na prova escrota do Detran) e perdi a virgindade com a João.

Normalmente, a vida não deixa barato toda essa autoconfiança. Num período muito curto, descobri que a João não queria uma segunda vez, que eu ganharia mais dinheiro me prostituindo do que estagiando e que o trânsito parece bem mais selvagem sem um instrutor no banco do carona. Para as pessoas normais, as coisas acontecem assim. Rápido, sem piedade.

Zak nunca foi uma pessoa normal. Por ele ser um ano mais velho, eu sempre tive aquele tipo de admiração que me levava a observá-lo para tentar ser igual a ele. Logo também percebi que ele não era propriamente uma pessoa em quem eu poderia me basear: aos nove anos, Zak já tinha vinte mil de mesada na conta-corrente e dois cartões de crédito. Enquanto eu ainda achava o máximo fazer guerra de bonecos, ele beijava de língua as garotas do maternal... Não duvido que, aos onze, Zak já acreditasse saber tudo da vida. E, para variar, contrariando a normalidade, a vida não foi lá bater na porta dele para mostrar que não é bem assim que a banda toca.

Zak cresceu conhecendo tudo, fazendo tudo e conseguindo tudo o que queria desde que estivesse disposto a ir ao banco realizar um saque. Eu estive com ele todos esses anos e sou capaz de contar nos dedos de uma só mão os problemas que Zak já enfrentou: quase repetiu a oitava série, não passou de primeira no vestibular, se apaixonou perdidamente durante duas semanas por uma garota que viu de relance no metrô e... e... acabou. Três problemas em vinte e um anos de vida. Uma bela média para quem vive em um mundo como o nosso.

Ontem, quando estávamos fazendo o ensaio da banda e aquele telefone tocou, foi como uma agulha perfurando a bolha que sempre o protegeu. Durante todos esses anos, ele tinha vivido em seu mundo de fantasia, regado a mulheres, dinheiro e viagens. Agora, de repente, aquela ligação vinha chamá-lo ao mundo real, onde as pessoas batem com carros, se entalam em dívidas e se preocupam com a segurança no Rio de Janeiro. Era a vida cobrando seu reconhecimento. E com juros.

– Ah, merda, acorda ele! – foi o que eu disse, vendo Zak desmaiar ao meu lado, enroscado no chão, tremendo de um frio inexistente.

A grande verdade é que ninguém está preparado para momentos assim. Quero dizer: ao subir uma favela, a gente prevê o risco de uma bala perdida; se alguém que conhecemos entra em coma, a gente até espera a sua morte; mas, quando você vive sua rotina normalmente, comprando pão na padaria, namorando uma garota legal e saindo todo aprumado para o trabalho, não espera voltar para casa e descobrir que a garota legal não existe mais. Que um pivete foi lá e acabou com a vida dela enquanto você fechava mais um grande negócio para sua empresa.

Você se sente um inútil, um nada.

Foi como eu me senti, ali, agarrado ao telefone, sem saber o que dizer, fazendo mil perguntas para que o homem não desligasse.

– Apenas mande alguém reconhecer os corpos – insistia o policial, vozes ao fundo interferindo na conversa.

Quase instintivamente, a primeira coisa que você faz nesses casos é questionar a veracidade dos fatos.

– Você sabe os nomes deles? – pedi, berrando.

– Quê? – retrucou. Ao fundo, uma sirene.

– Os nomes. Você confirma os nomes das vítimas? – falei mais alto.

– O veículo estava em nome do senhor Getúlio Vasconcellos de Lima. Da mulher, não sabemos – respondeu.

Puta merda, eu não tinha dito o nome dele. Nem Zak. Não podia ser golpe... Simplesmente não podia.

Tentei ficar o mais calmo possível e agir racionalmente. Mas as duas coisas se mostraram impossíveis nos minutos seguintes. O sangue fervilhando, uma pontada de dor de cabeça aparecendo, sorrateira, e aquela sensação de impotência misturada a um intenso desejo de não ter atendido ao telefone e de poder apenas voltar ao ensaio. Tudo isso somado ao desmaio do Zak, ao desespero da João – por que toda mulher grita em situações extremas? – e à pressão de todos os lados... Deus!

Anotei na mão o endereço que o policial me deu e desliguei o telefone. Pedi ao Dan que subisse e contasse tudo para a mãe dele. Ela era juíza, deveria saber o que fazer. Também telefonei para minha mãe. Ela é dentista, mas, nessas horas, a gente liga para todo mundo.

As duas chegaram logo, assustadas, cheias de perguntas. Zak já estava acordado, pálido e inerte. Minha mãe levou-o para o quarto e deu-lhe um calmante. Danilo tremia, nervoso, perguntando repetidamente o que estava acontecendo. A mãe dele mandou-o de volta para casa, para ficar com a empregada. Lucas e a João rapidamente encontraram uma desculpa esfarrapada para se mandar dali.

Minha mãe e a juíza, Sônia, decidiram que iriam juntas ao IML e prometeram que ligariam depois. Eu podia ir com elas, mas aquilo era coisa para adultos resolverem. Eu não sou adulto. Como desculpa, disse que ficaria cuidando do Zak.

Senti pena do meu amigo. O que seria dele sem os pais? Lembrei-me de uma vez em que perguntei ao Zak o que o pai dele fazia profissionalmente. Com a maior cara de pau do mundo, ele respondeu: “Ele faz dinheiro”. E era exatamente isso. Getúlio comprava empresas, abria franquias, vendia o negócio maior e enchia, enchia, enchia sem parar a conta bancária. E agora? Será que Zak sabia, ao menos, mensurar o império que seu pai lhe deixara? Eu podia antever como as coisas mudariam para ele. O advogado da família, esperto, tentando beliscar a fortuna do Getúlio, aproveitando-se da ignorância do Zak. O mundo é cheio de gente assim.

Tive vontade de quebrar tudo. Aquele desejo selvagem, que nos invade de repente, de se rebelar contra a merda do mundo, de abalar a paz social sublimável em que nos refastelamos com ar burguês. Queria fugir. Para um lugar sem mães, sem mortes, sem Zak. Mas esse lugar não existe. Não importa quanta maconha você fume nem quantos litros de álcool você beba. Não existe.

O cenário era o mesmo de sempre, mas os elementos pareciam mais estáticos. Os móveis de madeira fazendo sombra na penumbra, a luz insuficiente do abajur incidindo sobre a cama no centro do quarto, e o corpo gigante do Zak com os pés sobrando para fora, a cabeça escondida embaixo do travesseiro, como era típico dele. O suave vaivém do tórax era o único sinal de vida em seu corpo inerte.

Puxei um colchão que ficava embaixo da cama e escolhi um dos almofadões confortáveis espalhados pelo chão do quarto. Deitei-me, nauseado pela escuridão, sem vontade de mudar de roupa, escovar os dentes ou ligar para minha mãe para saber de mais detalhes. Fechei os olhos tentando dormir. Sentia como se um copo de vidro tivesse quebrado dentro do meu cérebro, os estilhaços arranhando os neurônios. Inevitavelmente, os fatos das últimas cinco horas me invadiram em flashes aleatórios. Banda. Telefone. Acidente. Zak. Morte. IML. Dan. Responsabilidade. Vida. Fim.

Adormeci.

Tive o sono dos anjos, apesar de tudo. Acordei às oito da manhã, despertado pela eficiente campainha da casa que tocava sem parar. Observei em meu celular que tinha recebido sete ligações durante a noite. Todas de minha mãe.

Deixei a campainha tocar enquanto eu lavava o rosto e confirmava diante do espelho o estado em que me encontrava: um caco. Já me sentia cansado pelo dia que viria pela frente.

Caminhei pesadamente pelo corredor, certo de que encontraria minha mãe na porta, olheiras no rosto, um mau humor digno de quem passou a noite em claro no IML.

Respirando fundo, abri a porta. Apesar de surpreso com a visita, me mantive impassível. Ficamos em silêncio por alguns segundos.

– E então, já aprendeu a jogar pôquer?

Abri um sorriso forçado. Ele tinha escolhido uma bela maneira para começar o assunto.

– E você, Otto, já aprendeu a se vestir?

Ele usava um jeans surrado, uma camisa listrada em verde e vermelho e os tênis que ganhara de mim no pôquer. Cheguei a pensar que ele os calçara de propósito, mas fazia uns seis meses que eu não o via e só alguém muito escroto faria isso propositadamente depois de tanto tempo. Ele agora estava um pouco diferente. Talvez mais alto, cabelos compridos, uma barbicha crescendo no queixo. Perdera as espinhas do rosto.

– Não vai me convidar pra entrar?

Sorri.

– Não sou o dono da casa.

– É com ele que quero falar. O Zak está aí? – perguntou, aproximando-se de mim e forçando a entrada.

Cedi. Afastei-me da porta e fui me sentar em uma das largas poltronas ao redor da mesa de centro. Logo adiante, estava a mesa de vidro onde tínhamos jogado pôquer naquela noite. Senti um arrepio em estar ali de novo com Otto, naquele mesmo lugar.

– Quanto tempo, não é? – ele comentou, jogando-se no sofá. Deixou de lado a mochila amarela que trazia nas costas.

– Eu não senti saudades – respondi.

– Deus do céu! – exclamou, levando a mão à testa. – Você não sabe nem fingir!

– Estou muito velho para ficar fingindo...

– Você às vezes fala como o meu avô.

– Talvez eu seja o seu avô – retruquei, carregado de ironia.

– Minha avó, aquela safada! – continuou Otto, entrando na brincadeira.

Se ele estava ali para conquistar minha amizade, fracassaria. A cada palavra que dizia, minha raiva aumentava. Talvez eu seja mesmo pouco sociável.

Ficamos em silêncio. Passeei os dedos pelo braço da poltrona, esperando que ele continuasse a conversa.

– Sabe, Alê... Você não é nada curioso – disse de repente.

– Obrigado.

– Não foi um elogio. Foi um comentário.

– Obrigado mesmo assim – acrescentei, com rispidez.

– Quero dizer... Você até agora não perguntou o que vim fazer aqui.

Dei de ombros.

– Você já disse. Você veio falar com o Zak.

Ponto para mim.

Mais silêncio.

– Você tem noção do que aconteceu naquele jogo de pôquer? – perguntou, depois de um momento.

– Deixe-me ver. Você nos embebedou, escondeu cartas e ganhou o meu par de tênis. Deixei escapar algo? – respondi, com a voz mais cínica e severa de que fui capaz, com aquele sono que ainda sentia.

Otto se encolheu involuntariamente no sofá. Cruzou as pernas, esnobe.

– É impossível conversar com você – disse, enfiando as mãos entre as coxas. – Aliás, o que você está fazendo aqui? Pode chamar o Zak?

Olhei bem no fundo dos seus olhos. Ele desviou o olhar.

– Eu também tenho uma pergunta pra você, Otto –
comecei.

Ele concordou com a cabeça.

– Você sabe o que aconteceu?

– Vi na tevê agora cedo e vim correndo pra cá – respondeu, como se falássemos de futilidades.

– E com isso tudo você não supôs que o Zak não estaria em condições de falar com você, nem com o papa?

– O assunto é de interesse dele – respondeu, descruzando as pernas e apoiando-se no encosto.

– Puta merda, Otto, como você me irrita – respondi, me segurando para não levantar e dar um belo soco na cara dele.

Ele riu alto, como para avisar Zak da sua presença.

– Não sei se você entende. Os pais dele morreram ontem, Otto. Ele está sedado, ainda sem saber direito o que aconteceu. Não me venha com "o assunto é de interesse dele" porque não cola!

Silêncio, silêncio e silêncio.

– Tenho uma história pra te contar – disse ele.

– Não, não, obrigado. Preciso dormir.

– Era uma vez um pássaro... – começou, inabalável. – Ele vivia preso numa gaiola. Mas não totalmente preso, você entende? A portinha da gaiola ficava aberta... Mas ele não tinha coragem de sair. Tinha medo de abandonar o solo, de voar, sabe?

Ele suspirou, esperando minha reação. Não me movimentei.

– Um dia ele decidiu sair pela portinha. Jogou-se no mundo. E sentiu uma enorme sensação de liberdade. Maravilhosa. Pura. E só assim ele foi feliz – terminou, com um sorriso.

– Uau – fiz. – Você deveria gravar um CD de histórias para crianças. Talvez ganhasse algum

dinheiro.

Ele soltou outra risada forçada e, novamente, cruzou as pernas. Aquele cruza-descruza começava a me irritar.

– Eu saí de casa, Alê – explicou ele. – É isso que estou querendo dizer. Eu fugi de casa. Sou o pássaro.

Era minha vez de gargalhar.

– Não estou entendendo. Você decidiu voar e veio ciscar por aqui. É isso?

– Sim – respondeu, como se fosse a atitude mais natural do mundo.

Levantei-me e contornei a poltrona. Apoiei os braços no encosto e fixei os olhos em Otto.

– Eu... Eu realmente não tenho o que dizer. Você deve estar pirado.

– Tenho total consciência dos meus atos – ele disse, com sobriedade. Levantou-se também. Não deixaria que eu ficasse de pé sozinho, intimidando-o.

– Vejamos minha resposta... – murmurei. – Já sei. Cai fora!

– Não é assim que funciona – retrucou, vindo em minha direção. Aproximou o rosto o suficiente para me deixar incomodado. – Vou repetir a pergunta, Alê. Você tem noção do que aconteceu naquele jogo de pôquer?

Permaneci em silêncio. Ele encarou aquilo como um não.

– Logo depois que você saiu emputecido... – começou. – Pois então, nós apostamos coisas... Coisas íntimas.

– Cala a boca, Otto! – gritei.

– Começou com algo inocente, sabe? Apostamos que quem perdesse masturbaria o outro.

– Puta merda, Otto, sai daqui! – ordenei, caminhando na direção da porta e abrindo-a. Evitava escutar o que ele me dizia.

– O Zak perdeu... Nós continuamos o jogo... Apostamos um boquete. A coisa se desenvolveu assim.

As palavras dele soavam ofensivas. Iam contra tudo o que eu acreditava e que tinha vivido com Zak naqueles anos.

– "A coisa se desenvolveu assim." Que coisa, seu veado? Para de falar merda e dá o fora!

Segurei-me para não lhe dar um empurrão. Enxotá-lo dali como um cachorro indesejável num restaurante de grã-finos.

– Nós dois gostamos da coisa. Repetimos outras vezes. Sem o pôquer para servir de desculpa – disse ele, sentando-se novamente no sofá. – A primeira vez foi ali. Naquela poltrona em que você estava. Os pais dele tinham viajado, como sempre. Foi uma noite... maravilhosa.

Senti-me sujo. Podia ser tudo uma mentira descarada, obviamente. Zak não estava ali para se defender das asneiras que aquele maldito dizia. Por que eu deveria acreditar nele?

– Eu conheço o Zak desde pequeno, seu babaca. Eu o vi pegando mais mulheres do que você seria capaz de imaginar. Trepando com elas!

Ele sacudiu a cabeça, com um sorriso.

– Pobre Zak, eu entendo o medo dele. Eu também era assim. O pássaro preso à gaiola, temeroso de voar. É preciso muita coragem, sabe? – explicou, com a entonação daqueles psicólogos de delinquentes juvenis.

– Saia daqui. É a última chamada, Otto.

Ele não parecia sequer me escutar. Continuava no sofá, quase deitado, dizendo aqueles disparates.

– Hoje cedo, quando soube da morte dos pais dele, percebi que era um aviso! Um aviso de que era o momento de voar. Mostrar ao mundo quem eu era. Só assim eu e ele seremos felizes.

– Quem disse que ele quer ser feliz com você, Otto? Quem disse que você poderia morar com ele?

Otto arqueou as sobrancelhas, como se não tivesse pensado em qualquer possibilidade diferente daquela.

– Ele... Ele me ama – disse, cruzando as pernas. – Escondia isso por causa dos pais. O Getúlio quase nos pegou uma vez... Era muita pressão em cima dele. Mas ele me ama.

– Isso é um absurdo!

– De certa forma, a morte dos pais vai fazer bem a ele – comentou, despretensiosamente.

Uma raiva me invadiu o corpo. Deixando a responsabilidade escapar pelo ralo, fui em direção ao desgraçado. Ele não estava esperando pelo soco que levou na cara. Eu nunca tinha batido em ninguém, mas a sensação foi muito boa. Seu corpo escorregou do sofá, e ele me encarou aturdido, os olhos piscando sem saber direito o que tinha acontecido. Chutei-o na barriga.

– Cala – mais um chute – essa merda – outro chute – de boca! – e mais um chute.

Ele apanhou em silêncio. Não esperava que eu reagisse daquela maneira. Isso deixou tudo mais interessante.

Afastei-me.

– Essa é a verdade, Alê – disse ele, sentando-se encurvado no sofá. Passou o indicador sobre o lábio inferior e confirmou que estava sangrando. – Você não deveria ter feito isso.

– E você não deveria ter vindo aqui. Sai! – voltei para a porta e a abri.

– Assim que vi a reportagem, decidi contar tudo pra minha mãe. Ela já suspeitava, claro. Acho que fiz o certo – disse, e alisou o ferimento. – O Zak nunca teria essa coragem. Não vou fingir que fiquei triste com a morte dos pais dele. Será a chance de ele se libertar.

– Você quer apanhar mais? – perguntei, saturado de ouvir aquilo.

– Eu vou sair – murmurou, levantando-se. – Mas você vai ver como ele será mais feliz.

– Deixe os meus tênis – disse eu, ainda segurando a maçaneta da porta.

– O quê?

– Deixe os meus tênis! – gritei, apesar de estarmos a poucos metros de distância.

– Eu não vou andar descalço por aí – respondeu.

Larguei a porta, a adrenalina ainda suficiente para um próximo *round*. Ele se encolheu quando me aproximei. Eu sou mais alto. Talvez mais forte. Ele não parecia disposto a arriscar.

– Deixe. Meus. Tênis. Entendeu?

Ele me estudou com os olhos assustados, a face esquerda inchada, a mão apoiada sobre o estômago. Descalçou os tênis e caminhou de meias até a porta. Era uma situação patética, e eu senti uma ponta de orgulho ao vê-lo ali, descalço e desabrigado.

– Sabe qual é o seu problema, Alê? – disse, abrindo a porta. – É que você se acha o fodão. Se acha o grande amigão do Zak. Acha que ele te contaria tudo. Acha que eu estou mentindo. Mas você vai se dar mal. Muito mal.

Aproximei-me dele e ele recuou, saindo para o corredor do prédio.

– Aliás, se não me engano, na sexta passada você estava bem chateado. Tristinho, tristinho – disse, jogando o anzol. Percebeu que engoli a isca. Franzi o cenho. – Isso mesmo, Alê. Você ligou para o Zak querendo sair para beber... A "garota de sexo selvagem" era eu. Ele estava comigo, seu merda. Comigo.

E bateu a porta.

Pensei em ir atrás dele e mandar que explicasse melhor aquela história, mas resisti ao ímpeto. Senti um súbito mal-estar. Um gosto amargo na boca, difícil de definir. Deixei meu corpo cair pesadamente sobre o sofá, as palavras do Otto martelando na minha cabeça.

*A "garota de sexo selvagem" era eu. Ele estava comigo, seu merda. Comigo.*

Um embrulho no estômago subiu até a boca e veio a vontade de vomitar. Jogar para fora toda aquela merda que me consumia. Zak tinha preferido trepar com Otto a sair para beber comigo. Ele mentira durante todo esse tempo. Havia criado uma imagem de másculo garanhão para me impressionar. Isso era amizade?

Fui invadido por uma imensa raiva do Zak. Toda aquela hipocrisia me fazia mal. A morte de Maria Clara e Getúlio. A papelada técnica. O grito ensurdecedor. E agora Otto e Zak trepando. Mais do que raiva, tive nojo de estar ali. De viver em um mundo assim. De maldades contidas, de bizarrices sem limites, de pessoas com duas faces...

Hoje, pela primeira vez, pensei em me matar.

# Capítulo 11

*Capítulo 3*

*Cometer suicídio é como se tornar um deus por alguns segundos. Acabo de me dar conta disso.*

*Certa vez, li um artigo muito interessante dizendo como seria se soubéssemos quando vamos morrer, se viéssemos com o prazo de validade explícito. A pesquisa mostrava que as pessoas entrariam em desespero. Muitas ficariam mais amarguradas e depressivas à medida que os dias passassem e fosse se aproximando a data prevista para o fim. Outras surtariam, ansiosas por aproveitar os últimos momentos, cometendo atos irracionais e desumanos, desprezando as normas da sociedade.*

*Lembro-me de que, na época, tentei imaginar como me sentiria e não consegui. Coincidência tudo isso estar acontecendo assim. Agora sei como é experimentar a iminência da morte...*

*Na verdade, todos temos medo de morrer, daquela incerteza escondida de saber se voltaremos vivos para casa, se teremos mais uma noite de sono, mais uma noite de sexo, assistiremos a mais um bom filme ou teremos tempo de terminar o livro que começamos a ler. Afinal, tudo acaba. Ninguém morre vazio de sonhos. O morto é enterrado com seus projetos, seus desejos, tudo... Num átimo, o tudo vira nada, e é só. A vida continua. Deus aperta o "Stop", e acabou sua vez neste mundinho.*

*De certa forma, o suicídio deturpa todo esse projeto predeterminado de vida e morte. Seria como se você mesmo roubasse o controle das mãos do Divino e decidisse apertar o "Stop" na hora que quisesse. Roubar Dele o direito de mandar em sua vida. Legal, não?*

*Com uma risada alta, Zak apontou o revólver para a própria cabeça e fez um "Pow!" com a boca, como se atirasse. Eu sentia no ar a tensão daquele momento. Ele nos levara até ali. Ele nos convencera a acabar com tudo de uma vez. Era o líder, o mentor. E fazia questão de deixar isso em evidência. Mantinha a postura ereta, o olhar confiante, os movimentos firmes, sem demonstrar fraqueza ou arrependimento por ter se lançado nesta jornada.*

*– Sentem logo! – gritou, agitando os braços no ar, o revólver pendendo ameaçadoramente na mão.*

*Permaneci no canto, observando a rodinha se formar a poucos metros de mim. Ritinha se sentou entre Waléria e Lucas, evitando ao máximo a presença do Noel. Dan continuava encolhido no canto, mastigando o chiclete com raiva, ainda chateado por eu tê-lo chamado*

*de doente. A João foi até ele e segurou-lhe o braço. Ele fixou os olhos em mim, sem sequer piscar, o ódio me fuzilando feito tiros de AR-15. Demorou alguns segundos até decidir se juntar ao grupo. A João sentou-se à esquerda do irmão, Dan postou-se do outro lado. Ninguém pareceu se importar com o fato de eu não ter tomado posição na roda. Zak continuou de pé, ainda próximo à porta, analisando-nos como se fôssemos ratinhos de laboratório.*

*– Senta aí, Otto! – pediu.*

*Otto pareceu não escutar, como se isso fosse possível no porão minúsculo e calorento. O rosto continuou abaixado, os cachos cobrindo a testa e chegando aos olhos. As bochechas crispadas, os dentes rangendo. Pelas minhas contas, ele já tinha cheirado três carreiras de cocaína.*

*– Eu estava pensando... – começou ele, mas desistiu de terminar a frase. Girou a cabeça no ar, o corpo apoiado tropegamente na parede.*

*– Não pensa, Otto. Só entra na porra da roda! – gritou Zak, indo na direção dele, tentando sem sucesso manter um andar sóbrio.*

*– Deixa ele em pé! Ele tá na onda! – comentou Ritinha, as pernas cruzadas em borboleta, como se fosse brincar de cabra-cega.*

*Zak aceitou. Seu corpo balançava de um lado para o outro. Posicionou-se no centro, observando os seis que compunham a disforme rodinha. Imaginei-o vestindo um lenço sobre os olhos e começando a girar, como em nossas brincadeiras da infância, nesta mesma casa.*

*Mas não.*

*A arma na mão do Zak, o ar inebriante devido ao cheiro doce de maconha, as pessoas jogadas no chão, os olhares caídos, tudo nos relembrava que não estávamos ali de brincadeira. Não só de brincadeira.*

*– O esquema é o seguinte... – começou Zak, abrindo a sexta garrafa de vodca do dia. Estudou cada um de nós com seus olhinhos azuis já um tanto avermelhados. Volta e meia, olhava para Otto, buscando a atenção dele, tentando perceber o que aquele infeliz fazia de pé num canto escuro do porão. Virou a garrafa num gole, bebendo um quinto dela de uma vez e depois abrindo a boca para aliviar a ardência da garganta.*

*– A gente atira. Não pode desistir... Tem que atirar mesmo – continuou. – Daí, vai saindo um por um. E o último pode escolher...*

*Mais uma golada.*

*– Pode escolher se quer morrer junto com o resto ou quer viver.*

*A sala ficou em silêncio. Todos concordaram com as regras repassadas ligeiramente. Noel parecia perdido em outro planeta, presente apenas em corpo naquela roda, sentado ao lado da Waléria.*

*– A cada rodada, uma pessoa diferente começa.*

*Outro gole. Deixou escapar um pouco do líquido pela boca, sujando a camisa bege.*

*Pareceu não se importar.*

*– Pode ser? – perguntou.*

*Otto grasnou no cantinho e voltou ao seu estado letárgico.*

*– Antes de puxar o gatilho, cada um poderia dizer uma frase de impacto. Daquelas que entram para a história, saca? Tipo as últimas palavras – propôs Waléria.*

*Olhei para ela com mais simpatia. A ideia era boa.*

*– Do tipo "Até tu, Brutus?". – confirmou a João.*

*– "Quando a música acabar, apaguem as luzes..." – explicou ela, rindo.*

*– Quem disse essa merda? – perguntou Lucas, irritado, o cigarrinho pendendo nos lábios.*

*– Hitler – respondeu ela, com outra risada. – Antes de meter uma bala na cabeça em 30 de abril de 1945.*

*Por um instante, tinha me esquecido de que Waléria fazia faculdade de história.*

*– Eu estava pensando... Todos esses fodões se suicidaram, não é? Os políticos fodões. Getúlio Vargas também deu um tiro na cabeça – retrucou a João, forçando a ervilha cerebral.*

*– Foi no coração.*

*– Hein?*

*– Vargas não meteu um tiro na cabeça. Foi no coração – corrigiu Waléria, com a seriedade de quem ensina pirralhos da sétima série. – Vocês deveriam saber mais história!*

*– É... – concordou Lucas numa tragada. – Pena que não temos mais tempo para aprender.*

*Waléria e a João caíram na gargalhada, tentando descontrair. Lucas permaneceu sério, sem entender a graça do que tinha dito.*

*Com um último gole, Zak esvaziou a garrafa, passando o braço pela boca para enxugar os lábios.*

*– Bora, Otto. Senta aí pra gente começar – pediu mais uma vez.*

*Voltamos ao silêncio.*

*– Ele não vai entrar na roda também? – perguntou Otto, abandonando a apatia habitual. Virou o rosto para Zak, o indicador em minha direção, sem me olhar na cara.*

*Zak ficou calado, esperando que eu respondesse. Não respondi.*

*– São só oito câmaras, Otto. Nós somos nove. O Alê entra na próxima rodada – disse meu amigo, impaciente.*

*Otto fez outro barulho estranho com a boca, sugando a saliva. Abriu um sorriso forçado, os dentes à mostra. Depois, fechou os olhos, meio decepcionado.*

*– Por que ele? – perguntou.*

*"Filho da puta. Filho da puta. Filho da puta", pensei.*

*– Eu entro na próxima. Não ele! – gemeu afetadamente.*

*– Não é este o combinado... Você sabe que ele está escrevendo um livro e que...*

*– Foda-se o livro dele!*

*Otto se desencostou da parede, os cachinhos esvoaçantes como nos comerciais de xampu. Caminhou em direção a Zak, as mãos gesticulando exageradamente no ar.*

*– Eu não estou nem aí! Se ele não entrar, eu não entro!*

*– Otto, seu merda – comecei, levantando-me. Pronunciei o "seu merda" com classe, quase um aposto. – Eu não estou nem aí para o que você pensa ou deixa de pensar do meu livro. A questão é que pedi ao Zak para entrar na segunda rodada para que eu possa escrever ao menos uma morte, tá entendendo? Todo mundo aceitou... Então deixa de babaquice e entra logo na roda!*

*Ele hesitou. Provavelmente ainda não tinha se esquecido da troca de carinhos do nosso último encontro. Estudou-me de cima a baixo como se eu não fosse digno da sua atenção e então se voltou para Zak, os rostos distantes por centímetros.*

*– Deveríamos ser só oito! – gritou, aproximando mais o rosto. Por um instante, achei que ele fosse beijá-lo ali mesmo. – Porra, são só oito tiros. Deveríamos ser oito pessoas!*

*Zak engoliu em seco, o olhar trêmulo pelo efeito da droga.*

*– Não interessa. Senta, e vamos começar! – cortou com rispidez.*

*Otto soltou uma gargalhada irônica, uma lufada de ar cinzento saindo da boca.*

*– Eu não vou entrar sem ele. Você está ficando surdo?*

*Noel continuava em outro planeta, ausente da discussão. O restante do grupo, ainda sentado, assistia à briga de camarote, sem pagar ingresso.*

*Zak se irritou:*

*– Você está com cagaço, isso sim!*

*– Vamos decidir isso na moeda! – disse Waléria, abandonando o grupinho. – Se der cara, você entra; coroa, o Alê entra!*

*Sacou do bolso a maldita moeda que sempre carrega consigo e estendeu-a na palma da mão gorda.*

*– Guarda essa merda, Waléria! – gritei, abandonando a escrita do texto. – Eu não vou decidir isso na sorte!*

*– Quem você prefere, Zak? – perguntou Otto, jogando a cabeça na minha direção. – Ele ou eu?*

*Meu amigo piscou os olhos, como costuma fazer quando fica sem palavras. Apurei os ouvidos, curioso em saber a resposta.*

*– Quem, Zak? – insistiu.*

*– Ele – respondeu, depois de alguns segundos, os dedos passeando nervosamente pela mancha de vodca na camisa.*

*Senti uma pontada de orgulho. Um a zero para mim.*

*Otto franziu as sobrancelhas, aturdido.*

*– Ele fez com você as coisas que eu fiz? – perguntou, agora com a voz sussurrante, quase sedutora. – Do jeito que eu fiz?*

*A cena estagnou naqueles segundos: Zak de cabeça baixa, um pouco zonzo; Otto mirando-o com olhos de bichinho de pelúcia.*

*– Do que ele está falando? – quis saber Waléria. Guardou a moeda, atenta à discussão. – O que ele fez com você?*

*Otto não respondeu. Apenas sorriu com aquela cara de "agora se vira, desgraçado".*

*– Ele está bêbado – disse Zak, agitando o braço para encerrar a conversa. – Esquece... Vamos começar logo isso.*

*– Eu estou bêbado, sim – retrucou Otto. – Mas não disse nenhuma mentira. – Ajeitou uma mecha de cabelo para ganhar tempo, aproveitando a atenção de todos. – Por que você não conta aos seus amigos os seus segredinhos, querido? Vamos todos morrer mesmo, não é?*

*Zak fechou os punhos, o rosto vermelho de raiva. Olhou-me de esguelha. Queria ver minha reação. Tentei ficar impassível.*

*Otto percebeu.*

*– Ah, não, Zak. Não se preocupa com seu amiguinho Alê. Ele já sabe de tudo – disse. Aproximou-se do Zak, apoiando-se em seu peito depois de quase tropeçar num obstáculo invisível. Com um sorriso no rosto, chegou perto dos seus ouvidos. – Eu contei para ele – sussurrou, dando uma mordiscada discreta no lóbulo da orelha do Zak.*

*Meu amigo pareceu congelar. Tentou algumas palavras, levou a mão à testa. Buscou na minha expressão algum tipo de ajuda, talvez compreensão. O medo em seus olhos confirmava tudo o que Otto havia me dito sobre os dois.*

*– O que você contou para...? – balbuciou, deixando pender a garrafa vazia na mão, os olhos se enchendo de água.*

*– Você estava sedado. Eu decidi que era hora de revelar a verdade... Ele estava lá e eu... – explicou Otto, percebendo que tinha o comando da situação.*

*– De que merda vocês estão falando? – interrompeu Waléria. A curiosidade superava a paciência.*

*Otto riu, deslizando pelo corpo do Zak até cair sentado no chão. Estendeu a mão para Waléria.*

*– Você não vai gostar de ouvir isso. O Zak é...*

*A frase foi bruscamente interrompida. Aproveitando-se da posição desvantajosa em que Otto se encontrava, Zak chutou-lhe o tórax. Otto caiu para trás, a cabeça batendo no assoalho de madeira com um baque seco. Os quase dois metros do Zak saltaram raivosamente sobre o magrelo, como um leão atacando a presa. Imobilizando-o entre as pernas, ele pressionou seu pescoço com a mão esquerda, a mão direita fechada, socando seu rosto sem parar. Não me movi. Ele merecia apanhar. E como merecia.*

*Os outros, que não conhecem Zak como eu, foram acudir. Tentaram, inutilmente, segurar seus braços, que pareciam jogar tênis com a cabeça do desgraçado.*

*– Seu filho da puta! Cala a boca! – gritava ele, mais irritado ainda por estarem tentando*

*impedi-lo. Quando cansou, afastou-se. Otto permaneceu no chão, se contorcendo, a marca dos dedos evidente no pescoço, o rosto arranhado e manchado de sangue. Muito sangue.*

*– Zak, seu maldito, olha o que você fez! Eu... Eu estou deformado! – gritou afeminadamente, tateando o rosto.*

*– Do que você estava falando, Otto? – perguntou Waléria, como se a briga não tivesse sido suficiente.*

*Ele baixou o rosto. Olhou para Zak, a armação dos óculos pendendo na orelha.*

*– Eu só disse que... Que deveríamos ser oito. E não nove. Oito! – gritou, enraivecido.*

*– Não. Não é isso – continuou Waléria, agitando o dedo. – É outra coisa. Você ia falar...*

*– Eu... Eu não sei – murmurou, com medo. Enlaçou os braços nas pernas e voltou ao seu casulo, quieto, vez ou outra alisando os ferimentos e percebendo que a face esquerda começava a inchar.*

*Noel, recém-chegado da Lua, olhava para nós, a expressão perdida estampada no rosto sardento.*

*– Vem para a roda, Otto. É a última chamada – gritou Zak, agitando o revólver no ar.*

*Otto ficou em silêncio por alguns segundos antes de responder:*

*– Pode me bater o quanto quiser, seu veado! Eu não vou entrar antes dele. Não vou mesmo!*

*O vocativo irritou Zak.*

*Meu amigo se levantou mais uma vez. Otto se encolheu no canto, os olhos fechados, resignado a apanhar de novo. Zak foi até a parte mais escura do porão e se agachou, mexendo em alguma coisa. Ao voltar para a área iluminada, pude ver o que ele segurava na mão: o pé da cadeira enroscado na corda. Por um segundo, achei que ele fosse bater no Otto com o porrete e gostei da ideia.*

*Fiquei espantado quando Zak jogou o pedaço de madeira no chão e ficou só com a corda na mão. Estudei seu rosto enfurecido, tentando entender o que ele estava pensando.*

*Chegou perto do Otto o suficiente para ele se mijar nas calças e deu-lhe um empurrão.*

*– Lucas, vem me ajudar! – gritou, gotas de suor brotando da testa.*

*– Hein? O quê? – balbuciou Otto, os olhos arregalados de medo. – O que você vai fazer?*

*– Você vai entrar nesta rodada. Querendo ou não – respondeu, e o agarrou.*

*Desesperado, Otto começou a gritar, tentando inutilmente vencer a força do Zak. Lucas chegou mais perto, animado em participar da brincadeirinha sádica. Waléria se aproximou, querendo fazer parte daquilo tudo.*

*– O que vocês vão fazer? – perguntou ela, com um sorriso no rosto.*

*Sem responder, Zak segurou os braços do Otto enquanto Lucas lhe segurava as pernas, como se carregassem um saco pesado. O infeliz continuava a gritar, expulsando lágrimas de desespero, a parca iluminação denunciando a mancha de urina na calça.*

*– Me soltem! Por favor, me soltem! Eu só disse que deveríamos ser oito!*

*Imóveis, Dan e Noel continuavam na roda, esperando a vez em que seriam chamados a fazer algo. Já Ritinha estava mais preocupada em cheirar outra carreirinha.*

*Otto esperneava como uma criança. Soltaram seu corpo num canto mais escuro, o eco da queda reverberando no pequeno porão.*

*– Fica de pé, seu merda! Fica! – gritou Zak, cuspindo no rosto violentado do Otto. Ele obedeceu sem pestanejar.*

*Com alguma dificuldade, encostaram seu corpo rebelde em um cano que subia pela parede até o teto. Amarraram os braços jogados para trás. Otto gemeu, imobilizado, a cabeça caída como se estivesse desmaiado. Os gritos e o choro, no entanto, mostravam que ele estava mais acordado do que nunca.*

*– Desculpa, Zak. Desculpa! – pedia, o rosto manchado por um misto de lágrima e sangue.*

*– Você é um cagão! – gritou Zak em seu ouvido. – Quando você aceita, tem que cumprir! Seja homem!*

*Segurou a arma com firmeza, apontando-a para a própria cabeça.*

*– Olha para mim, seu merda. Eu não tenho medo. Eu estou aqui pra isso! Não tenho o menor medo, seu desgraçado.*

*Senti um calafrio ao ver Zak apontar a arma para a própria cabeça.*

*– Eu vou atirar, seu merda. Se a bala sair, saiu. Eu não tenho medo! Medo nenhum! – gritou, o indicador alisando o gatilho, a cabeça se movendo ameaçadoramente na direção do cano.*

*E, então, ele puxou o gatilho.*

*O tambor girou, fazendo um som metálico. Nenhuma bala saiu.*

*Zak escancarou um sorriso:*

*– É, parece que hoje não é seu dia de sorte!*

*Por uma fração de segundo, senti pena do Otto. Seu olhar murchou. Soltou um choro seco, desesperançado.*

*– Agora é sua vez! – berrou Zak, apontando a arma para a cabeça dele.*

*Otto se contorceu, arranhando os pulsos na corda áspera, numa tentativa inútil de escapar. Fechou os olhos em desespero.*

*– Olha para mim! Eu quero que você esteja olhando para mim quando eu atirar!*

*Com o corpo encolhido como se fosse possível ficar invisível ou fugir da mira do Zak a poucos centímetros de distância, Otto manteve a cabeça baixa.*

*– Olha, porra!*

*– Eu... – ele chorou. – Eu não consigo!*

*Zak sacudiu a cabeça. Passou o revólver para a mão esquerda e, com a outra, segurou os cabelos do Otto, puxando-os para trás. Ele gemeu de dor. Os fios de cabelo esticavam a pele, os longos cílios encobriam os olhos fortemente cerrados, recusando-se a encarar a mira a poucos centímetros de sua testa.*

*– Eu não vou olhar... Eu... Eu não posso! – gritou, sem defesas.*

*Zak pareceu se fartar daquilo tudo. Deixou a arma no chão e enfiou a mão no bolso. Num primeiro momento, não vi o que ele pegou. O pequeno objeto metálico reluziu na escuridão como um minúsculo diamante bruto. Quando o segurou pela ponta, diante do rosto do Otto, pude ver o que era: uma pinça.*

*Voltei os olhos para a mesinha quebrada no outro canto da sala e vi que agora só restavam a chave de fenda e o martelo. Procurei pelo rolo de esparadrapo e encontrei-o no bolso do Zak fazendo volume.*

*– É sua última chance – sentenciou Zak, balançando a pinça. – Olha para mim!*

*Otto apenas choramingou, esperando que alguém se apiedasse da situação e viesse salvá-lo.*

*Sem receber uma resposta, Zak segurou novamente os cabelos do infeliz. Puxou a cabeça dele para trás, desta vez com mais raiva. Com o cuidado de um cirurgião, aproximou a pinça das pálpebras do Otto, escolhendo o olho direito. Posicionou a pinça entre o polegar e o indicador, pronta para o ataque. Depois de duas tentativas, pescou alguns cílios e puxou-os com força. A pálpebra se esticou e logo cedeu. Os pelinhos caíram de modo teatral pelas bochechas de Otto.*

*– Seu filho da puta! – gritou ele, abrindo os olhos, tentando entender o que acontecia, a dor estampada no rosto inchado.*

*Zak fez novas investidas. Segurando firmemente a pinça, picotou os cílios do Otto, as pálpebras trêmulas, tentando vencer a luta.*

*– Você vai olhar querendo ou não! – disse, friamente. Mudou de olho.*

*Otto começou a tremer propositadamente, dificultando a continuação da tortura. Gritava alto, as pernas e a cabeça agitando-se para afastá-lo.*

*– Segura ele, Lucas! Segura!*

*Lucas agarrou as pernas enquanto Zak puxava os cabelos do Otto com mais força. Aproximou novamente a pinça, selecionando mais um grupo de cílios. A pálpebra resistiu à puxada, e Otto urrou de dor.*

*– Eu não quero morrer! Eu... Não quero morrer! – implorava.*

*Zak puxou mais bruscamente, e os cílios se soltaram, os glóbulos oculares se avermelhando.*

*– Cala a boca, Otto! – ordenou Zak, sacando o rolo de esparadrapo do bolso. Recortou um pedaço com os dentes.*

*Num surto inesperado, Otto sacudiu o corpo, livrando-se do Lucas e, sem muita dificuldade, chutou com força a barriga do Zak.*

*– Seu veado! Não faça isso comigo, seu veado! Não vou calar a boca! – esperneou, agitado.*

*Zak se projetou para o chão, caindo desajeitadamente. Passou uma das mãos pela testa,*

*tentando secar o suor do rosto, a outra comprimindo a dor na barriga. Lucas foi ajudá-lo a se levantar.*

*– Eu te amo, Zak. Eu te amo! – gritou Otto, abaixando a cabeça, impedindo que eu visse o estrago em seus olhos. – Será que você não entende isso?*

*Meu amigo congelou novamente, tolhido pela vergonha e pelo medo. A Waléria e a João se aproximaram do Otto, como se só agora percebessem que ele era humano.*

*– O que você disse? Você ama o Zak? – perguntou a João, franzindo o cenho.*

*Pensei que meu amigo fosse saltar em cima dele para que o infeliz não dissesse nada. Mas não. Ficou sentado, segurando a barriga, a cabeça baixa.*

*– Ele me ama também – Otto continuou, dando de ombros. – Nós... Ele... Tinha medo de se assumir. O pai dele era muito severo...*

*– Ele está falando sério, Zak? – indagou Waléria.*

*Não houve resposta.*

*Ainda sentados na roda, Dan e Noel pareciam se divertir sozinhos.*

*– Explique tudo direitinho, seu merda! – gritou Lucas, também se aproximando do Otto.*

*Frases desconexas partiam da boca ferida:*

*– Ah, Zak... Eu vim aqui por você... Agora nós somos livres... Seus pais... Nada faz sentido sem você... Eu...*

*– Explica! – ordenou Lucas mais uma vez.*

*– Tudo começou num jogo de pôquer. Eu e ele terminamos jogando strip-pôquer e naquela mesma noite fomos para a cama...*

*Larguei a caneta para tapar os ouvidos. Não queria ouvir todas aquelas atrocidades. Waléria, Ritinha e os dois irmãos olhavam para Otto, atentos, feito criancinhas assistindo fascinadas a um teatro de fantoches.*

*Nenhum deles viu quando Zak rastejou até o revólver e, segurando a empunhadura, abriu a arma. Examinou as oito câmaras. Com as mãos trêmulas, girou o tambor em noventa graus para a direita e fechou sem fazer barulho.*

*Eu entendi o que ele pretendia e não fiz nada para impedir. Fui criado em uma família religiosa e realmente não acredito que eu tenha mais salvação. Não temo o inferno, se é que ele existe. Intervir para salvar a vida do Otto seria inútil, ridículo. Eu o odeio como a poucas pessoas neste mundo.*

*Quando Zak se levantou, segurando a arma na mão direita, eu destampei os ouvidos. Otto ainda contava sua história, entre um gemido e outro de dor.*

*– ... na minha casa. O pai dele chegou de viagem antes e...*

*– Chega! – gritou Zak, afastando os espectadores com o braço. – Ele já falou merda demais.*

*Waléria fez que ia reclamar da interrupção, mas desistiu.*

*Otto levantou a cabeça, a boca trêmula. Com a parca luz central, pude ver seu rosto.*

*Impressionante como o medo nos dá um aspecto tão desumano. Seus olhos estavam arregalados, as veias delineando-se na brancura dos glóbulos, pequenos pigmentos vermelhos pipocando nas pálpebras no lugar onde antes ficavam os cílios. O corpo se contraía em espasmos. Ele piscou os olhos, abrindo-os rapidamente. Não conseguia mais fechá-los.*

*Zak jogou a pinça metálica no chão, um tilintar seco e rápido. Levantou a arma na direção da testa do Otto.*

*– Eu... Eu só disse que deveríamos ser oito – choramingou.*

*– Isso não importa agora – respondeu Zak.*

*Fechou os olhos, o revólver trêmulo na mão.*

*E, então, puxou o gatilho.*

*O desejo do Otto foi realizado.*

*Agora somos oito.*

# Capítulo 12

DIANA – “O desejo do Otto foi realizado.” *(PAUSA) “*Agora somos oito.”

*(CHORO INTENSO)*

ROSA – Para! Para! Por favor, para! Eu... Eu não sou obrigada a ficar ouvindo esse desgraçado narrando a morte do meu filho! *(SOLUÇOS)* É tão... horrível!

*(CHORO INTENSO)*

DIANA – Rosa, quer um copo de água com açúcar?

ROSA – Não, eu... Eu não quero... Não quero mais ouvir nada!

OLÍVIA – Eu também me recuso. *(PAUSA)* Quando fomos chamadas, ninguém falou que seria assim! Onde já se viu prender mães numa sala e ler friamente para elas a morte dos seus filhos? Quem nos obriga a isso?

DIANA – Ninguém está prendendo vocês aqui, Olívia. *(PAUSA)* Como eu já disse, esta reunião foi convocada como uma última tentativa de esclarecer os acontecimentos ocorridos naquela casa. Eu sei que é difícil. Mas eu preciso que fiquem calmas. Que usem a razão.

OLÍVIA – Como você vem me falar em calma? *(PAUSA)* Olhe para ela! Olhe, doutora! Uma mãe chorando a tortura e a morte do próprio filho! Você vê racionalidade nisso? Você acha mesmo que existe algum pingo de racionalidade nisso?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

*(CHORO CONTIDO)*

ROSA – Eu... Eu estou bem... *(PAUSA)* Pode terminar, doutora.

DIANA – Não quer mesmo um copo d’água?

ROSA – Apenas... *(SOLUÇOS)* Termine...

DIANA – É o fim do capítulo três.

OLÍVIA – Deixe-me adivinhar: “Algum detalhe ou comentário a acrescentar?” *(VOZ DE DESDÉM)*

DIANA – Algum detalhe ou comentário a acrescentar?

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

*(CHORO)*

DIANA – Pois bem... Eu gostaria de atentar para uma frase dita pelo Zak neste capítulo... *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* “Não é este o combinado... Você sabe que ele está escrevendo um livro e que...”. *(PAUSA)* O significado da frase é bem claro e tem até alguma lógica: o Alessandro queria ter a possibilidade de narrar ao menos uma morte no seu livro e, por isso mesmo, pediu para entrar apenas na segunda rodada.

OLÍVIA – Você chama isso de lógica, eu chamo de esperteza.

DIANA – Mas o que nos chamou a atenção neste trecho foi a palavra usada pelo Zak. "Não é este o combinado." Combinado. *(PAUSA)* Mostra que, desde que a roleta-russa foi programada, o Alessandro já pretendia escrever o livro, deixando mais forte a hipótese de ser esse o seu motivo para participar. *(PAUSA)* Mostra também que, em algum momento, eles se reuniram para combinar como aconteceria a roleta-russa. É bem possível que tenha sido na sexta-feira anterior, dia 05 de setembro. As anotações do Alessandro não registram nada nesse dia. Nem nos dias 03 e 04, quarta e quinta. *(PAUSA)* No entanto, sexta-feira foi o único dia em que, segundo o que todas vocês responderam, seus filhos foram se encontrar com o Zak. Em horários distintos...

REBECCA – A Waléria não... Ela passou a sexta em casa, lendo no quarto...

DIANA – Ah, sim, me desculpe. Falei errado... *(PAUSA)* Todas vocês, exceto a Rebecca, disseram que seus filhos foram ao encontro do Zak naquela sexta, não?

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

OLÍVIA – Ok, doutora. Os nossos filhos se reuniram na sexta-feira para discutir a roleta-russa, e o Alessandro não anotou nada. *(PAUSA)* Aonde pretende chegar com isso?

DIANA – O único fato que sabemos da sexta-feira é a ida do Zak ao banco para o cancelamento da conta. *(PAUSA)* Como eu já disse, isso ocorreu por volta das quinze horas. E, segundo o gerente, ele estava sozinho.

VÂNIA – Os outros poderiam estar esperando do lado de fora. O Zak entrou sozinho, o que não quer dizer que ele estava sozinho!

DIANA – Verdade. *(PAUSA)* No entanto, também é bem estranho que o Alessandro tenha feito anotações sobre vários momentos pouco importantes da sua vida, mas deixe de registrar exatamente os três dias nos quais foram discutidas as regras da roleta-russa. *(PAUSA)* Além disso, se eles se reuniram na sexta-feira, em que lugar eles o fizeram? Não foi em nenhuma das residências, como vocês mesmas afirmaram nos interrogatórios. Tampouco foi no prédio do Zak, pois o circuito interno de TV registra o Zak saindo de casa às oito da manhã e voltando, sozinho, às sete da noite. *(PAUSA)* A questão é: "Aonde eles foram?".

OLÍVIA – Ora, doutora. Em qualquer boteco de esquina... Na praia... Existem mil lugares onde eles podem ter ido! Isso é ridículo!

DIANA – Num boteco de esquina? Na praia? *(PAUSA)* Na época da morte deles, a imprensa divulgou bastante o caso, muitas imagens foram veiculadas, muita gente ligou dizendo que viu alguns deles no sábado anterior, mas, estranhamente, ninguém os viu na sexta. Não recebemos nenhuma informação sequer sobre o que eles fizeram nesse dia. É como se... Se alguém tivesse interesse em sumir com esse dia, com o que foi feito nele...

SÔNIA – Você está insinuando algo, doutora?

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – Oh, não, Sônia... Não teria por quê, teria? *(PAUSA)* Estou apenas tentando ver se,

pensando juntas, chegamos a algum lugar...

SÔNIA – O seu tom... *(PAUSA)* Foi de afirmação. Não de pergunta.

DIANA – Apenas impressão sua. Não...

SÔNIA – De todo modo, mantenho o que disse antes. Eu tinha vários processos em conclusão e voltei tarde para casa naquela sexta. A empregada foi embora às cinco. Quando cheguei, às dez da noite, meu filho estava dormindo. Só depois eu soube que o Danilo saiu por duas horas... *(PAUSA)* Foi o porteiro quem me contou.

OLÍVIA – E por que não perguntou ao seu filho aonde ele tinha ido?

SÔNIA – Você não entendeu. Só depois de tudo isso é que eu fiquei sabendo... Depois da roleta-russa e...

DIANA – Todos os depoimentos de vocês estão incluídos no relatório. Não precisam ficar repetindo nada aqui...

OLÍVIA – Você nos leva a isso, doutora! A delegada aqui é você... *(VOZ RÍSPIDA)* Mas parece querer que tiremos surpresas da cartola. Não temos muito a dizer!

ROSA – Mas agora eu quero saber tudo até o fim. Disseram que os nossos filhos se mataram por vontade própria... *(PAUSA)* O meu filho não queria morrer, doutora. *(CHORO)* O Otto nunca se mataria... Foi assassinato! O Zak o matou! Ele não queria morrer! Ele desistiu...

*(CHORO INTENSO)*

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Eu entendo, Rosa. *(PAUSA)* Pelo que indica o livro do Alessandro, o Zak ajeitou o revólver para que o tiro saísse na vez do Otto. Ele queria calar o Otto. Precisava fazer isso antes que todas aquelas revelações o complicassem ainda mais.

ROSA – Eu... eu me sinto tão culpada! Se pudesse voltar atrás... Não teria feito o que fiz... Eu amava o meu filho apesar de... Doutora... *(PAUSA)* Desde pequenininho, percebi que o Otto era diferente, sabe? De certa forma, eu já sabia... Toda mãe sabe, você entende? *(PAUSA)* Mas não tinha certeza, claro... *(PAUSA)* Eu... Eu não estava preparada para aceitar o meu filho saindo com um homem... *(PAUSA)* Como fui burra! Ele era o meu filho... Eu tinha que... Que ter aceitado!

DIANA – Rosa, não foi culpa sua. O Otto... Ele... já era quase um adulto... Ele sabia dos riscos que corria e...

ROSA – Eu não podia! O Carlos foi tão bruto com ele... A culpa foi nossa... Como pais, nós não podíamos... *(CHORO INTENSO)* Mas foi tudo tão horrível! Tão sem sentido... *(SOLUÇOS)* Naquele domingo, estávamos na mesa do café da manhã e ele começou a falar... Parecia tão convicto! Tão cheio de si, certo do que estava fazendo... *(CHORO)* O Carlos gritou com ele. E ele retrucou. O Otto nunca retrucaria se fosse antes... Ele nunca tinha levantado a voz conosco. Parecia outra pessoa. Como se tomado pelo demônio. Eu... Eu... fiquei sem reação. O Carlos chutou-o para fora de casa e eu... Eu não fiz nada!

DIANA – E foi então que ele procurou o Zak. Nós já sabemos. *(PAUSA)* O mais estranho é

ele ter ido procurar pelo Zak mesmo sabendo que os pais dele tinham acabado de falecer...

ROSA – Oh, doutora... *(SOLUÇOS)* O meu filho estava tão perdido... Ele não sabia para onde ir... Aquela verdade estava entalada na garganta dele e ele precisava jogá-la para o mundo, precisava ser ouvido... *(PAUSA)* Quando viu na TV que os pais do Zak estavam mortos... Era a oportunidade dele de ser feliz com o Zak... Ele achou que, sem os pais, o Zak assumiria a homossexualidade... O meu filho, doutora... Ele amava aquele menino. Amava muito... *(PAUSA)* Mas eu só entendi isso depois... Só depois... *(PAUSA)* Ele deve ter se sentido tão rejeitado... Tão sozinho... Ele não tinha em quem se amparar... *(PAUSA)* E eu, a mãe dele, neguei ajuda, apoio... Eu neguei, meu Deus! *(PAUSA)* Sem os pais, sem o Zak... Preferiu morrer... *(SOLUÇOS)* Ele amava aquele menino...

OLÍVIA – O Otto amava o Zak... Mas a recíproca não era bem verdadeira, afinal...

DÉBORA – Cala a boca, sua víbora! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Senhoras, por favor! Respeito!

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

VÂNIA – Então o pai do Zak sabia... *(VOZ HESITANTE)*

DIANA – O que disse?

VÂNIA – Estava pensando aqui... A frase dita pelo Otto enquanto contava a história lá... "O pai dele chegou de viagem antes." Quer dizer que o Getúlio sabia das... *(PAUSA)* Das aventuras do filho?

DIANA – Isso nós não sabemos ao certo... Não existe nada que confirme que o Getúlio sabia. *(PAUSA)* A anotação do Alessandro no dia 31 de agosto relata o Otto indo visitar o Zak. O Alessandro atende a porta e eles acabam brigando. No final, o Otto revela o seu caso com o Zak e dá a entender que o Getúlio tinha uma suspeita. Mas nós não sabemos se isso é mesmo verdade, nem quando aconteceu. *(PAUSA)* Mas, sem dúvida, o Getúlio era um empecilho para o caso dos dois. Temos quase certeza de que foram as mortes do Getúlio e da Maria Clara que incentivaram o Otto a revelar toda a verdade aos seus pais e depois ir para a casa do Zak. *(PAUSA)* Nesse sentido, é bem provável que o Getúlio soubesse de algo.

DÉBORA – Quando meu filho ficou sabendo que o Zak era gay, ele... Pelo que entendi, ele não contou a ninguém...

DIANA – É o que parece, Débora. *(PAUSA)* O Alessandro escreveu em suas anotações a discussão que teve com o Otto, mas, pelo visto, não contou ao Zak que sabia a verdade. *(PAUSA)* A surpresa do Zak ao descobrir que o Alessandro já sabia que ele era homossexual nos confirma isso. É bem provável que esse fato tenha disparado a raiva do Zak pelo Otto. Explicando então por que ele girou o tambor para que a bala saísse...

*(SILÊNCIO – 02 SEGUNDOS)*

SÔNIA – Eu só não entendo o porquê da tortura... Por que arrancar os cílios do menino? Que coisa bárbara!

DIANA – O Zak estava descontrolado, fora de si... *(PAUSA)* Queria que o Otto visse a cena a

qualquer custo. Queria que tudo acontecesse do jeito dele.

ROSA – Vocês precisam mesmo ficar repetindo isso? *(CHORO)* Por que não continua a ler para terminarmos logo?

OLÍVIA – Só acho importante lembrar também que esse Alessandro é tão culpado quanto o Zak... *(PAUSA)* Ele foi o único que viu o Zak ajeitando a arma e poderia ter impedido... Claro, se não estivesse preocupado demais com o próprio umbigo.

DÉBORA – Fique quieta, Olívia! O meu filho era o melhor filho do mundo... *(PAUSA)* Me apoiou em todos os momentos difíceis e... Eu faria tudo pelo meu filho... Eu... Eu faria tudo!

OLÍVIA – Tudo isso é muito bonito, mas...

DIANA – Senhoras, por favor! Encerramos os comentários sobre esse capítulo? *(PAUSA)* Posso continuar?

*(SILÊNCIO – 06 SEGUNDOS)*

DIANA – Vamos então. "*Capítulo quatro*." *(PAUSA)* "Eu nunca poderia imaginar que dentro de uma cabeça havia tanto sangue..."

# Capítulo 13

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-2508-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*25 de agosto de 2008 – Segunda-feira*

Eu odeio arroz com brócolis.

E odeio salmão ao molho de alcaparras.

Odeio também o tilintar dos talheres nos pratos de louça, o pano de linho e as risadas falsas e exageradas soltas entre uma garfada e outra.

Odeio os assuntos pseudointelectuais e a verborragia do Getúlio para provar, a quem quer que seja, que é o fodão.

Odeio as futilidades da Maria Clara e odeio ver minha mãe falando mal das aventuras do meu pai com a nova mulher.

Talvez por isso o jantar de hoje tenha sido uma tortura.

Ou talvez não.

Talvez a culpa seja minha. Talvez eu não tenha nascido para funcionar no esquema, seguir a tendência. Sou a alavanca quebrada dentro de uma indústria grande e eficiente.

– E então eu cheguei para o indivíduo e perguntei: "Você sabe quem eu sou, meu rapaz?".

Risadas.

– O pobrezinho começou a tremer e foi aí que eu disse: "Eu sou o dono desse lugar e eu pedi meu hambúrguer sem picles! Você sabe o que é isso aqui? É picles!" – terminou Getúlio com uma gargalhada, contando sua décima história da noite para comprovar que era o representante comercial de Deus na Terra.

Estávamos sentados ao redor da larga mesa de jantar dos Vasconcellos, mas tenho certeza de que ele preferiria se estivéssemos no Teatro Municipal, espremidos nas poltronas, assistindo ao seu monólogo sobre como se dar bem na vida passando a perna nos outros.

– Querido, conte aquela do Samuel. Da demissão do Samuel... – pediu Maria Clara,

orgulhosa das peripécias do marido, como a dona satisfeita com os dotes do seu cachorrinho.

– Ah... – fez ele, mantendo o assunto no ar. – Prefiro não comentar esse caso... Seria antiético da minha parte...

Arqueei as sobrancelhas, surpreso pelo fato de Getúlio saber que existe ética neste planeta. Gente como ele exclui essa palavra do dicionário para poder se dar bem na vida.

– Está gostando do salmão, Débora, querida? – perguntou a anfitriã, dando a quinta garfada em duas horas de jantar.

Os ricos têm esse incrível dom de fazer a comida render. Ficam conversando baboseiras, o salmão congelando no prato, apenas uma desculpa para se reunirem e contarem as últimas proezas econômicas.

– Está uma delícia – murmurou minha mãe, pouco animada.

Desde que ela e Maria Clara haviam chegado do médico, eu sabia o que estava acontecendo. Sabia que o resultado da biópsia estava pronto e não era dos melhores.

– O salmão está muito bom. Mas a quiche de cebola está dos deuses! – disse Maria Clara, os cabelos esvoaçantes graças à escova definitiva. Agora, enfeitando a cabeleira negra, ela fizera luzes em algumas mechas.

Entre salmões e quiches de cebola, o silêncio incômodo pairava sobre a mesa. Encontrei duas ou três vezes o olhar da minha mãe. Instintivamente, ela abaixava a cabeça, temendo me encarar, sabendo que eu conseguiria arrancar dela toda a verdade em questão de segundos.

Maria Clara ainda havia tentado disfarçar, dizendo que o resultado da biópsia estava atrasado e não tinham nenhuma resposta (“Essas clínicas, sabe como é”). Ela é muito boa para comprar vestidos, organizar jantares e escolher sapatos, mas, definitivamente, não sabe mentir. O resultado do exame estava estampado no rosto da minha mãe, nos assuntos supérfluos e no jantar marcado às pressas: câncer. Câncer de estômago.

– Ora, Débora, anime-se! – disse Maria Clara, dando tapinhas carinhosos no braço da minha mãe. – Por que não vem com a gente para Cyrille’s House?

– É mesmo... – concordou Getúlio, um tanto aturdido por ter sido interrompido no meio de mais uma de suas fantásticas histórias. – Vem com a gente! Vamos amanhã e voltamos no sábado à tarde.

Minha mãe sorriu, brincando com o garfo de prata entre os dedos. Jogou uma mecha de cabelo para trás, o rosto pálido.

– Eu não...

– Vai ser animado, minha amiga! Vamos de carro... Cinco horinhas e chegamos lá! – tentou Maria Clara.

– O Zak não quer ir – continuou Getúlio, da cabeceira. – Mas, se o Alessandro for, ele vai, não é?

– Pai, eu já disse que... – murmurou Zak, pela primeira vez dizendo algo naquela mesa. Ele também estava estranhamente quieto.

– Pode levar também aquele seu amigo que esteve aqui outro dia... – disse Getúlio. – Qual é mesmo o nome dele?

– Eu não vou, pai! – desconversou Zak, sem dizer o nome do tal amigo. Fiquei curioso.

Servi-me de mais uma fatia da quiche. O prato da minha mãe continuava intocado, a posta de salmão já fria, o arroz verde dando aquela aparência vegetariana ao jantar.

– Vocês, filhos, são uma coisa! – reclamou Getúlio. – Crescem e parecem tomar medo da gente... Faz um bom tempo que você não vai a Cyrille's.

– Estou ocupado com a faculdade, pai! – disse Zak. Parecia estar a ponto de dar um soco enraivecido na mesa e abandonar o jantar.

– Tenho até orgulho de ouvir isso... "Ocupado com a faculdade." Ouvindo assim, até dá pra acreditar... – disse Getúlio, colocando um bom pedaço de salmão na boca e sujando o bigode grisalho.

– Já mandou blindar o carro, querido? – cortou Maria, enquanto esticava o braço, com o guardanapo na mão, para limpar a boca do amado maridinho.

– Farei isso depois. Não precisamos desse gasto todo agora – respondeu Getúlio num tom severo. – A Maria está com medo de andar de carro pelo Rio de Janeiro!

– Quem não está, afinal? – perguntei, entediado.

– Isso mesmo, Alê! Quem não está? – confirmou ela, satisfeita em ter um aliado na discussão. – Antigamente você sabia que tinha que se preocupar com os bandidos. Mas hoje em dia até a polícia está perigosa! Podem atirar no meu carro achando que sou um assaltante fugitivo! Outro dia, um rapaz foi confundido com um...

– Ah, mas sim! Isso é coisa da imprensa! Faz um estardalhaço com qualquer bobeirinha! – interrompeu Getúlio, esticando o tronco no espaldar da cadeira com aquela cara de "eu-sei-do-que-estou-falando".

– O menino morreu, Getúlio! – retrucou ela, irritada. – Eu nem sei o que faria com aqueles policiais se fosse meu filho! O Zak anda para cima e para baixo com aquela Hilux que você deu de aniversário... É um perigo! Os bandidos ficam de olho!

– Você queria que eu desse o quê? Um fusca? Talvez uma bicicleta? – perguntou, os olhos e o pescoço vermelhos de raiva.

– Isso aqui não é lugar para discut... – começou Zak.

– Eu só quero que você blinde a droga dos carros! – gritou Maria Clara, soltando os talheres no prato.

Uau! Nada como quatro garrafas de vinho para fazer o pessoal deixar cair as máscaras e o barraco ser armado. Nunca tinha visto aqueles dois brigando. Ter isso de camarote em pleno jantar sacal era um deleite.

– Blindar dois carros? Você está louca? – perguntou Getúlio, levantando-se. – Você pensa que eu acho dinheiro em árvore?

Eu entendo perfeitamente por que os ricos continuam sempre ricos: choram de pobreza

enquanto conversam num iate ancorado na ilha particular e guardam cada centavo como se valesse a vida deles.

Maria Clara voltou a comer, segurando o talher com firmeza, descontando a raiva em cada garfada. Minha mãe continuava lá, rígida, o corpo presente, mas a mente viajando por outros cantos, perdendo aquela briga de novela ao vivo.

Para quebrar o gelo, uma música moderninha invadiu o ambiente. Por um segundo, pensei que eles haviam contratado um DJ para aquele jantar. Mas não. Era apenas o celular do Getúlio, equipado com um som melhor do que qualquer boate carioca. Era só apagar as luzes, empurrar as mesas e deixar aquele aparelhinho tocando.

– Diga, Goulart – ele atendeu, arrastando a cadeira para trás como se fosse abandonar a mesa. – Sim. Sim. Tenho certeza de que ainda quero... Não tem problema. Na quinta eu também não estarei aqui... Viajo amanhã e só volto no sábado... Passe na segunda no meu escritório para fazermos a alteração... A Bianca tem minha agenda... Marque um horário com ela. À tarde... Ótimo então! Nos vemos na segunda. Até mais.

Guardou o celular no bolso do paletó, estampando um sorriso no rosto. Provavelmente, havia fechado mais algum grande negócio para a empresa, falira mais alguma concorrência ou qualquer coisa parecida, intimamente relacionada a dinheiro, sem dúvida.

– Por que o advogado te ligou a essa hora? – perguntou Maria Clara com rispidez, sem desviar o olhar do prato.

– O Goulart não é só o advogado. É amigo da família, querida...

– E segunda de tarde ele vai ao seu escritório por ser... amigo da família?

Confesso que fiquei espantado. Sempre tive a imagem da Maria Clara como aquela esposa dedicada, acéfala, submissa, quase uma santa, que faz compras no shopping e viaja para a Europa todos os anos. Vê-la fazendo aquelas perguntas todas, a briga na mesa... Realmente ela conseguiu me surpreender.

– Eu te falei disso, querida – respondeu ele, as mãos trêmulas opondo-se à voz calma. – E contei ao Zak também.

Então sorriu. Um sorriso constrangido. As rugas na testa passando a mensagem: “Falamos disso depois porque agora estamos com visitas”.

Zak continuou quieto, sem esboçar reação. Onde estava o cara que falava sem parar e me fazia rir com seus hábitos pouco convencionais no jantar?

– Não sei do que você está falando, querido... – o “querido” soou esticado, quase cínico.

– Lembra do Pierre? – disse, pensando por onde começaria. Não estava pisando em terra firme.

– Sim, o francês que morreu no helicóptero... Uma história terrível... O que tem ele?

Getúlio respirou fundo antes de continuar.

– Eu conheci o filho dele. Tem trinta anos, o moleque...

Moleque? O que sou, então? Um recém-nascido?

– Ele agora assumiu os negócios do pai. Ou melhor, assumiu não... – deu uma risada. – Vendeu... Vendeu tudinho. Está andando pelo mundo, torrando a grana, gastando com cada piranha que vê pela frente...

Ajeitei-me na cadeira. Já sabia onde aquele assunto iria parar... Não ia dar certo.

– Não quero que isso ocorra comigo também... – continuou. – Quero dizer, o Zak não está preparado para assumir as rédeas de tudo caso alguma coisa fora do normal aconteça...

Ele parou de falar, esperando que deduzíssemos o restante. Diante do silêncio, continuou sua historieta.

– O Zak é jovem ainda. E ele tem dinheiro. As meninas vão pular em cima dele... – explicou. – E isso enlouquece um homem, sabe? Faz ele ficar cego... Não ver as coisas com nitidez...

– Pai, eu já entendi e... – tentou Zak.

– Aquela vagabundinha que esteve aqui na sexta com aquela conversa não foi a última. Haverá outras, meu filho – continuou, com a voz suave dos pais aconselhadores. – Eu sei bem disso. Já vivi muito mais que você... Vou mudar o testamento para o seu bem, entende? Para te defender...

– Não estou reclamando, pai.

– A sua mãe que perguntou... Estou respondendo – justificou. – Metade é sua de direito, e eu jamais discordaria disso... Mas a outra metade... Por enquanto, vou deixar nas mãos de gente que entende, de gente que sabe o que fazer caso algo saia do esperado, percebe?

Zak concordou com a cabeça, como se o assunto lhe soasse pouco interessante.

– Quando você ficar mais velho, terminar a faculdade, encontrar a mulher da sua vida... Aí, sim... Eu coloco tudo para você outra vez... E você vai me agradecer!

– Eu entendo, pai. Faça como quiser. Não me importo – respondeu.

Se fosse comigo, eu ficaria puto. Como assim, o pai tira as coisas do próprio filho para deixar que um bando de pilantras barbudos cuidem delas em salas de reunião?

– E é isso, e apenas isso, que o Goulart vai fazer lá no escritório na segunda-feira. Satisfeita, dona Maria Clara Vasconcellos de Lima? – perguntou, com uma risada simpática.

Maria Clara anuiu com a cabeça e voltou a comer, em silêncio. Minha mãe continuou a brincar com os grãozinhos de arroz esverdeados, enquanto eu ainda tentava entender o que estava acontecendo com Zak. Senti certa hostilidade do Getúlio em relação a ele, como se tivessem brigado antes do jantar ou algo assim. Mas tudo ainda me parecia muito nebuloso e complexo.

Incomodado com o silêncio, Getúlio começou uma nova história. Dessa vez, comentando sobre a viagem que faria em setembro para o Mont Saint-Michel, na Normandia, exaltando a beleza do lugar sem nunca ter ido lá... Uma ilha de poucos habitantes, uma abadia beneditina, ruelas e casas que lembram antigas vilas gaulesas...

Se eu pudesse pegar aquela conversa dele e colocá-la numa caixinha, criaria o melhor

sonífero do mundo.

– Yara, pode trazer a sobremesa, por favor! – pediu Maria Clara, depois de badalar um sininho pousado sobre a mesa.

Achei meio difícil que a empregada escutasse a ordem se estivesse na cozinha, mas segundos depois ela apareceu, solícita. Vestindo um avental daqueles comprados em lojas de madame, a doméstica deixou o doce sobre a mesa.

– Musse de mamão com calda de laranja-lima! – informou a anfitriã, com os olhos faiscantes.

Meu desânimo aumentava. Por que diabos esses ricaços não conseguem comer coisas normais?

– Tem maçã? – perguntei.

Getúlio escondeu um sorriso de piedade. Maria Clara piscou, meio aturdida com meu pedido. No mundo dela, musses de mamão são mais comuns que maçãs...

– Tem maçã, Yara?

– Não, dona Marie Claire – respondeu, a cabeça baixa de vergonha. – Não tem.

Beijinhos aqui, abraços acolá, o jantar acabou. Agora estávamos só nós dois. Eu e minha mãe, voltando para casa pela Avenida Atlântica. Abri a janela, a brisa do mar invadiu o carro, trazida por um vento forte. Algumas pessoas jogavam vôlei na areia iluminada por grandes holofotes de luz branca.

– Você nunca mais foi ao vôlei, né, filho? – perguntou ela, as mãos coladas ao volante.

Então ela queria conversar...

Estiquei a mão para baixar o volume do rádio, que tocava Adriana Calcanhoto.

– Não gosto dessa música – disse eu.

– Mas você adora Adriana Calcanhoto! – ela respondeu, com um sorriso brotando no rosto sério.

– Eu só disse que não gosto dessa música. Das outras, eu gosto.

– Certo! – concordou, ajeitando-se no assento.

– E, quanto ao vôlei, apenas parei de ir.

– Certo também.

Fechei o vidro e virei o rosto para ela.

– E eu... tenho o direito de fazer perguntas?

Ela agitou a cabeça.

– Acho melhor não, Alê.

Respirei fundo, observando os bares e prédios passarem apressadamente pela janela do carro, como flashes luminosos.

– Não vou perguntar do exame, mãe...

Ela continuou quieta, atenta ao trânsito.

– Mas sei que você já tem a resposta...
Tentei estudar seu rosto.
– Não sou mais uma criança, mãe.
Ela sorriu.
– Você é uma coisa, Alê... Uma coisa! – brincou.
Ficamos em silêncio por um instante.
– Você vai ficar bem, mãe – disse eu, sabendo que era mentira. Nunca fui dado a frases consoladoras, mas essa saiu do nada. Senti um vazio vendo minha mãe ali, o físico frágil, a mente atormentada pela ameaça da morte.
– Sempre tem um lado positivo, Alê... – respondeu ela, enxugando uma lágrima teimosa que caía do olho esquerdo. – Você agora vai dar trabalho ao seu pai... Com você por perto, quero ver ele manter o ritmo com aquela vagabundinha dele...
– Você não vai morrer, mãe – retruquei, com firmeza.
– O médico me deu seis meses, filho – murmurou, agora as lágrimas brotando com mais vigor. – Seis meses!
Puta merda, como é possível que alguém tenha a frieza de dizer isso na cara de uma pessoa? Nem com dez anos de faculdade e vinte de residência eu teria a coragem de chegar para alguém e anunciar: “Olha, analisando todos os exames, você tem seis meses de vida...”.
– Operação? – perguntei, evitando vê-la chorar.
– Não sei... – respondeu. – Deus... Eu tenho tanto medo...
Eu sabia qual era o problema. Aquilo não era novidade para mim. Aos onze anos, assisti à minha tia-avó Iacy definhar em uma cama de hospital por quatro meses devido a um câncer de estômago descoberto tarde demais. Minha tia-avó viajava para vários lugares, apreciava arte como poucos. Foi ela quem me deu o meu primeiro livro: *Um estudo em vermelho*, do Conan Doyle. Então, comecei a escrever. Ela era a pessoa que eu mais admirava.
– O mesmo de sempre, Alê... Operação com risco e sem resultado garantido – disse, levando a mão à testa. – Eu não quero passar por tudo isso de novo...
– Vai dar certo, mãe... Fica tranquila... – tentei mais uma vez.
O silêncio voltou a reinar, pontuado pelos soluços contidos da minha mãe.
– Mas não tenho motivos para chorar, Alê... – recomeçou ela, enxugando o nariz. – Esses vão ser os melhores seis meses da nossa vida, entende? Nós vamos comer fora, sair todos os dias, teatro, cinema, viagens... Nós vamos aproveitar, filho!
Não respondi. O que eu deveria dizer? “Isso mesmo, mãe! Vamos aproveitar bastante antes que você morra!”?
– Eu só quero te pedir uma coisa... – prosseguiu. – Não conta pro seu pai... Não quero que ele saiba que... Que eu estou doente...
– Não vou contar, mãe – respondi. – Mas acho que você deveria parar de falar nele, pensar nele... Sabe, partir para outra. Existem outros homens por aí, mãe. Homens decentes...

– Homens decentes? – ela riu. – Nunca conheci nenhum! Quando aparecer, você me apresenta, certo?

Eu também ri, buscando descontrair o clima pesado.

– Eu sou decente, dona Débora!

Ela riu mais ainda, quase gargalhou.

– Alê... Você é meu filho... Eu faria tudo por você... Mas... Mas você é homem... Não existe homem que preste... Nem você!

– Agora fiquei ofendido! – respondi, colocando a mão em uma de suas coxas.

– Viu? Agora você vai me fazer sentir culpada... Tem alguma decência nisso?

Apenas concordei e voltei a observar a praia. Minha mãe ainda sorria, tentando sufocar os pensamentos negativos.

Nós somos como todo mundo. Uma família buscando a tranquilidade, aparentando um bem-estar volátil, os problemas pairando sobre nossas cabeças. Tentamos ser felizes, viver momentos inesquecíveis, poéticos, cinematográficos. Mas não dá. Simplesmente não dá.

# Capítulo 14

*Capítulo 4*

*Eu nunca poderia imaginar que dentro de uma cabeça havia tanto sangue. Quero dizer, na aula de biologia, em algum momento do ensino médio, eu ouvi que a cabeça é a parte mais pesada do corpo, que é cheia de sangue e blá-blá-blá... Mesmo assim, nunca imaginei que fosse cheia o suficiente para esguichar como um chafariz no centro de uma praça europeia.*

*– Merda, merda, merda! – gritou Waléria, recuando assustada. – Você matou ele, Zak! Explodiu a cabeça do cara!*

*Zak sacudiu a arma descarregada no ar.*

*– Não foi culpa minha... – sussurrou. No rosto, uma serenidade inacreditável. – Era a vez dele... Eu só puxei o gatilho...*

*– "Eu só puxei o gatilho!"... E aquela história toda que ele contou? Vocês trepando e tudo o mais?*

*Waléria se aproximou, o corpo largo intimidando Zak, cercando-o como a um bezerro fujão. Ele abaixou a cabeça, se recusando a nos encarar, a encarar o corpo caído do Otto, sustentado apenas pela corda amarrada nos pulsos, a cabeça substituída por uma massa pastosa de ossos, miolos e sangue.*

*Ainda sentado na roda, Dan observava o cadáver, os olhinhos assustados, a boca levemente aberta, as mãos molhadas de suor. Senti pena dele. Uma vontade de protegê-lo de toda aquela visão grotesca e sem sentido.*

*– Eu não fiz nada! – gritou Zak. – Peguei a arma e atirei em mim. Depois atirei nele. Saiu na vez dele... É a vida!*

*Zak, definitivamente, estava mudado. Há duas semanas, fazia viagens, comprava futilidades e beijava gatinhas – era a vida dele. Agora, atirava na própria cabeça e depois explodia a cabeça da sua paixonite homossexual. Uma baita diferença.*

*– Você armou... – acusou Waléria, o indicador enfiado na cara dele. – Quando a gente não estava vendo! Você armou!*

*– Ele morreu, garota! Vamos continuar logo isso! – gritou Ritinha, impaciente.*

*– Você não escutou o que ele falou? – reclamou Waléria, os braços gordos se agitando no ar como as pás de um ventilador. – Eles treparam! E ele matou o Otto por causa disso!*

*Zak se agachou diante do montinho de balas agrupadas no saco plástico. Ignorando as reclamações da Waléria, pegou mais uma.*

*– Você está bêbada... Eu não matei o Otto... Apenas foi a vez dele! – gritou, levantando-se. – Você estava distraída com a historinha que ele contou, mas o Alê estava prestando atenção, não é, Alê?*

*Buscou meu olhar. Estudou-me enquanto eu escrevia no caderno.*

*– Eu não fiz nada de mais, certo?*

*Ele percebeu que eu sabia. Percebeu que eu o tinha visto ajeitar a arma e estava me testando! Precisava de um cúmplice para dividir a culpa da sua podridão.*

*– Não fez nada... Eu vi... – respondi, sentindo um frio congelante tomar minha espinha, gotas de suor deixando a testa sebosa.*

*– Porra! Você é o amiguinho dele! Não acredito em você! – gritou Waléria, se achando a rainha dos detetives. Aproximou-se de mim, suas toneladas fazendo sombra. Ainda bem que eu havia trazido a lanterna.*

*Aproveitando que Waléria o esquecera, Zak abriu a arma. Com a agilidade de um profissional, introduziu a bala e girou o tambor.*

*– Fico imaginando, Alê... – começou ela, se agachando e ficando cara a cara comigo. – Você sabia dessas aventuras do seu amiguinho Zak?*

*Tentei manter o rosto impassível, um túmulo selado para as perguntas daquela fofoqueira. Mas devo ter deixado passar algo... Porque ela sorriu. Um sorriso daqueles dos detetives quando chegam à solução do mistério.*

*– Quem sabe você também não participava... – prosseguiu, soltando uma gargalhada, os seres microscópicos da sua boca indo parar diretamente na minha cara. – Algo como um* ménage à trois...

*– Cala a boca, Waléria! – exclamei, empurrando-a. Nunca tinha agredido uma mulher, mas não me arrependi.*

*Ela gritou, dramatizando o meu golpe.*

*– Para com isso, garota! Para! – berrou Ritinha, abandonando a roda e pisando, enfurecida, a guimba do cigarrinho que fumava.*

*– Peraí, gente! – interveio Lucas, mostrando que ainda estava na discussão. – Ela tem razão! Quero dizer, o Zak tem que explicar essa parada do Otto!*

*– Isso é pura babaquice! – respondi, largando o caderno. – O Zak nunca fez nada com o Otto... Vocês duas sabem muito bem do que ele gosta!*

*Zak me observou. Havia gratidão em seus olhos. Eu sabia de muitas coisas comprometedoras, poderia apedrejá-lo, encurralá-lo, como estavam fazendo os outros, mas não. Apesar de tudo, eu estava do lado dele, como fazem os bons amigos.*

*– Não sei de nada! – gritou Waléria. – Só sei que o Otto pareceu estar falando a verdade quando...*

*– Cala a boca, droga! Vamos continuar! – reclamou Zak, aproximando-se da roda mantida por Dan, Noel e a João.*

*Waléria soltou outra gargalhada.*

*– Façamos assim, Zak... – começou. – Vamos ver na moeda... Tentar na sorte...*

*Mais uma vez, sacou do bolso do jeans a porra da moeda. Agitou-a no ar, um brilhozinho metálico reluzindo na penumbra.*

*– Se der coroa, eu não pergunto mais nada e finjo que nunca ouvi essa conversa... – sorriu. – Se der cara, você me conta tudo sobre a surubinha de vocês...*

*Brincou com a moeda entre os dedos gordos e, então, lançou-a no ar.*

*Antes que completasse a trajetória e voltasse à sua mão, a moeda foi agarrada pelo braço comprido do Zak.*

*– Para com essa merda! – gritou ele, sacudindo o punho fechado. – As coisas não se decidem nessa sua sorte fajuta!*

*– Devolve minha moeda! – reclamou Waléria, choramingando como uma menina mimada que perdeu a boneca.*

*– Vai ficar comigo por enquanto. Vamos começar!*

*– Minha moeda! – esperneou ela.*

*– Agora é minha! – desafiou Zak, colocando a mão no bolso esquerdo e mostrando-a vazia diante dos olhos enfurecidos da Waléria.*

*– É minha! Minha! – brigou ela. A moeda era como um amuleto para ela, algo que dava sorte, conforto ou coisa parecida. – Me dá, seu desgraçado!*

*Jogou o corpo sobre Zak, os braços cortando o ar na tentativa de socá-lo, o grito ecoando no porão.*

*Em tese, é bem fácil conter uma mulher. Basta segurar seus braços numa espécie de abraço apertado. E pronto: selvageria domada. Com Waléria é diferente...*

*Eu e Lucas tentamos interromper o espetáculo. Busquei uma aproximação amigável, com frases do tipo "Fica calma", mas não adiantou. A infeliz continuou gritando, chutando e socando Zak.*

*– Para com a palhaçada, Waléria – ouvi meu amigo dizer. A voz saiu calma, quase aconselhadora.*

*Ela arregalou os olhos e parou por alguns segundos. Foi nesse momento que virei o rosto e vi o que Zak estava fazendo...*

*– Para agora! – repetiu ele, a arma apontada na direção dela.*

*Em vez de recuar ou tentar se defender, Waléria apenas sorriu, mordiscando o lábio inferior enquanto pensava. Deu de ombros e então se aproximou.*

*– Atira! – desafiou ela, ficando a poucos centímetros do cano. – Vamos, seu veadinho enrustido, atira!*

*Zak hesitou.*

*– Vamos! Eu não tenho medo... – gritou, dando tapinhas no próprio rosto. – Atira bem aqui... Na minha cara... Estou esperando!*

*O revólver tremeu na mão do Zak.*

*– Vamos, cacete! – gritou ela mais uma vez, a voz firme. – Bora... Ou prefere atirar na barriga? Seu merda!*

*– Para com isso! – ordenou Zak, mas a ordem saiu quase como uma súplica. – Eu vou atirar mesmo, hein?*

*– Atira! – berrou, o rosto branco ficando vermelho naquele calor, os dentes cerrados de ódio. – Qual é o seu problema, Zak? Só porque eu não estou implorando para viver? Não estou chorando feito um cordeirinho no sacrifício? Vamos lá! Estou aqui olhando bem na sua cara e dizendo com todas as letras: "A-T-I-R-A!" Veja só, você não vai nem precisar arrancar meus cílios como fez com o seu bofe! É só atirar!*

*O Zak gemeu, os lábios crispando-se com força.*

*– Você não quer que eu faça isso... – disse ele, piscando seguidamente, surpreso com aquela rebeldia repentina. Abaixou um pouco a arma.*

*– E isso realmente importa para você?! – continuou ela. – Importa? Se não me engano, aquele ali não teve nenhuma escolha! Ele implorou para você não atirar!*

*Apontou para aquilo que havia sido a cabeça do Otto. Senti mais um calafrio ao ver seu cadáver, o sangue coagulando numa poça disforme.*

*– Não venha bancar a santinha... Você também estava se divertindo... – respondeu, a voz carregada de certa cumplicidade.*

*– Qual é o sentido disso tudo, Zak? – perguntou ela, agora um pouco mais calma, se aproximando do meu amigo. – Nós estamos aqui para jogar roleta-russa e... Até o momento, eu só vi tortura, assassinato e, meu caro, agora é você quem está apontando a arma para mim... O que você quer com tudo isso? Vai matar cada um de nós, um por um?*

*Sem deixar de encará-la, Zak baixou a guarda. O revólver pendeu em sua mão.*

*– Então, meu querido, se for para você matar cada de um de nós, é bom que comece por mim, porque... – ela se aproximou, a voz ganhando um tom ameaçador. – Porque eu vou te dar um puta dum trabalho se eu continuar viva...*

*Num acesso de raiva, meu amigo levantou a arma mais uma vez, os olhos semicerrados, a boca emitindo um som que transparecia ódio e medo.*

*– Eu...*

*Ela percebeu que o tinha confundido.*

*– E então, vai me responder ou vai me matar? – perguntou, com o olhar mais sereno que já vi em toda a minha vida. – A história do Otto é verdade?*

*Zak encarou-a e, depois, olhou para cada um de nós. Parou um instante em mim. Sua expressão pedia desculpas.*

*Então, ele começou a chorar, as lágrimas escorrendo dramaticamente pelo rosto.*

*– Não me obrigue... – começou, mirando o revólver na própria cabeça, o cano massageando a têmpora. – Não me obrigue a dizer o que você já sabe...*

*E atirou.*

*A Waléria fechou os olhos depressa, provavelmente imaginando a cabeça do meu amigo se despedaçar em milhares de pedaços. Eu também escondi o rosto, esperando a reação dos outros para saber o que tinha acontecido.*

*Mas ouvi o clique seco do revólver.*

*– Também não foi dessa vez... – comentou Zak, parecendo aliviado, os olhos ainda molhados. Estalou os lábios enquanto recuperava a voz. – Quem é o próximo?*

*Ficamos nos encarando em silêncio, esperando que alguém pegasse a arma das mãos dele e continuasse a rodada.*

*Restam sete tiros. Algum de nós será premiado.*

*– Acho que antes a gente deveria formar a roda... – reclamou a João, pegando a arma. – Senão vai ficar uma zona.*

*– É... – concordou Ritinha. – Sentem aqui, droga!*

*Lucas saiu do lado da irmã, atraído pela carreirinha de cocaína que Ritinha delineou no piso imundo. Ajoelhou-se desajeitadamente, aproximando o nariz do pó. Fechou uma das narinas com o polegar e inspirou com vigor.*

*– Quer? – murmurou ele, levantando a cabeça como um cachorro depois de ter acabado com sua ração. Percebeu que eu estava olhando e me ofereceu mais uma vez. – Quer?*

*Neguei com a cabeça, a caneta deslizando apressadamente pelo caderno para registrar cada momento.*

*– Você gosta dessas coisas, não é? – perguntou, sentando-se de pernas cruzadas ao lado da Ritinha. – Dessas coisas de mistério e de morte...*

*– Gosto – respondi.*

*– Prefiro Bukowski – comentou, apertando o próprio nariz, vermelho como o de um palhaço. – Mas já li Conan Doyle uma vez... "Elementar, meu caro Watson" e tudo o mais.*

*– E gostou? – perguntei, automaticamente. Logo depois me arrependi. Puxar conversa com ele estava na lista das coisas que eu não devia fazer. No topo da lista.*

*Waléria se sentou entre Ritinha e Noel. Prestava atenção à nossa conversa, como se já tivesse lido algo diferente de revistas de fofoca e livros de História.*

*– Gostei, gostei... – disse Lucas, enquanto acariciava sua tatuagem de tartaruga no antebraço. – E descobri uma coisa interessante, cara...*

*Decidi não continuar a conversa e me prometi não perguntar, mas Waléria fez isso por mim.*

*– Que coisa interessante?*

*– Além de tocar violino e prender assassinos, o tio Holmes curtia uma cocaína... – explicou ele. – Num dos livros... ele cheira antes de sair por aí brincando de polícia e ladrão. Você também deveria experimentar uma carreira, Alê. Como o Sherlock.*

*Então ele achava que eu ia cheirar só porque um personagem fictício londrino também*

*cheirava? Isso me lembrava um dos motivos para eu não gostar dele.*

*No silêncio que se formou, sentei-me entre Zak e Noel, completando a roda.*

*A João apoiou a arma na tábua do piso e olhou para cada um de nós.*

*– Segunda rodada! O Zak já foi... Seguindo a ordem... É a sua vez, Alê – explicou, empurrando a arma para mim. O revólver deslizou, arranhando o piso e fazendo um barulho irritante, e veio parar na direção do meu joelho.*

*Um turbilhão de pensamentos me invadiu quando senti o cano tocar minha perna. Repensei tudo o que tinha acontecido até aquele momento. Os sonhos, os medos e até as coisas menos importantes que vivi. Lembrei-me da minha mãe chorando enquanto contava a conversa com o médico, do brilho fútil e quase infantil nos olhos da Maria Clara e, por um segundo, senti voltar o arrepio que me acometeu anos atrás, quando tentei invadir este mesmo porão: eu revirando o arame na fechadura enquanto Zak, da escadinha, espiava o corredor; os nossos olhinhos astutos e tensos em meio à escuridão.*

*– Pega a arma logo, Alê, e atira – ordenou Ritinha.*

*Agora eu não tinha mais desculpas. É bem verdade que ainda estava com medo, em dúvida se era isso mesmo o que eu queria para mim. Se isso adiantaria de alguma coisa... Se eu seria lido.*

*Não havia escapatória.*

*– E não se esqueça de dizer a frase de efeito! – completou Waléria.*

*– Que frase de efeito? – perguntei, tentando ganhar tempo.*

*– Sei lá... Diz qual é seu objetivo com esse livro... Seu objetivo... – explicou.*

*Terminei de escrever mais um parágrafo e olhei para ela.*

*– Meu objetivo? – confirmei. – Destruir os exércitos verdes ou conquistar vinte e quatro territórios.*

*Waléria caiu na gargalhada enquanto Ritinha sussurrou um "Engraçadinho!", olhando-me com ar de condenação. Ela sabia que eu estava enrolando.*

*Meu objetivo... Meu único objetivo em estar aqui com este caderno é divertir, entreter. Olhando para o rosto inebriado de cada um, percebo que nenhum deles entenderia meus motivos. Nem Noel, nem Waléria, nem Ritinha, nem Lucas, nem a João, nem Danilo, nem Zak. Ninguém seria capaz de sentir o que sinto agora, acreditar no que acredito. Nem mesmo eu sei se estou certo. Não sei se vale a pena estar aqui, vivendo esta loucura, narrando cada instante, obcecado, vendo seres humanos definharem diante da morte, rendendo-se ao instinto. Tudo isso para quê? Para ser lido num país onde metade da população é analfabeta. Para realizar um sonho que desde cedo me disseram ser utópico, irreal, coisa de louco.*

*Pois eu sou louco.*

*Estou aqui, disposto a morrer por isso. Por minha loucura. Por minha louca paixão pela escrita, pelo entretenimento que a literatura pode proporcionar. Estou aqui por você, leitor.*

*Espero sinceramente que você tenha se divertido bastante até o momento. É pena saber que este será o único livro meu que você poderá ler. Não escreverei outros. Ainda assim, espero que tenha cumprido meu objetivo.*

*Agora vou pegar a arma e atirar na minha cabeça.*

*Se eu não voltar, você já sabe... Este é o último capítulo.*

# Capítulo 15

DIANA – “Se eu não voltar, você já sabe...” *(PAUSA)* “Este é o último capítulo.”

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

OLÍVIA – Ok. Esse foi o capítulo quatro e não... Eu não tenho nada a acrescentar. *(PAUSA)* Ainda falta muito, doutora? *(VOZ RÍSPIDA)*

DIANA – Ninguém quer dizer mais nada?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – Também não tenho muito a comentar sobre este capítulo. Na verdade, só dois pontos bem rápidos. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* “Vamos! Eu não tenho medo... Atira bem aqui... Na minha cara... Estou esperando!” *(PAUSA)* Essa atitude da Waléria é bastante surpreendente. *(PAUSA)* Até o momento, ela não tinha assumido nenhuma posição de coragem. Esse questionamento à evidente liderança do Zak é muito interessante. Principalmente no estado em que ela estava, como narra o Alessandro.

VÂNIA – Pois eu acho que foi justamente esse estado dela que fez com que tivesse a ousadia de desafiar o Zak. *(PAUSA)* Ninguém sóbrio faria o que ela fez! Ele estava drogado e armado!

DIANA – É verdade, talvez o álcool a tenha motivado. *(PAUSA)* Ainda assim, ela disse: “Qual é o sentido disso tudo, Zak? Nós estamos aqui para jogar roleta-russa e... Até o momento, eu só vi tortura, assassinato e, meu caro, agora é você quem está apontando a arma para mim... O que você quer com tudo isso? Vai matar cada um de nós, um por um?” *(PAUSA)* Ela parece falar isso com total sobriedade. Quero dizer, ao se utilizar desse cinismo, ao dizer que atrapalharia o Zak caso ele começasse a matar um por um... É como se...

REBECCA – O que você está querendo nos dizer, doutora?

DIANA – Nada exatamente. *(PAUSA)* Mas, ao falar isso, é como se ela tivesse percebido algo no ar. Como se tivesse percebido que algo estava acontecendo fora do planejado e que deveria impedir.

OLÍVIA – Mas é claro que algo estava acontecendo... O filhinho de papai estava brincando de tiro ao alvo com os outros... Ela só mostrou que ele não era a última bolacha do pacote, como estava pensando. Foi uma mulher firme!

REBECCA – Minha filha era muito forte. E esperta também. Percebia as coisas nas entrelinhas. *(PAUSA)* Ela notou que, do jeito que as coisas andavam, o Zak acabaria matando todo mundo.

SÔNIA – Mas e a moeda? O que significava aquela moeda para ela?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS*)

DIANA – A Rebecca já nos falou da moeda da filha. Nos interrogatórios individuais... Não é importante no momento... Mais tarde...

REBECCA – O avô dela usava aquela moeda. Ele trabalhava na Casa da Moeda. *(VOZ CHOROSA)* Ele deu de presente pra ela, pediu que guardasse... E ela levou a sério. Meu pai foi muito importante para todos nós, sabe?

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Ainda tratando da percepção da Waléria... *(PAUSA)* Bem, ela conseguiu arrancar uma confissão do Zak. *(PAUSA)* Quando ele disse: "Não me obrigue a dizer o que você já sabe...". *(PAUSA)* Foi como uma confissão.

OLÍVIA – Certo... E?

DIANA – E daí que ela também deu outra indireta sobre isso. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* "Quem sabe você também não participava... Algo como um *ménage à trois*..." *(PAUSA)* Foi o que ela disse ao Alessandro.

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

OLÍVIA – Não duvido nada que ela estivesse certa... *(PAUSA)* Ele ficou bem irritadinho com a acusação...

DÉBORA – Mas isso é um absurdo! Vocês estão insinuando que... *(PAUSA)* Quem não ficaria irritado se fosse injustamente chamado de homossexual?

DIANA – Veja bem, Débora. Nós não estamos afirmando nada. Ele mesmo escreveu isso.

DÉBORA – Mentira! Pura mentira! Meu filho nunca se meteu nessas coisas...

DIANA – O Alessandro era o melhor amigo do Zak... *(PAUSA)* É muito estranho que ele nunca tenha desconfiado de nada e...

DÉBORA – Eu não estou falando que meu filho era o rei das mulheres... Ao contrário... Mas ele não... Ele não saía com homens! *(PAUSA)* O Zak o enganou! Criou uma imagem máscula para esconder que era gay... Mas... O meu filho não tinha por que desconfiar... Ninguém desconfiava!

OLÍVIA – Deve ser difícil pra você... Mas são fatos... *(PAUSA)* É só somar dois mais dois e encontrar o inevitável quatro... *(PAUSA)* O seu filho não contou para ninguém quando descobriu que o Zak era gay. Mentiu por ele na hora da roleta-russa. É só somar.

DÉBORA – Vocês estão condenando meu filho porque ele foi um bom amigo! *(VOZ EXALTADA)* Eu o conhecia muito bem... Ele era meu filho... Ficou chocado quando descobriu que o Zak era... *(PAUSA)* Enfim, era gay... *(PAUSA)* Mas, antes de tudo, ele manteve a amizade... Não contou que sabia... Pra ninguém! Nem pro próprio Zak! Ao contrário do que muita gente faria! Vocês deveriam ter isso como um exemplo! *(PAUSA)* Dizer que meu filho era gay só por causa disso é extremamente preconceituoso! Não é porque respeitava os homossexuais que ele era um deles!

ROSA – Respeitava os homossexuais... *(PAUSA)* Débora, você acredita mesmo nas

baboseiras que você fala? O seu filho repudiava o meu... Deixou o Zak matá-lo friamente! E vem me dizer que ele respeitava os...

DÉBORA – O Alê não gostava do Otto por motivos bem diferentes... *(PAUSA)* O que o seu filho fez com o Alê e com o Zak não foi ético! Ir à casa dele no dia seguinte à morte do casal Vasconcellos e.... *(PAUSA)* O Alê nunca...

ROSA – E o que eles fizeram com meu filho?!? *(VOZ ALTERADA E CHOROSA)* Foi o quê? *(PAUSA)* Foi covarde! Foi desumano! Foi monstruoso! Foi... *(CHORO INTENSO)*

DIANA – Senhoras, por favor. Eu preciso que...

OLÍVIA – Não quer falar, não fala. Mas nós não somos otárias, Débora!

DÉBORA – Meu filho não era gay! *(PAUSA)* Se fosse, eu falaria... Ao contrário de umas e outras, eu não tinha vergonha do meu filho!

ROSA – Sua vagabun...

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(GRITOS E PALAVRÕES)*

DIANA – Segurem ela. Por favor, segurem!

DÉBORA – Eu não tenho medo de você, Rosa! *(VOZ EXALTADA)* Não estamos aqui para falar verdades? Pois eu falei a verdade!

DIANA – Senta, Rosa... Senta!

DÉBORA – Meu filho morreu pra escrever esse livro... Não vai ser a sua babaquice que vai me impedir de completar o sonho dele!

OLÍVIA – Calma, querida... Fique calma...

ROSA – Me soltem... Eu... Eu não vou perder a cabeça com essa desqualificada... Preciso... *(PAUSA)* Preciso tomar um pouco de ar...

OLÍVIA – Todas nós precisamos de um pouco de ar... *(PAUSA)* Doutora, por que não lê o final dessa merda de caderno e termina logo com isso? Aí não está escrito tudo de que precisam saber?

DIANA – Como eu disse, Olívia, os eventos são narrados até o instante da morte do Alessandro. *(PAUSA)* Ele não foi o último a morrer. *(PAUSA)* De modo que, da morte dele até o momento em que os corpos foram encontrados, coisas aconteceram. Coisas que fizeram tudo terminar daquele jeito que vocês estão cansadas de saber... Eu não preciso ficar repetindo.

DÉBORA – Nem lembrando...

SÔNIA – De que coisas você está falando?

DIANA – Não sabemos ao certo. *(PAUSA)* Temos teorias, é claro. São essas teorias que vamos apresentar a vocês mais tarde.

OLÍVIA – Teorias... Eu preferiria ficar sem saber de nada... Sem mexer mais nessa história toda. *(PAUSA)* Será que tudo isso vai me acompanhar pelo resto da vida?

ROSA – Eu... Eu preciso tomar um ar... *(SOLUÇOS)*

DIANA – Ok... Acho que todas precisamos de um tempo.

ROSA – Ótimo!
*(PASSOS APRESSADOS)*
*(RANGER DE PORTA)*
*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*
DIANA – Voltamos em vinte minutos.

# Capítulo 16

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-0109-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*01 de setembro de 2008 – Segunda-feira*

De acordo com os jornais, o acidente ocorreu ao meio-dia e dezessete na BR-040, próximo à Concessionária Chevrolet de Duque de Caxias. Poucos veículos estavam na via, mas, segundo as testemunhas, a Pajero do casal Vasconcellos foi bruscamente fechada por um automóvel não identificado, que fugiu. Enquanto um rapaz que passava de carro na hora do acidente afirmou que o responsável foi um caminhão de lona alaranjada e sem placa, uma senhora afirmou ter sido uma Kombi, também laranja, sem recordar um dígito sequer da placa. Kombi ou caminhão, ninguém achou um culpado. A questão também é que, segundo as mesmas testemunhas, Getúlio teve tempo suficiente para frear quando seu carro foi fechado, mas desviou e atingiu a mureta, capotando no barranco.

Ele não usava cinto de segurança. Seu corpo voou longe antes que o carro atingisse o chão de terra batida. Segundo a primeira testemunha que se aproximou do local do acidente, Getúlio já estava morto, caído a alguns metros do carro capotado, a testa coberta de sangue e estilhaços do para-brisa.

Só perceberam que havia mais pessoas no carro quando Maria Clara começou a gritar, pedindo socorro e dizendo que não conseguia mover os braços. Segundo o mesmo homem, ele e mais três outros tentaram retirá-la do carro ainda com vida, mas o seu corpo estava preso às ferragens da cintura para baixo. Antes da chegada do Corpo de Bombeiros, o veículo se incendiou. Rapidamente, a chama se alastrou pelos bancos, transformando o automóvel numa verdadeira fogueira.

– Eu ouvi ela gritando enquanto o fogo cobria o carro... Foi horrível... E eu não podia fazer nada... – explicou uma das testemunhas ao canal de televisão local.

Outros detalhes sórdidos preencheram as manchetes dos jornais de ontem e de hoje,

incluindo uma foto com o carro capotado e o corpo do Getúlio coberto por um saco plástico preto. Angustiante de ver.

É bem verdade que evitei ao máximo saber o que tinha acontecido, mas fica meio impossível quando se está tão emocionalmente envolvido.

Sem dúvida, toda essa desgraça quase folhetinesca explica o circo que se armou hoje durante o enterro. Flashes, microfones, holofotes... A imprensa tem o incrível dom de transformar um sepultamento em uma festa. Um casal da high society carioca sofre um acidente, e isso dá pano para manga por cinco ou seis dias.

Há algo de interessante na relação entre catástrofe e notícia. Quero dizer, quando um avião cai e morrem duzentas pessoas, misteriosamente, milhares de quedas de avião ao redor do mundo são noticiadas na semana seguinte. O mesmo acontece com crianças violentadas, balas perdidas e tufões que derrubam as casas dos norte-americanos. Depois, tudo se amorna. O assunto passa a ser outro, a queda de um avião em um lugar distante nem é mais tão chocante assim. Tudo é normal. Rotineiro.

No caso dos Vasconcellos... Até que a situação se amornasse... Eu já podia prever... Especialistas indo a programas de auditório falar de bebida no trânsito, jovens entrevados que perderam as pernas num acidente, políticos aparecendo em campanhas contra a morte nas estradas e, é claro, fotos e mais fotos do desfile de moda em pleno Cemitério São João Batista. Porque foi isso o que vi hoje: madames usando óculos escuros Armani para esconder o choro tímido, *tailleurs* encomendados, bolsas gigantes da Gucci, sapatos Prada. A última moda para enterros estava ali.

– Em nome do Pai, do Filho e do Espírito San... – começou o padre, a voz se perdendo na multidão de pessoas curiosas a observar os caixões como se fossem duas naves extraterrestres. – Irmãos, estamos aqui hoje, neste momento de tristeza, para nos despedirmos...

Por mais que eu tentasse prestar atenção no sermão, algo mais forte me puxava para fora das palavras do padre. Meus olhos se fixavam em sua boca – um bigode irritantemente grande que se movia para cima e para baixo enquanto ele falava –, e minha mente começava a viajar por um mundo de pensamentos bastante distantes daquele cemitério.

Tudo havia acontecido muito depressa. Não tivemos tempo para pensar, raciocinar, agir logicamente. Minha mãe teve um puta trabalho para preparar todos os detalhes do enterro, já que Zak não estava em condições de fazer nada, nem sequer de chorar.

Pelo que entendi, Maria Clara havia deixado tudo arranjado. Há quatro anos, tinha comprado o caixão em que gostaria de ser enterrada. Isso também era a cara dela, pensei, com um sorriso.

Não sou daquelas pessoas que beatificam os mortos: fulaninho pode ter feito um bando de merda aqui na Terra, mas é só morrer e vira santo, todos choram a perda do homem bom que ele era e tudo o mais. Odeio isso.

Maria Clara e Getúlio não eram santos.

Ela era consumista, superficial, fútil, alheia à triste realidade brasileira. Ele era um metido, um cínico, um cara que tinha feito outras pessoas de degrau para chegar ao topo. Mas... ainda assim... eu gostava deles... Conseguia ver a futilidade nos olhos da Maria Clara, mas era uma futilidade inocente, quase infantil, como uma mulher que se esqueceu de crescer e, em vez de colecionar bonecas, colecionava bolsas, sapatos e óculos importados. Getúlio era ambicioso, antiético, é verdade, mas havia algo de heroico, de corajoso em todos os seus atos. Ele tinha uma meta, um objetivo de vida, algo de paterno... Ele era como um pai. Nos seus esporros, nos seus comentários, nas suas atitudes... Ele substituía meu pai.

– Rezemos juntos. Pai nosso, que estais no céu...

Zak passou o braço pelas minhas costas, cansado. Até o momento, ele não tinha chorado uma lágrima sequer. Mantinha o rosto sério, os olhos fixos nos caixões dentro da cova. Os flashes das câmeras fotográficas registravam sua tristeza, guardando-a para a eternidade. Seu mundo havia desmoronado em poucos dias, e tudo o que queriam fazer era evidenciar sua desgraça, torná-la pública, vendável.

– Eu quero ir embora – murmurou ele, levantando o rosto e olhando para mim. Só então percebi que ele chorava. Sem lágrimas escorrendo pelo rosto, mas contidas nas bolsas dos olhos, envergonhadas em se expor naquela multidão. Tentava se mostrar forte, equiparar seus sentimentos ao físico sadio e vigoroso. Onde já se viu um cara alto e musculoso chorando copiosamente na frente dos repórteres? Não, não, não! Até mesmo ali ele tinha que se render às regras e normas sociais. Homens não choram. Pouco importa a merda em que esteja sua vida.

– Eu quero ir embora – repetiu, quase implorando.

Desde que ele tinha desmaiado, era a primeira vez que nos falávamos. E, puta merda, eu não sabia o que dizer... Não podíamos sair assim... Do nada, sem dar explicações... Conveniências... As malditas conveniências.

É muito estranha essa coisa do antes e do depois... Antes, Zak estava lá, vivendo sua vidinha, distribuindo felicidade. E agora, eu o via destroçado, o rosto empalidecido, os ombros encurvados e a consciência de que tudo seria pior dali para a frente.

Foi minha mãe quem lhe contou do acidente quando ele acordou, passado o efeito dos sedativos. Por sorte, eu não estava presente. Eu não conseguiria. Não seria capaz de vê-lo definhar diante dos meus olhos sem poder fazer nada.

– Mais um pouco... – pedi, procurando minha mãe no meio da multidão. – Espera mais um pouco... Por favor.

Zak baixou a cabeça, sem reclamar.

Mais cedo, quando nos encontramos no cemitério, a primeira coisa que fiz foi lhe dar um abraço. Um abraço apertado que expressava tudo o que as palavras não eram capazes de dizer. Sou escritor, futuro advogado, mas Deus sabe que não há palavras para um momento como

esse. Um “meus pêsames” soa fútil, debochado. Qualquer justificativa para a morte parece infundada, superficial, quase infantil. Melhor ficar calado. Dar apoio às emoções, compartilhar a dor em silêncio.

Enquanto passeava o olhar entre as pessoas, encontrei Lucas e Maria João. Ela estava agarrada ao braço do irmão, o corpinho espremido na confusão de gente. Percebeu que eu a estava olhando e baixou a cabeça. Lucas observava fixamente os caixões, as mãos escondidas em luvas negras acariciando os cabelos curtos da irmã.

Tentei imaginar por que diabos Lucas vestia luvas negras de motoqueiro com aquele sol escaldante castigando nossas cabeças. Talvez ele fosse para uma festa punk logo depois dali. Pois é assim que acontece: saímos de um enterro e nos perguntamos onde vamos jantar e a que horas estaremos em casa para assistir ao próximo capítulo da novela. Passamos do luto à banalidade num piscar de olhos.

– Eu... Eu não aguento mais... – rendeu-se Zak, deitando a cabeça no meu ombro.

Instintivamente, recuei. Ainda estava impressionado com a conversa que tivera com Otto no dia anterior. E se fosse verdade? O que teria significado nossa amizade? Um disfarce para as aventuras sexuais dele? Não dava para dizer que eu realmente o conhecia.

Ainda não tive estômago para confrontá-lo com a verdade. A vida já estava sendo ruim demais com ele. Não queria ajudá-la a terminar de esmagá-lo, destruí-lo. Mas... um dia... teria que fazer isso... As dúvidas, cada vez mais, se acumulavam goela abaixo, me sufocavam com um vigor entorpecente. Um dia eu teria que saber, não?

Algo ainda mais estranho: e se, depois da morte da Maria Clara e do Getúlio, ele resolvesse assumir sua homossexualidade? Quero dizer, e se aquela coisa de ele e o Otto se amarem fosse mesmo verdade? Continuaríamos amigos?

Num movimento ágil, Zak largou meu braço e se afastou, ganhando espaço entre o grupo de socialites amigas da Maria Clara e causando um burburinho geral. Num ímpeto, fui atrás dele, segurando-o de novo pelo braço.

– Me solta, Alê! – gritou, enquanto, com o telefone celular, pessoas filmavam nossa conversa. – Eu não aguento mais! Eu não aguento mais!

Levou as mãos ao rosto, as lágrimas contidas escorrendo pelas bochechas.

Abracei-o com força, meus olhos fechados resistindo a chorar junto com ele.

Puta merda, sou o amigo dele! Não importa o que ele seja, o que ele pense, o que ele esconda de mim... Ele é meu amigo. Eu... Eu não podia abandoná-lo naquele momento... Não conseguia... Meu instinto não deixava... Tinha de ficar do lado dele, defendê-lo daqueles predadores munidos de celulares e câmeras fotográficas nos bombardeando de cliques.

– Estou do seu lado, cara... – disse eu, percebendo que não adiantaria mais prender o choro. – Estou aqui... contigo...

Sua cabeça tremia no meu ombro, os braços fortes enlaçados no meu pescoço.

Pensei, repensei... E então, respirando fundo, levei minha mão aos seus cabelos e acariciei-

os, pedindo que ficasse calmo, que não tivesse medo. Meus dedos deslizaram por sua cabeça, num afago desesperado. Eu também estava com medo. Medo dos dias que viriam. Medo do que poderia acontecer...

O padre terminou o sermão e liberou os dois rapazes para que fechassem o túmulo, cobrindo-o com uma pesada placa de ardósia. As câmeras se voltaram para o jazigo. Zak me apertou contra seu peito largo. Soltou um choro seco, um esgar contido, vendo os pais enterrados naquela cova e seu futuro, inevitavelmente, sendo selado junto com eles.

– Respira, cara – murmurei em seu ouvido. – Respira fundo...

Ele levantou a cabeça dos meus ombros e ficou diante de mim. Estendeu as mãos na direção do meu rosto, pressionando minhas bochechas. Seus lábios tremiam, os olhos também, avermelhados, a íris azul brilhando por causa das lágrimas.

– Obrigado, Alê... – disse. – Eu não sei o que... Você é um grande amigo, cara.

Sorri, sentindo que meus olhos também se umedeciam.

– Você também, Zak – respondi. – Você também é um grande amigo.

O mundo parecia estagnado naquele momento, atento ao nosso diálogo. As pessoas, a luz, os jazigos monumentais estendendo-se por um caminho gélido, tudo se transformou num grande quadro de pigmentos coloridos e difusos. Senti uma pontada na cabeça, o início de uma maldita dor que cisma em aparecer de vez em quando no lado esquerdo, e fiquei zonzo. Apoiei-me discretamente no braço do Zak, tentando recuperar o prumo. Ele ainda me olhava nos olhos.

– Vamos, Zak. Vamos, querido... – disse minha mãe, chegando perto de nós. Segurou na cintura dele e passou o braço por suas costas para dar apoio. Zak reclinou a cabeça sobre o ombro dela e fechou os olhos, deixando-se guiar entre o corredor de pessoas curiosas. Fiquei parado, vendo os dois se distanciarem a passos curtos enquanto o caminho se fechava e me fazia perdê-los de vista.

– Muito bonito, meu rapaz – disse uma voz atrás de mim, entre uma fungada e outra. – Muito bonito mesmo.

Antes que tivesse tempo de me virar para ver quem era, a pessoa esticou o braço até meu ombro e apertou-o num patético gesto de afago.

– Vem cá, me dê um abraço! – continuou ela, como se fôssemos amigos de infância. Possuía um sotaque carregado do interior nordestino, e foi só eu me virar para confirmar que, definitivamente, nunca tinha visto aquela mulher na vida.

Sem cerimônias, ela jogou o corpinho gordo sobre o meu num abraço apertado de quem não se vê há décadas. Com as mãozinhas, fez carinho na minha cabeça enquanto dava fungadas de um choro emocionado.

– Você... Você é um anjo! – disse com um sorriso, enquanto enxugava os olhos.

Fiquei sem reação, olhando aquela criatura desconhecida fazer uma declaração de amor para mim em pleno Cemitério São João Batista.

– Eu sei, eu sei – continuou, as palavras saindo de sua boca num ritmo quase cantado. – Você deve achar que sou louca...

Achar? Eu tinha certeza de que ela não era nada normal.

– Vejo que está assustado... – prosseguiu, com um sorriso no rosto. – Mas é claro, claro... Eu nem me apresentei... Maria... de Lourdes. Maria de Lourdes.

Continuei imóvel, olhando a criaturinha de rosto redondo gesticular, uma bolsinha gasta presa ao braço gordo.

– Mas me chamam de Lourdes mesmo... E você, como se chama?

– Alessandro. Alessandro – repeti, nem sei por quê.

– Ah, sim... Eu... – começou ela, voltando a chorar. – Eu fiquei tão emocionada em vê-lo ao lado do menino... Do menino Zak... Ele... – uma lágrima escorreu tragicamente pelo seu rosto. – Ele deve estar sofrendo tanto... Precisando de todos... Dos amigos, da namorada, da família...

Anuí de leve com a cabeça. Esses malucos... Melhor não contrariar.

– Ah... A família... É pena que moremos tão longe... – murmurou ela, quase para si, mas alto o suficiente para que eu escutasse. Levou um lencinho branco ao nariz e o assoou. – A Maria Clara era uma irmã maravilhosa, apesar da distância entre nós...

Agora eu começava a entender aonde ela pretendia chegar, como uma figura amorfa ganhando contornos diante dos meus olhos. "A Maria Clara era uma irmã maravilhosa, apesar da distância entre nós..." Eu podia apostar que a Marie Claire tentava ao máximo aumentar essa distância quando era viva, esquecer o passado humilde, os parentes de sotaque carregado.

– Vocês eram irmãs, então? – perguntei, simulando interesse.

– Oh, sim... Que cabeça a minha... – gritou, agitando os bracinhos no ar. – Você não tinha como saber... Claro que não tinha... Somos quatro irmãs... Todas Marias. Promessa da minha mãe, sabe? Maria de Lourdes, Maria de Fátima, Maria Antônia e Maria Clara, a caçula... Sempre foi a mais espertinha, sabe? Ela... Ela sempre disse que seria rica, famosa, bonita... – deixou outra lágrima escorrer pelas bochechas gordas. – E ela conseguiu, não é? Ela conseguiu!

Olhou-me com um misto de riso e choro no rosto. Fiquei parado, esperando que ela continuasse.

– Estamos unidos num mesmo objetivo, rapaz... – explicou, segurando as minhas mãos com força. – Ajudar o menino... O menino Zak... Nesse momento tão, tão difícil... Estou muito preocupada com ele...

Tentei dar um sorriso, mas toda aquela conversinha fajuta começava a me enojar.

– Vim com as minhas malas... Vou passar um tempo aqui no Rio. Na casa deles... Para o que o menino precisar... O que acha? Acha bom?

Não respondi, mas ela deve ter entendido como um sim, porque emendou:

– Ótimo, ótimo... Preciso que me ajude a convencê-lo de que é o melhor para ele também... Você sabe, ele deve estar tão confuso... É natural que fique um pouco reticente no início... No entanto, a família é muito importante nesses momentos... Mesmo distante, eu sempre ligava para a minha irmã. Tínhamos um laço muito forte.

– Eu não acho que...

– Quem vai fazer comida pra ele? Arrumar suas coisas? Não há dinheiro que compre isso... Carinho... Amor... – me interrompeu. – Ele precisa de uma família em quem possa confiar... A questão da herança e tudo o mais...

Ficamos em silêncio por alguns segundos.

Ela já havia chegado à palavra mágica: herança. Bufunfa. Grana.

Pude perceber seus olhinhos brilharem diante da possibilidade de ter tirado a sorte grande com um sobrinho carente e milionário. Observando com mais cuidado, comecei a perceber semelhanças entre ela e Maria Clara: o rosto redondo, as bochechas salientes, os olhos expressivos e reveladores. Quase como uma Maria Clara sem cremes, escovas, luzes, maquiagem e roupas de grife.

– Espero ter seu apoio nesta luta, meu rapaz.

Sem o que dizer, concordei com a cabeça.

– Ótimo! – animou-se ela, batendo palminhas. – A união é muito importante, sabe? O menino é muito jovem ainda. Precisa de alguém mais experiente para administrar as coisas pra ele. As coisas da vida...

Deu uma fungada.

– Obviamente vou precisar de uma ajuda financeira... Para ajudar, só tenho a boa vontade. Mas creio que isso não será problema.

Do jeito que falava, parecia uma pastora catequizando o rebanho. Tudo o que eu queria era desaparecer dali. Então, veio a salvação:

– Alessandro? – Sônia chamou, aproximando-se. – Desculpa interromper a conversa de vocês.

Lourdes sorriu para nós, deu-me outro abraço apertado e saiu.

– Atrapalhei algo? – perguntou a juíza, um tanto envergonhada. Trazia Dan pelo braço, como um menininho de castigo.

– Nada. Não atrapalhou – respondi, tentado a agradecê-la por ter me livrado daquele serzinho interesseiro.

– Você acredita que o Danilo está com vergonha de dar um abraço no Zak? – comentou ela, apontando o filho. Ele vestia um shortinho verde-claro e uma camiseta branca surrada no corpo troncudo. Deu um sorriso medroso para mim, a cabeça baixa.

– Deixa de timidez, Dan. Antes me dê cá um abraço – disse eu, chegando perto dele. – E agora vamos lá dar um abraço no Zak.

Tomei-o pela mão e fui me intrometendo entre as pessoas, que agora se dissipavam.

Chegamos no fim do corredor de jazigos e viramos à direita, em um caminho mais estreito. Passamos por um paredão de velas e viramos, mais uma vez, à direita em direção à saída.

Descendo as escadarias, encontramos Zak no estacionamento, sentado no banco traseiro do carro da minha mãe, a cabeça apoiada no encosto.

– Ei, Zak, olha quem veio te dar um abraço – eu disse pela janela aberta.

Zak levantou os olhos para Dan, sem muita expressão. Tentou um sorriso.

Abri a porta e Dan se aproximou, enfiando o corpinho no carro.

– Devo te abraçar, Zak? – perguntou, antes de tomar qualquer atitude.

Meu amigo sorriu, os olhos ainda molhados.

– Deve, sim. Deve... – respondeu, abrindo os braços.

Ainda tímido, Dan enlaçou o tronco do Zak, apertando-o contra o peito frágil. Permaneceu ali uns dois minutos, a cabeça pousada no ombro do meu amigo, sem dizer nada.

O estacionamento agora estava quase vazio. O silêncio era interrompido vez ou outra pelos automóveis que passavam em frente ao cemitério. Sônia se aproximou e levou Dan embora antes que eu tivesse tempo de me despedir. Sentei-me no banco do carona, com minha mãe ao volante.

– Vocês estão com fome? – perguntou ela, tentando achar um assunto.

Girou a chave na ignição, e o motor roncou.

Vi, ao longe, um homem acenar para nós. Desceu as escadarias com pressa e veio correndo em nossa direção.

– Espera aí. Espera – disse eu, cutucando o braço da minha mãe antes que ela arrancasse com o carro.

Com a aproximação, vi a camisa de botão listrada enfiada no jeans surrado, a pele branca como a de um albino e os olhos verdes, frios e inexpressivos.

Minha mãe desceu o vidro.

– Desculpe, eu... – começou ele. – Sou o delegado Jonas, responsável pelo registro do acidente.

– Delegado? – perguntei, expressando todo o meu mal-estar.

Zak levantou a cabeça, como se só então percebesse que o carro ainda não havia partido. Olhou para o homem com uma expressão interrogativa.

– Ei, garoto... – disse Jonas, enfiando a cabeça pela janela. – Eu sinto muito mesmo.

Zak abaixou o rosto, deitando-se no banco traseiro, sem dar importância ao que ele dizia. Dobrou as pernas para que coubessem no banco, apoiando os pés no vidro lateral.

– Tentei falar com você durante o enterro, mas...

– O que você quer? – cortei, arrependido de ter impedido minha mãe de arrancar com o carro. Ela me encarou com aquele olhar de “onde-já-se-viu-falar-assim-com-o-delegado?”.

– Preciso conversar com você, garoto – disse para Zak, sem se importar que meu amigo não estivesse olhando para ele. – Pode ser amanhã... Posso ir ao seu apartamento.

O delegado enfiou um cartão pela janela até as mãos do Zak. Depois, tamborilou os dedos na lataria, aguardando uma resposta.

– Ele vai ficar no nosso apartamento por enquanto – explicou minha mãe.

– Não tem problema – respondeu. – Tenho o endereço de lá também. Amanhã.

– Posso estar junto? – perguntei, não querendo deixar Zak sozinho.

– Também não vejo problema – concordou ele. – É só uma conversa informal.

– Tem um bar na esquina da rua onde moramos – propus. – Estaremos lá às onze. Pode ser?

Não queria um elemento como ele na minha casa só porque ele tinha um distintivo. Um lugar aberto era bem melhor para essas “conversas informais”.

– Onze horas está ótimo – respondeu, tirando a cabeça da janela e dando batidinhas na porta em sinal de despedida. – Não vai ser nada muito demorado. Não se preocupe. Encontro vocês às onze, então.

Ele se afastou sem muita cerimônia. Minha mãe partiu com o carro e ficou tentando puxar assunto para nos descontrair. Zak pareceu adormecer no banco traseiro, e eu fiquei olhando as pessoas passarem na rua, buscando alguma coisa que me distraísse, mas não encontrei nada. Uma pergunta martelava incessantemente minha cabeça, e confesso que até agora não encontrei uma resposta plausível. Que diabos o delegado pode estar querendo com Zak?

# Capítulo 17

*Capítulo 5*

*Voltei.*

*Voltei!*

*Voltei!!!*

*É maravilhoso esse arrepio, essa sensação de escapar por um triz. Algo como renascer, ganhar uma nova chance...*

*Não que eu queira ficar vivo. Disso estou certo. Se não estivesse, não teria puxado o gatilho.*

*Meu objetivo é muito mais nobre do que qualquer vida nova. Estou aqui por algo mais profundo e corajoso.*

*É engraçada essa coisa do método. Nos outros dois livros que escrevi, eu programei tudo: o número de capítulos, de páginas, a quantidade de personagens e as frases de efeito que usaria. Tudo arrumadinho feito uma receita de bolo... Quem diria que eu acabaria assim? Escrevendo um livro sobre a realidade nua e crua, com personagens reais, sem saber como vai terminar ou quando vai terminar... Isso deixa a coisa toda mais interessante e surpreendente.*

*Espero que você esteja sentindo o mesmo que eu. Um sopro frio percorrer as entranhas, os pés gelados, os pelos eriçados sem um motivo racional.*

*A sensação de levar uma arma à cabeça é mágica. O cano metálico passeando pelos fios de cabelo e massageando a têmpora, o peso do revólver, a mão suada envolvendo a empunhadura, o coração bombeando sangue com um pulsar agitado, o cérebro despejando impulsos elétricos no corpo...*

*É como um êxtase, um orgasmo.*

*Você deveria experimentar.*

*Na verdade, todos deveriam experimentar.*

*Não necessariamente com a arma carregada. Aos covardes, talvez, valha a pena mesmo assim. Só a experiência de sentir que você pode acabar com tudo ali, naquele momento, num piscar de olhos, já é algo maravilhoso. Sentir o indicador brincar no gatilho, sabendo que basta puxá-lo para mudar toda uma história. É divino, sobrenatural.*

*– Passa a arma, Alê! – brigou Ritinha.*

*Levantei os olhos do caderno. A arma continuava no colo, pesando sobre minhas coxas,*

*meu corpo ainda inebriado pela sensação de sobrevida. Estudei o rosto de cada um deles, seus olhos caídos, a expressão de cansaço.*

*Cada um, dentro de si, tem um motivo para estar aqui. Eu não posso querer que eles me entendam... Deus, eu também não os entendo. Quero dizer, olhando para Ritinha, o que vejo? Vejo uma ruiva gostosa, cabelos entrelaçados, peitões doidos para saltar da blusa, um jeans justinho e pulseirões que lhe conferem aquele ar meio hippie. Não vejo uma suicida. Não vejo motivos lógicos. Não encontro um pingo de melancolia no olhar, uma pontada de tristeza no sorriso. Mas, mesmo assim, ela veio para esta casa... Jogar roleta-russa... Prestes a meter uma bala na cabeça e acabar com tudo... Com os peitões tentadores... Um pecado.*

*E Waléria? O que ela está fazendo aqui? É bem verdade que ela é feia. Mas ainda assim... Ela podia fazer uma dieta em vez de acabar com a própria vida... Principalmente agora! Tem tanto para viver, para aprender... Mas não. Ela está aqui. Torrando minha paciência, desafiando Zak a atirar nela, disposta a morrer pelos seus motivos, sejam eles quais forem.*

*Também não me interessa sabê-los. Ninguém perguntou os meus... E eu ficaria puto por ter que explicá-los a quem quer que fosse. Estou aqui porque estou. Por algo interno que me motiva. Foda-se o resto. Não precisa fazer sentido.*

*– A arma! – repetiu a ruiva.*

*Novamente, passei os olhos por eles: Noel, Waléria, Ritinha, Lucas, João e Dan. Seis pessoas. E seis câmaras restantes no revólver. Uma delas com uma bala. É tão estranho pensar que, até o fim da rodada, alguém vai estar morto. Pior, até o fim da noite estarão todos mortos.*

*Inclusive eu.*

*Noel esticou o braço e pegou a arma. Endireitou o corpo e fechou os olhos enquanto levava o revólver à cabeça. Sua mão tremia. Fechou a boca, cerrando os dentes.*

*– A frase – lembrou Waléria. Essa história de frase já começava a me irritar.*

*Repentinamente, ele arregalou os olhos, sufocado. Lágrimas desceram pelo rosto sardento. Ele não conseguia.*

*Deus, eu não gosto dele. Mas fiquei com pena. Sei como é difícil estar ali, prestes a puxar o gatilho.*

*Um sexto de chance.*

*– Eu não tenho frase... – disse ele, chorando, a arma ainda apontada para a própria cabeça. – Só quero dizer uma coisa...*

*Ficamos em silêncio, esperando que se preparasse. Ele virou o rosto para Ritinha, que observava a cena acompanhada por uma garrafa de cerveja quase vazia.*

*– Eu te amo, Ritinha – sussurrou, e depois mais forte. – Eu te amo. Muito, muito... Estou fazendo isso por você.*

*Ela desviou o olhar e bebeu um gole da cerveja. Deu um sorriso sem graça para o chão,*

*brincando com os cadarços dos tênis.*

*– Eu te amo... Saiba disso... Espero que a gente possa ser feliz nesse outro lugar para onde vamos depois da morte... Céu, inferno, não sei... Só quero estar com você...*

*Ela meneou a cabeça sem levantar os olhos. Deu de ombros, como se o assunto não fosse do seu interesse.*

*Noel franziu o cenho, magoado pelo desprezo. Fechou os olhos mais uma vez. Respirou fundo e puxou o gatilho.*

*A arma fez um clique, e o tambor girou, passando para a câmara seguinte.*

*Ele abriu os olhos, aliviado, arfante. Largou a arma no chão e levou as mãos ao rosto. Abriu a boca, agitado, prestes a gritar, mas não emitiu nenhum som, apenas sacudiu o corpo. Liberava a adrenalina pelos poros.*

*Estava vivo.*

*Vivo.*

*– Toma – sussurrou, passando apressadamente a arma como se esta estivesse queimando suas mãos.*

*Waléria segurou o revólver, pouco confiante, os ombros murchos feito um maracujá.*

*É interessante como o porte corporal muda ao receber o revólver. Mais do que um objeto metálico, ele carrega um peso moral, a hesitação diante do futuro, o medo estampado nos olhos trêmulos.*

*– Uma frase... – começou Waléria, sem sequer levantar a arma. Franziu o cenho e baixou a cabeça. Parecia pensar no que dizer, sem encontrar ideia. Mas eu sabia o que ela estava fazendo. Ela sentia o temor lhe invadir o corpo nos possíveis instantes finais, um líquido quente e ácido subir à garganta, prestes a ser expelido no piso de madeira.*

*Revirou os olhos, dando de ombros. Levantou o revólver na altura dos seios, jogando a cabeleira para trás. Observou o teto, mas seus olhos transpassavam a estrutura de madeira, como se fixassem a noite lá fora, o céu estrelado com cigarras musicando o cenário rural.*

*– Atira logo! – gritou Ritinha, ansiosa por chegar sua vez.*

*Desencorajada, Waléria abaixou a arma e me estudou com os olhos carregados de frieza. Sem dúvida, um filme de segundos se apresentava diante dela, uma conjugação dos momentos que vivera até ali. Sorriu. Ela sabia que eu a odiava, que a desprezava como mulher, amiga, ser humano...*

*Não... Não torci para que fosse a vez dela... Mas, observando as outras quatro pessoas restantes... Deus, Waléria era a que me menos faria falta.*

*– Lá vou eu – começou, dando uma gargalhada desesperada, compartilhando comigo um ódio recíproco, um sorriso falso estampado no rosto redondo.*

*Respirou fundo, apertando os lábios.*

*– Saio da vida para entrar para a história – murmurou ela, levantando a arma e posicionando-a na altura do ouvido direito.*

*Sem esperar, atirou.*

*Meu coração batia forte, sofrendo a cada gatilho puxado.*

*Senti o corpo pesar diante do clique seco da arma, quase um tilintar inexpressivo ecoando pelo porãozinho e martelando nossas cabeças. Clique... Clique... Clique...*

*A Waléria manteve o revólver apontado para a cabeça, a mão esquerda, trêmula, apoiada nas coxas gordas.*

*Abriu os olhos, sorrindo para ninguém em especial.*

*– Estou viva – murmurou.*

*– É o que parece... – disse Zak, sem qualquer malícia na voz.*

*Waléria fechou a cara.*

*– Não foi uma pergunta, Zak – respondeu, com rispidez. – Você deveria ficar mais quieto... Encher o rabo de bebida, maconha e o cacete para não ficar falando bosta...*

*A frase pairou no ar esfumaçado.*

*– Quanta educação! – murmurei para Noel, que estava ao meu lado.*

*Ele concordou, sem qualquer observação.*

*– E você também fica quieto, seu nerdzinho! – gritou ela para mim. – Continua escrevendo isso aí, vai...*

*Com quem ela pensava estar falando? Vaca. Joguei a luz da lanterna no rosto dela. Ela fechou os olhos, escondendo-se por trás do braço pelancudo. Instintivamente, apontou a arma para mim.*

*Afastei-me da roda, assustado. Era o que me faltava: essa maldita atirar e estragar tudo!*

*– Abaixa o revólver, Waléria! – repreendeu Zak, esticando as mãos apaziguadoramente, chegando um pouco mais perto dela.*

*Ela sorriu, olhando de modo bestial para a arma em suas mãos, como se só agora tivesse notado que a apontava para mim.*

*– Abaixa! – pedi, tentando inutilmente me esconder atrás de uma pilastra.*

*Waléria pareceu não se importar com o fato de todos terem se afastado. Virou o rosto para Zak, sem ceder.*

*– Viu como é? – perguntou. – Não é legal ficar apontando para os outros, Zak... Entendeu? Não é nem um pouco legal...*

*Meu amigo sacudiu a cabeça, concordando silenciosamente, um pouco incomodado.*

*– Não sou como você, cara... – continuou. – Vou sair daqui sem matar ninguém...*

*Ela se ajeitou, abaixando um pouco o revólver.*

*– Quero garantir meu lugar no céu... – terminou, brincando com a arma entre os dedos enquanto assoviava uma música dos Rolling Stones.*

*Parou de cantarolar e voltou para a roda. Jogou o revólver no colo da Ritinha.*

*– Pega aí – disse.*

*O estrondoso barulho da arma batendo no piso ecoou pelo porão. No susto, todos*

*recuaram.*

*– Porra, sua desgraçada! – gritou Noel. – Essa merda poderia ter disparado! Isso não se faz!*

*Fiquei admirado com a reação do asqueroso. Dan se encolheu, envolvendo as pernas dobradas entre os braços. Waléria deu uma risada, mas seus olhos estavam perdidos, surpresos pela bronca do Noel.*

*– Decidiu falar, mudinho? – ela perguntou. Levantou-se com uma surpreendente agilidade, o corpo largo intimidador diante da aparência frágil do Noel.*

*Ele não estava com medo.*

*– Vá se foder! – bradou. – Você acha que só por causa da sua situação pode falar assim comigo? A arma poderia ter disparado na Ritinha!*

*A discussão foi tomada por um silêncio incômodo. Todos esperando quem daria o próximo passo.*

*– Sabe, Noel – começou Waléria, buscando um tom pacificador. – Muito bonito defender sua namoradinha assim...*

*Ele pareceu menos enfurecido.*

*– Mas ela não te ama, cara... – sussurrou, arqueando as sobrancelhas. – Desiste...*

*– Cala a boca! – ele mandou, ficando vermelho, os cachinhos balançando agitadamente na altura da testa, feito molas.*

*– Sabe... Vocês poderiam namorar, sair daqui para um passeio no jardim, ter filhos, felizes para sempre... – comentou, como se narrasse uma historieta infantil. – Mas não, cara... Ela prefere meter uma bala na cabeça a ficar contigo...*

*– Vá à merda! – gritou Noel, jogando o corpo sobre o da Waléria. Derrubou-a e lançou-se sobre ela, aos pontapés.*

*Antes que a coisa ficasse mais feia, eu e o Lucas seguramos o coitado, que gemia de raiva.*

*Ritinha também se irritou:*

*– Quem você acha que é pra falar assim de mim, sua vagabunda?*

*Waléria deu uma gargalhada, ainda caída no chão.*

*– Desculpa, santinha... – murmurou, se recuperando da ofensiva. – Mas por que você não atira logo? É a sua vez...*

*Ritinha se agachou, desafiada pela Waléria. Pegou o revólver, sem qualquer receio. Ergueu-o até os cabelos cor de fogo.*

*Observei o indicador brincar ao redor do gatilho, as pontas dos dedos avermelhadas contrastando com a brancura da pele, as unhas com um esmalte escuro descascado.*

*– Não tenho frase – murmurou com seriedade, pronta para atirar.*

*A imagem congelou naquele segundo. Por um instante, pude vê-la pressionar o gatilho, a bala percorrer a trajetória até o cérebro e então o seu lindo rostinho se despedaçar em fragmentos de pele, osso e sangue, os cabelos avermelhados transformados num chumaço*

*gosmento e queimado.*

*Mas não.*

*Antes que tivesse tempo de atirar, um Noel revoltado saltou sobre ela, segurando seu braço com força. Com um movimento ágil, tomou o revólver de suas mãos e afastou-a com um empurrão.*

*– Você não deve fazer isso... – explicou, ofegante, segurando desajeitadamente a Magnum. Tirou o cabelo da testa, prendendo os cachos atrás da orelha. – Eu não posso deixar você se matar... Não posso!*

*– Droga, Noel, devolve o revólver para ela – brigou Zak, se aproximando.*

*– Fica longe! – ordenou Noel, apontando a arma. – Chega para lá... Longe de mim...*

*Zak recuou com os braços levantados. Noel foi chegando para trás, observando o movimento de cada um de nós, os nervos à flor da pele.*

*– Ninguém mais vai morrer aqui hoje... – disse ele, encostado na parede, a arma apontada, pronto para quem quer que se aproximasse.*

*O silêncio voltou. Continuei onde estava, escrevendo no caderno. Lucas, Dan e a João observavam estáticos, ainda sentados na roda, esperando sua vez de brincar de se matar.*

*– Ninguém mais vai morrer, entenderam? – repetiu, arfante.*

*– Eu quero, Noel... – murmurou Ritinha, distante dele. – Eu quero morrer... Droga, me deixa em paz!*

*– Eu... Eu não posso deixar... – resmungou ele, tropeçando em direção à porta. Girou a maçaneta. A porta não abria. Tentou com mais força. – Merda, cadê a chave?*

*Ninguém respondeu.*

*– Cadê a chave?! – esbravejou, indo na direção do Zak. Enfiou a arma na cabeça do meu amigo.*

*Relembrei a imagem do Lucas jogando a chave metálica no chão e, friamente, chutando-a para fora da sala, pela fresta do vão da porta. Só eu tinha visto aquilo... Só eu...*

*– Onde está a porcaria da chave? – perguntou Noel, voz calma, sentindo-se todo-poderoso por causa do revólver nas mãos.*

*– Vá se foder, Noel... – murmurou Zak, jogando a cabeça levemente para a esquerda. Parecia não se importar de ter um maluco apontando uma arma para o seu crânio. – Você está ameaçando pessoas que estão aqui para morrer, seu merda. Isso não adianta nada!*

*Ele estava blefando, eu sabia. Zak sempre jogava a cabeça para a esquerda quando blefava. Apesar de tudo, de todos os seus motivos, ele não queria morrer ali, daquele jeito, com um babaca atirando nele.*

*A mentira funcionou.*

*Noel piscou os olhos, confuso, como se só agora tivesse se dado conta da contradição em ameaçar de morte um suicida.*

*Ficou em silêncio por alguns segundos, pensativo. E, então, foi abaixando a arma*

*lentamente. Franziu o cenho e chorou copiosamente. O mundo desabava ao seu redor.*

*– Droga, Ritinha... Você não pode... – sacudiu o revólver no ar. – Por que você quer fazer isso? Por quê?*

*Cansado, desabou de joelhos.*

*Ritinha se desencostou da pilastra, determinada. Aproximou seu rosto do de Noel, sem expressar qualquer compaixão, os olhos inebriados de raiva e desprezo.*

*– Você não precisa entender, Noel – murmurou, deixando uma única lágrima escorrer pelas bochechas rosadas. – Ninguém precisa saber de nada...*

*A voz saiu rouca, sombria. Sem se deixar abalar, ela enxugou a lágrima teimosa na manga da blusa preta.*

*– A vida é minha! – continuou, batendo no peito. – Faço com ela o que eu quiser, quando eu quiser, como eu quiser e pelo o que eu quiser, entendeu? Os motivos são meus, os problemas são meus e não... Eu não quero compartilhar com ninguém...*

*O choro de Noel aumentou.*

*– Ninguém, principalmente você! – terminou ela, com um sorriso, satisfeita em desmoralizá-lo na frente de todo mundo. Ficou parada, esperando uma resposta, os olhos fechados, tentando vencer a tontura depois dos vários cigarros de maconha, carreirinhas de cocaína e goladas de vodca.*

*– Ritinha, eu... – tentou Noel mais uma vez, mas parou, seus olhos molhados estudavam o rosto da musa a poucos centímetros. Como um viajante que encontra o oásis no deserto, perpassou com os olhos aqueles cabelos ruivos entrelaçados, os lábios tensos, a pele alva, o pescoço convidativo, e terminou nos seios firmes, movendo-se no vaivém da respiração nervosa.*

*– Me entrega a arma, Noel – ordenou ela, estendendo a mão.*

*Aturdido, ele olhou para o revólver, depois para ela e, então, para o revólver mais uma vez.*

*– Anda! Me entrega! – insistiu Ritinha novamente, desta vez mais alto.*

*– Nunca... – respondeu ele. – Não consigo...*

*Ela resolveu se valer do que tinha de melhor. Estendeu as mãos e fechou-as ao redor das do Noel, acariciando os nós dos dedos dele.*

*– Por favor... – pediu. Dessa vez, a voz saiu doce, quase virginal.*

*Mas Noel não se abalou. Firmou os dedos ao redor da empunhadura, sem ceder. Eu sabia o que ele estava pensando...*

*Quatro câmaras. Quatro pessoas.*

*Um quarto de chance. Não precisa ser bom em matemática para calcular...*

*Vinte e cinco por cento.*

*Para o fim de uma vida, é muito.*

*– Por favor... – insistiu ela, aproximando tentadoramente o rosto.*

*Se eu não a conhecesse tão bem a ponto de saber do seu asco completo pelo Noel, poderia até apostar que ela estava dando uma chance para ele.*

*– Eu... – Noel baixou a cabeça, os lábios crispados, a mente funcionando a mil por hora.*

*Então, de repente, largou a arma no chão. Antes que alguém se abaixasse para pegá-la, agarrou Ritinha nos braços, aproximando a boca para beijá-la. Com a mão em sua nuca, forçou o pescoço dela, a boca escancarando uma língua nojenta, ansiosa. Ritinha sacudiu o corpo, os braços presos, tentando escapar de um Noel enlouquecido.*

*– Me larga! – esperneou, chutando as pernas dele.*

*Lucas e a João partiram para cima dele, puxando-o com força pelos cachinhos sebosos e separando os dois.*

*– Seu nojento! – gritou Ritinha, recuando enquanto passava o braço pela boca, tentando se limpar de qualquer mínimo contato entre eles. – Seu nojento desgraçado!*

*Ela encostou o corpo na parede, chorando convulsivamente.*

*– Eu te odeio, seu tarado! – berrou, as veias saltando do pescoço. – Eu te odeio, entendeu?*

*Noel também chorou. Preso nos braços do Lucas, desabou como um bebê mimado enquanto ouvia os desaforos da Ritinha.*

*– Desculpa – soltou, entre soluços. – Desculpa...*

*– Desculpa é o caralho! – disse ela, cortante. Incrível como esculachar Noel fazia crescer a disposição dela.*

*Noel observou, com um tremor nos lábios, Ritinha caminhar lentamente em direção a ele e, a poucos metros de distância, se agachar para pegar a Magnum caída no chão.*

*– Bem... – disse ela, ajeitando os cabelos. – Vamos logo ao que viemos fazer aqui.*

*Sem dar tempo para nenhum de nós reagir, levou o revólver à cabeça. Não falou a frase, não demonstrou qualquer hesitação.*

*Apenas puxou o gatilho.*

*Noel respirou aliviado quando o clique metálico invadiu a sala, mantendo intacta a linda cabecinha da sua musa.*

*– Mas que droga! – reclamou ela, meio frustrada.*

*Entregou o revólver nas mãos do Lucas.*

*Lucas... O infeliz já tentara se matar um milhão de vezes... Devia estar acostumado.*

*– Vamos lá, então – disse, sem esperar. – Já estamos aqui há mais de quatro horas!*

*A João levou as mãos ao rosto assim que o irmão ergueu o revólver. Lucas passou a mão na barba, dando um sorriso largo, que contrastava com os olhos vermelhos e o cabelo desgrenhado. O sorriso parecia sincero, espontâneo.*

– Why so serious?! *– murmurou ele, antes de puxar o gatilho. O tambor girou mais uma vez, acompanhado do clique vazio e esperançoso.*

*A João abriu os olhos rapidamente, agarrando o irmão num abraço apertado. O medo de*

*vê-lo morrer era dissipado pela possibilidade de tê-lo vivo na próxima rodada.*

*Duas câmaras.*

*Puta merda... João e Dan...*

*Qual deles?*

*Eu gosto dos dois.*

*A João com sua beleza rústica, a feminilidade contida...*

*Dan com sua espontaneidade infantil, a inocência de uma criança...*

*Qual deles?*

*Cinquenta por cento de chance para cada um.*

*– Minha vez – disse ela, abandonando os braços do irmão.*

*Pegou a arma.*

*Antes de levá-la à cabeça, olhou-me fundo nos olhos. Pela primeira vez em muito tempo, senti algo como um companheirismo. Encarei-a, buscando passar firmeza.*

*– Vamos, então – disse para si mesma, respirando fundo.*

*No último momento em que a vi, antes de fechar os olhos, a João levantava o revólver junto ao seu lindo rosto.*

*Mantive-me na escuridão, deixando os sons revelarem o destino dela. Ouvi um chiado ao fundo, uma respiração hesitante pairando a roda e...*

*Um silêncio incômodo.*

*Demorado.*

*Clique.*

*Abri os olhos, perdido.*

*A João estava novamente nos braços do irmão, a arma caída ao lado.*

*– Estou viva... – disse ela. – Caralho, estou viva...*

*Seu peito se movia, ofegante, toda a excitação descarregada no corpinho bem cuidado.*

*Por um segundo, fiquei feliz por ela, vendo-a chorar feito uma criança emocionada.*

*Mas, então...*

*O inevitável se apresentava diante de nós...*

*Restava uma câmara. Uma única câmara.*

*Cem por cento.*

*A probabilidade transformada em certeza.*

*Dan.*

*– Toma aí – disse Zak, entregando a arma nas mãos dele.*

*Dan pegou-a sem pensar, por inércia, com um sorriso de agradecimento.*

*– Ei... – disse eu, esticando as mãos para ele. – Isso é ridículo... Me entrega o revólver.*

*– É a vez dele, Alessandro – rebateu Ritinha, sem se importar com o fato de todos sabermos que o tiro explodiria a cabeça dele.*

*– Vamos girar o tambor de novo! – retruquei. – Por favor, isso é como cometer um*

*assassinato! Eu...*

*Dan continuou imóvel, a arma envolta nas mãozinhas brancas.*

*– Me entrega o revólver, amigo – disse eu, olhando-o com firmeza. Ele não sentia medo, não havia sequer um traço de hesitação no seu rosto. Segurava a arma displicentemente, com o ar de uma criança cheia de si, orgulhosa por provocar os pais.*

*Desviou o olhar. Ainda estava com raiva de mim por causa da cocaína...*

*Merda, merda, merda!*

*– Me entrega o revólver! – pedi, mais rispidamente.*

*Ele me ignorou, como se eu não estivesse ali. Eu não merecia mais sua confiança.*

*Levou a arma até os cabelos. Não tinha ideia do que estava fazendo, do que aquilo significava...*

*– Não, Dan... – implorei.*

*Mas ele não se deixou abalar. Deu um sorriso infantil, percebendo que daquele jeito conseguiria se vingar de mim.*

*E então, com a arma ainda apontada para a cabeça, voltou-se para Zak.*

*– Devo fazer isso? – perguntou, os olhos inocentes buscando apoio em quem ele ainda confiava.*

*Sem hesitar, meu amigo fez que sim.*

# Capítulo 18

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-0706-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO – 12.ª DP – COPACABANA

*07 de junho de 2008 – Sábado*

Existem algumas coisas que fazemos na vida e que, só depois, nos damos conta de que necessariamente acabariam em merda.

Talvez eu tenha algum tipo de ímã embutido que me atraia a esse tipo de situação. Não duvido. Nem um tiquinho.

Rave.

Essa é a palavra que define meu sacrifício de um sábado de junho.

Hoje já é domingo (08 de junho), e minha cabeça continua em obras, com direito a marteladas, bigornas, tratores e britadeiras. Por sinal, não sei onde ela estava ontem quando eu disse sim ao convite do Zak.

Sim... Eu numa rave... Eu!

Não faz sentido! Um grupo de jovens bêbados metidos num descampado no fim do mundo dançando ao som de uma música bate-estaca e barulhenta. O que há de bom nisso? Ainda assim, aceitei. Sim, aceitei. Devo ter enlouquecido.

Quando chegamos, o lugar já estava lotado. Uma sequência de tendas brancas entre as árvores abrigava uma multidão, dançando ao som de uma música eletrônica que saía em alto volume das caixas espalhadas pelo cenário bucólico.

Logo na entrada, Zak encontrou outros dois amigos. Reconheci um deles: era Noel. O outro mais parecia um ET.

– Oi, Alê – disse Noel, com um aperto de mão chocho.

– Tudo certo? – retribuí, com mesma emoção.

Ele anuiu com a cabeça.

– Vocês viram a parada da roleta-russa com os quatro caras nos Estados Unidos? –

perguntou o garoto esquisito, a quem eu não tinha sido apresentado.

Eu, particularmente, não aguentava mais aquele assunto. Depois de "oi" e "bom dia", era o principal tópico de conversa entre desconhecidos. A sociedade norte-americana ficara horrorizada, governantes foram à TV expressar seus pêsames aos familiares e acontecera um estardalhaço tremendo por conta do depoimento de amigos, parentes e conhecidos dos quatro jovens nos jornais dos últimos sete dias. Nunca pensei que meter um tiro na cabeça chamasse tanta atenção. No dia em que eu quiser aparecer na mídia, é só pegar um revólver e pipocar meu cérebro. Vou me lembrar disso.

– Vi – respondi, a contragosto.

– Sinistro, não? – continuou o esquisito.

Concordei, a música prestes a estourar meus tímpanos.

– Achei ridículo – sentenciou Zak, ganhando espaço entre as pessoas, aproveitando a multidão para passar a mão pelas cinturas e bundas femininas mais atraentes. – Tanta coisa boa na vida, e os caras vão fazer roleta-russa? Fala sério!

Então, ele agarrou a primeira garota que apareceu pela frente e tascou-lhe um beijo de língua, como se assim exemplificasse uma das coisas boas da vida das quais falava. Para Zak, tudo era muito perfeito: carro do ano, apartamento caríssimo, pais milionários, mulheres babando no seu colo. Para ele, realmente não fazia sentido cometer suicídio. Me espantaria se fizesse.

A garota era bonita: olhos verdes, lábios finos, delicados, peitões... Não fosse o incômodo encontro das duas sobrancelhas...

Finalmente, Zak largou a moça.

– Por causa de belezuras como essa... – explicou meu amigo. – Não faz sentido se matar.

E partiu para mais um beijo. Fiquei esperando.

– Preciso da sua ajuda – disse Noel ao pé do meu ouvido, como se fosse contar um segredo. – Quinta-feira é aniversário da Ritinha... E... – ele franziu o cenho. – Eu gosto dela... Quero fazer uma surpresa...

– E daí? – perguntei.

– E daí que não sei o que fazer... Mas eu amo a Ritinha, Alê...

Pensei no que dizer, sentindo um pingo de pena.

– Assim, cara... – comecei. – Se eu soubesse a receita, não estaria solteiro...

Ok. Não era a resposta que ele esperava ouvir, mas era algo consolador, certo? Ele pareceu desapontado e sumiu na multidão com seu amigo esquisito.

– Coisa linda – disse Zak, acariciando as bochechas da garota depois do beijo. Ela pareceu lisonjeada, mesmo que o hálito do meu amigo denunciasse que ele não estava no auge da sobriedade.

– Seu nome? – perguntou ele, enquanto me olhava de soslaio.

Dei um sorriso, percebendo aonde Zak queria chegar. Nas férias de julho do ano passado, eu

e ele, nos limites da nossa infantilidade, havíamos apostado quinhentas pratas no fato de Zak conseguir ficar com todo o abecedário em até um ano. Ou seja, se ele ficasse com garotas com todas as iniciais do alfabeto, quinhentos reais para ele; se não, quinhentos para mim. Ele tinha ficado com uma Zuleica e uma Xena logo no início do desafio, matando, de entrada, duas letras que, supus, seriam das mais difíceis de conseguir. Entre Anas, Brunas e Camilas, a questão era que faltava menos de um mês para a aposta acabar e ainda restava uma única letra. Das piores: W. Que tipo de mãe em sã consciência colocaria o nome da filha começando com dábliu? Wanda? Wicca?

– Raysa – respondeu a garota, com um sorriso no rosto, doida para mais um beijo com meu amigo.

Tive vontade de rir. Há duas semanas, faltavam duas letras para ele: R e W. Na última quinta, ele tinha conseguido o R durante um trabalho de faculdade, ao ir para o quarto com a Ritinha. E agora que ele se encontrava em uma caça desesperada a alguém com um W no início do nome, lhe aparecia mais um R.

Meio irritado, como se a garota tivesse culpa pelo nome que tinha, Zak se afastou sem nem se despedir. Afundamo-nos mais um pouco na multidão. Zak ia andando e, depois de lançar seu olhar mais arrebatador à primeira garota que via pela frente, perguntava seu nome. Kássia, Fabiane, Amanda, Natália, Emanuelle, Carol... Nenhum com W. Para minha felicidade.

– Qual é o seu nome? – perguntou, pela trigésima vez naquele dia, agarrando uma garota definitivamente horrenda: cabelos mal tingidos de vermelho, um rosto redondo e queimado de sol, olhos incrustados sob um par de sobrancelhas grossas.

– Valéria – gritou ela, tentando vencer o som das caixas. Jogou o corpo pesado para trás, como se quisesse evitar que Zak agarrasse sua cintura.

Meu amigo soltou-a assim que ouviu o nome.

– Waléria com W – explicou ela, quando ele já se afastava.

– Hein?

– Waléria com W – repetiu, prendendo os cabelos avermelhados.

Que tipo de garota diz por aí que seu nome começa com W?

Zak voltou-se para a garota, sem perder tempo. Ela jogou a cabeça para trás, como se ele não fosse bonito o suficiente. Com o movimento, os cabelos se soltaram, deixando-a com o aspecto de leoa despenteada. Meu amigo se aproximou, sedutor.

– Sabia que você é linda? – mumurou ao ouvido dela.

– Sei – concordou ela, sorridente, como se ouvisse isso todos os dias.

– Seu nome é mesmo com W? – confirmou.

– *Oui* – disse ela, ainda se defendendo das investidas dele. – Waléria com W.

– Sabe... Sempre quis beijar alguém com W no nome... Principalmente alguém falando francês... Assim como você.

Ela virou o rosto, sustentando um ar de pena pela lábia ineficiente do meu amigo.

– Tente beijar um Wilson... Talvez um Walter.

Zak riu do comentário.

– Eu nem curto o outro lado do muro – explicou.

– Então pode começar a procurar uma Wanderleia ou coisa assim, cara – insistiu, retirando as mãos do Zak da sua cintura. – Comigo não rola mesmo!

Sinceramente, eu preferiria perder quinhentos reais, mil até, a beijar uma feiosa daquelas. Mas meu amigo sempre tinha sido capaz das maiores proezas relacionadas às mulheres.

– Puxa, Waléria com W, por que não me dá uma chance? – tentou Zak, usando sua voz mais sensual.

– Chance – começou ela, afastando-se bruscamente. – Eu gosto dessa palavra.

Como se estivesse fazendo a coisa mais natural do mundo, pegou uma moeda do bolso e sacudiu-a diante dos olhos perdidos do Zak. Tinha a expressão desafiadora e misteriosa.

– Você acredita em sorte? – perguntou.

– Às vezes é preciso acreditar nessas coisas.

– Acredita?

– Sim.

– Pois vamos ver como anda a sua hoje – sentenciou ela, balançando a moeda entre os dedos. – Se der cara, é seu dia de sorte e eu fico com você. Se der coroa...

Zak pensou. Queria ter a certeza de que ganharia o desafio comigo. Aceitar a proposta era correr um risco. Mas era a única opção que lhe restava. Tudo ou nada.

– Fechado.

Observei a moeda girando no ar, uma situação inusitada no meio de várias pessoas inusitadas. A moeda caiu na mão da gorducha, que a tapou com a outra, fazendo suspense.

– Vamos ver então.

Retirou a mão.

Deu cara.

Antes que tivesse tempo de devolver a moeda ao bolso, a mulher foi agarrada pelo meu amigo. Vi minhas quinhentas pratas descerem pelo ralo, e lentamente a culpa de tudo isso se materializava naquela gorda dos diabos.

Cansado daquilo tudo, peguei um táxi e vim para casa.

Liguei hoje cedo para a casa do Zak. Ninguém atendeu.

Getúlio e Maria Clara estão viajando. A empregada de folga. E, pelo visto, Zak continua a curtir a gorducha dele.

# Capítulo 19

DIANA – “Devo fazer isso? – perguntou, os olhos inocentes buscando apoio em quem ele ainda confiava. Sem hesitar, meu amigo fez que sim.” *(PAUSA)* É o fim do capítulo cinco. Algum detalhe ou comentário a acrescentar?

SÔNIA – Então foi o Zak... *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA E FRACA)*

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

SÔNIA – Foi o Zak que mandou meu filho atirar... Ele... *(SOLUÇOS)*

OLÍVIA – E as máscaras começam a cair... *(PAUSA)* Pensei que o Zak era o queridinho de vocês. O pobrezinho que perdeu os pais e decidiu morrer.

*(VOZES EXALTADAS)*

DÉBORA – Cala a boca, Olívia!

OLÍVIA – E você veja lá como fala comigo. Não sou sua coleguinha de escola.

DÉBORA – Esse... Esse não é o Zak que eu conheci. *(PAUSA)* Não é o Zak que eu vi crescer, que conviveu todos esses anos com o Alessandro, comigo...

SÔNIA – Eu...

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – Não. Por favor, não chore, Sônia.

DÉBORA – Ela está ficando pálida!

SÔNIA – Eu confiava nele... *(PAUSA)* Eu... Eu admirava o Zak, sabe? *(VOZ CHOROSA)* Não é fácil ter um filho deficiente... Eu amava o meu como ele era, claro... Mas é tão difícil, sabe? Ver as pessoas te olhando com pena, te tratando como se você fosse uma pobre coitada que veio ao mundo penar nas mãos do próprio filho... *(SOLUÇOS)* Meu marido foi embora assim que descobriu que o Danilo tinha síndrome de Down. Não esperou nem o parto, nunca olhou na cara do meu filho...

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

SÔNIA – O exame genético foi suficiente para ele. O médico comentou conosco a possibilidade de o Danilo ser deficiente, e isso foi o bastante. No dia seguinte, voltei do Tribunal e meu marido não estava mais lá. O desgraçado deixou uma carta dizendo que não tinha nascido para ter um filho “doente”. Que não estava preparado. Um procurador federal com trinta e sete anos na cara enfiou o rabo entre as pernas e correu para a casa da mãe ao menor sinal de perigo. *(RISO SECO)* Não estava preparado... *(PAUSA)* Depois eu entendi por que ele fez aquilo tudo. Eu vivi na pele, sozinha, a experiência de ver um filho com sete anos defecar enquanto andava pelos corredores do shopping, as pessoas olhando enquanto eu

tentava limpá-lo, pedindo que esperasse chegar ao banheiro. Mas ele não podia. Ele não entendia por que as pessoas o olhavam torto, por que se espantavam com aquilo tudo, por que eu ficava nervosa. Para o Danilo, nada daquilo fazia sentido... *(PAUSA)* Fui eu que tive que escutar de três diretoras de colégio que meu filho não estava apto a acompanhar o ritmo da escola. Eu que tive que perceber que os anos passavam, mas meu filho não crescia, continuava precisando dos mesmos cuidados, dos mesmos suportes, como um eterno bebê... *(PAUSA)* E não, não estou reclamando. *(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)* Mas... *(PAUSA)* É natural que eu tenha sentido inveja vez ou outra, não? *(PAUSA)* Eu vi o Zak crescer, poucos anos mais velho que o Danilo... *(PAUSA)* Eu o via chegando da escola, saindo com garotas, praticando esportes... *(PAUSA)* O Zak entrou em direito na Uerj. A faculdade que eu mesma fiz quando mais jovem. *(PAUSA)* É natural ter um pouco de inveja, não? *(PAUSA)* Eu sabia que o Danilo nunca seria nada daquilo. Eu sabia que meu filho tinha muito mais a receber do que a oferecer, na verdade... *(PAUSA)* Oh, sim, eu invejava a Maria Clara, o Getúlio. Não pelo dinheiro, mas pela família harmoniosa, que fazia viagens e esbanjava felicidade... *(PAUSA)* Eu invejava o Zak. Chorei algumas noites... Perguntava muitas vezes a Deus por que meu filho não era igual a ele... Mas agora... *(PAUSA)* Agora eu vejo, meu Deus. O Zak era um monstro. Um psicopata. *(CHORO INTENSO)* O Danilo o admirava e ele levou meu filho para participar da sua loucura! Ele... Ele usou a inocência do meu filho para satisfazer os seus dramas, os seus problemas... Isso é pior do que qualquer inveja! *(PAUSA)* É demoníaco!

OLÍVIA – O quê...

DIANA – Deixe a Sônia falar... Deixe ela terminar de...

SÔNIA – Eu... Eu não sei o que dizer... *(VOZ CHOROSA)* Estou com nojo das pessoas... Não confio mais em ninguém.

DÉBORA – Esse não é o Zak que eu conheci. Essas atitudes...

SÔNIA – Eu tenho uma casa em frente à praia, um cargo público que as pessoas disputam a tapa e um carro do ano... Tudo isso para quê? *(PAUSA)* De que adianta toda essa merda material? *(PAUSA)* De que adianta?

DIANA – Sônia, continue a falar do...

SÔNIA – Minha vida é como esta sala, doutora. *(PAUSA)* Paredes brancas, piso claro, bem iluminada, cadeiras acolchoadas com mulheres distintas sentadas... À primeira vista, parece maravilhoso, mas, depois de um tempo, você percebe o quão deprimente é. Aos olhos dos outros, você tem tudo, mas, por dentro, você sabe que não tem nada. É vazio, é oco... *(PAUSA)* Perdi um marido, perdi um filho, e o Zak, que eu tanto admirava, até invejava, era um louco, um maníaco. Será mesmo que eu sou digna de julgar as pessoas? Estudei tanto para ser juíza, e a vida vem me provar que eu não sei julgar nada! Absolutamente nada! *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA)* O Zak tirou a única coisa que me restava nesta vida, tudo o que fazia valer a pena. *(PAUSA)* A casa, o carro, o cargo... Nada disso importa. *(PAUSA)* Ele me tirou o meu filho.

ROSA – Ele matou o meu filho também... *(PAUSA)* Suicídios... *(RISO SECO)* Você deve

estar brincando... *(PAUSA)* O que aconteceu naquela casa, doutora, foram assassinatos. Assassinatos de um psicopata maldito! *(PAUSA)* Um criminoso, não um suicida!

SÔNIA – Assassinatos!

DIANA – Eu entendo que as senhoras tenham essa visão. É evidente que o Zak estava alterado, sob profundo efeito de alucinógenos, sem medir seus atos, mas, ainda assim...

DÉBORA – Esse não foi o Zak que eu conheci, meu Deus! *(PAUSA)* Apontando armas para as pessoas, torturando, matando e se divertindo com tudo isso... *(PAUSA)* O Zak não era a pessoa mais doce do mundo, mas também não era esse monstro... Era um jovem como qualquer outro... Comum...

ROSA – *(VOZ EXALTADA)* Jovens normais não arrancam os cílios do outro por puro sadismo!

DÉBORA – O acidente... *(PAUSA)* O acidente dos pais dele... Ele mudou tanto... O Zak chegou ao fundo do poço...

SÔNIA – Mas meu filho não tinha nada a ver com isso! *(CHORO)* Meu filho era inocente, crédulo... Duvido até que soubesse que o Zak o estava levando para cometer suicídio... Ele... Ele nem saberia o que é isso!

ROSA – Pessoas normais passam por problemas todos os dias! E nem por isso saem por aí participando de roleta-russa ou torturando os seus amigos! *(PAUSA)* O nome disso é loucura. Psicose!

DÉBORA – Eu não estou tentando justificar nada... Mas... *(PAUSA)* O Zak só podia estar fora de si! Ele... Ele discordou do meu filho. Raramente ele discordava do Alessandro. Muito raramente mesmo. *(PAUSA)* O Alessandro implorou para que o Danilo não atirasse. Mas o Zak ignorou tudo isso... *(VOZ ATÔNITA)* Ele simplesmente... Ignorou!

*(SILÊNCIO – 06 SEGUNDOS)*

DIANA – Podemos perceber que a maioria deles, quatro, na verdade, estava ainda na dúvida se queria mesmo continuar participando da roleta-russa... *(PAUSA)* Inicialmente, apesar de dizer que está preparado para morrer, o Alessandro se mostra bastante satisfeito com a chance de estar vivo na rodada seguinte.

OLÍVIA – Mas ele queria ficar vivo o maior tempo possível para escrever esse maldito livro!

DIANA – É verdade. *(PAUSA)* O suicídio não era a causa última, mas, sim, o meio para ele conseguir seu objetivo final: escrever o livro. *(PAUSA)* Além disso, ele era o único deles que estava sóbrio. Ao que consta, até mesmo o Danilo havia ingerido uma quantidade significativa de álcool.

SÔNIA – Ele... Ele não poderia ter bebido... O Danilo não podia beber nada alcoólico!

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – É possível que alguém lhe tenha oferecido a bebida quando estavam na caçamba da Hilux. *(PAUSA)* De qualquer modo, voltando ao Alessandro, eu diria que ele é o que estava

em melhores condições para desistir de tudo aquilo. Estava sóbrio e poderia perceber o quanto o que estavam fazendo era absurdo.

DÉBORA – O Alessandro era muito determinado... *(PAUSA)* Ele não desistia facilmente das coisas e... *(CHORO)* Acho que a sobriedade dele só serviu para deixá-lo mais certo de continuar na roleta-russa.

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – O Danilo foi conduzido para Cyrille's House, e sou obrigada a concordar que provavelmente não sabia o que estavam fazendo ali. Nossa equipe de psicopatologia teve acesso aos comentários do doutor Saulo Firmen, médico e pedagogo, responsável pelo Danilo desde o seu nascimento.

SÔNIA – Sim. *(CHORO INTENSO)*

DIANA – Seu coeficiente intelectual foi estimado em cinquenta e cinco, e existem registros de momentos de instabilidade emocional, impulsividade e antissociabilidade. Isso explica a raiva repentina contra o Alessandro. *(PAUSA)* Considerando ainda a bebida, é bem possível que o Danilo tenha se suicidado sem nem saber o que estava fazendo.

SÔNIA – A morte da Maria Clara e do Getúlio não pode servir para justificar tudo isso! É um absurdo sermos coniventes em dizer que se tratou de suicídio! O Zak matou o meu filho! Foi o Danilo que apertou o gatilho, mas, está claro, o responsável foi aquele garoto maldito! *(CHORO)* Vocês não veem isso?

OLÍVIA – Nós vemos... *(PAUSA)* A delegada é que parece não enxergar muito bem...

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – *(VOZ CALMA)* A Waléria também pareceu indecisa, temerosa. *(PAUSA)* E, obviamente, o Noel, que chegou a tentar impedir que a roleta-russa continuasse.

OLÍVIA – O meu filho só foi se meter nessa história toda por causa daquela piranha da Ritinha...

VÂNIA – Veja lá como fala! A minha fi...

OLÍVIA – Com tantas mulheres no mundo, foi se meter logo com uma maluca suicida! *(VOZ EXALTADA)*

VÂNIA – Cala a... *(GRITOS)*

DIANA – Senhoras, por favor!

OLÍVIA – Uma piranha! Piranha, sim!

DIANA – Olívia, por favor! Pare de causar confusão! É a terceira briga que você inicia desde que começamos! *(VOZ RÍSPIDA)*

OLÍVIA – Eu só falo a verdade...

DIANA – Estamos aqui para buscar informações úteis. Úteis!

OLÍVIA – Só poderia ter puxado mesmo ao pai... *(PAUSA)* O Noel era meu filho, mas era um tonto... Um cego...

SÔNIA – Como uma mãe pode falar assim de um filho? *(PAUSA)* Olívia, você não tem

coração!

OLÍVIA – Hipócritas! *(GRITANDO)* Vocês são todas hipócritas! *(PAUSA)* Eu apenas digo o que todas vocês têm vontade de dizer. *(PAUSA)* Ou vão falar que têm orgulho dos seus filhos suicidas? *(RISO SECO)* Suponho que seja a primeira coisa que vocês contam ao falar de si mesmas... O meu filho se suicidou, e eu tenho tanto orgulho disso! Faça-me o favor! Não sejam patéticas!

SÔNIA – Você só fala asneiras...

OLÍVIA – Nós somos umas fracassadas! Essa é a verdade! *(CHORO)* Se os nossos filhos não estão aqui hoje, é porque nós falhamos! Nós falhamos! Não fomos mães boas o suficiente para mantê-los vivos!

DÉBORA – Isso é um absur...

SÔNIA – Você não pode...

*(VOZES EXALTADAS)*

OLÍVIA – Mas eu sei que fiz tudo o que podia... Eu fiz! O Noel é que era um fraco!

DÉBORA – Não duvido nada que ele tivesse bons motivos! Com uma mãe dessas em casa...

DIANA – Por favor! Parem com isso! *(VOZ RÍSPIDA)* Precisamos prosseguir com a leitura... Por favor!

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – O Zak, como sabemos, estava determinado a continuar na roleta-russa, e nem por um segundo encontramos qualquer sinal de hesitação ou arrependimento. *(PAUSA)* A Ritinha também parecia certa do que estava fazendo... O Alessandro até se espantou com a confiança que ela passa.

VÂNIA – A minha filha era maravilhosa... *(CHORO)* Mas ela se sentiu tão fraca com... *(CHORO)* Eu teria ajudado... Não iria brigar com ela... Nunca!

DIANA – O Lucas também não pareceu temer nada. Ao que consta, ele já havia tentado cometer suicídio em cinco ocasiões anteriores. A primeira em 2005, dia 06 de agosto. Foi aí que começou a frequentar o psiquiatra, doutor Gusmão Alvarenga, certo?

AMÉLIA – Isso mesmo.

DIANA – Nós tivemos acesso aos relatórios do doutor Alvarenga. *(PAUSA)* Mais duas tentativas de suicídio durante o ano de 2006, dias 03 de janeiro e 05 de outubro.

AMÉLIA – Meu filho às vezes entrava em uma depressão profunda. Normalmente, eram fases difíceis que passávamos em casa... *(CHORO)* Por trás dos piercings, das roupas pretas e dos olhos pintados, o Lucas era muito frágil. A avó dele, minha mãe, faleceu no fim de 2005, e ele ficou arrasado. Por isso tentou cortar os pulsos no dia 03 de janeiro...

DIANA – E em outubro? O que houve?

AMÉLIA – Eu... *(PAUSA)* Em outubro, não aconteceu nada... Nada que justificasse... *(CHORO)* A gente... A gente tentou levá-lo a vários médicos... Eu não sei por quê...

DIANA – E durante o início do ano de 2007 parece ter dado certo. *(PAUSA)* As duas últimas tentativas do Lucas foram sequenciais, em dezembro de 2007. Dias 09 e 12.

AMÉLIA – Eu e o pai dele estávamos nos separando. *(PAUSA)* Muitas brigas em casa... Nenhum de nós aguentava mais. *(VOZ CHOROSA)* Meu marido batia em mim.

*(SILÊNCIO – 02 SEGUNDOS)*

DIANA – E, por isso, no dia 09 de dezembro de 2007, domingo, o Lucas entrou num site ilegal da internet que incentiva o suicídio e tentou se matar em casa, com uma corda, deixando-se filmar pela webcam.

AMÉLIA – Sim... *(CHORO)* É isso mesmo...

DIANA – Por sorte, a sua irmã, Maria João, chegou em casa antes que ele se sufocasse... *(PAUSA)* No entanto, o vídeo foi lançado na internet de modo que...

AMÉLIA – O Lucas ficou desesperado! Todos na faculdade dele souberam dessa história... *(PAUSA)* A Maria João era a única que o entendia. Eles se gostavam tanto! Eram mais do que irmãos, eram amigos...

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Você agora tocou num ponto interessante, Amélia. *(PAUSA)* O motivo da Maria João. *(PAUSA)* Durante toda a investigação, nos pareceu estranho que ela tivesse mudado de lado tão rapidamente. *(PAUSA)* Antes, ela fiscalizava o irmão, impedindo-o de tomar atitudes perigosas quando ele estava depressivo; depois, por um motivo qualquer, ela não só permite que o irmão participe de uma roleta-russa, como também vai, disposta a se matar.

AMÉLIA – Eu não sei. *(PAUSA)* Até hoje não entendo por que ela fez isso. Eu não sei! *(CHORO)* Não faz o menor sentido.

DIANA – Nós acreditamos que a Maria João sabia mais do que aparentava. *(PAUSA)* Alguma coisa aconteceu que a fez mudar completamente.

AMÉLIA – Como assim? Sabia do quê?

DIANA – Em breve, chegaremos nesse ponto. Vocês entenderão melhor do que estou falando.

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Podemos continuar?

OLÍVIA – Vamos logo com isso então. Leia.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – "*Capítulo seis.* – Eu acredito que existe uma força oculta que nos empurra em direção ao precipício. Uma hora você chega à beirada, prestes a cair no abismo, e percebe que deve enfrentar essa força oculta, apesar das dificuldades... Mas uns não conseguem e preferem se jogar..."

# Capítulo 20

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-2208-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*22 de agosto de 2008 – Sexta-feira*

Saber jogar pôquer é uma arte. Eu sempre digo isso e, se não me engano, já até escrevi aqui. De qualquer modo, não custa repetir: saber jogar pôquer é uma arte. Li essa frase em algum site, e ela me vem à cabeça sempre que estou com as cartas nas mãos, apostando a mesada, tentando duplicá-la para comprar mais livros e discos de vinil no sebo.

– Saí – disse Ritinha, entregando as cartas para mim, o dealer.

– Levei! – gritou a João, comemorando por ganhar a mesa sem ter que mostrar a mão.

Ainda não tinha descoberto o tique dela no blefe. Sentada diante de mim, com o rostinho inocente coberto por uma franja de menina de quinze anos, não revelava uma emoção sequer, nem um pingo de hesitação.

– Você continua naquele circo, João? – perguntei, tentando descontrair a mesa enquanto distribuía as cartas.

Lucas me olhou com reprovação: odiava conversar durante o jogo. Zak pareceu não se importar, mais interessado nos seus copos de uísque do que nos cinquenta reais que já tinha perdido desde que começáramos, às sete.

– Não é um circo. É uma escola circense – explicou ela, com rispidez. Estudou as cartas que tinha recebido e só então me lançou seu olhar vazio.

– Desculpa – foi o que consegui dizer.

– E, sim, continuo na escola circense. Faço malabarismo. E tenho aula com um dos melhores palhaços que este mundo já conheceu.

– Eu também tenho aula com os melhores palhaços do mundo – respondi. – Lá na Uerj... Só que os meus usam terno e não pintam o nariz de vermelho.

Todos riram da minha piadinha ácida, exceto a João.

Se eu tivesse uma Ferrari na garagem e uma conta bancária numa ilha caribenha, a João riria até se eu contasse para ela os detalhes do Holocausto. Desde que descobriu que não sou nenhum príncipe encantado, ela me trata como um empregadinho com quem é obrigada a conviver. Puta.

Zak pareceu ler meus pensamentos:

– Malabarismo... Isso não costuma dar muito dinheiro... E você gosta de dinheiro... – provocou.

Ela olhou para ele sem dizer uma palavra, digerindo o comentário. Deu um soquinho no pano verde, pedindo mesa, e fechou as cartas na palma da mão.

– Pretendo me casar com um cara rico... – explicou, sem a menor cerimônia.

Puta de luxo.

– Na verdade, todas queremos, certo, Ritinha?

– É – respondeu a outra, a voz tímida, como se não prestasse atenção.

Nunca fui bom em perceber como as pessoas estão se sentindo. Mas posso apostar minhas fichas no palpite de que algo de errado estava acontecendo com a Ritinha. Seu olhar se fixava nas cartas, mas sem qualquer precisão, com a cabeça viajando longe do jogo de pôquer na casa do Zak. Normalmente, adoro jogar com pessoas assim. Quanto mais avoadas, melhor.

A empregada entrou pela sala do apartamento e perguntou se queríamos alguma coisa. Usava vestido azul-marinho e avental branco. Zak pediu que ela trouxesse mais uma garrafa do uísque que ele e Lucas estavam dividindo. Eu e Ritinha pedimos água, e a João disse que não estava com sede.

Fizemos nossos lances, levei a mesa. Pouca grana.

– Eu tinha medo de palhaços – disse Zak.

– Hein? – perguntei.

– A João disse que tem aula com o melhor palhaço e tal... Eu tinha medo de palhaços.

Eu já havia até me esquecido do assunto, e agora Zak vinha resgatá-lo.

– Do tipo palhaços assassinos, entende? – continuou, tentando justificar seus temores da infância.

– John Gacy – murmurou Lucas, desinteressado, como um aluno primário obrigado a responder a pergunta da professorinha implicante.

– Hein? – espantou-se a João.

– John Gacy, o serial killer – repetiu, retirando os olhos das cartas. Levantou as sobrancelhas, o rosto triangular exibindo um sorriso pouco condizente com o assunto. – Quando foi preso, encontraram mais de trinta corpos no porão da casa dele. Na maioria, corpos de crianças. Estupradas, sodomizadas... Vários brinquedos sexuais... Algemas... Garrote...

– Filho da puta – murmurei. Eu sempre escrevi histórias policiais, mas elas só têm graça, para mim, no campo da ficção. Perceber a realidade pode ser muito doloroso.

– Quase dez dos corpos ficaram sem identificação... – acrescentou Lucas, percebendo que tinha conseguido a atenção da mesa com aquela curiosidade indigesta.

– E o que isso tem a ver? – perguntou a João. Sua função como irmã de um maluco suicida se resumia a evitar deixá-lo falar de assuntos macabros ou depressivos. Missão impossível.

– Ele era o palhaço da cidade – respondeu, alargando o sorriso. – Aparecia em festas de crianças e eventos de caridade com o nome de Pogo. Gostava tanto das crianças que, dependendo do seu humor, as levava para casa para uma brincadeirinha especial.

Ele contava a história do assassino em série como quem narra a biografia de um ídolo, destacando cada detalhe particularmente sórdido. Ridículo.

– Esperou por quatorze anos no corredor da morte antes de ser executado com uma injeção letal, em maio de 1994 – terminou. Percebi um pingo de melancolia no seu olhar. Apenas um tremor nas pálpebras, suficiente para revelar que ele lamentava a morte do assassino.

– É pouco – sentenciei. – Uma injeção para um filho da puta desse é pouco. Muito pouco. Uma agulhada e pronto. Sem dor nenhuma. Está longe do sofrimento que ele causou aos outros.

– A pena de morte não é uma vingança – replicou Lucas.

– Eu acho que deveria ter pena de morte no Brasil – começou Maria João, e agradeci a Deus pelo fato de ela cursar educação física.

– Ele não foi compreendido – defendeu Lucas. – Estava além do seu tempo.

– Você está dizendo que o futuro da humanidade será o horror que aconteceu naquele porão?

Ele engoliu em seco. Pelos olhares, percebi que Zak e a João estavam do meu lado. Ritinha parecia em transe, ignorando o assunto. Vez ou outra, franzia o cenho, os olhos perdidos no pano da mesa, as mãos esbranquiçadas brincando nervosamente com as cartas.

– Estou dizendo que fazia sentido na cabeça dele – explicou Lucas. – Para ele, não foram crimes. Era algo mais forte.

– E tem nome – respondi. – O nome disso é loucura!

– Muitos gênios são loucos.

– Puta merda! – bradei, aproveitando para recuperar a atenção da pequena plateia. – Então agora o cara é um gênio?

Sobre a mesa, além das cartas, estavam duas garrafas vazias de uísque. Percebi que havia ainda um resto – dois goles, no máximo – no copo do Lucas. Peguei o copo sem pedir permissão e levei-o à boca, esvaziando-o. Senti o gosto amargo descendo pela garganta, mas tentei não demonstrar qualquer reação.

– Sabe o que eu queria? – prossegui, pousando de modo teatral o copo de vidro na mesa. – Queria que fosse sua mãe. Se ele tivesse fodido a sua mãe toda e enterrado no porão... Você não iria gostar tanto assim.

Voltamos ao silêncio, uma atmosfera desconcertante pairando sobre a mesa desde que o assunto havia iniciado. Ritinha, sem perceber o momento, começou a batucar as unhas compridas na mesa, fazendo um barulhinho irritante.

– Eu entenderia.
– O quê? – perguntei, em choque.
– Se ele pegasse minha mãe... Eu entenderia.
Maluco. Pirado. Doido. "Se ele pegasse minha mãe, eu entenderia." Que tipo de pessoa normal diz isso?
– Eu também acho que pena de morte é pouco. Gente assim merece tortura – disse Zak, os olhos caídos evidenciando que sua sobriedade estava indo embora.
– Pena de morte não é o caminho – respondi.
– Ah, sim! Educação, mudar a base para construir uma sociedade melhor, menos desigualdade social... O que mais? Ursinhos Carinhosos e Papai Noel? – gritou a João. – Bandido não é ser humano. É animal. Deve ser tratado como animal. Essa merda de direitos humanos só vem para amenizar o lado deles. Mas não é bem assim quando estão com um fuzil apontado pra nossa cara.
O velho discurso de que os "direitos humanos são só pra bandido". Eu realmente não tinha mais saco. Estava preparado para soltar o verbo em cima dela, explicar que *"olho por olho, dente por dente"* é primitivismo e mostrar estatísticas que atestam que a pena de morte não deu muito certo onde foi aplicada. A grande verdade é que eu não teria nada a perder... Desde a nossa primeira (e única) noite de sexo, Maria João não me dava mais mole. A lição de moral seria uma ótima maneira de chamar a atenção, ainda que de forma negativa.
– Que tal pedir uma pizza? – propôs Lucas, mudando bruscamente o assunto.
– Pepperoni! – animou-se Zak.
– Eu não como pepperoni... – disse a João em tom repreensivo. – Pede quatro queijos ou marguerita... Nada com carne...
– Vegetarianos são uma merda! – Zak explodiu em riso. – Vocês não sabem o que estão perdendo sem comer carne!
Antes que pudéssemos continuar a discussão, a empregada voltou com a bandeja, trazendo as bebidas. Deixou a jarra de água com dois copos compridos sobre a mesa. Como estava do meu lado, pude perceber seu rosto apático à luz dos abajures da sala. Provavelmente era só dois ou três anos mais velha que eu e meus amigos – os playboys da zona sul que perdiam seu dinheiro jogando cartas numa sexta-feira à noite.
– Meu uísque, Yara – pediu Zak, vendo que ela me servia.
– Sim – respondeu ela, apoiando a jarra na mesa imediatamente, quase com medo, e pegando o copo do Zak para enchê-lo com a terceira garrafa do uísque doze anos.
Zak soltou uma gargalhada, pegando o copo entre os dedos ágeis. Passou-o da mão esquerda para a direita e gritou, batendo na mesa:
– Yara, Yara! A empregada mais gostosa deste Brasil!
Era sua maneira de dizer "obrigado".
A jovem de avental, que estava longe de ser uma princesa, baixou a cabeça, sem saber o que

fazer. Terminou de servir a água da Ritinha e pegou o copo do Lucas para lhe servir uísque.

– Vamos logo – brigou a João.

Sabe o que é pior do que ricos metidos? Pobres esnobes tentando parecer ricos metidos. A João pertence a essa laia.

– Espera – disse Lucas, segurando o copo e bebendo um gole. – Eu saio.

A empregada pegou a bandeja e já sumia pelo corredor quando a campainha tocou. Voltou apressada para atender a porta.

Eu, como estava de frente, pude ver a figura obesa entrando decidida pela sala. Inicialmente, ficou parada, os olhos admirados percorrendo cada centímetro da sala enorme do apartamento do Zak. Pela reação, deduzi que era a primeira vez que ela aparecia ali. Apesar de não vê-la há um ou dois meses, seu nome me veio sem dificuldades. Eu não poderia me esquecer. Graças ao nome dela, perdi quinhentos reais.

– Zak! – gritou, passada a surpresa.

Meu amigo desceu as cartas na mesa, mas não se virou. Esticou o tronco no espaldar da cadeira, sem se dignar a encarar Waléria.

– Te liguei no celular a semana toda, porra! – gritou ela mais uma vez, dando um empurrão no ombro do Zak para chamar sua atenção.

Ele não se alterou. Pegou as cartas, abrindo-as em leque. Observou-as com cuidado e respondeu:

– E eu não atendi nenhuma das trezentas ligações... Pensei que tivesse percebido que não quero mais falar com você.

– Mas eu quero falar, merda! – disse ela, largando sobre a mesa a bolsa prateada que trazia junto ao braço.

Zak baixou o rosto, fechando os olhos e rindo por um segundo daquilo tudo.

– Vai embora, Waléria! – retrucou, dando um soco na mesa. – Merda, vai embora!

– Eu...

– Vai embora, porra! Não quero falar com você!

– Ei, ei, gente! Vamos com calma aí! – apaziguou a João, com seu jeitinho masculino. Levantou-se da cadeira e se aproximou da confusão.

– Você não tem o direito de falar assim comigo! – retrucou Waléria, sacando um chiclete do bolso. Começou a mascá-lo com ansiedade. – Não tem esse direito, seu babaca!

– Tenho todo o direito de falar como quiser... Você está na minha casa! Enchendo o meu saco! Atrapalhando o meu jogo! Eu podia te tirar daqui a tiros...

– Zak... – começou ela, a voz mais tranquila, como se estivesse partindo para um plano B. – O que aconteceu naquela rave...

Ritinha desceu as cartas na mesa, toda a atenção voltada para Waléria. “O que aconteceu naquela rave...” Até o maior dos distraídos teria entendido o que eles estavam falando: Zak tinha beijado a garota. Uma verdade inconveniente.

– O que aconteceu naquela rave ficou lá... Não tem um depois, Waléria! Eu estava bêbado, carente e sei lá mais o quê! Rolou e acabou!

– Não, cara, não é assim tão simples! – disse, inquieta.

– Vá embora, Waléria... – pediu ele, sem gritar. – Por favor, vá embora.

Ela sacudiu a cabeça em negativa, o cabelo mal pintado agitando-se no ar como uma juba.

– Vamos conversar, Zak. Nós dois... Cinco minutos.

– Nem meio minuto, Waléria. Eu só quero curtir minha sexta-feira com meus amigos... Será que posso?

– O destino, Zak. Lembra-se daquele papo de sorte de que falamos? – tentou ela, provavelmente acionando um plano C. Caminhou em direção à mesa de carteado, mexendo nervosamente nos bolsos. Quando encontrou o que queria, escondeu nas mãos rechonchudas. – Isso aqui, Zak... Isso aqui selou nosso destino. Isso nos uniu! – explicou, sacudindo o punho fechado diante dos olhos atônitos dele.

Definitivamente, a situação era ridícula. Uma mulher feia invade sua casa e noticia, diante dos seus amigos, que vocês transaram e que ela quer mais. Que uma vez não foi suficiente. Eu não saberia onde enfiar a cara.

– Você bebeu, Waléria?

– Isso aqui, Zak, mudou nossas vidas!

Cansada de sacudir o braço no ar, bateu a palma da mão contra a mesa, deixando o objeto sobre o pano verde: uma moeda.

– Cara ou coroa. Lembra, Zak? – apelou. – Deu cara, e nós... Nós fizemos amor.

Ele baixou a cabeça, saturado do teatro dela. Na verdade, estávamos todos saturados daquilo. Lucas continuava com as cartas nas mãos, analisando a próxima jogada. Ritinha acompanhava a conversa com sincera curiosidade. Até perdera a palidez. A João tinha encontrado um recanto na poltrona confortável da antessala e roía as unhas, atenta à discussão.

– Cinco minutos, Zak – repetia, o olhar expressando uma piedade forçada. – Não quero falar na frente deles.

– Pois fale! Vamos... Pode falar! – gritou Zak, abrindo os braços e caminhando ameaçadoramente em direção a ela. – Mas fale na frente deles. Sem mentiras. Sem medo. Não tenho nada para esconder dos meus amigos. Fale, Waléria!

Ela recuou. Por um instante, pareceu murchar, indefesa. Arregalou os olhos e crispou os lábios, sem saber ao certo o que fazer. Falar na frente de todos, fosse o que fosse, não estava nos planos.

– É melhor não, Zak... – murmurou.

– Então, por favor, vá embora! – foi até a porta e a abriu.

– Zak, eu...

– Deus do céu, o que fiz para merecer isso? – bateu a porta com raiva e caminhou até Waléria. – Eu não consigo ter paz! Você me liga todo dia, já foi à faculdade atrás de mim, vive

me mandando mensagens... Será que pode parar de me perseguir?

O silêncio cobriu a sala. Waléria engoliu em seco. Parecia desnorteada, e se apoiou no espaldar de uma cadeira.

– Estou grávida – disse, olhando para o chão. A voz saiu fraca, mas todos escutamos.

Se ela tirasse a roupa ou revelasse ser uma extraterrestre, talvez o choque fosse menor.

O corpo do Zak mudou de repente: os ombros curvaram, os olhos se perderam, atônitos.

– O quê? – perguntou, boquiaberto.

Agora ela estava satisfeita. Parecia se alimentar da surpresa nos rostos das pessoas. Seu porte cresceu diante dos nossos olhos. Ela jogou a cabeleira para trás e abriu os braços com aquele ar de "Está dito, garotão".

– Você está mentindo! – foi o que Zak conseguiu dizer. Mas seu semblante indicava que ele acreditava em cada palavra dela.

– Você acha que passei esse tempo todo te procurando por quê? Pensa que eu me apaixonei, que te achei o máximo na cama? Você até dá para o gasto, Zak. Mas não merece tanto...

– Waléria, eu...

– Parabéns! Você vai ser papai! – terminou ela, batendo palmas, cada uma pesando na conversa.

– Quem disse que o pai sou eu?

– Eu sei quem é o pai do meu filho, Zak... É você... A gente não precisa ficar aqui discutindo isso...

– Grávida! – murmurou, em choque. – Mas e...

– Não quero dar o golpe da barriga no filhinho de papai ricaço... Apenas aconteceu, Zak. Temos que aceitar. Posso fazer o exame de DNA, e não restarão dúvi...

– Vá se foder! – explodiu meu amigo. Caminhou na direção dela e, por um segundo, eu podia jurar que ele lhe daria um tabefe na cara, mas desistiu, repetindo o "Vá se foder" mais umas três ou quatro vezes.

Como se não fosse suficiente, ouvi as chaves girarem na fechadura, e, num instante, a figura carrancuda do Getúlio Vasconcellos entrou na sala. O circo estava completo.

– O que está acontecendo aqui, Zak? – perguntou, atordoado. Acho impressionante o impacto que aquele homem de pouco mais de um metro e meio é capaz de causar nas pessoas. Eu mesmo, que já estou razoavelmente acostumado, ainda sinto meus pelos se eriçarem perante o olhar severo do Getúlio.

Meu amigo congelou onde estava, ao lado da Waléria.

– Senhor Getúlio, eu... – começou ela, diante do silêncio.

– Não estou falando com você, menina... – cortou ele. – E então, Zak? Do elevador, ouvi você batendo a porta. Depois, uma série de palavrões... Pode me explicar qual é o problema? Quem são essas pessoas todas?

– Pai, nós... – tentou Zak. – Nós estávamos jogando pôquer. E...

As palavras morreram no ar.

– Continua, Zak!

Nenhuma palavra.

– Você vai ser vovô – disse Waléria, sem o menor pudor. – Estou esperando um filho do Zak.

Getúlio Vasconcellos, o homem que construiu um império de dinheiro e poder, que lutou contra os concorrentes, que pisou nos inimigos e brinca de Deus em pleno Rio de Janeiro. Ele titubeou. Olhou para Waléria, depois para o filho, esperando que alguém negasse aquele absurdo.

– É a mais pura verdade... Eu não teria por que...

– Cala a boca, menina! Fica quieta! – ele agitou o indicador na direção dela em tom severo. Seus olhos brilhavam de raiva, o pescoço avermelhado como se estivesse enforcado no colarinho. – Esta é uma conversa entre mim e meu filho!

– Quem o senhor acha que é para falar assim comigo? – perguntou Waléria, agora partindo para a briga. Até parecia capaz de derrubá-lo com um único soco.

– Menina, você está no meu apartamento, falando do meu filho... Arrumando mais problemas pra mim. Como se não bastassem os que eu já tenho... Por que não vai pra sua casa e pensa no que está fazendo?

– Eu... – tentou ela, mas perdeu as palavras. O "efeito Getúlio" começava a se alastrar.

– Zak, o que essa menina está dizendo é verdade?

Meu amigo não respondeu. Apenas cerrou os olhos.

– É a mais pura verdade! – defendeu Waléria, caminhando apressada até a mesa de pôquer e pegando a moeda sobre a mesa. – Esta é minha moeda da sorte... Se der cara, estou falando a verdade... Se der coroa, é mentira...

– O quê...?

Antes que houvesse tempo de alguém dizer algo, Waléria lançou a moeda no ar e esticou a palma da mão, mostrando o resultado: cara.

Getúlio estava pasmo, os punhos cerrados, buscando no olhar da Waléria qualquer sinal de que aquilo tudo era uma brincadeira de mau gosto. Não é todo dia que se encontra em casa uma garota dizendo que está grávida do seu filho e lançando uma moeda no ar como teste da verdade.

– Satisfeito? – perguntou, um tanto decepcionada com a falta de reação do Getúlio.

– Saia daqui! – gritou Getúlio, dando um tapa na mão da Waléria. A moeda voou longe, rolando no piso de tábuas corridas. – Vamos, saia daqui! – Deu mais dois tapas no ar para enxotá-la.

Waléria arregalou os olhos, surpresa, prestes a desabar em lágrimas. Então explodiu:

– Nunca mais encoste um dedo em mim, seu velho filho da puta! – bradou, correndo em direção à poltrona onde Maria João estava sentada. Agachou-se com dificuldade e pegou a moeda, caída próximo ao pé da mesinha de centro. – Nunca mais, ouviu, seu filho da puta?

Repetiu o "filho da puta" soletrando enfaticamente cada termo do palavrão.

Getúlio permaneceu estático, olhando Waléria dar seu show. Esperou que ela se cansasse do esperneio para dizer, com um sorriso no rosto:

– Saia da minha casa, menina. Para o seu bem...

– Eu sei muito bem o que é para o meu bem, seu velho idiota! – respondeu. Ergueu a moeda novamente, sacudindo-a diante dos olhos do Getúlio. – Esta é a minha moeda da sorte. Você não deveria duvidar dela... Não deveria falar assim comigo... Você não sabe com quem está se metendo...

Por um segundo, pensei que ela estava buscando todas as frases de efeito de filmes policiais baratos para dizer ao Getúlio.

Getúlio se cansou daquilo tudo. Com rapidez, tomou a moeda da Waléria e brincou com ela entre as mãos. A menina desmontou quando viu seu amuleto da sorte em posse do inimigo.

– Me devolve! Me dá minha moeda! Você não sabe com quem está se metendo... – gritou, hesitando em partir para cima dele.

– Sei. Eu sei muito bem com quem estou falando, menina... – disse Getúlio, sem alterar o tom de voz. – Com uma piranhazinha desqualificada que acha que pode me enganar com uma moeda vagabunda...

– Não! – protestou ela.

A voz serena do Getúlio cortou o ar, implacável.

– Você cria sua própria sorte. Essa moeda possui as duas faces iguais! As duas são "cara". Você achou mesmo que poderia me enganar? Uma putinha universitária querendo ganhar o meu dinheiro... Você ainda vai ter que se esforçar muito para isso, menina! Aprender muito!

– Puta é sua mãe!

Sem pestanejar, Getúlio ergueu a mão e deu um tapa no rosto da Waléria. Ao estampido seco e agudo do tabefe seguiu-se o estrondo do corpo dela caindo no chão, ao lado da poltrona. Waléria levou a mão ao rosto, sem reação. A João saiu do camarote de onde assistia a tudo para ajudá-la a se recompor. Maria João sempre foi defensora dos pobres e oprimidos... Mulheres grávidas, ainda que escrotas como aquela, estão no seu rol de protegidas.

– Ei! Você não pode fazer isso com ela! – gritou, revoltada, enquanto perguntava à Waléria se estava tudo bem. – Ela está esperando um bebê!

– Escuta aqui, menina! Meça bem suas palavras ao falar de qualquer um da minha família – continuou Getúlio, olhando para Waléria. – Não quero que apareça mais aqui. Para o bem de todo mundo, é o melhor... Se o Zak fez besteira, ele vai assumir... Mas não eu, não com meu dinheiro... Não trabalhei a vida inteira para sustentar gente baixa como você...

Inevitavelmente, me lembrei dos momentos claustrofóbicos em Cyrille's House, tentando invadir o porão, e do esporro frio e pausado do Getúlio, impondo suas palavras, fazendo-as ressoar por muito tempo no fundo do meu cérebro.

– Eu conheço esse seu tipo – ele emendou. – E é bom que saiba: odeio pessoas assim.

Pessoas como você não vão para a frente, não têm futuro... E secam a sorte de todos os que estão ao redor... Por isso mesmo, é muito bom que desapareça da minha frente... Da minha vida, menina. Já tenho muitas dores de cabeça... E, acredite, você é a menor delas... Se torrar minha paciência, se vier fazer escândalo na minha casa mais uma vez, será o seu fim. Num piscar de olhos, seus pais perdem o emprego, sejam eles funcionários públicos, vendedores de cachorro-quente ou empresários. Não me interessa. Uns poucos telefonemas, e eu transformo sua vida num inferno – explicou, com um tom de professor dedicado. – Então, suma daqui!

Waléria permanecia no chão, a respiração arfante, os cabelos desgrenhados sobre os ombros. Então, as palavras do Getúlio pareceram surtir algum efeito. Mas um efeito contrário ao que ele esperava: ela se levantou com uma agilidade improvável para o seu peso e partiu para cima dele.

– Eu te mato, seu desgraçado! – gritou, retribuindo o tapa. – Se você tirar o emprego do meu pai, eu te mato! Você acha que pode controlar a vida dos outros assim? Fazer o que bem entende? Se meta comigo, e eu te mato! Vou até o inferno para acabar com sua vida, seu filho da puta metido!

Eu e Lucas tentamos separar a briga. Waléria segurava com firmeza a mão do Getúlio, tentando obter de volta sua moeda. Quando conseguiu, se afastou com raiva.

– Você não deveria ter feito isso, menina – murmurou o milionário, com uma calma surpreendente para quem acabara de levar um murro na cara.

– Você pode fazer o que quiser, seu velho babaca! Pode telefonar, usar e abusar das suas influências... – gritou Waléria. Pegou a bolsa que havia deixado sobre a mesa de pôquer. – Mas, se você me prejudicar, eu te mato sem pensar duas vezes. Acabo com a sua vida, e não sobra ninguém para contar a história, escutou? E nenhum dinheiro compra isso. Nem o seu!

Caminhou na direção da porta e abriu-a com raiva. Saiu de vista, mas retornou para terminar seu discurso. Encarava o Getúlio:

– Daqui a alguns meses, eu volto. Com a barriga grande. E podemos fazer o exame de DNA. Quero ver onde você vai enfiar essa sua cara de filho da puta!

E bateu a porta.

Ficamos emudecidos, olhando envergonhados uns para os outros. Não poderíamos simplesmente passar uma borracha em tudo e continuar o jogo de pôquer. O som da porta batida com brutalidade ainda ressoava, como se nos tivesse entorpecido.

– Então... – disse Getúlio. – Vou tomar meu banho. Espero não encontrar mais ninguém aqui quando eu acabar.

Com uma mesura seca, sumiu pelo corredor em direção aos quartos.

– Vocês ouviram, pessoal – reiterou a João. – Estamos sendo enxotados.

Levantou-se da poltrona e pegou sua mochila cheia de rabiscos feitos com canetas esferográficas coloridas. Puxou o irmão pelo braço e saiu com um “Boa noite, galera”. Ritinha

foi atrás, caminhando hipnotizada para a saída.

Ficamos eu e Zak. Naquela sala enorme. Um muro de angústia silenciosa erguido entre nós. Aquele era o momento em que eu deveria confortá-lo, dizer palavras bonitas, passar tranquilidade.

– Firme o pé, Zak. Diga para o seu pai que vai assumir o filho. E que vai dar o seu jeito de sustentar o moleque – eu disse. – Mostrar confiança nessas horas me parece a melhor opção.

– Obrigado, Alê – ele agradeceu, mais por conveniência do que por ter me escutado. Cabeça baixa, os braços cruzados, andava de um lado para o outro.

Talvez eu devesse abraçá-lo ou afirmar que estaria a seu lado para o que precisasse. Mas não sei fazer essas coisas. Sem mais nada a dizer, saí pela porta, calado, deixando-o sozinho com seus problemas.

# Capítulo 21

*Capítulo 6*

*Eu acredito que existe uma força oculta que nos empurra em direção ao precipício. Uma hora você chega à beirada, prestes a cair no abismo, e percebe que deve enfrentar essa força oculta, apesar das dificuldades...*

*Mas uns não conseguem e preferem se jogar.*

*Eu preferi me jogar. Analisando as opções, antevendo as perspectivas, percebi que nada mais faz sentido: estou fadado a um funcionalismo público de bosta, esquecido entre papéis, processos e regras de conduta. Não quero isso pra mim. É uma opção. Talvez a morte traga algo que a vida não me proporcionou: reconhecimento, fama, respeito...*

*Dan nunca teve opções. Nunca fez escolhas. Quando sua cabeça tombou para trás, quicando no chão, esguichando sangue nas pilastras, foi como uma máquina sendo desligada. Um brinquedo desmontado, sem pilhas.*

*Mas ele era mais que isso. Danilo era humano. A porra de um humano empurrado pela força oculta na direção do precipício. A porra de um humano que, à beira do abismo, sem saber que escolha fazer, pediu ajuda a seus amigos... E nós, nós o empurramos para o fim.*

*Merda! Quando no início da semana começamos a preparar tudo isso, ficou decidido que ninguém seria obrigado a nada! Trazer Danilo conosco foi um grande erro. Cometer suicídio nunca foi uma escolha dele, mas uma ordem nossa. Merda!*

*Por um segundo, tudo o que eu queria era dar uma porrada no Zak. Mesmo sabendo que não teria qualquer chance de vitória, queria mostrar a besteira que ele estava fazendo e que seus olhos inebriados pareciam ignorar! Que sentido há em acabar com a vida de uma pessoa inocente? Eu mando em minha vida. Posso escolher se quero ou não ficar vivo. Mas Dan...*

*Merda, merda, merda!*

*No entanto, para Zak, o tiro nada mais tinha sido que o destino. Desde que tudo aconteceu – a morte de Maria Clara e Getúlio naquele acidente –, Zak havia perdido a noção de humanidade, a sensibilidade diante da morte. Meu amigo congelara por dentro.*

*Sem esboçar qualquer emoção, Zak segurou as pernas curtas do Dan, as barras da calça manchadas pela poça de sangue que se formava ao redor do cadáver. Sem dificuldade, puxou o corpo até a parede à direita, deixando um rastro de sangue pelo piso de madeira.*

*– Mas que droga! – foi o que disse quando percebeu a sujeira que tinha feito. Porções de*

*uma massa pastosa se espalhavam pelo caminho por onde passara o corpo. A cabeça do Dan se desfizera em algo desumano, irreconhecível.*

*Senti um peso no estômago, uma leve tontura e então uma bola líquida e requentada sair pela garganta, contribuindo para a sujeira no chão. Abri os olhos para rever meu almoço, agora transformado em uma mistura amarelada.*

*– Ei, Alê, a grávida aqui sou eu – disse Waléria atrás de mim.*

*– Fica quieta – respondi, com raiva, tentando tirar o gosto ruim da boca.*

*– Quem vai limpar essa sujeira? – perguntou Lucas, apontando apaticamente para o espetáculo escarlate.*

*– E agora o vômito. Essa porra toda vai começar a feder feio – reclamou a João, encostada em uma das poucas pilastras sem as manchas do sangue esguichado.*

*– Tem vassoura aí? – perguntou Ritinha, mais prática. Retirou o elástico preso ao pulso e enrolou os cabelos num coque improvisado. – Limpo isso rapidinho.*

*Puta merda! Eles falavam como se fossem cacos de vidro ou um suco derramado no assoalho! Nem por um segundo pareciam sentir qualquer coisa que não fosse desprezo! "Limpo isso rapidinho"!*

*– Foda-se o cheiro. Vamos acabar com tudo logo – defendeu Zak, enxugando a testa após ajeitar o corpo do Dan contra a parede.*

*Retirou a camisa com habilidade, exibindo os músculos conservados em academia. Ritinha fingiu não se abalar com a nudez revelada do Zak, mas um olhar tímido e ligeiro ao peito do meu amigo veio confirmar que ela ainda se lembrava dos momentos que tiveram juntos. Waléria pareceu não se ligar nisso, mais interessada no sangue vibrante a poucos metros dos seus olhos.*

*Com a destreza de uma dona de casa que odeia bagunça, Zak jogou a camisa sobre o sangue, tentando empurrar as partes sólidas para um canto. Esfregou a camisa feito um pano de chão, empapando-a do líquido vermelho.*

*– Você não vai vestir isso de novo, vai? – perguntou Waléria.*

*– Vou ficar assim mesmo. Está quente aqui – respondeu Zak, com calma.*

*Considerei tirar a camisa também. A mistura embaçada de fumaça e pessoas enfurnadas num porão claustrofóbico não deixa o lugar adequado para uma permanência de mais de duas horas. No entanto, nunca gostei de ficar sem camisa na frente dos outros. Principalmente na frente das mulheres. Ao contrário da barriga do Zak, a minha não costuma receber olhares furtivos das garotas.*

*Inevitavelmente, olhei mais uma vez para o corpo do Dan, encostado à parede, inerte no canto do porão. Mais uma vez, voltou a raiva do Zak. E de mim mesmo. Eu não podia ser tão covarde. Tão complacente.*

*– Você achou certo o que fez? – perguntei, segurando-o pelo braço. Falei em tom baixo, ao pé do ouvido. Não queria que os outros escutassem. Não queria confusão.*

*– O que eu fiz? – retribuiu ele, como se realmente não soubesse do que falávamos.*

*– Não finja que não sabe.*

*– Eu não sei – respondeu. Moveu o braço com violência para escapar de mim e deu dois passos trôpegos, parando logo depois. Enfiou a mão nos bolsos da calça jeans, sacando um cigarrinho de maconha. Acendeu-o.*

*– Para com isso – prossegui, retirando o cigarro preso entre seus lábios. – Se quer mesmo se matar, é bom que esteja consciente até lá, não acha?*

*– Vá se foder, Alê.*

*Com o palavrão, percebi que as atenções tinham se voltado para nós. A discrição acabara.*

*– Pensa um pouco, Zak! Só um pouco! – joguei o cigarro no chão e amassei-o. – Veja só as merdas que você está fazendo...*

*– Você é um chato, Alê. Muito certinho. Muito preocupado com tudo... Eu não...*

*– Você atirou na cabeça do Otto. Você mandou que o Danilo, que confiava tanto em você, se suicidasse. E agora você mandou seu melhor amigo se foder. Tem certeza de que o errado aqui sou eu, Zak?*

*Ele se calou, apoiado em mim, com dificuldade de ficar em pé. Fez um enorme esforço para assimilar minhas palavras.*

*– O problema, Alê, é que você acha que é o dono da verdade. Vou te dizer uma coisa, cara: você não é! Tenta fingir que...*

*– Eu não sou o dono de nada, Zak! – respondi, com mais rispidez. Era a única maneira de manter viva a atenção dele. – Mas não é possível que você não veja as merdas que está fazendo. É nisso que você se transforma depois de cheirar, fumar e beber? Não é possível que não reste nada do Zak que eu conheço. Do Zak que é meu amigo!*

*Ficamos ali parados. Senti os olhares dos outros cravados nas minhas costas, mas não me virei. Permaneci onde estava, esperando que Zak reagisse, que minhas palavras surtissem algum efeito sobre ele.*

*– Você tenta se fingir de santo, Alê – disse ele, decidido a atirar pedras em mim. – Mas não me engana... Nós trouxemos o Dan. Nós! Não venha falar que eu sou o culpado pela morte dele...*

*– Eu disse que isso era um absurdo! Eu pedi para girarmos o tambor mais uma vez! Você autorizou que ele atirasse!*

*– E isso me torna um assassino? – retrucou, a voz esganiçada, como se fosse chorar. – Fala sério, Alê! Nós estamos aqui pra quê? Pra falar da vida? Para ter pena dos outros?!*

*Não respondi.*

*– Suicidas, Alê. É isso o que nós somos. Suicidas! Somos covardes para enfrentar a merda do mundo. Somos covardes para acabar com nossa própria vida sozinhos. Precisamos disto aqui, sabe? Desta merda toda. Deste porão, desta bosta de cerveja quente, da companhia de*

*pessoas tão fodidas quanto nós... Nem para meter uma bala na cabeça temos coragem. Não venha... Não venha dar uma de sábio... O Danilo morreu porque deveria morrer... Na verdade, ele nunca teve uma vida. Não venha querer que eu me arrependa. Não vou me arrepender de nada... Nada!*

*– Por que você está aqui, Zak? – perguntei, tentando vencê-lo pelas suas próprias emoções. – Os seus pais, não é?*

*Por um segundo ele ia se render, concordar, cair em lágrimas.*

*– Não interessa.*

*– Imagina como seu pai ficaria, Zak. Ele te ensinou tantas coisas... Não ia gostar de te ver assim.*

*– Eles estão mortos – soltou, com esgar.*

*– E o fato de não estarem mais aqui permite a você fazer o que quiser? É isso que você faz depois de tudo o que aprendeu com eles?*

*– Eu não aprendi nada, Alê! Não me interessa isso. Quem é você pra me dizer o que é certo ou errado? Pra julgar o que estou fazendo? Com quem você aprendeu as suas certezas, Alê? Com sua família problemática?*

*Soltou uma gargalhada, cuspindo ácido na minha ferida aberta. Ele estava jogando sujo.*

*– Não fala da minha família, Zak. Você sabe que... – tentei manter a calma e não enfiar um soco na cara dele.*

*– Um avô que batia na mulher e na filha! Uma avó que, de tanto apanhar, ficou maluca. Uma mãe que cresceu sendo saco de pancada e depois virou uma corna frustrada. Um pai que nunca ligou para o filho... Quem é você pra me dar lição de moral, Alê?*

*– Você não pode falar assim, Zak! Merda, não está certo! Eu sou seu amigo...*

*– Você é um chato, Alê! Um chato! "O Getúlio disse isso. O Getúlio te ensinou aquilo!" Não enche o saco! Cuida da sua vida!*

*– Eu sou seu amigo, Zak. Tenho a obrigação de...*

*– Me larga – reclamou ele, mais uma vez. Aproximou-se de onde estivera o corpo do Dan. Recolheu do chão a Magnum suja de sangue e a limpou na barra da bermuda.*

*– Ele está certo. O Alê está certo – comentou Ritinha, saindo de um dos cantos escuros do porão. Recostou-se na pilastra mais próxima, os braços cruzados. – Você não pode continuar agindo assim.*

*– Vocês devem estar de sacanagem! – explodiu Zak. – Vocês não mandam em mim nem em porra nenhuma!*

*– Quem vai ser o próximo, Zak? – desafiou Ritinha. – Eu? Porque estou aqui te contrariando? Ou talvez o Alê? Você acha que as coisas são simples assim? A pessoa te irrita, e você mete uma bala na cabeça dela?*

*– O Danilo não me irritava.*

*– E o Otto? Ele te irritava?*

*– O Otto era um filho da puta!*

*– Ele te amava, Zak. E Deus sabe como é difícil eu dizer isso, mas não duvido que você também gostasse dele!*

*– Não quero falar desse assunto!*

*– O mundo não funciona do jeito que você quer, Zak! – continuou ela. – Você não pode escolher do que quer ou não falar, deletar as pessoas, as opiniões, só porque não estão como você deseja!*

*Zak se encolheu, acuado, a arma descarregada, o rosto perdido, embriagado, tentando achar argumentos num mar de acusações esfumaçadas. Caminhou tropegamente na direção do montinho de seis balas agrupadas no saco plástico.*

*Ritinha se adiantou, pegando as balas e fechando-as no punho direito.*

*– Eu carrego a arma desta vez – disse, esticando o braço para pegar o revólver da mão dele.*

*Meu amigo recuou. Manteve o revólver junto à cintura.*

*– Vamos, me entrega a arma! – insistiu a ruiva, nem um pouco disposta a abrir mão de carregar a Magnum.*

*Zak estacou por alguns segundos, o corpo cambaleante, tentando encontrar algo convincente para dizer.*

*– Só eu posso carregar o revólver aqui – disse, os olhos caídos, pouco firmes.*

*– Não... isso não está certo! Eu quero pôr a bala na merda da arma! – reclamou ela.*

*– Dane-se o que você quer! Vocês são todos uns chatos! Babacas! – bradou ele, tentando nos intimidar com a arma descarregada. – Eu trouxe o revólver, porra. Não enche o meu saco e me deixa carregar essa merda...*

*– Você é idiota, Zak? Não vê que está na linha de fogo? Estamos todos desconfiados de você! Todos! Eu, o Lucas, a Waléria e até seu amiguinho Alê. Todos.*

*Momentaneamente, ele se perturbou com as palavras da Ritinha. Ela falava com clareza e uma rispidez doce, quase maternal.*

*– O que você está dizendo? – perguntou ele, cenho franzido.*

*– Estou dizendo que tudo isso é muito suspeito. Como você bem disse, estamos na sua casa e usando o seu revólver. Isso quer dizer que você teve a oportunidade de armar o que quisesse...*

*– Armar o que eu quisesse? – Zak pareceu indignado, os olhos afundando no rosto abatido. – O que você acha que estou armando?*

*– Eu não sei. Eu só ando observando. Escutando. Juntando as peças...*

*– Que peças?!*

*A cada frase, Zak gritava mais alto.*

*– Primeiro o Otto. Morreu na hora mais conveniente pra você. Ele estava contando pra todo mundo os seus podres, e a bala saiu na vez dele. Depois o Dan. Um pobre coitado. O*

*único que puxaria o gatilho sabendo que o revólver iria disparar...*

*– Cala essa merda de boca, Ritinha. Eu também puxaria o gatilho. Por isso, mandei o Dan atirar. Eu atiraria! Ou você se esquece que estamos aqui para morrer?! – gritou.*

*Ritinha hesitou, mas logo ganhou coragem:*

*– Sim! Nós estamos aqui para morrer! Mas não desse jeito! Não sob as suas ordens! Nós não somos os seus bichinhos de estimação, merda!*

*– Mas...*

*– Eu estive pensando, Zak... – interrompeu ela. – Estive pensando naquela coisa toda que você disse quando chegamos. As regras dessa roleta-russa. O último pode escolher entre morrer com os outros ou viver...*

*– Sim... – concordou ele, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. – Ninguém estará aqui para obrigar a última pessoa a se matar...*

*– Sim, sim. Eu entendo... – disse ela, sem se abalar. – E é justamente nisso que eu estava pensando... Não sei... Foi apenas uma ideia...*

*– Não estou entendendo... – disse ele.*

*Eu também não estava.*

*– Calma... Eu vou explicar... – prosseguiu Ritinha. – É que... Por um segundo, tive a impressão de que você vai ser o último, Zak. Quero dizer... De alguma forma... você está nos controlando... matando um por um... pra ficar sozinho no final e...*

*– Puta merda, do que você está falando?!*

*– Para ficar sozinho no final e...*

*– E o quê?! – berrou meu amigo, irritado.*

*– Eu não sei... – desistiu Ritinha. – Realmente não faz sentido... Foi apenas uma sensação estranha...*

*– Você acha que estou matando vocês um a um?! Ritinha, eu não sou Deus! O Otto e o Dan estão mortos pelo acaso! A culpa não é minha! Se eu quisesse matar vocês, seria muito fácil... Você esqueceu que eu tenho o revólver?*

*– É... Mas as balas estão comigo agora... E eu quero a arma – disse ela, voltando ao tom desafiador.*

*– Você está bêbada, drogada e sei lá mais o quê! – desdenhou Zak, apontando a arma para ela, os dedos enlaçados ao cabo com firmeza.*

*– Talvez eu esteja bêbada... Talvez tudo isso que eu disse seja uma grande besteira e você seja um pobre injustiçado... Mas não sei... A sensação esquisita continua... Por isso, só por via das dúvidas, eu quero carregar a arma desta vez.*

*– Merda, eu já disse que não! Não, entendeu? Não! – gritou Zak.*

*– Vocês vão ficar nessa discussão até amanhecer e não vamos chegar a lugar nenhum! – reclamou a João.*

*– Isso mesmo – concordou o irmão.*

*– O Zak realmente se excedeu com eles dois... – continuou a João, apontando para o que restava do Otto e do Dan. – Mas não acho que ele esteja armando nada. Não acho que ele queira nos matar. E acho que é ele quem deve continuar carregando o revólver.*

*– Vocês só podem estar cegos! Ele vai nos eliminar um por um! – protestou Ritinha.*

*– Concordo com a minha irmã. O Zak trouxe a arma. O Zak carregou a arma até agora. Ele é quem deve continuar fazendo isso – comentou Lucas.*

*– Concordo com eles também – disse eu, sem querer me envolver muito.*

*– E você, Waléria? O que acha? – perguntou a João, tomando a iniciativa na discussão.*

*– Pra mim tanto faz, merda. Não me interessa quem vai carregar a arma.*

*– Eu apoio a Ritinha! – gritou Noel, a voz fraca. – Acho que o que ela disse do Zak faz sentido.*

*– Cala a boca, seu babaca. Você gosta dela! Seu voto é tendencioso! – brigou Zak, enfurecido, gotas de suor pingando do rosto.*

*– Qual voto aqui não é tendencioso?! – retrucou Ritinha. – Eles são seus amigos, Zak! Eles estão do seu lado porque são seus amigos!*

*– Nós ganhamos, Ritinha – argumentou a João. – Quatro a dois. Entrega as balas para o Zak.*

*– Droga, isso é um absurdo! – reclamou ela, sem ceder, o punho segurando firmemente a munição.*

*– Chama-se democracia – respondeu Lucas. – Reclame com os filósofos políticos na próxima encarnação.*

*– Merda! – chiou Ritinha, jogando as balas no chão. Elas tilintaram, rolando pelo assoalho de madeira.*

*Zak soltou alguns palavrões. Recolheu as balas depressa, sem grandes problemas, já que elas não tinham se afastado muito. Guardou-as no bolso da bermuda, deixando uma única na mão. Ritinha se aproximou para conferir o que ele faria. Sem se incomodar, Zak introduziu a bala no tambor e girou-o com rapidez.*

*– Satisfeita? – perguntou ele, fechando a arma.*

*Ela não respondeu. Apenas se afastou, mantendo o ar de desconfiança e se sentando na parte menos suja do porão. Noel e Waléria sentaram-se a seu lado.*

*– Eu não vou formar mais merda de roda nenhuma. Não somos crianças retardadas para ficar sentando em roda – disse Zak.*

*– Concordo – apoiou Lucas. – Eu começo.*

*Pegou o revólver das mãos do Zak sem exibir qualquer preocupação. Parou no meio de nós e, com os olhos fechados, levou a arma à cabeça.*

*– Sem frase desta vez – murmurou, puxando o gatilho.*

*O estampido seco ecoou pelo porão. O tambor fez seu giro inócuo, esperando desafiadoramente o próximo.*

*– Posso ir, Zak? – perguntou a João, ainda intimidada pelo sangue espalhado em grandes poças pelo piso.*

*Meu amigou concordou.*

*– Então... Aqui vou eu... – murmurou ela, meio vacilante, tomando o revólver das mãos do irmão. Segurou a arma com seu jeito másculo, os braços troncudos, brutos. Assim como Lucas, não pestanejou. Direcionou o cano para a própria têmpora e puxou o gatilho.*

*Clique.*

*Novo giro.*

*Ela baixou o braço, arfante. Buscou apoio nos ombros do irmão. Os cabelos curtos emolduravam o misto de alívio e medo estampado no rosto.*

*– Uau! – gritou, sentindo a adrenalina nas veias.*

*– Me dá o revólver – pediu Zak.*

*A grande verdade é que estávamos desgastados. A cada tiro, morria a própria vontade de morrer. Vinha o desejo de deixar toda aquela merda para trás, de dar mais uma chance ao mundo, de tentar mais uma vez.*

*Mas eu não queria tentar mais uma vez.*

*Nem Zak.*

*Meu amigo se apoiou em uma das pilastras, a perna esquerda dobrada, dificultando o equilíbrio. Levantou a arma ao mesmo tempo que fechei os olhos. Não queria guardar a imagem do Zak morrendo, sua cabeça se transformando numa massa orgânica. Preferi a escuridão. E os sons.*

*Silêncio.*

*Clique.*

*Silêncio.*

*Abri os olhos para me deparar com um Zak descrente, cabisbaixo. Olhei-o nos olhos, tentando mostrar que eu continuava ali para o que ele precisasse, que nossa briga não tinha mudado nada a amizade. Mas ele não percebeu. Sua mente esfumaçada não nos via mais com nitidez. Éramos sombras escuras, seres vagando pelo porão abafado.*

*– Ritinha! – sentenciou ele, repassando a arma.*

*Noel fez que ia impedi-la de novo, mas se deteve. Não adiantaria. Ela queria morrer.*

*A ruiva pegou o revólver exalando coragem e determinação. Lançou um olhar superior ao Zak, escondendo a hesitação sob o véu de um ar esnobe. Demorou a erguer a arma. Caminhou pelo porão, parando num canto escuro, como se fugisse da atenção de todos. Então, levou o revólver à cabeça, o cano se perdendo entre os fios de cabelo avermelhados. Olhou para cada um de nós enquanto o indicador pálido alisava o gatilho. Quando passou por mim, desviei o olhar. Não conseguiria vê-la morrer. Não conseguiria ver qualquer um ali morrer. A imagem do Dan se desfazendo ao meu lado, pouco depois de me encarar com um ar desafiador, ainda martelava minha cabeça. Insistentemente.*

*Fechei os olhos.*

*Silêncio.*

*A curiosidade me venceu, e abri uma fresta para entender o que acontecia, como a criança que esconde o rosto na cena de terror, mas acaba dando um jeito de assistir ao monstro em ação. Ainda tive tempo de ver Ritinha encostada na parede, a pele branca em destaque no canto escuro. E então, como se meu olhar acionasse o gatilho, ela atirou. Desta vez, não ouvi o clique. Tampouco houve silêncio.*

*Pow!*

*Numa fração de segundo, a arma abandonou a mão dela, caindo no chão. O corpo foi lançado para a esquerda, um esguicho de sangue saindo da cabeça e tingindo a parede de escarlate. Caiu de bruços, os cabelos desgrenhados, empapados de sangue, cobrindo o rosto. As pernas tortas registravam o impacto da queda.*

*– Ritinha! – gritou Noel, acordando de sua letargia. – Ritinha!*

*Correu na direção do corpo, como se pudesse reavivá-lo, rebobinar a fita e evitar que tudo aquilo acontecesse. Acariciou os cabelos dela, as mãos trêmulas tingindo-se de sangue, e começou a chorar. Não um choro seco, particular. Esperneou feito uma criança que vê o cachorrinho ser atropelado por um caminhão.*

*Soluços. Gritos. Carícias.*

*– Foi você, seu filho da puta! – berrou, largando o cadáver e partindo para cima do Zak, sem temer. – Seu filho da puta!*

*Meu amigo recuou, erguendo os braços num tom apaziguador. Vi em seus olhos o choque pelo que tinha acabado de presenciar.*

*– Eu não...*

*– Ela estava certa! Ela te desmascarou! – continuou Noel. – Você carregou a arma. Você repassou a arma para ela, seu desgraçado!*

*Noel não sabia se chorava ou se lutava. Estava enfraquecido, como se fosse seu sangue a se espalhar pelo chão de madeira. Respirou fundo, tentando se recuperar. Voltou a investir contra Zak. Chutes ao léu. Lucas o impediu, segurando-o pelas costas.*

*– Seu filho da puta! A culpa é toda sua! Toda sua!*

*– Minha culpa?! – respondeu Zak, irritado. – Você sempre gostou dela, e ela o ignorava! Nunca ligou para você! Sabe, ela não choraria uma lágrima sequer por sua morte... E você vem dizer que a culpa é minha?*

*Apanhou a camisa no chão e caminhou na direção do corpo da Ritinha. Jogou o pano sobre a cabeça dela, escondendo o rosto desfigurado pelo tiro.*

*– Seu filho da puta! – disse Noel, mais uma vez, livre das garras do Lucas, mas ainda parado no mesmo lugar, entorpecido. – Seu filho da puta!*

*– Fica quieto, Noel! Você não vê que a vida te deu uma bela oportunidade? A Ritinha está morta. Ela morreu antes de você... Esta é sua chance! – gritou Zak, o rosto vermelho, suado.*

*Com agilidade, enfiou as mãos na gola da blusa da Ritinha e, fazendo força, rasgou-a, revelando seios brancos e rígidos. – Foda com ela, Noel! Não é isso o que você sempre quis? Foda com a Ritinha! Desta vez, ela não vai poder te impedir...*

# Capítulo 22

VÂNIA – Meu Deus, ele não pode... *(VOZ CHOROSA)*

DIANA – “Foda com ela, Noel! Não é isso o que você sempre quis? Foda com a Ritinha! Desta vez, ela não vai poder te impedir...”

VÂNIA – Como... *(CHORO)* Como alguém pode ser capaz de propor isso? *(SOLUÇOS)* O que minha filha fez pra ele?

SÔNIA – Monstruoso! Nojento! Desumano! *(PAUSA)* Eu... Eu não sei onde isso tudo vai parar! Não sei mais o que esperar do Zak... Ele parece capaz de tudo! De tudo!

DIANA – Esse é o final do capítulo seis. Algum...

VÂNIA – Nós não podemos ficar aqui sentadas ouvindo essas coisas... Será que não se pode sequer sofrer sozinha a perda de uma filha? *(CHORO INTENSO)* É preciso isso tudo?

DIANA – Nós já discutimos, Vânia. É necessário que...

VÂNIA – Não me interessa o que é necessário, merda! *(PAUSA)* Isso tudo é muito errado! O que o Zak pretendia? Todas essas atitudes... Essa violência gratuita... *(PAUSA)* Eu nunca convivi com ele, claro... Mas como é possível que alguém possa esconder essa maldade por tanto tempo? Como é possível que o Alessandro nunca tenha percebido nada?

OLÍVIA – Talvez ele soubesse... mas não contou para ninguém...

DÉBORA – Meu filho cresceu junto com o Zak. Eram amigos desde pequenos. Eu conhecia o Zak muito bem. Ele não era assim...

VÂNIA – E como você explica todas essas barbaridades? *(VOZ EXALTADA)* Você... Você viu o que ele propôs ao Noel?!

DÉBORA – Eu não sei explicar.

DIANA – O Zak estava acuado, sendo acusado por todos, inclusive pelo seu melhor amigo. *(PAUSA)* Toda essa violência desenfreada é como um mecanismo de defesa. Ele ataca, fere e mata com medo do que pode acontecer caso fique passivo.

VÂNIA – Minha filha tinha acabado de morrer, e ele propôs que o Noel fizesse sexo com ela! Isso não é uma defesa! *(SOLUÇOS)* É uma monstruosidade!

DIANA – Eu não estou querendo justificar nada. *(PAUSA)* Estavam todos bêbados, alienados pelas drogas, mais violentos do que normalmente estariam... O Zak se sentiu ameaçado, todos o confrontavam com perguntas e desconfianças... Em vez de recuar, ele atacou. Não me parece uma demonstração de loucura, e, sim, de medo. Medo de sofrer mais um choque, como aqueles que tinha sofrido na semana anterior.

REBECCA – Mais uma vez essa merda de acidente servindo como motivo para ele cometer

suas atrocidades... *(VOZ EXALTADA)* A morte dos pais dele não pode justificar essa violência! É um absurdo!

DIANA – O Alessandro em nenhum momento narra que o Zak carregou a arma e entregou à Ritinha propositadamente. Ao contrário, diz que ele ficou chocado quando o revólver disparou... *(PAUSA)* É possível que ela tenha morrido por acaso. Não podemos afirmar nada.

VÂNIA – Ora, doutora, se acha que somos idiotas, por que não nos diz logo? *(PAUSA)* O Zak atirou no Otto de propósito assim que ele começou a falar algumas verdades. Depois, morreu o Danilo. Como disse a minha filha, era o único pobre coitado que aceitaria atirar naquele momento. E então, depois de falar tudo isso na cara do Zak, a minha filha morre ao apertar o gatilho de uma arma que aquele desgraçado entregou nas mãos dela. *(PAUSA)* O que você quer mais?!

DIANA – Eu só disse que não temos certeza.

VÂNIA – Basta somar os fatos!

DÉBORA – Não quero ouvir mais nada. *(PAUSA)* Posso ir embora?

DIANA – Débora... Por favor, fique...

DÉBORA – Eu vi o Zak crescer, doutora. Eu o segurei no colo, coloquei para ninar... Não é possível que eu seja tão cega. *(PAUSA)* Elas estão certas... O Zak violentou os nossos filhos. Eles estão mortos, e a culpa é do Zak. Mas eu simplesmente não consigo! *(PAUSA)* Não consigo ficar ouvindo essas coisas e pensar que pode ser verdade! Que eu convivi com alguém assim por tanto tempo! Que meu filho foi amigo de alguém tão obsceno e podre! *(CHORO)* Eu não... Eu não quero estar aqui quando esse livro acabar... Quando o Zak atirar no meu filho... Puta merda, eles eram os melhores amigos um do outro!

DIANA – Débora... *(PAUSA)* Nós não podemos obrigá-la a ficar aqui. Esta é uma reunião informal, não compulsória. *(PAUSA)* No entanto, peço que reflita bem antes de ir. Como mãe do Alessandro, sua presença é peça-chave para uma possível solução. Você conhecia o Zak melhor do que todas nós. Você era grande amiga do casal Vasconcellos.

DÉBORA – O que a Maria Clara e o Getúlio têm a ver com isso?!

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Foi apenas modo de dizer. *(PAUSA)* Estou tentando mostrar como sua presença é importante nesta reunião. Você era íntima de grande parte dos envolvidos. Você pode perceber algum detalhe que deixamos passar...

DÉBORA – Vocês querem entender como as coisas podem ter terminado daquele jeito, não é? Não é pra isso que estamos aqui? *(PAUSA)* Pois preste atenção, doutora. Esse Zak que está fazendo essas coisas eu não conheço! Nem o Alessandro eu reconheço! Meu próprio filho! Não interessa quantos anos eu tenha convivido com eles, simplesmente não os reconheço... O meu filho nunca aceitaria passivamente essas atitudes do Zak. Mas ele deixou que o Zak atirasse no Otto... *(PAUSA)* Eu não o reconheço mais! Não posso dizer nada sobre nenhum deles... Minha presença aqui é totalmente inútil.

DIANA – Mas...

DÉBORA – Deixe-me terminar, doutora. *(PAUSA)* Você sabe o que vai acontecer no final? Nós não descobriremos nada! Absolutamente nada! Teremos passado essa maldita tarde aqui, vendo nossos filhos morrerem um a um e, no final, não saberemos nada... *(CHORO)* Vocês querem um motivo racional para aquilo. Vocês querem entender logicamente como aqueles corpos foram encontrados naquele estado... Mas não há esse motivo. Não há lógica. Não há nada de racional ou humano nisso tudo. E eu não estou falando só do Zak. Estou falando do meu filho também. E dos filhos de todas vocês.

OLÍVIA – Uau! *(RISO SECO)* Foi um belo discurso, Débora. Você deveria escrever novelas...

DÉBORA – Não me provoque...

OLÍVIA – Por que esse surto repentino? Ficou incomodada com alguma coisa no texto do seu filhote? *(PAUSA)* Talvez porque o Zak tenha falado do seu pai... Ou tenha te chamado de corna... Como ele disse mesmo? Corna frustrada...

DÉBORA – Sua desgraçada, eu não admito que fique falan...

OLÍVIA – Não precisa me ofender, querida. *(PAUSA)* Eu só acho importante esclarecer esses pontos sobre o seu passado... Afinal, quem falou deles foi o Zak, e não eu...

SÔNIA – Olívia, você parece gostar de espalhar a discórdia!

OLÍVIA – Eu...

DIANA – Débora, não precisa responder se não quiser. *(PAUSA)* Não achamos que esses fatos tenham qualquer relação...

DÉBORA – Meu pai era um monstro. *(VOZ CHOROSA)* Um militar rigoroso, violento. Batia na minha mãe. Batia em mim. E, quando me casei e tive o Alessandro, bateu no neto também. Ninguém conseguia impedi-lo. Ele se meteu com política nos anos oitenta e, desde então, era deputado estadual... Um infeliz intocável. Com ele, a lei não funcionava. *(PAUSA)* Morreu quando o Alessandro tinha doze anos. Um ataque cardíaco durante o café da manhã... *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA)* Aquele foi o dia mais feliz da minha vida. Mesmo velho, aquele desgraçado era a pessoa mais cruel que conheci até hoje. Meu próprio pai. *(PAUSA)* Minha mãe enlouqueceu pouco depois, sonhando que ele voltava durante as noites para violentá-la. Tive que interná-la num asilo. *(PAUSA)* Também me casei com um canalha que me trocou por uma piranhazinha mais nova. *(PAUSA)* Definitivamente, não tive uma vida de contos de fadas... Mas não preciso ficar reclamando. *(PAUSA)* Satisfeita, Olívia?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Débora, você não precisava...

DÉBORA – Eu falei porque quis. Para tirar esse ar de superioridade com que ela olha pra todas nós...

OLÍVIA – Eu não olho com ar nenhum pra vocês. *(VOZ EMBARAÇADA)* É que...

DÉBORA – Não precisa se justificar, Olívia. *(VOZ RÍSPIDA)* Eu já te disse tudo. Eu tive um

pai violento, uma mãe que enlouqueceu, um marido canalha, um câncer que quase me matou e um filho suicida. Parece muita desgraça pra uma pessoa só, não é?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DÉBORA – Mas eu estou aqui. Bem menos ranzinza e infeliz do que você. Bem menos.

DIANA – Por favor, não vamos entrar em mais uma discussão...

OLÍVIA – Eu não quis ser grosseira. Apenas achei que... *(PAUSA)* O Alessandro ficou bastante chocado quando o Zak falou disso na frente de todos. Achei que pudesse ter alguma relevância ou... *(PAUSA)* Peço desculpas se te ofendi.

DÉBORA – Você não me ofendeu, Olívia. Fique tranquila. Não se preocupe comigo. É só que... *(PAUSA)* Isso tudo já ultrapassou o aceitável. Fiquei aqui sentada, escutando, quase vendo de verdade o Zak matar esses jovens, falar mal da minha família. Para mim, é o suficiente. Cansei.

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(PASSOS AGITADOS)*

DIANA – Espere, Débora, por favor. Repense tudo o que discutimos. Sair agora é minar o sucesso desta reunião.

DÉBORA – Esta reunião está fadada ao fracasso. A doutora é delegada. Sabe disso.

DIANA – Débora, uma mulher que passou por tudo que você já passou não pode desistir assim! Se começarmos acreditando no fracasso, não conseguiremos nada, não acha?

OLÍVIA – Isso é psicologia barata.

DIANA – Não seja precipi...

DÉBORA – Eu estou passando mal, doutora. Minha cabeça está latejando. Preciso espairecer um pouco... *(PASSOS)* Continuem sem mim. Eu volto.

DIANA – É preciso da presença de todas para que...

DÉBORA – Droga, doutora! Será que tenho o direito de não querer escutar esse menino transando com uma menina morta?! *(VOZ EXALTADA)* Não quero ficar aqui ouvindo essas coisas!

*(VOZES EXALTADAS)*

DIANA – Por favor, fiquem calmas!

VÂNIA – Eu também vou sair.

OLÍVIA – Então saia! Se não quer escutar, saia! *(PAUSA)* A delegada mesmo disse. É uma reunião não compulsória. Fique lá fora esperando com a Débora. Façam acampamento no corredor... Não me interessa! Eu vou ficar sentadinha aqui e quero escutar todos os detalhes...

*(PASSOS AGITADOS)*

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DÉBORA – Você é uma louca sádica!

OLÍVIA – Pouco importa. Estou no meu direito de louca sádica. *(PAUSA)* E a louca sádica quer escutar o próximo capítulo.

ROSA – Eu não acho que...

OLÍVIA – Não sejam ridículas! A Rosa ficou para ouvir o Otto ser torturado e assassinado. A Sônia não fugiu quando o Alessandro narrou a morte do filho dela. Por que diabos vamos pular o capítulo agora? Só porque a vítima é uma mulher? *(PAUSA)* Não é à toa que nos consideram inferiores aos homens...

ROSA – Concordo com a Olívia.

VÂNIA – Cansei disso tudo. Adeus pra vocês! *(PASSOS APRESSADOS)* Quando decidirem algo razoável, me chamem no corredor.

*(PORTA BATENDO)*

DÉBORA – Também vou. Preciso de um pouco de ar.

DIANA – Então... Quando acabarmos, chamo vocês duas.

SÔNIA – Eu realmente entendo a posição da Olívia. De ficar escutando, quero dizer... *(PAUSA)* Mas já que tenho a opção... também prefiro me retirar.

*(PASSOS)*

*(PORTA BATENDO)*

DIANA – Vocês quatro vão ficar pra ouvir?

*(SILÊNCIO – 08 SEGUNDOS)*

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Tudo bem então. Vamos ao capítulo sete...

# Capítulo 23

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE’S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-1206-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*12 de junho de 2008 – Quinta-feira*

O amor não tem limites.

Esta é uma verdade estampada no para-choque dos caminhões pelo Brasil afora.

Eu nunca fui tão abertamente romântico. Talvez pela discrição correndo nas veias, herdada dos ascendentes mineiros do meu pai. Talvez porque nunca amei ninguém de verdade. Quero dizer, amo minha mãe, minha avó... Mas esse amor está implícito, não? O amor declarado tem um quê de físico, de carnal. E esse, carregado de sexualidade, eu só senti uma vez. Não posso realmente dizer que estive apaixonado, mas foi algo diferente. Por mais piegas que possa parecer, perdi algumas noites de sono e ganhei uma boa dose de receio em relação às paixões seguintes. Típico dos amores frustrados.

Eu tinha treze anos, e ela, quinze. Seus olhos verdes brilhavam diante dos adolescentes de dezoito. Sequer pensava em olhar para mim, um pirralho. Suponho que nunca soube que eu gostava dela. Nos encontramos por dois longos e maravilhosos anos, todas as terças e quintas, na minúscula salinha do curso de inglês. Ela sentava lá na frente, próximo à professora, respondia calorosamente a todas as perguntas enquanto brincava com as mechas loiras do cabelo. E eu, atrás, esquecido na cadeira, era ofuscado pelos alunos mais velhos.

Hoje, ao ler a frase no vidro traseiro de um Corsa vermelho, me veio à mente toda essa história. Ela sempre esteve guardada em algum lugar da memória, esperando para vir à tona. Por um segundo, voltaram os pensamentos e as sensações daquela época: a paixão secreta, cultivada silenciosamente por tanto tempo; as declarações de amor planejadas durante a noite; as palavras bobas que eu dizia para me arrepender logo depois.

Eu podia jurar que tinha acabado. O curso de inglês terminou, e eu não a via há mais de três anos. Não sinto mais a atração física de antes: a aura de perfeição que fantasiei ao seu redor

se perdeu por completo. Mas, ainda assim, ao ler a frase sobre o amor, foi ela quem me veio à mente; a confirmação de que, se ela me chamasse, eu correria atrás feito um idiota. E seria assim por um bom tempo.

Provavelmente eu teria divagado mais sobre minha paixão da puberdade se não estivesse atrasado para a aula de sociologia jurídica. Tinha que entregar o relatório crítico sobre o Foucault.

O sol estava forte, e as pessoas entravam na universidade de óculos escuros. Eu caminhava quase de olhos fechados, incomodado com os raios solares invadindo meus óculos de grau. Foi assim, de olhos franzidos, que vi o Corsa vermelho entrar no estacionamento da Uerj. Presa ao teto, estava uma caixa de som. Amarradas aos vidros, bexigas coloridas batiam umas contra as outras, agitadas. Só depois vi o adesivo colado ao vidro traseiro: "O amor não tem limites", escrito em vermelho. Dois corações pontuando o fim da frase.

Eu adoraria ficar assistindo ao espetáculo em pleno estacionamento, com direito a música alta, declarações, abraços e tapete vermelho. Mas não havia tempo. Subi as escadas, chegando ao hall dos elevadores.

– "Parabéns pra você! Nesta data querida!" – começou a musiquinha, vencendo as paredes e invadindo meus ouvidos. – "Muitas felicidades! Muitos anos de vida!" – terminou o coro artificial, saindo em alto volume da caixa de som. Mesmo no sétimo andar, onde minha aula já tinha começado, aquele barulho festivo devia estar atrapalhando.

O elevador abriu as portas, mas não pude subir. Toda a minha turma saiu do cubículo, apressada, indo na direção do portão.

– O que foi? – perguntei, puxando Zak pelo braço. Meu amigo parecia agitado e não se deixou deter. Continuou andando e fui obrigado a segui-lo. – O César faltou?

A falta de um professor é uma possibilidade mais do que comum numa universidade pública carioca.

– Vem, Alê! – ele disse, sem me olhar. – Você não está ouvindo a música?

– Que tem a música?

– Você vai ver! – murmurou ele, como uma criança que persegue um disco voador.

Chegamos ao estacionamento, onde uma rodinha de pessoas tinha se formado ao redor do carro vermelho. Um gordinho careca, o motorista, exibia um ar de cansaço enquanto estendia um tapete vermelho improvisado no chão sujo.

Feito isso, esperou a música da Xuxa terminar. Pegou um microfone e uma folha de papel no porta-luvas.

– Parabéns, parabéns, parabéns! – leu ao microfone. – Hoje é seu aniversário, Ritinha! E é com muita emoção que trago essa mensagem de amor, carinho e afeto para você...

Por um segundo, fiquei zonzo. Depois, fui invadido por uma série de pensamentos avulsos.

A voz monotônica do careca: "Hoje é seu aniversário, Ritinha!".

Lembrei do Noel na rave do sábado anterior: "Quinta-

-feira é aniversário da Ritinha... E... Eu gosto dela... Quero fazer uma surpresa...”.

Senti vontade de rir, gargalhar como nunca. Noel contratara a porra de um carro de mensagens animadas para se declarar para Ritinha! Ridículo e hilário ao mesmo tempo!

Contive-me. Zak, ao contrário, pareceu não se importar com a discrição e começou a rir alto enquanto o careca tentava emocionar com seu texto raso.

– ...e a moça se tornou uma mulher admirável. Uma mulher linda e apaixonante que encanta a todos ao seu redor. Rita Antunes Peixoto, a Ritinha, que hoje completa vinte anos de idade, merece uma salva de palmas!

Colocou o microfone sob o braço e começou a bater palmas, esperando que o acompanhássemos. Procurei o rosto da Ritinha no meio das pessoas. Nessas horas, a expressão do aniversariante é algo impagável: uma mistura de vergonha, felicidade e medo. Mas ela não estava próxima ao carro, tampouco no portão de entrada. Em meio à minha busca, encontrei Noel. Do último degrau da escada, ele estudava a reação das pessoas, sem aparentar ansiedade. Parecia saborear cada palavra dita pelo careca, concordando instintivamente com a cabeça.

– ...e então nos conhecemos. Ritinha, aproveite! Hoje é o seu dia! Um grande beijo! – continuou, inexpressivo. – Agora, uma pessoa querida quer dizer algumas palavras...

Ritinha emergiu da multidão. Seu rosto estava vermelho, da cor dos cabelos. Não havia ali qualquer traço de felicidade ou de gratidão. Mas havia rancor de sobra. Vestia uma calça jeans justa e uma blusinha amarela sem qualquer enfeite. Passaria despercebida naquela data não fosse seu nome sendo gritado na caixa de som para toda a universidade.

– Noel, o microfone é todo seu! – terminou o gordinho.

Noel se aproximou do Corsa, o corpo encolhido, os olhos amedrontados, perdidos na beleza da Ritinha.

– Bem... – começou, testando o som. – Eu... Eu não sei muito o que dizer... É só que...

Ritinha sacudiu lentamente a cabeça, os olhos fechados. Bastava um peteleco para ela explodir.

– Hoje é seu aniversário... E eu gosto tanto de você! – disse Noel, o microfone trêmulo nas mãos. – Tanto, tanto! E queria mostrar isso pra você... Mostrar que pra mim você não passa em branco. Que você é importante para a minha...

Noel começou a se emocionar. Seus olhos se encheram d’água. O número de pessoas ao redor crescia, todos segurando suas pastas e mochilas, dispostos a chegar atrasados à aula para assistir ao espetáculo.

– Essa foi a única coisa que pude fazer... Sei que você está com vergonha. Mas eu não tenho vergonha. Nenhuma... Eu te amo, Ritinha. E pode apostar que ninguém te ama como eu – terminou, com um suspiro.

Sei bem como ficam os homens quando apaixonados: frágeis, tolos.

– Na verdade... – Noel respirou fundo, enchendo-se de coragem. – Eu só queria fazer uma

única pergunta. Uma só...

A pequena multidão soltou uma exclamação de carinho, antevendo o pedido.

– Ritinha... Você aceita namorar comigo?

Pronto. Aquele era o estopim.

Ritinha sacudiu a cabeça novamente. Parecendo ignorar todas as pessoas, desde as menininhas emocionadas até os marmanjos que caíam na gargalhada, caminhou apressadamente na direção do Noel e segurou-o pelo braço com rispidez.

– Você é retardado, Noel? – perguntou ela, cortante. Falou em tom baixo, mas a bronca foi captada pelo microfone e emitida pela caixa de som. – Desliga essa porcaria!

Tomou o microfone das mãos inertes do Noel e desligou-o.

Tive de me aproximar para ouvir o restante da discussão.

– ...e não é assim que se faz. Você tem noção do mico que estamos pagando?!

– Mas, Ritinha... – começou ele, tentando argumentar. – Eu te amo. Gosto muito mesmo de você... Queria fazer alguma coisa no dia do seu aniversário...

Tentou acariciar os braços dela enquanto falava, mas a ruiva se desviou.

– Você está fazendo tudo errado, Noel. Não adianta... Eu não te amo... e... estou enrolada com outro cara...

– O Zak? – perguntou ele, engasgado. O rancor carregado na voz, um brilho de ódio revelado no olhar.

– Não... Não é o Zak... Na verdade, isso não te interessa!

– Eu vi que vocês sumiram na semana passada. Na casa dele. Durante o trabalho...

– Não seja ridículo, Noel. Você não pode querer ficar controlando a minha vida assim. Não vai conseguir nada comigo agindo desse jeito!

– Eu sei que você gosta dele! – murmurou, como se fosse uma ofensa. – Só porque ele é rico, fortinho, metido... Mas ele não gosta de você, Ritinha... O Zak não te ama como eu te amo...

– E eu não te amo como você me ama, Noel. Entenda isso! Manda esse carro embora daqui. Se você quer que eu continue te tratando bem, como bons amigos, acaba com isso! Vamos viver normalmente, sim?

– Eu não consigo mais... – choramingou ele. Por um instante, tive pena. Mas, então, ele caiu na tentação mais deprimente possível: ajoelhou-se diante dela, olhos nos olhos, as mãos enlaçadas, como quem espera receber uma bênção divina. – Me dá uma chance, Ritinha. Uma única chance para eu mostrar como te amo. Se der certo, ótimo... Se não der... Pelo menos nós tentamos...

– Nem pensar, Noel. Fica em pé. As pessoas estão olhando!

– Eu não me importo com as pessoas, já disse... – murmurou. – Uma chance... Um único beijo. E nada mais. Um beijo... Não pode ser tão horrível assim, pode?

– Mais do que você imagina, Noel... – retrucou ela, cínica. Agitou os braços com força, fugindo da cena patética. Girou a cabeleira ruiva no ar, dando as costas para ele, e caminhou

apressada em direção ao portão da universidade.

– A festinha acabou! – gritou, enquanto batia palmas para espantar a multidão.

O careca do carro de mensagens animadas acatou o recado e recolheu o tapete vermelho, jogando-o desajeitadamente pela janela traseira. Entrou apressado no Corsa e girou a chave na ignição.

– Espere um pouco – pediu Noel, batendo contra o vidro dianteiro. – Eu já volto.

Tentou alcançar Ritinha. Ela já subia as escadas rumo ao hall dos elevadores. Num gesto impensado, Noel enlaçou-a por trás, imobilizando-a em seus braços.

– Não foge de mim assim... – disse. O tom era de súplica.

Ele aproximou o rosto. Ritinha baixou a cabeça, tentando escapar do beijo na bochecha, mas não conseguiu.

– Me larga! – esperneou. O grito ecoou pelas rampas da universidade.

Noel obedeceu. Mais uma tentativa e a comemoração dele terminaria na delegacia.

– Me desculpa, eu...

– Você é podre, Noel! – gritou ela. – Podre!

A aglomeração se moveu para o interior da universidade, acompanhando o drama.

– Eu só queria...

– Você é um retardado! Um merda! Acha mesmo que qualquer ser humano normal iria gostar de ter um carro berrando seu nome pela faculdade no dia do aniversário?

– Desculpa... Eu só quis te agradar... – ele estava prestes a chorar. – Só queria ter uma chance com você...

– Nunca! Você escutou? Eu nunca ficaria com você! Eu nunca beijaria você! Nunca! Nem morta! – esperneou. – Nem morta!

– Não fale...

– No dia em que eu te der uma chance, podem me internar num hospício, porque eu estarei louca. Louca! Não aguento mais olhar pra sua cara. Nem pense em vir atrás de mim! – disse, tomando a rampa para os andares superiores.

Noel permaneceu estático, observando sua musa sumir. Ninguém se aproximou para consolá-lo. Os cochichos se esvaneceram, e aos poucos a multidão se dissipou.

Zak se apoiou em mim, rindo a valer.

– Essa foi a coisa mais engraçada que já vi! – soltou, sem se importar que Noel o escutasse.

Puxei-o pelo braço em direção à saída. Se ele queria rir escandalosamente, que pelo menos não o fizesse na frente do coitado.

– O Noel acha que a culpa é sua... – disse eu, tentando ver se ele parava de gargalhar.

– O quê?

– Você não ouviu? Ele acha que a Ritinha não quer ficar com ele porque ela está com você...

– Eu não estou com a Ritinha...

– Se você está ou não, não importa. A questão é que ele acha que a culpa é sua...

– E daí?

– E daí que ele é apaixonado por ela. E é maluco. Um cara que faz o que ele fez é doido de pedra.

– Um cara que faz isso tem senso de humor – respondeu, entre risadas. – Muito senso de humor!

– Eu não estou brincando, Zak. Toma cuidado – alertei. – Ele é obcecado por ela. E você está no caminho, atrapalhando. Ele pode tentar fazer alguma coisa contra você... Te tirar da jogada...

– Fala sério, Alê! O que você acha que aquele babaca pode fazer contra mim?

– Não sei. Mas... É melhor tomar cuidado.

– Pode ser – disse meu amigo, encerrando o assunto.

O sol castigava nossas cabeças. Noel foi falar com o careca do Corsa. Conversaram por menos de cinco minutos. Depois, Noel foi embora, cabisbaixo.

Observei o carro se afastar, a frase sumindo junto: “O amor não tem limites”.

À primeira vista, parece algo profundamente romântico. Mas, pensando bem, essas cinco palavras singelas podem assumir diversos tons. A infinitude do amor pode ser sadia, trágica, doentia e até engraçada.

Hoje, foi engraçada.

# Capítulo 24

*Capítulo 7*

*Noel titubeou. A cabeça girou no ar, os olhos chorosos. A proposta era absurda, desumana. Mas deixou-o abalado. Ele curvou o corpo, as palavras se perderam antes de saírem da boca, e as acusações contra Zak cessaram. A ideia de ter Ritinha nos braços o inebriava.*

*– Eu não consigo... – murmurou, a voz engasgada.*

*Recostou-se na parede. Permaneceu assim por algum tempo, como se esperasse o Sol vir acordá-lo de um pesadelo da madrugada. E chorou. Os olhinhos perniciosos rodopiaram pelo porão, molhados e vermelhos, desviando vez ou outra para os seios da Ritinha, que permaneciam à mostra.*

*– Eu sei que você a quer... – prosseguiu Zak, percebendo os olhares furtivos do Noel. – Você quer, cara... Viva ou morta. Não faz a menor diferença... É a trepada dos seus sonhos.*

*Ele pareceu degustar as palavras do Zak. Crispou os lábios. A mente funcionava a todo vapor, um arrepio inesperado lhe percorria o corpo diante da possibilidade de sexo com a mulher que amava.*

*Então, decidiu. Caminhou cambaleante em direção ao corpo, as pernas se arrastando pelo chão, prestes a desmontar. Parou a pouco menos de um metro do corpo ensanguentado.*

*O silêncio tomou o porão. A luz fraca revelava um Noel maltrapilho, lamurioso, os cabelos desajeitados, a cabeça caída. O corpo da Ritinha estendia-se diante dele, boiando numa poça de sangue, os seios empinados, tentadores.*

*– Vamos logo, Noel! Não temos todo o tempo do mundo! – incentivou Zak.*

*– Eu não consigo... – Noel sussurrou mais uma vez, sem se mover, hipnotizado diante do cadáver da musa.*

*– Merda! – gritou Zak, levantando-se do chão com agilidade.*

*Aproximou-se tropegamente de Noel, empurrando-o com força para o lado. Chegou perto do corpo ensanguentado e se ajoelhou, não se importando em manchar a bermuda.*

*– Não é tão difícil, Noel! – explicou, colocando as mãos nos peitos da Ritinha. Massageou-os com rudeza, pressionando os mamilos entre um aperto e outro. – Com esses tetões, Noel, não é nem um pouco difícil...*

*– Larga ela! – esperneou ele, empurrando Zak. – Solta a Ritinha!*

*Meu amigo se desequilibrou. O corpo enorme se espatifou na poça de sangue, espalhando*

*o líquido por todos os lados.*

*– Ela não merece isso... – gritou Noel, ofegante. – Não encoste mais seu dedo podre nela, seu desgraçado!*

*Podia apostar que meu amigo se levantaria para dar um soco na cara do Noel. Mas não. Ele continuou deitado, observando o rapaz, e caiu na gargalhada logo depois, batendo palminhas de cinismo.*

*– Ela não merece isso... – repetiu, irônico. – Que bonitinho! Que romântico... Seu imbecil! Essa vagabunda pisou em você o tempo inteiro... Te sacaneou, te fez de besta. Te humilhou na frente de toda a faculdade... Você era o brinquedinho dela, seu merda! Agora é sua vez de retribuir o afeto... Ela pode ser seu brinquedo...*

*Noel ficou parado, a expressão apática, tentando produzir uma resposta. Com medo de apanhar, recuou quando meu amigo se levantou.*

*Zak caminhou até a extremidade oposta do porão, onde estavam as garrafas, jogadas num saco. Pegou uma de vodca, já aberta, e bebeu um gole.*

*– Vamos, Noel! Ela é um parque de diversões todo seu! Todo seu! É só você querer...*

*– Eu não quero – sentenciou ele, apressado. Mas seu olhar não deixava dúvidas quanto à pouca credibilidade da resposta. Os dedos pálidos enroscavam-se, tensos.*

*– Você não quer? – Zak deu uma risada exagerada, desafiadora. – Mas é claro que quer! Isso está estampado na sua cara. Escrito em letras grandes. Você quer! Você tem vontade!*

*– Por que você não para de encher o saco do menino, Zak? – perguntou Waléria, tomando lugar na discussão. – Eu não sei aonde você quer chegar com isso... Eu sequer conhecia essa Ritinha direito... Mas não quero ver ninguém aqui transando com uma morta! Se você queria ver coisas do tipo, por que não alugou um pornô hardcore antes de vir pra cá?*

*– Você não sabe o que essa vagabunda fez com ele... – explicou Zak, tomando as dores do Noel. – Você não passou a porra do ano inteiro ouvindo esse infeliz se lamentar de amores por ela. Essa é a chance. A grande chance dele. Única... Última...*

*– Eu...*

*– Quero continuar logo essa roleta-russa... – interferiu Lucas, sentado diligentemente no espaço do porão que ainda estava livre do sangue. – Não me interessa quem vai comer quem. Só é bom que decidam logo essa coisa toda! Daqui a pouco vai amanhecer...*

*A João também parecia não se importar, entretida em enrolar um cigarrinho de maconha.*

*– Vamos, Noel... É só tentar... Ninguém vai te impedir, ninguém vai te repreender... – insistiu Zak. Bebeu outro gole da vodca. – É como o paraíso, cara. Sem consequências. Se você não gostar, você para. Mas eu sei que não vai parar...*

*Noel começava a perder o semblante de espanto: um sorriso surgiu no canto da boca. A tentação fervilhava na mente confusa, o pudor que o impedia de prosseguir evaporava com o suor. Ajeitou os óculos sobre o nariz pequeno.*

*Zak mais uma vez chegou perto do corpo da Ritinha, os olhos percorrendo a barriga*

*delicada como quem aprecia uma estátua de porcelana. Aproximou o rosto dos seios rijos, os lábios quase encostando nos mamilos, provocativos.*

*– Você prefere ficar de voyeur? – perguntou, virando o rosto para Noel, a voz maliciosa.*

*Confesso que fiquei excitado. Por um segundo, a cabeça explodida não fazia mais parte do cenário e eu só via as pernas delineadas na calça jeans, a barriga cor de leite exposta, pontuada por pintinhas escuras. E o piercing. Um piercing metálico incrustado sensualmente no umbigo.*

*– Eu vou.*

*– O que disse? – meu amigo estacou.*

*– Saia daí... Eu vou... – Noel perdeu as palavras. – Você sabe...*

*– Ok!*

*Afastou-se apressado, orgulhoso por ter vencido. Waléria fez que ia entrar de novo na discussão, mas ficou parada, esperando o próximo passo.*

*Dessa vez, Noel não hesitou. Caminhou determinado até o cadáver, a respiração pesada, o olhar assustado observando cuidadosamente cada parte do corpo da amada. Jogou-se no chão de joelhos, curvando-se para mais perto da Ritinha. Deitou o rosto sobre a barriga dela, o nariz a poucos centímetros dos seios fartos. Voltou a choramingar feito uma criança.*

*– Eu não posso fazer isso... – murmurou, como se falasse com a morta. Fez que ia cobri-la, segurando as partes da blusa rasgada, mas percebi que se aproveitou para acariciá-la. Um leve toque. As mãos suadas encontraram os mamilos e ali ficaram, petrificadas. Enxugou o suor que brotava fartamente da testa, mas voltou aos seios. Desinibido. Qualquer timidez ou nojo era vencido pelo prazer iminente.*

*Senti vontade de vomitar. Escorreguei para o chão, muito puto da vida. Puto com o Zak, com a espécie de joguinho que ele criou neste porão, com a indiferença estampada no rosto de cada um de nós, transbordando no ar envenenado. Merda, quando deixamos de ser humanos? Quando nos tornamos esses monstros armados e delinquentes? Como umas doses de álcool, alucinógenos e um porão abafado puderam nos transformar em seres tão pífios? E, sim, eu me incluo no grupo. Mesmo achando tudo isso repugnante, não pretendo me levantar daqui. Não pretendo mover um músculo sequer para evitar que tudo isso aconteça. Condene-me se quiser. Pouco importa.*

*A caneta riscando o papel sem parar. Em detalhes. Sem omissões ou interferências. Simplesmente não posso modificar nada. Estou aqui para narrar a realidade imunda deste porão, onde deficientes pedem permissão para estourar os miolos e apaixonados fodem defuntas. Este é o microcosmo a que me entrego a poucas horas – ou talvez minutos – de encarar a morte. Eis aqui o ser humano plenamente dotado de livre arbítrio. Não há regras. Não há limites. O álcool e as drogas deixam cair nossas máscaras, os verdadeiros rostos se revelam diante de um público também despido de normas. Racionais, mas, antes de tudo,*

*animais.*

*Zak exibia um sorriso de triunfo enquanto assistia ao desempenho do Noel. Recostado à pilastra mais próxima, pronunciava com um esgar demoníaco a alegria ao ver que havia atingido seu objetivo: mostrar a podridão do homem.*

*A respiração ofegante do Noel nem por um segundo me deixou escapar da violência do momento. Tentei desviar o olhar, mas não consegui. Minha própria dose de sadismo me fazia querer ver cada detalhe do ato. Sou curioso. Assim como você, leitor, que percorre com avidez estas linhas, eu queria saber exatamente o que iria acontecer. Por mais macabro que fosse. Por mais louco. E eu não me importo. Não se importe você também. Ninguém está olhando... Ninguém vai nos condenar por estes segundinhos de sordidez...*

*Na escuridão, o nariz do Noel passeou pela pele da ruiva, inspirando com vigor, sorvendo seu perfume. O som da respiração obcecada, semelhante a porcos chafurdando na lama, dominou o porão, sufocando o silêncio de cada um de nós na plateia improvisada. E assim ficamos por alguns minutos.*

*– A Ritinha não é pó para você ficar cheirando, Noel! – brincou Zak, entre gargalhadas. – Foda com ela logo, rapaz! Antes que ela endureça. As mulheres já são naturalmente frias na cama quando vivas...*

*Noel pareceu nem escutar as piadinhas do Zak. Estava em êxtase. Os olhos fechados, o olfato apurado, buscando captar o aroma de cada parte: a cintura, o umbigo, o abdômen levemente protuberante, os braços finos, as mãos macias, os dedos compridos, os seios, o colo, o início do pescoço... Ajeitando a camisa jogada sobre o rosto desfigurado, abraçou a cabeleira ruiva da Ritinha, sem se importar com o sangue que a empapava. Escolheu algumas mechas menos umedecidas e, aproximando-as do nariz, respirou fundo. Exibiu um sorriso ao sentir o perfume do cabelo. O mesmo perfume que havia sentido tantas vezes, em aproximações furtivas na faculdade. Agora ela era toda sua. Não chorava mais. Sua expressão revelava um homem na plenitude.*

*Voltou à barriga. De longe, pude perceber a língua projetando-se para fora, atingindo levemente o mamilo esquerdo e retornando rapidamente à boca, como a tartaruga que se esconde no casco. Ficou ali parado por mais alguns segundos, de cócoras sobre a Ritinha, como se esperasse alguma reação da parte dela. Como que para se igualar ao cadáver, Noel retirou desajeitadamente a camisa verde-limão e lançou-a longe, revelando a barriga peluda, o umbigo projetado para fora.*

*A camisa boiou sobre a poça de sangue aos pés do Otto, ainda amarrado ao cano, os olhos brutalmente escancarados, sem os cílios, como se ele também estivesse excitado com o desenrolar da cena. Noel não se importou, voltado para a amada. Percebi o volume da bermuda do asqueroso crescer quando ele fez nova investida nos seios da Ritinha. A língua brincou pelo corpo, passeando pela pele clara e lisa, o excesso de saliva escorrendo pelo canto da boca e caindo na ruiva. Distribuiu beijinhos estalados e mordiscou o piercing com*

*cuidado, como se tivesse medo de machucá-la. Voltou aos seios.*

*Minutos depois, parou, cansado. Ajeitou os óculos bagunçados pelo roçar de peles. Permaneceu de cócoras, ainda de olhos fechados. De repente, soltou um esgar melancólico de choro, as lágrimas brotando com fartura dos olhos e caindo sobre a inerte Ritinha. Jogou longe a camisa do Zak, deixando exposto o rosto ensanguentado da ruiva. A metade da direita fora destruída pelo tiro. O sangue em abundância banhava o lado esquerdo. Ainda choramingando feito uma criança, aproximou a boca do ouvido esquerdo dela, como se fosse lhe contar um segredo.*

*– Me desculpa – sussurrou, entre soluços. – Me desculpa, Ritinha...*

*O silêncio do porão permitia ouvir cada palavra.*

*– Eu te amo. Me desculpa... Mas... – respirou fundo, tomando coragem para o que diria a seguir. – Mas eu preciso fazer isso... Eu preciso!*

*Abaixou a cabeça da Ritinha com cuidado e tentou limpar, na calça, as mãos enluvadas de sangue. Seu rosto também estava sujo. A bochecha direita exibia um risco vermelho, como se tivesse se ferido no barbear. Sem perder tempo, levou as mãos trêmulas à calça da Ritinha e soltou mais um tímido pedido de desculpas enquanto descia o zíper do jeans da moça.*

*– Ei, você não vai fazer isso! – reclamou Waléria, chegando mais perto. – Já foi o suficiente...*

*Mas Noel pareceu não ouvir. Desabotoou e começou a descer a calça da ruiva com certa dificuldade, a calcinha branca revelando-se aos poucos.*

*– Para com isso! Eu não vou ficar vendo essas coi...*

*– Feche os olhos se quiser – resmungou Zak, sem se desviar da cena.*

*– Isso é repugnante... Para! – repetiu ela, empurrando Noel.*

*O corpo dele se projetou para o lado, caindo sobre a poça de sangue.*

*– Deixa ele em paz! – berrou Zak, segurando Waléria pelos ombros.*

*– Me solta!*

*Waléria girou o corpo.*

*– Deus do céu, é uma menina. Uma mulher. Não um objeto! – protestou ela. – É repugnante! Eu não consigo ficar aqui parada!*

*Aproximou-se da João e se apoiou nas pernas dela, agachada.*

*– Você também é mulher... Como pode ficar aí sentada vendo isso tudo?*

*A João deu uma tragada no cigarro e abriu os olhos, encarando Waléria com desprezo.*

*– Você está machucando minhas pernas – murmurou, dando outra tragada.*

*– Como você pode assistir a isso passivamente?! – insistiu.*

*– Eu não conhecia a garota direito. Não vou me meter. Eles fazem o que quiserem. Eu cuido da minha vida – disse a João, e jogou a guimba do cigarro para longe. – Você também deveria cuidar da sua e deixar os pombinhos ali se resolverem.*

*– Será que só eu acho isso errado?! Lucas? Alê?*

*Fingi não ter ouvido meu nome e continuei a escrever.*

*Noel permanecia no chão, no mesmo lugar em que tinha caído, a pouco menos de um metro da Ritinha. Exibia um olhar assustado, talvez de vergonha. Vez ou outra, passeava os olhos pelo jeans entreaberto da ruiva, o serviço inacabado, impedido pelo discurso moralista da gorda.*

*– Não é possível que nenhum de vocês veja o absurdo em...*

*– É a democracia, Waléria... – disse Lucas – Segunda vez que digo isso hoje. Deixa o Noel fazer o que quiser.*

*– Um raio não cai três vezes no mesmo lugar... – retomou Waléria – Vocês não percebem? Ela estava certa. Primeiro o Otto conta aquilo tudo sobre o Zak e morre. Depois o menino doente... O único que atiraria naquelas condições. A Ritinha questionou isso tudo e acabou morrendo também. Três coincidências. As três bastante convenientes ao Zak...*

*A explicação ficou no ar. Meu amigo continuou recostado numa pilastra, os braços cruzados, sem palavras.*

*– Eu não sei o que está acontecendo aqui... Mas algo está acontecendo, merda! Vocês não veem? Três coincidências! E depois o Noel começou a questionar o Zak. Como os outros fizeram. Mas o Zak não pode eliminar mais um... Ficaria evidente demais... Então investiu no ponto fraco. Desviou o assunto. Investiu nesse absurdo com o qual vocês estão sendo coniventes! Transar com uma menina morta!*

*– Cala a boca, Waléria – ordenou Zak. – Você está sendo ridícula...*

*– Eu? Ridícula?*

*Caminhou pesadamente até meu amigo. Aproximou o rosto na distância de um beijo. Por um segundo, relembrei os instantes naquela rave onde eles se conheceram.*

*– Eu estou esperando um filho seu, Zak. Seu sangue... – começou ela, os olhos molhados. – E desde então só recebi rejeição... Dos meus amigos, daquele maldito do seu pai...*

*– Não fale do meu pai...*

*– E sua. Rejeição sua! Grosserias suas! E ameaças suas! Você transformou minha vida num inferno, Zak...*

*Meu amigo não se moveu. Ficou ali, os olhares se encarando, o mesmo ar sendo respirado.*

*– Você é mau, Zak. Muito mau. Você destrói a vida das pessoas que conhece, você acaba com as esperanças, você traz o medo e o horror... – continuou, agora com lágrimas escorrendo pelas bochechas. – Eu não sei o que você está armando. Eu não sei o que você quer desta vez. Não sei se você quer ver todos nós morrendo ao seu redor antes de se matar... Não sei mesmo. Mas, se esse garoto voltar a encostar um dedo nessa menina, acredite, eu não vou estar aqui pra ver...*

*Sem dizer nada, Zak foi até o corpo da Ritinha e se agachou para pegar o revólver no*

*chão, logo ao lado. Pegou uma bala no bolso da bermuda e abriu o cilindro giratório. Introduziu a bala e fechou.*

*Waléria não recuou quando Zak apontou a arma para ela. Ao contrário, deu uma risada sonora.*

*– Uau, Zak... Vai me matar? Você estava utilizando métodos mais discretos antes... Por que não me propõe uma rapidinha naquele sofá para desviarmos novamente do assunto que está te incomodando?*

*Meu amigo se aproximou. A mira a poucos centímetros da cabeça da Waléria.*

*– Atira, Zak... Eu não estou com o mínimo medo. Mas pense nas consequências... Sim, ainda existem consequências aqui dentro... –*
*murmurou ela, carregada de sarcasmo e provocação. – Imagine o que seus amiguinhos vão pensar quando virem minha cabeça explodindo... Vai ser a confirmação de que você está armando algo. A certeza que faltava para eles acabarem com a sua raça... Imagine o que o seu queridinho Alê vai pensar quando perceber que, em breve, você também vai estar apontando essa mesma arma pra ele...*

*Zak a encarou, repleto de ódio. Então, seu olhar se anuviou, e ele baixou a guarda. Deixou a arma girar no dedo indicador, o cabo voltando-se para Waléria.*

*– Pegue a arma – disse secamente.*

*Ela obedeceu.*

*– Atira em mim – continuou Zak. – Se você tem tanta certeza de que eu matei esses três, de que eu estou armando alguma coisa qualquer que sua cabeça doentia imaginou, atira em mim, sua vagabunda!*

*Waléria segurou a arma com firmeza e mirou a testa do Zak, o indicador gordo massageando o gatilho. Ele não se intimidou:*

*– O Noel era apaixonado por ela. Você sabe o que é isso? Provavelmente não... Ninguém nunca deve ter te amado de verdade... Você não tem como saber mesmo o que é isso... Eu disse para ele transar com ela, não para fugir das acusações, mas por pena. Pena, Waléria... Eu tenho mais pena dos vivos que dos mortos... Você não...*

*– Não é uma questão de pena...*

*– Eu estive lá o tempo inteiro – explicou. – Eu vi todas as investidas do Noel. Vi que o sentimento dele é verdadeiro... E vi o desprezo dela. Eu vi isso tudo, e você não viu nada... Nada, Waléria... A Ritinha era uma piranha. Uma piranha das grandes... Deu para mim na primeira noite. E, na semana seguinte, o filho do porteiro do meu prédio foi buscá-la na faculdade porque também estava comendo ela. Ela conheceu o filho do porteiro quando foi lá em casa... É essa vagabundinha que você está defendendo... É por essa vagabundinha que você está impedindo um garoto apaixonado de ser feliz ao menos uma vez na vida. É por essa vagabundinha que você vai me matar... O pai do seu filho!*

*– Um filho que eu não vou ter – respondeu ela, com frieza. – Não vou ter por sua culpa.*

*Porque você me arruinou... Sua culpa!*

*– Se você tem tanta certeza de que eu sou esse cara mau, atira. Não pensa duas vezes. É só atirar. Depois pega as balas restantes no meu bolso e mata os outros também. Faça a sua justiça piegas... A sua justiça de mundinho burguês idiota cheio de regras e bons costumes... No meu mundo, isso tudo aqui é justo. Ela está morta e não vai sentir nada. Ele está vivo e vai ser mais feliz transando com ela. É justo.*

*– Não suponho que você tenha aprendido isso nas suas aulinhas de direito...*

*– Você é quem está fugindo do assunto agora, Waléria. Apenas atira. É só puxar o gatilho uma vez. A bala está na primeira câmara.*

*Waléria manteve o olhar firme. Então sorriu, como se trespassada por um estalo.*

*– Como você sabe que a bala está na primeira câmara, Zak?*

*– O quê?*

*– Você disse que é só puxar o gatilho uma vez, porque a bala está na primeira câmara... Como você sabe disso?*

*– Eu olhei quando estava colocando. Não girei o tambor.*

*– Você estava olhando pra mim quando colocou a bala, Zak.*

*– Não estava – respondeu, sereno.*

*Encararam-se, mudos.*

*– Você treinou, não é, Zak? Treinou para colocar a bala onde quisesse. Treinou para saber quem vai morrer em cada rodada. Você faz a coisa com tanta agilidade que nem percebemos. Mas você sabe onde está a bala. Você escolhe quem vai morrer. Tudo treinado.*

*Ele não se abalou.*

*– Se você acha isso, Waléria, é simples... Só atirar. Faça a sua justiçazinha de merda.*

*– Não faço justiça com as próprias mãos.*

*– Bonito isso... – disse ele. – Eu também não faço justiça com as próprias mãos. Eu acredito na verdadeira justiça... É justo que o Noel faça o que bem entender com a Ritinha. É apenas justo.*

*– Eu discordo – murmurou ela. – Não quero ver ele transando com a garota morta.*

*– A arma está na sua mão, Waléria. É só mirar na própria cabeça e atirar... – um pequeno sorriso surgiu no canto da boca do Zak. – Garanto que ninguém aqui vai querer violar o seu corpo.*

*Ela não pareceu se ofender com o insulto.*

*– Eu vim para uma roleta-russa, Zak. Se fosse para me suicidar desse jeito, eu teria feito em casa. Sozinha.*

*Deixou a arma no chão e se afastou. Foi na direção da parede e ali ficou, de costas para nós.*

*– Podem fazer o que quiserem. Não vou impedir ninguém – explicou, sem virar o rosto. – Só não vou ficar assistindo... Quando vocês decidirem fazer realmente o que vieram fazer,*

*me avisem.*

*O porão foi tomado por um silêncio terrível. A adrenalina percorria nossos corpos, o suor escorria pelos rostos. As frases ditas durante a discussão ainda reverberavam.*

*Noel não precisou de nenhum comando. Aproximou-se sorrateiramente da Ritinha, o olhar atento, a boca ofegante. Pousou as mãos suadas sobre o jeans, puxando-o para baixo, com avidez. As pernas tortas dificultavam a retirada. Tentou forçar os joelhos enrijecidos da Ritinha para baixo. Conseguiu na terceira tentativa. Os ossos estalaram com a pressão.*

*Seus olhos brilharam quando a mão direita invadiu a calcinha da ruiva. Parou por alguns segundos, como se esperasse alguma reprovação, mas, percebendo o silêncio, sentiu-se livre para continuar. Com um sorriso infantil, desceu lentamente a calcinha, deixando-a na altura das coxas fartas. Olhou fixamente para os pelos pubianos, curtos, cuidadosamente raspados. Deslizou a mão sobre a vagina. O olfato agora já não lhe era suficiente. Precisava do tato. Carne contra carne.*

*– Vamos lá... – murmurou para si mesmo.*

*Desafivelou o cinto da bermuda quadriculada com pressa, ficando de cueca. Não teve vergonha de estar seminu diante de nós. Na verdade, ignorava nossa presença. Seu universo se reduzia a dois corpos: ele e ela. Quando arriou a cueca, a luz parca tremeluziu sobre o membro enrijecido. Sem a menor habilidade, ele abriu as pernas do cadáver, os olhos assustados estudando a cavidade a ser penetrada. Tentou uma primeira investida, mas errou. Na terceira, pareceu se conectar a ela: um harmônico vaivém, ambos em movimento. Ela também parecia ter vida, o corpo sacolejando feito uma boneca de pano diante das estocadas cada vez mais violentas. Noel exprimia seu êxtase com gemidos lânguidos. Empenhava-se, como se estivesse preocupado em satisfazê-la.*

*Desviei o olhar, enojado por ver aquilo se prolongar. Waléria continuava de costas, as mãos tapando os ouvidos. A João enrolava mais um cigarrinho de maconha, viajando por outros mundos. Lucas e Zak assistiam ao ato, atentos, como dois adolescentes na puberdade que alugam um filme de sacanagem escondido da mãe.*

*Acabei me acostumando com o som do ambiente. Gemidos. Estocadas. Mais gemidos. Sem perceber, minha mente abandonou a realidade. Relembrei os momentos da infância, as teses mirabolantes que criamos para o que havia no porão, os sonhos de criança num mundo de dificuldades e mazelas. Nós éramos muito felizes naquela época.*

*Um vazio incômodo me chamou de volta ao pequeno porão. Os gemidos haviam cessado. As estocadas também.*

*Tudo aconteceu muito rápido. Ainda enroscado ao corpo inerte da Ritinha, Noel se esticou para pegar o revólver a poucos centímetros dele. Zak tentou dizer algo, mas o Noel não lhe deu ouvidos. Sua expressão não era de nervosismo, tampouco de arrependimento. Um brilho no olhar transbordava felicidade. Uma felicidade constrangedora, invejável.*

*Deu uma nova estocada na Ritinha. E outra. Levou a arma à cabeça e, sem nada dizer,*

*puxou o gatilho.*

# Capítulo 25

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

ROSA – Isso... Isso foi...

DIANA – Não há muito o que dizer, Rosa. É bastante chocante e...

AMÉLIA – Então o garoto se matou enquanto... Vocês sabem... *(VOZ ATÔNITA)* Enquanto transava com a menina?

DIANA – Sim...

OLÍVIA – Típico do Noel. *(VOZ RÍGIDA)* Ele não tinha por que se matar... Não tinha um motivo sequer. Ele se meteu nessa coisa toda por causa da ruiva lá... *(PAUSA)* Depois de tudo, não precisava ter cometido suicídio! A garota já estava morta.

AMÉLIA – Como você consegue ser assim, Olívia? *(PAUSA)* Tão fria...

OLÍVIA – Não é frieza, Amélia. É racionalidade. *(PAUSA)* O Noel fez as escolhas dele. Eu dei educação, noções de vida e tudo o mais. Mas a opção era dele. Sempre foi dele. *(PAUSA)* E, nesta vida, basta uma decisão errada pra tudo ir por água abaixo. Ele tomou a decisão errada. Ele escolheu esse caminho. Não posso sofrer por uma escolha dele.

AMÉLIA – Ele era seu filho! *(VOZ EXALTADA)* Seu filho!

OLÍVIA – Ele era meu filho. E eu continuo a amá-lo como meu filho. *(PAUSA)* Mas, ao puxar aquele gatilho, ele fez uma escolha. Ele renunciou à vida. E, ao fazer isso, renunciou ao meu amor por ele... Renunciou a tudo. *(PIGARRO)* Vocês não têm direito de exigir lágrimas de mim...

REBECCA – Isso não faz o menor... *(CHORO)*

OLÍVIA – É claro que eu sofro. Bastante até. *(PAUSA)* Tenho vergonha por não ter sido uma mãe boa o suficiente. Não sei o que mais poderia ter feito... Eu fazia todas as vontades dele e... *(PAUSA)* Eu sofro, sim. Encaro o olhar das pessoas quando me reconhecem. Não sou mais a Olívia, sou a mãe que teve um filho suicida, entendem? As pessoas te encaram com piedade. Uma piedade nojenta. Repulsiva.

ROSA – Não é possível que você esteja falando sério!

OLÍVIA – Estou falando muitíssimo sério. Esse choro de vocês, essas lágrimas todas... Tudo isso me causa repulsa. *(PAUSA)* Porque soa falso.

REBECCA – Falso? *(VOZ EXALTADA)*

OLÍVIA – Falso! Todas essas coisas aconteceram há mais de um ano. Mais de um ano! *(PAUSA)* Não é possível que vocês já não tenham chorado tudo o que tinham pra chorar! Todas

essas lágrimas são um teatrinho conveniente pra mostrar que vocês têm coração... Mas não é real. Simplesmente não é possível que seja. As coisas passam, a vida continua, os nossos filhos estão enterrados com o passado.

REBECCA – Engula as palavras, Olívia! *(VOZ ALTERADA E CHOROSA)*

DIANA – Senhoras, por favor, vamos focar o...

REBECCA – Engula tudo o que você disse! *(PAUSA)* Eu amava minha filha! A Waléria era a pessoa mais preciosa da minha vida...

DIANA – Rebecca, por favor, tente se acalmar, sim? Quer uma água?

REBECCA – Estou bem... É só que...

OLÍVIA – As minhas verdades são incômodas...

DIANA – Olívia, por favor! Tome mais cuidado com o que diz! *(PAUSA)* Você não está impedida de expressar sua opinião. Mas entenda que as pessoas têm o direito de discordar de você. E respeite.

OLÍVIA – Sei...

ROSA – Eu... O... o garoto transou com a menina morta... Ainda bem que a mãe dela saiu... *(PAUSA)* Eu não aguentaria...

OLÍVIA – A menina estava morta, você mesmo disse. Não sentiu absolutamente nada. Meu filho, sim, é que devia estar louco... *(PAUSA)* Com uma defunta, faça-me o favor! Com tantas prostitutas por aí... Bonitas... Cheias de vida... *(PAUSA)* Se alguém tem o direito de ficar horrorizada aqui, sou eu. Sou eu que tenho que aceitar que meu filho via graça em trepar com um cadáver. E da forma mais vergonhosa! Depois de toda a educação que eu dei!

ROSA – Ele era apaixonado pela Ritinha!

OLÍVIA – Ah, sim... O velho sentimentalismo barato... *(VOZ DE DESDÉM)* Paixão vai embora com a mesma rapidez com que chega. É só ter paciência.

DIANA – Não acho que o Noel tivesse uma tendência para se relacionar com cadáveres. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* Não estou achando o relatório aqui pra dizer com exatidão, mas vale lembrar que ele estava sob forte efeito do álcool e das drogas. Os exames laboratoriais confirmam isso. De cabeça, não me lembro dos percentuais, mas eram altos... A alienação, somada ao inegável amor que ele nutria por ela... Mais o incentivo do Zak! *(PAUSA)* Não é difícil entender por que aconteceu.

ROSA – Foi horrível! A passividade de todos eles assistindo...

AMÉLIA – Eu não posso dizer muito... Não entendo como meus filhos não fizeram nada! O Lucas tinha crises de depressão, mas era um menino do bem... A Maria então! Era superprotetora, quase uma mãe. Não sei como eles podem ter deixado isso tudo acontecer...

OLÍVIA – Ora, não sejamos bestas! Foi como aquele Alessandro disse. Eles estavam curiosos. Ninguém estava ali para reprimi-los. *(PAUSA)* Eles ficaram olhando pelo mesmo motivo que fez nós quatro ficamos nesta sala pra ouvir a delegada lendo... Curiosidade... Pura curiosidade! *(PAUSA)* Somos humanos...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Neste capítulo, é interessante destacar, principalmente, a discussão entre o Zak e a Waléria. Talvez aí, sim, possamos encontrar alguma informação útil... *(PAUSA)* Rebecca, você percebeu algo particular, qualquer coisa que tenha chamado a atenção, nas palavras da sua filha?

REBECCA – Eu, não... *(PAUSA)* Quero dizer, eu já disse que a Waléria era muito esperta, atenta... Encontrava detalhes que passavam despercebidos por pessoas comuns... *(PAUSA)* Ela... Ela já tinha acusado o Zak anteriormente. Ao colocá-lo contra a parede, não acredito que estivesse de todo errada. Ele estava armando alguma coisa...

DIANA – Entendo o que quer dizer. *(PAUSA)* As atitudes do Zak realmente fazem parecer que algo estava sendo tramado. Os três mortos...

ROSA – E a proposta sórdida. Pra desviar a atenção do assunto principal...

DIANA – Sim, sim. Faz sentido. Esta é uma possibilidade que nós encaramos com cuidado ao estudar toda a situação. *(PAUSA)* Precisamos de uma nova visão dos acontecimentos. Precisamos tentar perceber o outro lado, a parte escondida, aquela que nos parece pouco importante à primeira vista e, por isso, nos escapa.

ROSA – Não entendo o que quer dizer...

DIANA – Vejamos. Toda essa acusação contra o Zak, por exemplo... *(PAUSA)* É bastante convincente se analisarmos cada argumento. Três mortos. Quatro se incluirmos o Noel. Sem dúvida, é uma visão bastante pertinente. *(PAUSA)* Mas será que não tem outra? Uma outra explicação pra tudo isso?

AMÉLIA – Não vejo...

DIANA – Eu vejo. *(PAUSA)* A relação entre o Zak e a Waléria era bastante tempestuosa. Começou com uma brincadeira numa festa... Mas depois veio o filho. Um filho indesejado. *(PAUSA)* E então a discórdia. A briga com o Getúlio. Grosserias, ameaças de morte, como a própria Waléria disse.

REBECCA – Não estou entendendo aonde você pretende chegar com...

DIANA – A Waléria diz que o Zak transformou a vida dela num inferno. Que ele, entre aspas, destrói a vida das pessoas que conhece, acaba com as esperanças, traz o medo e o horror. *(PAUSA)* Era um ódio profundo. Sem limites.

REBECCA – A Waléria sofreu muito na mão dele, doutora... Mas... *(CHORO)* Na época eu não dei a devida importância ao problema... *(CHORO)* Eu achei... Eu achei que era apenas uma confusão passageira... Briga entre jovens. Mas o Zak não era um jovem comum... Ele era um demônio. Ele e toda aquela família maldita dele. *(SOLUÇOS)* Eles maltrataram minha filha. E eu simplesmente não percebi. Na época, eu e o pai dela não a apoiamos... Ao contrário, nós... Nós a repreendemos pela gravidez irresponsável. Fizemos ainda mais pressão sem perceber quão frágil ela estava...

ROSA – Você falou de maldades, maus-tratos... O que o Zak fez com ela?

REBECCA – Aquele pai dele desgraçado... O Getúlio... Ele foi tão grosso com ela! Fez ameaças! *(PAUSA)* O meu marido trabalhava como corretor de imóveis. Na semana seguinte à discussão, foi demitido da empresa. Sem justa causa. Corte de pessoal. *(PAUSA)* Mas a Waléria tinha certeza de que foi o Getúlio que fez com que o pai dela fosse demitido... Ela... ela se sentia pressionada, perseguida... Nos encontros que teve com o Zak, eles sempre discutiam, ela chorava... Ele a chamava de gorda, horrenda... Diversos palavrões que abalam a estrutura de qualquer mulher...

ROSA – E o que você fazia?

REBECCA – Eu... Eu estava com raiva dela também! *(SOLUÇOS)* Estava com raiva por essa confusão toda em que ela havia se metido... Eu queria que ela se virasse sozinha para tomar mais cuidado da próxima vez... Ganhar responsabilidade, entende? Achei que ela fosse capaz de enfrentar tudo sem minha ajuda. *(CHORO)* E acabei atrapalhando ainda mais, deixei-a mais fraca para... *(CHORO)*

DIANA – Para o quê? *(PAUSA)* O que você ia dizer, Rebecca?

REBECCA – No... No dia anterior à roleta-russa, um sábado... O Zak esteve lá em casa... Eu não o via há uma semana... Sabia pelos jornais que os pais dele tinham morrido naquele acidente e... Confesso que pensei que teríamos um pouco de paz, afinal. Mas não... *(PAUSA)* O Zak esteve lá no sábado. Estava cabisbaixo. Vestia uma roupa preta. Supus que estivesse vindo da missa de sétimo dia dos pais. Pediu pra falar com a Waléria. E eu... Eu não podia negar, não é? Afinal, ele era o pai do filho que ela estava esperando. Ele estava com uma cara de abatido também, frágil. Achei que podiam se reconciliar. Enfrentar juntos aquele momento difícil. *(PAUSA)* Ficaram mais de duas horas no quarto. Discutindo. Vez ou outra, eu o ouvia gritar... Minha filha chorou em alguns momentos... Eu tentei entrar no quarto, mas a porta estava trancada. *(PAUSA)* Quando saiu, ele nem sequer falou comigo. Não olhou para a minha cara. A Waléria estava estranha. Quieta. Mas não estava mais chorando. *(PAUSA)* Eu tentei conversar, mas ela fugia... Disse que havia tomado uma decisão... E eu perguntei que decisão, claro. Mas ela disse que... Ela disse que em breve eu saberia que decisão era essa... *(CHORO)* Eu devia ter insistido mais no assunto. Eu devia! *(SOLUÇOS)*

DIANA – Você acredita que...

REBECCA – Foi naquele dia que o Zak chamou a minha filha para participar da roleta-russa. Na véspera. Tenho certeza absoluta disso. *(PAUSA)* E ela, frágil como estava, aceitou. Aceitou entrar nessa loucura toda. *(PAUSA)* Se ao menos eu tivesse conversado um pouco mais com ela... Talvez... *(VOZ CHOROSA)*

DIANA – Não adianta levantarmos hipóteses agora, Rebecca. O Zak sempre foi muito bom com as palavras. Não duvido que tenha se aproveitado do estado emocional da sua filha para convencê-la a entrar na roleta-russa. Mas, ainda assim... *(PAUSA)* Quando eu estava falando de procurar a outra visão, a outra face de uma mesma história... O que eu quis mostrar é que existia nas acusações da Waléria algo de passional. Perceba que não quero desmerecer os

comentários dela, mas, se pensarmos bem, todas as acusações tinham certa parcialidade. O Zak era um homem mau pra ela. O Zak representava a origem dos problemas dela. De certo modo, ela estava ali por ele.

REBECCA – Você está dizendo que minha filha disse aquilo tudo por mera vingança contra o Zak? *(PAUSA)* Eu conhecia minha filha muito bem, doutora. Ela era esperta... Nunca faria uma coisa dessas. Tudo o que ela disse era a mais pura verdade... Toda aquela família não prestava. Uma corja de ricos sádicos!

DIANA – Rebecca, por favor!

OLÍVIA – Uau... Todo mundo colocando as mangas de fora...

REBECCA – Desculpa, doutora... Eu precisava dizer isso... Me desculpa. *(PAUSA)* Ainda bem que a amiga daqueles malditos não está aqui... Aquela mãe do Alessandro. Como é mesmo o nome?

DIANA – Débora.

REBECCA – Essa mesma... Não quero fazer mau juízo dela, nem ofendê-la. Não quero causar confusão. *(PAUSA)* Mas, sinceramente, aquela gente era intragável. Não sei como alguém podia ser amigo de pessoas assim. *(PAUSA)* Tive a oportunidade de conversar com a mãe do Zak uma vez, por telefone... A voz esnobe, o ar de superioridade... Falava da minha filha com um tom de desprezo... Parecia até que a Waléria tinha feito o filho sozinha!

DIANA – Eu entendo.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

*(SILÊNCIO – 06 SEGUNDOS)*

DIANA – Mais algum comentário a fazer? Posso chamar as demais lá fora para continuarmos?

AMÉLIA – Na verdade, eu tenho uma última pergunta. Pode ser uma pergunta tola, afinal não entendo nada do assunto, mas... É mesmo possível que o Zak estivesse trapaceando na hora de colocar a bala no revólver? *(PAUSA)* É possível que ele estivesse escolhendo quem ia morrer?

DIANA – Não podemos afirmar nada quanto a isso. A acusação da Waléria foi bastante precipitada nesse sentido. Nada pode ser provado. *(PAUSA)* Mas, sim, existem pessoas que, com algum treino, conseguem saber onde está a bala.

AMÉLIA – Ah, sim... Era só isso. Obrigada.

DIANA – Mais alguma questão?

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Ótimo. Vou chamá-las.

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(PASSOS APRESSADOS)*

REBECCA – Não estou gostando nada do que está acontecendo aqui... Essa delegada sempre dá um jeito de defender o Zak. *(VOZ RÍSPIDA)* "A acusação da Waléria foi bastante precipitada nesse sentido." *(VOZ DE DESDÉM)* Do jeito que ela fala, o Zak parece um santo!

OLÍVIA – Cuidado com o que você diz... Estão gravando tudo...

REBECCA – Eu não tenho medo de...

OLÍVIA – Se eu fosse falar tudo o que penso, ela poderia sair daqui e ir ao tribunal para me meter um belo de um processo. *(PAUSA)* Tente se controlar.

AMÉLIA – Rosa, você que está mais próxima... Desliga esse gravador... *(PAUSA)* Quando ela voltar, ligamos de novo.

ROSA – Eu não... Não sei se pode... E, além do mais, elas já estão voltando.

OLÍVIA – Deixa que eu desligo esta porcaria.

*(PASSOS)*

*(CHIADO)*

*("STOP")*

DIANA – Aqui é a delegada Diana Guimarães. O gravador ficou desligado por exatos seis minutos, certo?

AMÉLIA – Isso.

DIANA – Peço que não se repita. *(VOZ RÍSPIDA)* Eu sou a responsável por esta reunião e, por isso mesmo, é bom que só eu mexa no aparelho, está bem? Essas interrupções podem comprometer a integridade da gravação.

OLÍVIA – Me desculpe. Não vai se repetir... É só que...

DIANA – Não há problema. Vamos deixar desse assunto e continuar. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* Acabamos de ler o capítulo sete. Para as que não estavam presentes, farei um breve resumo para facilitar a compreensão dos capítulos seguintes. *(PAUSA)* O Noel travou relações sexuais com a Ritinha. A Waléria tentou impedir, dizendo ser aquilo tudo um absurdo. O Zak incentivou Noel a continuar e discutiu longamente com a Waléria sobre o assunto. Durante a discussão, carregou o revólver, colocando uma bala na primeira câmara. A Waléria acusou-o de ser o responsável pelas três mortes, disse que ele escolhia em qual câmara ficaria a bala e, consequentemente, sabia quem morreria a seguir. Disse também que o incentivo do Zak em relação ao episódio da necrofilia era uma forma de desestabilizar o Noel e desviar do assunto realmente importante: a conveniência das três mortes anteriores. O Zak respondeu a todas as acusações de forma satisfatória.

REBECCA – Satisfatória?

DIANA – Deixe-me terminar, Rebecca. *(PAUSA)* Ao final da discussão, o Noel voltou a travar relações sexuais com a Ritinha. E, em determinado momento, infelizmente não temos como precisar o tempo exato, ele pegou o revólver carregado e se suicidou.

VÂNIA – Isso... isso tudo é tão horrível... *(CHORO)*

*(VOZES EXALTADAS)*

DIANA – Eu preciso que as senhoras fiquem calmas para continuarmos. Se quiserem, podem pegar um copo d'água ali na mesinha... *(PAUSA)* O início do capítulo oito ainda trata dessa questão da morte do Noel. Conforme as respectivas mães foram informadas pelo relatório do

legista, ele estava despido, assim como a Ritinha. Os dois morreram... morreram “conectados” fisicamente, se é que me entendem.

VÂNIA – Entendemos, doutora... *(SOLUÇOS)* Nós entendemos...

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Podemos continuar? *(PAUSA)* Mais algum comentário?

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Certo. Ao capítulo oito, então...

# Capítulo 26

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-1212-07
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*12 de dezembro de 2007 – Quarta-feira*

Outro dia, conversando com um grupo de amigos, me perguntaram do que eu tinha medo. Eu disse que não tinha medo de nada. E era verdade. Na época, nenhuma resposta satisfatória me ocorreu e, por isso mesmo, o "nada" me pareceu bastante verdadeiro. Agora, pensando melhor, acho que tenho outra resposta: eu tenho medo da internet.

A grande verdade é que nunca fui fã de celulares multifuncionais, iPods e bugigangas desse tipo. De certa forma, acho que a internet representa todo esse desenvolvimento desenfreado. E por isso tenho medo. Medo do fim da privacidade dentro das nossas próprias casas. Medo das pessoas que mascaram uma vida inteira por trás das telinhas digitais. Medo da dependência que criamos em relação aos computadores, de modo que, antes de dormir, nos sentimos obrigados (quase imantados) a checar a caixa de e-mails ou a conversar com as amizades virtuais. Medo da rapidez com que as informações se propagam, praticamente em tempo real. Faça uma besteira hoje, e amanhã o mundo inteiro ficará sabendo.

Confesso que prefiro os tempos antigos. A música dos anos cinquenta, o romantismo implícito no envio de cartas, o namoro no portão e até mesmo a rígida relação familiar, sem as permissões abusivas dos dias atuais... Sou jovem, mas tenho espírito de velho.

Ontem, logo depois de escrever minhas impressões sobre a peculiar festa da Priscila no sábado, liguei o computador e me rendi à internet. Eu estava com sono, já de pijama, mas não custava nada entrar rapidinho para ver se havia alguém interessante on-line para uma conversa na madrugada. Escovei os dentes enquanto o computador iniciava. Quando voltei ao quarto, a internet já tinha se conectado automaticamente, e uma janela de conversa estava aberta, piscando, em laranja.

– Hey. Amanhã tem aula, moleque! Vai dormir! Hahahahahaha! =)

Era o que dizia a mensagem. Tinha sido enviada por uma boa amiga da faculdade, Renata, que fazia o gênero “feinha, mas simpática”.

– Aprontando o que a essa hora? – perguntou ela.

– Acabei de chegar em casa. Vim ver se recebi um e-mail – respondi, digitando com rapidez. Era mentira. Eu tinha passado o dia no quarto, escrevendo. Mas, se dissesse isso, ela me acharia um esquisito.

– Vai à aula hoje? – continuou.

– Hoje? – retruquei, os olhos tombando de sono diante do monitor.

– Sim, hoje. Já passou da meia-noite... Hahahahahaha.

– Ah, sim – respondi, achando pouca graça naquilo. Meus dias são contados de acordo com a noite de sono. Só passa a ser “amanhã” quando eu já dormi. – O Herrara disse que vai entregar as notas das provas. Vou à aula, sim.

Renata demorou a responder, e aproveitei para beber um copo d’água na cozinha. Quando voltei, a janela de conversa piscava novamente. Ela havia digitado mais quatro mensagens:

– Ok, então! Nos vemos amanhã... (Ou hoje, né? Hahahahaha)

– Preciso tirar nove na prova... Mas dizem que o Herrara dá dez pra todo mundo... Tomara!

– Você precisa de quanto?

– Hey, cadê você? Morreu aí? Hahahahaha.

Sentei-me na cadeira e digitei:

– Desculpa. Fui buscar água. Preciso de seis no Herrara.

José Martinez Herrara, professor de direito penal I, um ícone da área criminal no Rio de Janeiro.

– Você já viu o vídeo do Lucas? – perguntou ela, mudando de assunto.

– Que vídeo? Que Lucas? – retruquei.

– Hahahahaha... Você tem que ver o vídeo! Vazou ontem de tarde na internet...

– Manda o link – pedi.

Ela mandou, e eu cliquei.

Uma nova página surgiu na tela. Possuía, no centro, um retângulo escuro. Aumentei o volume do som do computador e aguardei que o vídeo fosse carregado. Quando a exibição começou, tentei identificar algo nas cores pouco contrastantes. Pude perceber que era uma gravação caseira, sem som, feita provavelmente por uma webcam, a parca iluminação dificultando a identificação do ambiente. A imagem estava trêmula, como se o cinegrafista ainda procurasse o ângulo ideal. Depois, parou. Uma luz mais forte surgiu no canto esquerdo superior (possivelmente uma lamparina ou abajur atrás da câmera), e o ambiente ficou claro. Mesmo iluminado, não melhorou muito. Era mesmo uma webcam, pousada sobre o que parecia uma mesa de madeira. A imagem, ainda desfocada, mostrava um teclado de computador em primeiro plano e o assento de uma poltrona giratória sumindo na parte superior da tela.

Quando eu já me aborrecia com a falta de ação, e considerava seriamente a possibilidade de

fechar a janela, uma mão masculina surgiu no vídeo, ajeitando o foco da filmagem. Sem se sentar na poltrona, a pessoa misteriosa teclou algo rapidamente e sumiu da visão. Agora minha curiosidade fora aguçada. Que diabos poderia ser aquilo? Que Lucas era esse de quem a Renata falava?

Esperei até que a pessoa voltasse a aparecer na tela. Ainda não era possível ver seu rosto. Ela se jogou sobre a poltrona giratória, e pude observar boa parte do corpo. Era um rapaz. Razoavelmente magro, altura mediana. Vestia jeans escuro e camisa com listras horizontais em tons distintos de marrom. Novamente as mãos apareceram, digitando com agilidade sobre o teclado, os dedos longos adornados de anéis metálicos, e um bracelete preto em cada pulso. Parecia conversar com alguém do outro lado do computador, pois apertava a tecla "Enter" após digitar um pequeno número de palavras. Minutos depois, as mãos deixaram o teclado e giraram a webcam para cima, mudando o ângulo. O rosto surgiu em primeiro plano, um armário bagunçado aparecia logo atrás. Ao lado, uma porta de madeira, fechada. No canto esquerdo, algo que parecia a beirada de uma cama. No início, demorei a reconhecê-lo. A imagem estava pouco nítida. Além disso, sou péssimo fisionomista. Ótimo para gravar nomes, mas péssimo para rostos.

– Lucas... – murmurei involuntariamente, agora bastante interessado em descobrir o que aconteceria a seguir.

Lucas estuda comigo. Mesmo convivendo com o garoto quase diariamente há um ano e meio, confesso que nunca me dei ao trabalho de trocar mais de cinco palavras com ele. Sempre taciturno; piercings no nariz, na língua e nas sobrancelhas; cabelo despenteado caindo sobre os olhos vazios; tatuagens bizarras pelo corpo magrelo; roupas de gótico... Não tenho por que iniciar qualquer conversa com uma pessoa assim.

Continuei atento ao vídeo. Ele lançou um olhar furtivo para a webcam, como se cumprimentasse a pessoa do outro lado do computador, e logo depois se voltou para o monitor. As mãos sumiram pela parte inferior, como se digitassem mais alguma coisa no teclado. Mantinha o rosto sério, as sobrancelhas contraídas, a boca entreaberta, sussurrando as palavras que teclava. Vez ou outra, abria um rápido sorriso e olhava para a câmera. A situação durou tempo suficiente para eu reconsiderar a possibilidade de fechar aquela porcaria e ir dormir. Mas não. Algo me mantinha preso. Talvez o fato de conhecê-lo pessoalmente. Talvez a expectativa de que algo surpreendente acontecesse.

E aconteceu.

Sem motivo aparente, Lucas se levantou e recuou a poltrona. Seu rosto sumiu da tela, e passei a vê-lo apenas da cintura para baixo. Suas mãos surgiram novamente, girando a webcam ainda mais para cima, dando-lhe um novo ângulo. A beirada da cama desaparecera da lateral. Na parte superior do armário, ao fundo, uma série de pôsteres do Nightwish cobriam a madeira. O assento da poltrona também tinha sumido, apesar de o acolchoado continuar à vista. Devido à má qualidade do vídeo, só depois percebi um risco fino surgindo na parte

superior da tela e se estendendo até o centro. Num primeiro momento, pensei ser defeito da imagem, mas, quando Lucas tocou no objeto, percebi que era uma corda. Uma corda pendendo do teto.

Com incrível agilidade, ele fez um laço na corda e posicionou a poltrona abaixo dela. Minha mente já tinha registrado o que estava prestes a acontecer, mas ainda se recusava a acreditar. Lucas podia ser esquisito, bizarro, macabro até, mas não era um suicida! Ou era?

Dando um último olhar para a câmera, ele subiu na poltrona e enfiou a cabeça no laço. Retirou uma fita comprida do bolso e, com a habilidade de quem tinha prática, amarrou as próprias mãos por detrás das costas. Fechou os olhos, a poltrona com rodinhas ameaçando perigosamente a sua estabilidade. Ficou ali, parecendo esperar os minutos passarem, pendurado à forca como uma marionete brincando sobre a cadeira vacilante. De repente, seus pés escorregaram. A poltrona deslizou sobre o chão, indo bater contra a porta, enquanto seu corpo se lançava no ar, como uma bailarina ensaiando o último compasso.

A corda o segurou no ar. Os olhos se arregalaram, molhados, diante da webcam. A boca se abriu, tentando instintivamente sorver um pouco de ar. O corpo pendeu, chacoalhando como um inseto que se debate com avidez logo após a captura.

Aos poucos, o rosto ganhou uma coloração roxa, se contorcendo num esgar. Eu já podia antever o momento em que seu corpo pararia inerte e outras pessoas surgiriam na tela para salvá-lo. Tudo uma farsa. Mas não: Lucas continuou a se debater. E aquilo não parecia mais uma brincadeira.

Suas pernas lançavam-se no ar em movimentos cada vez mais violentos. A corda cumpria seu papel, até acabar com toda aquela agonia.

Eu suava frio. Se pudesse, saltaria para dentro da tela e salvaria o cara daquele horror.

Milagrosamente, a porta por detrás dele se abriu e uma pessoa apareceu. Com rapidez, a pessoa o segurou pela cintura. Tomando cuidado, aliviou o laço que apertava seu pescoço. Apesar da imagem pouco nítida, pude ver o medo estampado na face da menina desconhecida que o salvava. Possuía cabelo curto e parecia bonita. Com o pé, ela puxou a poltrona de volta para baixo de Lucas e conseguiu firmá-lo. Livrou-o da corda e deitou seu corpo no chão. O suicida sumiu da tela, mas ainda era possível ver a menina sobre ele, procurando reanimá-lo. Ela gritava alguma coisa. Por um segundo, desejei que o vídeo tivesse áudio.

Depois, ela lançou um olhar à câmera, percebendo, escandalizada, que aquilo tudo estava sendo gravado. Levantou-se apressada, caminhou até a webcam e cobriu a lente com as mãos. A tela ficou preta. O vídeo acabou.

– Que diabos é isso? – perguntei à Renata, a adrenalina percorrendo minhas veias. Aqueles dez minutos de vídeo caseiro tinham sido mais tensos que qualquer filme do Hitchcock. – É de mentira, né?

– Hahahahaha... Não é! É de verdade mesmo...

– Como assim? O cara tentou se matar?

Eu estava chocado. No meu mundinho, as pessoas só se matavam em filmes e finais de novela. Nunca na vida real.

– Sim. Ele tentou se matar... Ele é lá da nossa faculdade. Você viu?

– Vi. Vi.

Mil perguntas afloravam em minha mente, e eu não sabia por onde começar.

– Mas por que ele tentou se matar? – perguntei.

– Sei lá! Não acho que alguém se mata por um motivo específico... e, sim, por uma conjugação de fatores que fazem a pessoa querer acabar com a própria vida, não acha?

– É. Pode ser – respondi. Não conseguia raciocinar direito.

– Ah, cara... A vida dele devia estar uma merda. E vamos combinar que ele também não é lá muito normal... Parece que sofre de depressão... Tem surtos e coisas do tipo...

– Entendi.

– Bizarrão, né? – digitou.

Eu tinha mais perguntas a fazer:

– Quando foi? Por que ele estava filmando isso? Como esse vídeo vazou?

– Parece que foi no domingo. Ele estava sozinho em casa e entrou num desses sites que incentivam o suicídio. Existem vários na internet... Ele estava teclando com um cara. O cara o convenceu a se enforcar e a filmar tudo. O idiota aceitou e pronto. Serviço completo. O próprio cara jogou o vídeo na internet ontem à tarde para quem quisesse ver... O Serginho descobriu por acaso e me mandou... Acho que a turma toda já está sabendo...

– Cacete... Que merda isso, hein?

– Também achei... Mas você reparou que ele faltou à faculdade na segunda e na terça? Deve estar internado em alguma clínica pra tratar dessa maluquice toda.

– É – respondi. – Eu não vi que ele tinha faltado nos dois dias anteriores.

Lucas é o tipo de pessoa que passa despercebida. Não faz perguntas. Não fala alto. Não é popular.

– Acho que já vou dormir, Alê... Daqui a quatro horas tenho que acordar para ir à aula! Será que ele aparece por lá hoje?

– Não sei... Eu, se fosse ele, desapareceria da faculdade depois dessa...

– Hahahahaha. Eu também! Beijos pra você e até mais tarde! =)

– Espera aí! Qual é o link do site de suicídio em que ele entrou? – perguntei, ainda curioso sobre o assunto.

Ela me mandou o endereço e digitou.

– Pelo visto, ainda está no ar. Não vai fazer besteira, hein, senhor Alê? Hahahahaha!

Quando fui responder, ela já estava off-line.

Cliquei no link, e uma nova tela se abriu. Meu antivírus surgiu, avisando que o endereço não era seguro. Que ironia. Coloquei o site em tela cheia. O fundo era preto com as letras em vermelho. Ensinava diversas formas de cometer suicídio, com links correlacionados contendo

explicações detalhadas, fotos e vídeos. No final, um banner luminoso convidava a pessoa a entrar num chat. Não precisava nem de cadastro. Era só criar um nome de usuário, uma senha e pronto. Você estava dentro da brincadeira.

Apesar de simpatizar com a crença cristã, que condena o suicídio, eu acredito que toda pessoa é um suicida em potencial. Quero dizer: todos nós temos um limite. Uma linha imaginária de problemas e deficiências que, se atingida, faz a vida perder o sentido. A maioria de nós tem a sorte de morrer naturalmente antes de chegar a esse limite, quando a vida se torna insuportável. Mas, para alguns, não é assim tão fácil. E eu entendo.

Não me considero um cara frágil, dado a sentimentalismos e crises existenciais. Se fosse para me suicidar, me mataria por algum motivo racional. Uma causa nobre, talvez. Nada impulsivo, emocional.

Resolvi criar um nome de usuário e uma senha para entrar um pouco no chat. O sono já tinha me abandonado por completo, e tudo o que eu queria era esmiuçar aquela história. Mesmo sabendo que deveria estar na faculdade dali a cinco horas.

Uma nova página se abriu, e eu entrei como “Misterioso”. Do lado esquerdo superior, uma lista dispunha os usuários on-line naquele momento. No centro, o chat acontecia. As pessoas mandavam mensagens umas às outras, várias conversas ocorriam ao mesmo tempo. Na parte inferior, uma caixa de diálogo permitia que eu digitasse para o chat. Teclei um “oi” e enviei.

Ninguém me respondeu. Lendo as mensagens anteriores, busquei entender o que acontecia ali. Ao que parece, tentavam convencer uma pessoa que usava o nick “Ricky15anos” a cortar os próprios pulsos diante da webcam. O tal “Ricky15anos” comentou que odiava os pais e que tinha terminado com a namorada. Alguém com o nick “Zé.” incitava o menino a se matar, dizendo que ele abreviaria seu sofrimento se colocasse um ponto final a tudo. Tive vontade de perguntar ao tal “Zé.” por que ele não acabava com a própria vida, já que isso era algo tão bom. Mas não fiz nada.

Pouco depois, percebi que, ao clicar no ícone de um usuário da lista do lado esquerdo, aparecia, logo abaixo, uma pequena tela da webcam desse mesmo usuário, caso esta estivesse ligada. Cliquei no tal “Zé.” e apareceu uma tela preta. O maldito mantinha a câmera desligada. Ocultava-se por trás de um nome ridículo, praticando suas perversidades na madrugada. Não duvido nem um pouco que, durante o dia, fizesse as vezes de um pai de família, bom profissional, cidadão exemplar. Durante a noite ele podia retirar a máscara, vestir outra, virtual, e brincar com sua sordidez contida.

Cliquei no “Ricky15anos”, e dessa vez a tela não apareceu preta. Apesar da pouca iluminação, a câmera mostrava nitidamente um menino sentado numa cadeira, digitando no computador, na privacidade do seu quarto. Vestia um short de pijama e estava sem camisa. Dizia ter quinze anos, mas aparentava doze. Treze, no máximo. Brincava de girar a cadeira de um lado para o outro enquanto seus olhos percorriam, atentos, as mensagens que “Zé.” lhe enviava no chat. Pousada timidamente sobre a bancada, ao lado do mouse, havia uma faca de

cozinha para o caso de o “Zé.” convencê-lo.

Pensei em intervir. Mandar o “Ricky15anos” dormir e conversar com um psicólogo depois. Mandar o “Zé.” e todos os outros tomarem vergonha na cara e arranjarem algo de bom para fazer... Mas não adiantaria de nada. Eles me sacaneariam. Protegidos sob a máscara virtual, me escorraçariam dali. E voltariam no dia seguinte para explorar novamente sua perversidade.

Por um segundo, me perguntei onde estariam os pais daquele menino. Como é possível que um pai minimamente decente deixe o filho de quinze anos ficar na internet às três da manhã de uma quarta-feira? Onde estariam eles? Será que o sentimento era recíproco e eles também odiavam o garoto? Estariam esperando que o filho acabasse com a própria vida?

Lendo aquelas mensagens, vendo aquele menino loiro com espinhas no rosto brincar com a faca, percebendo aquelas pessoas que passavam a madrugada tentando convencer umas às outras a se matar, tive nojo. Nojo de também ser humano. De ser tão humano quanto aqueles que se escondiam por trás de um nick.

Já ia fechar o site quando uma nova janela surgiu. Alguém com o nick “Sr.Sozinho” me chamava para uma conversa reservada. Resolvi aceitar. Inicialmente, ele me disse um “olá” e perguntou de onde eu teclava.

– Rio de Janeiro – respondi, resolvido a mentir o mínimo possível para não me atrapalhar depois.

Ele enviou uma carinha de sorriso e disse que também era carioca. Perguntou minha idade.

– Catorze. E você?

– Trinta e três.

Marmanjo filho da puta.

– O que um menino de catorze anos está fazendo aqui a essa hora? – perguntou o “Sr.Sozinho”.

Aventei a possibilidade de ele ser um bom samaritano. Alguém que, como eu, havia entrado no site por acaso e tentava impedir que mais um jovem se suicidasse.

– Meus pais viajaram. A empregada está dormindo. E estou sem sono – menti.

– Hummm... Mas por que entrou nesse chat? Você está triste com alguma coisa?

– Não sei... As meninas não gostam de mim. E meu cachorro Bigodo morreu... =( – teclei, percebendo como é fácil mentir num chat desses. Depois de algum tempo, a coisa fica quase automática.

– Entendo. Em que bairro você mora, menino?

Respondi a verdade:

– Copacabana. Por que a pergunta?

– Eu moro no Grajaú. Qualquer dia desses podemos conversar pessoalmente, e você me fala dos seus problemas... – digitou o “Sr.Sozinho”. Do jeito que estávamos caminhando, ele deveria ser o “Sr.Precipitado” ou o “Sr.CaradePau”.

– Meus pais não iam deixar... – respondi rapidamente, fugindo da proposta.

– Você não disse que eles estão viajando?
– Estão. Mas eu não tenho como te encontrar... Tenho só catorze anos, esqueceu?
– Eu posso te buscar de carro na escola. Amanhã, talvez.
– Pode ser – digitei, tentando ver até aonde o “Sr.Sozinho” pretendia ir.
– Você tem webcam aí, menino?
Filho da puta!
– Tenho. Você tem?
– Também tenho.
– Você já tentou se matar alguma vez? – provoquei.
– Não... – respondeu ele. – Na verdade, sou contra o suicídio... Entro nesse chat justamente pra isso... Pra evitar que meninos como você façam essa besteira. Eu te entendo... Sua mente está confusa, você não sabe direito o que quer. Eu também era assim na sua idade... Por isso entro aqui pra ajudar... Fui me descobrindo aos poucos e acho que posso te ajudar nisso também, sabe, menino?
– Sei.
Esperei que ele prosseguisse.
– Você tinha dito que as meninas não gostam de você... Eu entendo... Elas também não gostavam de mim, sabe? Foi então que eu tentei com meninos... Você já pensou em tentar com meninos?
Puta que pariu! Um arrepio gélido percorreu meu corpo.
– Nunca – respondi apressado, prestes a fechar a janela.
– Eu também rejeitei isso num primeiro momento, sabe? Mas no final foi bom. Você deveria tentar... Eu poderia te ajudar nisso também, entende? Você liga a sua webcam e eu ligo a minha... Nós vamos aos poucos... Eu te ajudo.
Fechei a janela, decidido. Desliguei o computador com pressa. Uma ânsia de vômito revirava meu estômago, e minha cabeça parecia prestes a explodir. Escondi-me sob o edredom pesado, as luzes apagadas. Tentei dormir, mas imagens difusas do “Sr. Sozinho” insistiam em martelar minha mente. Careca. Loiro. Gordo. Músico. Alto. Jovem. Negro. Baixo. Olhos azuis. Rico. Advogado. Velho. Médico. Pobre.
Ele poderia ser qualquer um. Poderia até conviver comigo. Eu poderia encontrá-lo na fila do cinema, na mesa de um hotel ou na praia. Uma pessoa normal. Que transita por aí sem empecilhos. Que finge ser quem não é. Que se aproveita da vulnerabilidade de uma criança confusa para conseguir um pouco de sexo ilícito.
Fiquei por um bom tempo pensando nisso, sem conseguir pregar os olhos. Uma lista de rostos conhecidos e desconhecidos passava diante de mim, como num filme. Todos pedófilos... Todos filhos da puta malditos... Todos desgraçados que varam a madrugada incitando pessoas a cometer suicídio... Corruptos... Adúlteros... Sádicos... Tarados... Psicopatas...

Mundo podre.
Gente podre.
Em algum momento, dormi.

Acordei atrasado, obviamente. Olhei pela janela e percebi que seria uma quarta-feira desastrosa. Caía uma chuva fina. Considerei a possibilidade de voltar ao edredom macio e deixar o mundo pra lá. Mas não era possível. José Martinez Herrara e a entrega da prova não permitiam.

Os cinquenta minutos de Copacabana até a faculdade parecem uma eternidade, mesmo com o ar-condicionado e a voz doce da mulher anunciando a chegada de cada estação. Aproveito o tempo para ler um livro, mas sempre surge uma velhinha que me obriga a ser um bom sujeito e ceder o lugar.

Durante a viagem de metrô, terminei um livro do John Grisham e pensei que, se os advogados dos seus livros existissem na vida real, a carreira jurídica seria bem mais interessante. Sempre tive vontade de escrever um thriller jurídico, mas o sistema brasileiro não ajuda muito. Quero dizer, o sistema norte-americano permite a pena de morte, e os jurados podem conversar entre si para tomar a decisão. Mais justo ou menos justo? Pouco importa. A questão é que fica difícil criar um bom suspense jurídico sem ninguém prestes a ser executado na cadeira elétrica ou sem colocar um júri debatendo o caso, como no filme *Doze homens e uma sentença*.

Com essas divagações, atravessei a passarela para a Uerj. Perto da entrada, algo acontecia: uma ambulância e dois carros de polícia tinham isolado uma área dos jardins. Cheguei ao hall dos elevadores e subi ao sétimo andar. Nem precisei ir até o fim do corredor, na sala de aula. Todo mundo estava aglomerado no hall, conversando agitadamente. A última muvuca daquelas que eu vira havia marcado o início de uma greve.

Num canto, mais próximo aos janelões de vidro, Renata conversava animadamente com Zak.

– Putz, Alê, você sempre perde as coisas boas! – disse meu amigo, cumprimentando-me com um aperto no ombro.

– O que eu perdi?

– O Lucas... O vídeo que eu te mandei ontem... – respondeu a Renata, sem saber se ria ou se explicava. – Ele veio na faculdade hoje. O Cadu começou a sacanear ele. Daí...

Risos.

– Daí o quê?

– Daí ele ficou putinho... Ficou com raiva porque o vídeo dele se enforcando tinha vazado. Foi até o décimo andar, subiu na mureta da rampa e ameaçou pular...

– Puta merda, o Lucas se jogou? – perguntei, escandalizado. Larguei a mochila no chão. Isso explicaria a ambulância, a polícia, a confusão.

– Claro que não! Ele sempre desiste na última hora... – ela disse, rindo mais ainda.

No vídeo do enforcamento, ele não pareceu desistir. Foi sorte aquela menina ter aparecido e salvado a pele dele.

– Mas a coisa foi maneira – continuou ela. – Ele ficou lá gritando. Ameaçando pular e fazer um estrago. Seria o sexto da Uerj esse ano.

Além de universidade pública, a Uerj serve de palco para o espetáculo da morte. Atrai os suicidas com a possibilidade de subir lentamente as rampas de concreto e, chegando ao último andar, montar na mureta e brincar de voar. No início, a imprensa ainda noticiava as mortes, depois tornou-se algo comum, como a falta de professor ou uma interdição do banheiro. Seis suicídios num único ano é bastante. Eu já tinha visto dois mortos. Uma velhinha, estirada no chão, o bombeiro pegando o saco plástico preto para cobrir seu corpo ensanguentado. E uma jovem. Vi quando ela gritou que iria se jogar e depois só observei a gravidade fazer seu serviço. Cheguei a pensar que ela estudava na faculdade. Mas, assim como a velhinha, ninguém sabia de onde vinha.

– Mas como foi? – perguntei.

– Foi uma cena de novela, cara. Ele subiu lá e começou a gritar. Chamaram a polícia. Os bombeiros também vieram. Um outro cara se aproximou para conversar com ele, tentar negociar, saca? Mas ele não cedia. A mãe dele chegou depois, chorando, desesperada. Veio o pai dele também. Eles tentaram conversar, e o Lucas começou a chorar quando a mãe disse que amava ele. A chorar, cara! Na frente de uma porrada de gente, todo mundo olhando, ele ficou lá que nem um bebezão!

– E como acabou?

– Pelo que entendi, ele tava tendo uma crise de depressão e se irritava por qualquer coisa... Ele tava triste porque os pais dele estavam se separando e por isso fez aquele negócio do vídeo. Daí, quando chegou hoje na faculdade e viu que todo mundo sabia, teve outra crise e foi se matar de novo. Mas o psicólogo dele chegou – e desse eu sei o nome: Gusmão Alvarenga – e convenceu o Lucas a desistir da palhaçada toda.

Projetei minha cabeça para fora da janela e observei a ambulância, pequenininha lá embaixo. Tive vertigem ao me imaginar, por um segundo que fosse, prestes a cair daquela altura. Voltei à conversa.

– O Herrara entregou as provas?

– Ele disse que não corrigiu todas. Entregou só algumas. Não recebi a minha – explicou Zak.

– Eu recebi! – exclamou Renata, em êxtase. – Tirei oito e meio, mas ele arredondou! Ele é um fofo. Vai lá falar com ele. Deve estar na sala dos professores.

Concordei com a cabeça e me despedi dos dois. Tomei o corredor. Ele não estava na sala dos professores. Encontrei-o na cantina, comprando um refrigerante. Pedi desculpas, disse que tinha chegado atrasado e solicitei minha prova.

– Não precisa pedir desculpas, menino. Está sendo um dia atípico, não é mesmo?

Esperei que ele pegasse o refrigerante e escolhesse uma mesa. Retirou um calhamaço de

folhas da pasta que trazia sob o braço.

– As notas foram muito boas... – disse ele. – Qual é o seu nome mesmo?

– Alessandro Parentoni de Carvalho.

– Certo. Espere um pouco – respondeu, enquanto percorria com agilidade as provas em busca do meu nome. – Ah, sim. Aqui está... Infelizmente não corrigi ainda.

– Sem problema – respondi.

– Eu pretendia terminar de corrigir essas provas ontem à noite. Mas tive alguns problemas pessoais e perdi a madrugada toda para resolvê-los, sabe, menino? Devo entregá-las só em janeiro. Essa greve atrasou tudo! – justificou, dando uma piscadela amigável.

Mas eu não estava mais prestando atenção. Algo nele me soou familiar. As frases terminadas com o vocativo "menino", as provas não corrigidas, a piscadela intimidadora, a carreira sólida e bem-sucedida... Ele era a imagem perfeita do que eu imaginara como o "Sr.Sozinho"! Uma pessoa livre de qualquer suspeita, um homem solitário e brilhante, um conhecedor das leis que, durante a madrugada, revela sua verdadeira face num mundo sem leis.

Acho que ele percebeu que eu estava estranho.

– Algum problema, menino? Você está passando mal?

Automaticamente, respondi que não e saí dali.

Não faria o menor sentido meu professor de direito penal I ser o tarado pedófilo com quem eu tinha conversado na noite anterior. De qualquer modo, eu não estava bem. Minha mente continuava a imaginar mil possibilidades diabólicas. O rosto do "Sr.Sozinho" cismava em me aparecer, com um olhar demoníaco, e às vezes tinha a feição do professor Herrara.

Decidi que o melhor era ir pra casa. Peguei o metrô e, assim que cheguei, vesti o pijama. Desci as persianas, entrei debaixo do edredom e dormi.

Acordei às sete da noite e, desde então, estou aqui, escrevendo, despejando o que estava atravessado em minha garganta.

Talvez agora tudo fique melhor.

# Capítulo 27

*Capítulo 8*

*O corpo do Noel tombou sobre o da Ritinha, inerte. A cabeça estourada caiu de encontro ao peito nu da ruiva. Zak ainda correu na direção dos dois, tentando impedir o estrago, mas não houve tempo.*

*– Puta merda – foi o que conseguiu dizer, diante da cena consumada. Passou a mão no rosto, tentando limpar o jato de sangue que atingira sua testa e seus cabelos.*

*Os olhos claros arregalados expressavam a surpresa. Ninguém esperava que Noel fosse meter uma bala na cabeça logo depois de dar a trepada da sua vida! Ninguém. Talvez nem ele.*

*Senti um arrepio ao perceber que faria a mesma coisa no lugar dele. Eu também acabaria com tudo ali, no auge do prazer. Agora, eles estavam juntos em espírito.*

*Zak não ousou mexer nos corpos, tão intensamente enlaçados, as genitálias em conexão, o dorso nu do Noel apoiado no tronco da Ritinha. E o sangue. Como um véu escarlate. Toda a sordidez das manchas nas paredes e das cabeças destroçadas se confundia à prova de amor genuíno.*

*Em vez de sentir nojo, tive vergonha. Vergonha por nunca ter amado alguém assim. Vergonha por ser tão materialista, ambicioso e prepotente. Vergonha por nunca ter pensado em morrer por amor... Por um segundo, tudo o que eu queria era viver um momento como aquele, era ter a oportunidade de me sentir pleno. Eu, que sempre me achei superior ao Noel, agora o invejava. Invejava aquele sorriso no rosto, estampado teimosamente na minha memória, mostrando o quanto eu poderia ter sido feliz, o quanto eu poderia (e deveria) ter aproveitado a vida. Mas era tarde demais.*

*Cinco pessoas. Cinco balas. E a roleta-russa continuava.*

*– Ele... Ele não poderia ter feito isso... – murmurou Zak, sem desviar o olhar.*

*Waléria não perdeu a oportunidade de voltar às provocações. Virou-se para meu amigo e declarou:*

*– Parabéns, Zak, você conseguiu... Não precisa fazer essa cara de transtornado, pois você não me engana... Você é ardiloso, esperto...*

*Ele não respondeu. Continuou a observar os corpos, sem dar atenção a Waléria.*

*– Quatro mortos, hein? – continuou ela, provocativa. – Quatro! Todos eles com o seu empurrãozinho...*

*– Cala a boca, merda! – reclamou a João, sentada como se estivesse num parque florido, esperando um piquenique de maconha e cocaína. – Não aguento mais ver vocês dois discutindo!*

*– E você ainda consegue enganar esses idiotas que te defendem... – completou Waléria, sem se alterar. – Mas não a mim, Zak. Não a mim!*

*– Você está falando que eu matei o Noel também? Você acha que eu criei isso tudo pra que ele se suicidasse no final? – bombardeou, sem olhá-la nos olhos. – Quem você acha que eu sou, Waléria? Deus?*

*Ela gargalhou propositadamente.*

*– Deus é a única coisa nesse mundo que você não é, Zak...*

*– Você acha o quê? Que eu fico prevendo as reações das pessoas? Que eu sabia que o Noel iria se suicidar enquanto trepava com a Ritinha?!?*

*– Ora vamos, Zak! Não se faça de bobo... Não é tão difícil assim... É óbvio que ele iria se matar. O que você achou? Que ele fecharia a braguilha e voltaria para continuar na roleta?*

*– É o que eu faria! – defendeu ele. – Fechar a braguilha e voltar para a roleta-russa.*

*– Sei.Vou fingir que sou idiota que nem eles e não percebi sua esperteza... Mas, no que depender de mim, você vai parar em quatro mortos, Zak. Não vou deixar que venha um quinto. Simplesmente não vou deixar... Se você colocar mais uma bala nesta arma, eu vou embora.*

*Meu amigo ficou parado, encarando-a.*

*– E nem pense em fazer seu teatrinho de novo, Zak! Se você carregar esse revólver e me entregar, mandando eu atirar na sua cara... Eu, se fosse você, pensaria duas vezes... Porque eu vou aceitar a ideia, Zak... Desta vez eu vou atirar!*

*– Mas que merda, Waléria! – explodiu Lucas, largando da irmã e se aproximando deles. – Por que você insiste nessa porcaria? Sabe democracia? É isso, minha filha! Quatro contra um, e pronto!*

*– Foda-se a democracia! – retrucou ela. Agitou os braços no ar, quase atingindo a testa do Lucas. – Eu nunca gostei da democracia! A democracia representa a vontade da maioria... E que maioria é essa que temos aqui? Um maluco depressivo, uma garota que parece uma chaminé de maconha e um retardado que não para de escrever!*

*– E uma vaca gorda que se acha a dona da verdade – acrescentei, retribuindo o elogio.*

*– Dona da verdade ou não, prefiro uma ditadura. A ditadura da Waléria. Eu mando, e vocês obedecem. Ou isso, ou estou fora!*

*– Está fora? – perguntou Zak, com desdém.*

*– Isso mesmo. Estou fora. Vou embora dessa merda e...*

*– Vai embora e o quê?! E o quê, sua imbecil? – pressionou Zak. – Vai chegar lá fora e dizer que se arrependeu de ter vindo? Como vai explicar os oito mortos no porão? Como vai explicar suas digitais nesse revólver? Incitar o suicídio também é crime, sua besta. Você*

*vai ser presa. Vai ser desprezada. E ainda vai se arrepender por ter ficado viva... Vai criar esse filho sozinha. Na sarjeta!*

*– Para!*

*– Este é um caminho sem volta, Waléria. Uma vez aqui dentro, não tem como desistir...*

*O corpo da Waléria murchou, os olhos encheram-se de água.*

*– Você está ignorando suas próprias regras, Zak – desafiou ela, os lábios trêmulos. – Você tinha dito que o último pode escolher entre viver ou morrer... E se eu for a última e optar por viver?*

*– Eu não estou ignorando as regras, Waléria. Mas ninguém vai ser idiota de continuar vivo depois disso tudo. Se alguém sair vivo daqui, terá que se explicar para a polícia, para a Justiça, para a sociedade... – afirmou. – Se eu for o último, não tenho nem o que pensar. Vou pegar a bala restante e puxar o gatilho na mesma hora. Sem medo. E, sinceramente, te recomendo fazer o mesmo.*

*As palavras do Zak se perderam no ar. Depois de um longo silêncio, Waléria caminhou determinada na direção da saída e girou a maçaneta, sem eficiência. Tentou o giro outra vez, como se a tranca fosse ceder ao seu desespero. Juntou forças e esmurrou a porta, tentando derrubá-la a todo custo.*

*– Onde está a chave, Zak? Onde está a chave daqui?*

*Antes que meu amigo tivesse tempo de falar, Lucas respondeu:*

*– Ele não sabe. Na verdade, ninguém sabe... Apenas eu. Ele me deu a chave, e eu me livrei dela...*

*– Onde você colocou, Lucas? – perguntou Waléria, tentando se manter paciente. Parou de socar a porta e respirou fundo, se recompondo.*

*– Eu engoli – mentiu ele, abrindo a boca e jogando a língua para fora como se estivesse no médico. – Você quer vir pegar?*

*– Você engoliu a chave? – ela disse, escandalizada.*

*– É uma possibilidade... – respondeu, com um sorriso vazio. – Assim como é uma possibilidade que, em breve, alguém sinta nossa falta e comece a nos procurar... Alguma hora, vão chegar até aqui... E eu, sinceramente, não quero estar vivo quando isso acontecer... Então, que tal continuarmos logo?*

*– Já disse que, se o Zak carregar o revólver, estou fora...*

*– Putz, você é mesmo chata, hein, minha filha? – rendeu-se a João com mais um cigarrinho pela metade pendendo dos lábios.*

*Waléria ignorou a ofensa:*

*– E tem mais um problema... – prosseguiu, levando a mão ao queixo, como se pensasse. – Nós somos cinco. O revólver tem oito câmaras... E se nós cinco puxarmos o gatilho e nenhum tiro sair? Quero dizer, e se a bala estiver numa das três últimas câmaras? O que fazemos?*

*– Continuamos atirando até o final! – disse Zak.*

*– Mas aí os três primeiros ficam em desvantagem, porque podem ter que atirar outra vez, e os dois últimos, não.*

*– Puta merda! – reclamou a João. – Foda-se a probabilidade! Vamos todos morrer de qualquer jeito!*

*– O que a Waléria disse está certo – concordei. – Tenho outra ideia: caso o tiro não saia nos cinco primeiros disparos, é só abrir a arma e girar o tambor de novo. Simples e eficiente.*

*– É uma boa... – concordou Zak. – E seguimos assim até o tiro sair.*

*– Por que não colocamos mais de uma bala? – propôs o Lucas.*

*– O quê?*

*– Tipo... Se colocarmos duas balas no tambor, em vez de uma... aumentam as chances de ter pelo menos uma bala nas cinco primeiras câmaras.*

*– Por que não colocamos logo três balas? – sugeriu a João.*

*– Se colocarmos três balas, as chances de alguma bala estar nas cinco primeiras câmaras aumenta, e muito! Pode acontecer de as três ficarem entre as cinco primeiras e aí morrerem três de uma vez! – rebateu Waléria.*

*– Não, Waléria! – irritou-se Lucas. – Nós só vamos colocar mais balas para aumentar as chances de a bala sair até a quinta tentativa. Nesse caso, assim que o tiro sair, nós abrimos o tambor de novo, colocamos mais uma bala e fazemos um novo giro. Não morre mais de um por rodada, entendeu?*

*Zak continuava parado, observando os corpos nus da Ritinha e do Noel enlaçados. Parecia não entender mais nada da discussão.*

*– Afinal, o que decidiram? – perguntou.*

*– Eu voto em colocar três balas – disse a João.*

*– Eu também – concordou o irmão.*

*Eu e Zak aceitamos.*

*– Certo... – resignou-se Waléria. – Mas, já que serão três balas, cada um coloca uma. E de olhos fechados.*

*– Eu já disse que só eu carrego a merda da arma! – brigou Zak. – É tão simples! A Magnum é minha, eu carrego!*

*Waléria já ia retrucar quando Lucas interveio:*

*– Ora, vamos, Zak! Chega dessa discussão! Desta vez são três balas. Eu coloco uma, você, outra, e a Waléria, a última! Não tem por que brigar! Vamos acabar com isso logo, sim?*

*Zak deu de ombros, se agachando desajeitadamente para pegar o revólver no chão, ao lado do corpo do Noel. Limpou na barra da bermuda o cabo ensanguentado. Enfiou a mão no bolso e pegou três balas. Meio a contragosto, entregou uma para Waléria e outra para Lucas.*

*Abriu a arma. O cilindro giratório e suas oito câmaras vazias.*

*Lançou um último olhar enraivecido para Waléria, que o fiscalizava, atenta. Tateou o tambor e, passeando os dedos pelas câmaras, introduziu a bala em uma delas. Esticou os braços para entregar o revólver a Lucas, que já esperava de olhos cerrados. Tudo acontecia devagar, como dois cegos organizando a bagunça de uma casa desconhecida. Depois de quatro tentativas frustradas, Lucas conseguiu pegar a arma. Tateou e introduziu a bala na primeira câmara vaga que encontrou. Repassou a Magnum para Waléria, também de olhos fechados. Ela segurou a arma de modo dramático, inspirando profundamente, como se estivesse prestes a realizar um grande feito.*

*Demorou a introduzir a bala na câmara. Quando o fez, girou o tambor e o fechou.*

*– Eu começo – disse, levando o revólver aos cabelos mal pintados.*

*– Ei, calma! – pediu a João, levantando-se zonza de seu lugar. Fechou os olhos por alguns segundos, tentando recuperar o prumo. – Nós temos mais um problema pra resolver.*

*– Que foi desta vez?*

*– Sério, gente... O estado deste porão... Está imundo!*

*Olhei ao redor: Otto amarrado ao cano, próximo à mesinha quebrada e ao pedaço de madeira que, antes, era o pé da mesa. No lado oposto, os corpos ensaguentados do Noel e da Ritinha, nus. Junto à parede, o corpo do Dan, incomodamente relembrando que eu tinha falhado ao tentar salvá-lo. Mais próximo da porta, o sofá depenado e uma João revoltada.*

*– Pensem só. Tem sangue por todos os lados, nas paredes, no chão e até na droga do teto!*

*– O que você quer? Ligar pra faxineira? – brincou Lucas, com um riso nervoso.*

*– Não dá! Meu celular não pega aqui! – respondeu Zak, mantendo a piadinha no ar.*

*– Estou falando sério, gente! – disse a João, fazendo a carinha emburrada pela qual eu me apaixonei. – Mais uma morte quer dizer mais sangue. E mais sangue quer dizer que não teremos nem onde pisar! Isso sem falar no cheiro, que está ficando insuportável!*

*– Por que não afastamos o sofá da parede e colocamos os próximos corpos atrás dele? – propus. – Os corpos ficando atrás, sobra esse espaço aí da frente para terminarmos a roleta-russa...*

*A João pareceu considerar minha ideia.*

*– Pode ser – murmurou, pouco animada. Se eu fosse rico, talvez ela dissesse: "Nossa! Que ideia maravilhosa, meu amor!".*

*– Não entendi nada. Mas, se vocês querem... Lucas, me ajuda a carregar o sofá... – pediu Zak, aproximando-se da porta. Alongou os braços e estufou o peito, soltando um suspiro cansado.*

*Tomando cuidado para não escorregar no sangue que havia no caminho, eles seguraram os braços laterais do móvel e tentaram levantá-lo.*

*– Cacete! Esta merda é pesada! – disse Zak, arfante. – Seria melhor ter mais alguém puxando...*

*Como só restavam duas mulheres e eu, deixei o caderno de lado para ajudar.*

*O sofá era realmente pesado. Aos poucos, nós o empurramos para a frente, afastando-o mais de um metro da parede. A tábua corrida do lugar onde ele estivera estava coberta de poeira.*

*Peguei o caderno de volta e me sentei num dos braços do sofá.*

*– Podemos continuar? – perguntou Waléria assim que comecei a escrever.*

*– Começa você – sugeriu Lucas, ao lado dela.*

*Como se estivesse com pressa, ela levantou novamente a arma até a cabeça.*

*– Se Deus for justo – disse ela, olhando para Zak recostado em uma pilastra a poucos metros –, Ele vai me deixar viva desse disparo para que eu possa ver seu desespero em ter que atirar sem saber onde está a bala...*

*Meu amigo não respondeu.*

*E ela também não aguardou uma resposta.*

*Clique.*

*O tambor executou seu giro, passando para a próxima câmara. O próximo desafio.*

*– É... Deus é justo – comentou, exibindo os dentes num sorriso maldoso.*

*– Minha vez – disse Lucas, tomando o revólver das mãos dela.*

*De forma um pouco desajeitada, mirou a arma contra o próprio coração.*

*– O que você está fazen...*

*– Que nem Getúlio Vargas – respondeu ele, antes que a pergunta fosse feita. – Para não estragar o velório...*

*E atirou.*

*De tão acostumado a ouvir o clique, você nunca espera pelo estrondo incisivo da bala sendo disparada. Tomei um susto, caindo sobre o sofá, ao mesmo tempo que a arma despencava das mãos do Lucas e ele tombava no chão.*

*A João soltou um berro, levando as mãos ao rosto, recusando-se a ver o peito do irmão banhado em sangue. As pernas tremiam enquanto ela chorava, desesperada. Correu para o corpo, enlaçando a cabeça inerte em seus braços. Entre soluços, acariciou os cabelos despenteados e desceu as pálpebras dos olhos sem vida.*

*– O que... Meu Deus, o que eu fiz? – murmurava repetidamente, enquanto dava tapinhas na bochecha do cadáver, tentando reanimá-lo. – Lucas, meu Deus! Por favor, acorda! Fala comigo, Lucas! Meu Deus! Por favor! Me desculpa!*

*Pensei em me aproximar, fazer um afago, uma tentativa de consolar a perda do irmão. Mas percebi que seria inútil. Ela me desprezava. Eu devia desprezá-la também. Devia fazer como os outros: assistir ao seu momento de tristeza com uma cara de paisagem, como se nada de anormal estivesse acontecendo.*

*– Lucas... – chorou, as lágrimas escorrendo pelas bochechas e caindo sobre o rosto do irmão. – Eu te amo! Eu te amo muito! Mas é que... Meu Deus, o que eu fiz?*

*– Acho melhor colocarem logo o corpo dele atrás do sofá... antes que o sangue se espalhe! – comentou Waléria, a voz inalterada. – Não foi esse o combinado?*

*Zak se aproximou da João, transtornado. Ele nutria certa amizade pelo maluco depressivo, uma empatia natural, espontânea. Apertou carinhosamente o ombro dela e murmurou algo ao seu ouvido. A João soltou um lamento e se afastou do corpo. Meu amigo pegou o cadáver pelos braços e pediu para que eu o pegasse pelas pernas. Fui ajudar.*

*Lucas era pesado. Apesar da magreza aparente, devia ter uns bons setenta ou oitenta quilos. Carregamos o cadáver com dificuldade, contornando o sofá. Um barulho seco ecoou pelo porão assim que soltamos o corpo sobre o piso.*

*Olhando melhor, percebi que uma tábua do assoalho embaixo do cadáver tinha se soltado, movida pelo impacto. Quando me agachei para ajeitá-la, gelei. Havia espaço embaixo da tábua: uma espécie de fundo falso.*

*– Me dá aquele pedaço de pau! – pedi.*

*Zak me entregou o pé da mesa, sem entender o que eu estava fazendo.*

*Com avidez, quebrei as tábuas ao lado da que tinha se soltado, rachando uma boa área do chão de madeira. Em menos de dois minutos, existia um grande buraco ao lado do Lucas, no lugar onde antes estivera o sofá.*

*– Caralho! – gritou Zak, tão assustado quanto eu, o que confirmava que ele também não sabia daquele esconderijo.*

*Por um segundo, voltei aos momentos da infância, à curiosidade aguçada em querer descobrir o que Getúlio Vasconcellos guardava trancado no misterioso porão. Agora eu sabia. Nem fadas, nem duendes.*

*Separados em sacos plásticos transparentes, maços de notas de cem dólares, presos por elásticos pretos, ocupavam uma área de pelo menos um metro quadrado. Não era possível ver a profundidade do buraco, mas, ao retirar um saco, confirmei que havia vários outros embaixo, empilhados.*

*– Quanto dinheiro tem aí? – perguntou a João, os olhinhos brilhando, parecendo ter se esquecido da morte do irmão.*

*Encontrei duas folhas de papel grampeadas no topo de um dos sacos plásticos. Havia anotações escritas à mão que revelavam os lançamentos contábeis dos últimos três anos. Ao que parece, cada depósito ou retirada de dinheiro do esconderijo era registrado por Getúlio. O último depósito fora de trezentos e quarenta mil dólares e datava de 29 de agosto de 2008, sexta-feira. Um dia antes do acidente na volta ao Rio de Janeiro.*

*Na segunda folha, havia uma série de contas de adição e subtração. Procurei pela última data e encontrei-a ao pé da página. Ali estava a resposta para a pergunta da João.*

*Vinte e dois milhões de dólares.*

# Capítulo 28

DIANA – "Na segunda folha, havia uma série de contas de adição e subtração. Procurei pela última data e encontrei-a ao pé da página. Ali estava a resposta para a pergunta da João." *(PAUSA) "*Vinte e dois milhões de dólares."

REBECCA – Uau, vinte e dois milhões?

ROSA – De dólares? Isso... Isso é surreal!

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Senhoras, por favor! *(VOZ RÍSPIDA)* Sei que a descoberta gera burburinho, mas vamos tentar manter o silêncio, sim? Com uma falando de cada vez...

ROSA – Vinte e dois milhões, doutora? É muito dinheiro!

DIANA – Realmente. *(PAUSA)* Como vocês perceberam, é o fim do capítulo oito. *(PAUSA)* Agora está respondida a sua pergunta, Amélia. Eis o motivo para o porão ficar trancado: o lugar era uma espécie de cofre. Provavelmente, o Getúlio o utilizava para esse fim havia bastante tempo, visto que desde que o Zak era pequeno o porão já ficava trancado.

AMÉLIA – Eu... *(CHORO)* Eu não estou me sentindo muito bem... O meu filho... *(PAUSA)* Por que a Maria João não impediu, doutora? Por quê? *(SOLUÇOS)* Como é que ela foi se meter nisso? Logo ela! Tão determinada e ambiciosa!

DIANA – Essa é uma resposta que gostaríamos de ter, Amélia. *(PAUSA)* Você está abatida... Quer uma água, um calmante?

AMÉLIA – Não, não... Eu me recupero. *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA E FRACA)* Foi só a emoção do momento, a sensação de viver isso em tempo real, como um filme passando diante dos olhos. Como se eu pudesse entrar na tela e salvar meu filho... *(CHORO)*

DÉBORA – Fique calma, querida... Vai passar e...

AMÉLIA – Já estou melhorando... Podemos... *(PAUSA)* Podemos continuar.

DIANA – Na verdade, Amélia, esperávamos que você pudesse nos ajudar em algo. O motivo de a Maria João ter entrado na roleta-russa, de ter compactuado com o irmão...

AMÉLIA – Mas eu já disse mil vezes que não sei! *(VOZ EXALTADA)* Nos interrogatórios me fizeram essa pergunta várias vezes, e eu respondi que não sabia! *(PAUSA)* Eu simplesmente não sei! Não faz o menor sentido... Nós estávamos bem lá em casa. O Lucas tinha até se interessado por uma menina, eu acho.

DIANA – Sabe o nome da menina?

AMÉLIA – Não... não sei. Eles não me falavam muito sobre isso, na verdade. Apenas ouvi por alto.

DIANA – E a Maria?

AMÉLIA – Ela também estava bem. Normal, sabe? *(PAUSA)* Nervosa por algum projeto que vinha preparando. Ela vivia preparando projetos. Curtas-metragens, apresentações circenses na rua... Coisas assim.

DIANA – Algum namorado?

AMÉLIA – Minha filha não se apegava facilmente a ninguém. Sempre foi muito autossuficiente e não se entregava assim, de cara... Mas ela saía às vezes com uns meninos. Chegou a se encontrar com o próprio Alessandro, eu acho.

DIANA – Entendo.

AMÉLIA – É como eu disse, doutora... Eles ficaram um pouco chocados com o acidente dos pais do Zak. Todos ficamos quando alguém morre perto de nós, não é mesmo? *(PAUSA)* Mas, fora isso, eles estavam normais.

DIANA – Os dois ficaram surpresos com o acidente?

AMÉLIA – Sim, sim! *(PAUSA)* Na verdade, eu não diria surpresos... mas chocados mesmo. Um acidente como aquele nos faz perceber como somos vulneráveis, não é? Como a vida é frágil... *(PAUSA)* O Zak perdeu os pais de uma hora pra outra. É natural pensar: "E se isso acontecesse comigo? E se meus pais morressem de repente também?". *(PAUSA)* Eu acredito que eles tenham pensado nisso. Viram a morte ali, do lado... E por isso ficaram chocados. A Maria João até mais que o Lucas. Ficava comentando o acidente, lendo as reportagens da imprensa... *(PAUSA)* Mas isso é normal, não é? Afinal, eles estavam lá quando o Zak recebeu a notícia pelo telefone...

DIANA – Vamos tentar focar nos motivos dos dois, Amélia. Raciocinando juntas, talvez cheguemos a algum lugar, não é mesmo?

AMÉLIA – Mas eu já disse que não faz sentido! *(VOZ EXALTADA)* Quantas vezes terei que repetir isso?

DIANA – Apenas...

AMÉLIA – Nem o próprio Lucas tinha motivo! O doutor Alvarenga disse que ele estava evoluindo nas sessões, que o seu quadro já não era tão perigoso. A última tentativa de suicídio dele tinha sido mais de oito meses antes. Oito meses, doutora! Nada indicava que ele iria tentar mais uma vez!

DIANA – Mas ele poderia ter uma recaída inesperada, não? O choque ao presenciar o amigo recebendo a notícia da morte dos pais...

AMÉLIA – Sim, é possível. Mas nunca a Maria João! Ela não faria isso. Não se deixava afetar tão facilmente. Era racional. Pensava antes de agir.

DIANA – Entendo. Mas deixe eu reler um trecho do capítulo anterior. Ouçam com atenção. *(PAUSA)* "– Lucas... – chorou, as lágrimas escorrendo pelas bochechas e caindo sobre o rosto do irmão. – Eu te amo! Eu te amo muito! Mas é que... Meu Deus, o que eu fiz?" *(PAUSA)* O Alessandro estava escrevendo isso em tempo real. É possível, na verdade, provável, que as

frases ditas por cada um durante toda a roleta-russa estejam corretamente transcritas aí, com poucas alterações, que infelizmente não podemos identificar. *(PAUSA)* Percebam que a Maria João iria dizer alguma coisa, dar alguma explicação para sua atitude: "– Mas é que...", e para no meio, não termina a frase. Em vez de explicar, expressa seu arrependimento, o choque diante do irmão morto: "– Meu Deus, o que eu fiz?".

OLÍVIA – E esquece tudo logo depois... *(PAUSA)* Assim que descobre a grana enterrada no porão...

AMÉLIA – Fica quieta! *(VOZ RÍGIDA)*

OLÍVIA – Nada como o dinheiro para conter as lágrimas...

AMÉLIA – Cala a sua boca! A Maria amava o irmão! Ele tinha acabado de morrer! Como você ousa falar assim dos meus filhos? *(VOZ EXALTADA)*

*(CHORO)*

OLÍVIA – Não disse nada de mais, Amélia. Foi o próprio Alessandro que escreveu... Ela parou de chorar e foi admirar o tesouro que eles tinham encontrado. E eu confesso que entendo essa atitude. Afinal, o irmão já estava morto. E ela estava ali, vivinha, com convidativos vinte e dois milhões de dólares diante dos olhos...

REBECCA – Vinte e dois milhões! Eu ainda não acredito! *(PAUSA)* O que todo esse dinheiro estava fazendo lá dentro? Não existem bancos pra isso?

OLÍVIA – Paraísos fiscais existem pra isso. Um dinheiro guardado no porão da casa de campo não deve ser dos mais lícitos, Rebecca.

DIANA – Tudo o que podemos fazer é especular. *(PAUSA)* É, sem dúvida, uma quantia não declarada.

REBECCA – Vocês não tentaram investigar a origem do dinheiro?

DIANA – Sim, tentamos. Mas essa questão é irrelevante para o caso. *(PAUSA)* O Getúlio Vasconcellos possuía negócios em basicamente todos os setores da economia. *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* A GVasc Imobiliária e a UsiVasconcellos, um conglomerado de usinas produtoras de ferro-gusa, levavam o nome da família. Além dessas, o Getúlio era sócio, em alguns casos, majoritário, de diversas outras empresas, como hotéis, resorts, navios, fazendas... Acionamos a Receita Federal e estamos trabalhando. *(PAUSA)* A grande verdade é que, se levarmos em conta todo o patrimônio líquido, vinte e dois milhões de dólares representam apenas uma porcentagem do total. *(PAUSA)* A própria Cyrille's House foi vendida há três meses por cinco milhões de dólares.

ROSA – Minha nossa, é muito dinheiro!

REBECCA – Mas, afinal, por que esse esconderijo no porão? *(PAUSA)* É até natural que alguém com tantos negócios desvie um pouco ali, sonegue um pouco aqui... Mas por que não mandar o dinheiro para um paraíso fiscal? Por que manter escondido embaixo das tábuas de madeira no porão?

DIANA – Como eu disse, nós não temos certeza de nada. *(PAUSA)* É possível que esse

esconderijo fosse uma forma de o Getúlio possuir dinheiro em caixa caso precisasse com urgência. Transações em paraísos fiscais e até mesmo em bancos, quando o valor é grande, são mais trabalhosas, burocráticas. *(PAUSA)* Acreditamos que a quantia guardada no porão servia para necessidades imediatas, compras que exigissem dinheiro vivo e rápido. Se vocês perceberem, o Alessandro comenta que as folhas datavam os depósitos e as retiradas. Isso mostra que o Getúlio não só colocava dinheiro, ele também retirava em alguns momentos.

REBECCA – Pode ser...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

OLÍVIA – Débora, você não era amiga do casal? Não vivia viajando com eles para Cyrille's House? *(PAUSA)* Você nunca viu, ou ouviu, nada sobre isso?

DÉBORA – Você disse bem, Olívia: eu era amiga do casal. Amiga! *(VOZ RÍSPIDA)* Não me intrometia nos negócios deles. Nunca soube de nada. *(PAUSA)* E não passava o tempo todo com eles.

OLÍVIA – Puxa, já pensou se você descobre, hein? *(PAUSA)* Vinte e dois milhões!

DÉBORA – Se eu descubro, não muda nada... O dinheiro não é meu.

OLÍVIA – Fico imaginando como aqueles coitados reagiram diante dessa coisa toda... *(RISO SECO)* Vinte e dois milhões ali do lado, e eles prestes a cometer suicídio! Uma tremenda ironia, não?

DIANA – Olívia, por favor, vamos tentar manter o foco.

ROSA – Eu estive pensando... Eu obviamente não conhecia a menina Maria João... mas a mãe dela disse que ela era racional, determinada... *(PAUSA)* É provável que o motivo dela, seja qual for, tivesse algo de racional, não? *(VOZ HESITANTE)* Quero dizer, ela provavelmente não se suicidaria por depressão ou por estar apaixonada...

AMÉLIA – É verdade...

ROSA – Apenas um motivo racional poderia explicar o arrependimento dela assim que viu o irmão morto, não acham? *(PAUSA)* Posso estar falando besteira, mas faz sentido pra mim...

DIANA – Sim, sim, Rosa... Muito interessante o que você disse...

OLÍVIA – Racional? Pelo amor de Deus, que motivo parece racional o suficiente para levar alguém a cometer suicídio?

ROSA – A questão não é ser racional pra nós, Olívia... mas pra eles... O motivo teria que fazer sentido na cabeça deles, não na nossa...

OLÍVIA – É uma boa resposta, mas não me convence. *(PAUSA)* Não adianta ficar querendo entrar na cabeça deles. Não somos videntes. E, além disso, nenhum deles me parecia agir racionalmente ali.

SÔNIA – O Alessandro... *(PAUSA)* O motivo dele era bastante racional. Escrever um livro para a fama póstuma. Racional, ainda que ilusório.

ROSA – O motivo do Noel também... Defender o amor da sua vida. É tão racional, calculado, quanto emocional.

AMÉLIA – Realmente não combina com a Maria João cometer suicídio por puro impulso ou sentimentalismo... *(PAUSA)* Mas a questão não é essa, entendam! Simplesmente não consigo imaginar minha filha cometendo suicídio! Ela era a última pessoa que eu imaginaria fazendo isso! *(CHORO)* Justamente por conviver com o irmão, por ter acompanhado o drama dele, com suas tentativas frustradas de se matar, as internações em clínicas e tudo o mais... Ela possuía uma espécie de repulsa por essa coisa toda. *(PAUSA)* Como o filho que convive com a mãe fumante e, por isso, odeia cigarro... A Maria conviveu com um irmão depressivo, com tendências suicidas... Ela repudiava isso, ela repudiava a ideia de acabar com a própria vida. Não faz o menor sentido ela ter participado dessa roleta-russa! Nem ter colaborado para o irmão participar!

REBECCA – Não existe a possibilidade de a relação entre eles ter se invertido? *(PAUSA)* Quero dizer, antes, ela controlava as tendências suicidas dele, e depois ele a convenceu a mudar de lado, a querer se matar?

AMÉLIA – Não, não... Impossível! *(PAUSA)* A Maria era muito mais forte que o Lucas. Ela nunca se deixaria convencer. Principalmente em relação a esse assunto. Ela tinha uma opinião muito bem formada...

ROSA – E se ela foi ameaçada?

AMÉLIA – Como assim?

ROSA – Ora, vamos supor que o Zak tenha convidado o Lucas para a roleta-russa. Ela escutou. Disse que contaria para todos, denunciaria à polícia e tudo o mais... E então, o Zak a ameaçou. Talvez o próprio Lucas tenha ameaçado também.

AMÉLIA – O Lucas nunca ameaçaria a vida da irmã dele! *(PAUSA)* Por trás da aparência rebelde, ele era um menino doce... Nunca faria isso! Eu conhecia bem os meus filhos e sei o que estou dizendo.

OLÍVIA – Eu não teria tanta certeza assim, Amélia. Afinal, você disse que a Maria João nunca se suicidaria... E... bem... ela estava lá, não é mesmo?

AMÉLIA – Pare de me provocar! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Por favor, por favor, não briguem. *(PAUSA)* Rosa, termine a sua argumentação. Vamos supor, ainda que a Amélia afirme ser impossível, que o Lucas, ou o Zak, tenham ameaçado a Maria João... *(PAUSA)* Isso explica o fato de ela deixar o irmão entrar na roleta-russa... mas não explica a presença dela lá, participando de tudo!

ROSA – Não sei... A mim, soa plausível. O Zak convida o Lucas. A João escuta e diz que vai denunciá-lo. O Zak faz uma ameaça de morte caso ela conte.

DÉBORA – Eu já disse que o Zak não é esse monstro! Vocês insistem em...

DIANA – Débora, por favor, deixe a Rosa concluir o raciocínio. São apenas suposições. *(PAUSA)* Continue, Rosa...

ROSA – Bem... O Zak ameaça a Maria João de morte caso ela conte. Ela fica num dilema. Deixar o irmão se suicidar ou contar para a polícia e colocar a própria vida em risco...

*(PAUSA)* Ela acaba decidindo que também vai para a roleta-russa. Vai com o objetivo de impedir que tudo aconteça, de impedir que o irmão se mate... *(PAUSA)* Mas falha. E, ao perceber que falhou, cai em prantos, chora compulsivamente... Isso explica o desespero dela ao ver o irmão morto.

DIANA – Mas não temos nenhuma evidência de que o Zak, ou o Lucas, tenha ameaçado a Maria João. *(PAUSA)* Além disso, a Maria João em nenhum momento durante a roleta-russa pareceu fazer qualquer coisa para evitar que o irmão pegue a arma. Não tentou impedi-lo ou dissuadi-lo em nenhum instante. *(PAUSA)* Por fim... Nós acreditamos que o Zak tenha feito o convite para a roleta-russa no dia 03 de setembro, quarta-feira, correto?

AMÉLIA – Sim, isso mesmo. Como eu disse, eles estavam normais. Sem nenhum problema aparente. Foi só nesse dia, depois da visita do Zak, por volta da hora do almoço, que eles começaram a parecer estranhos... A Maria saiu logo depois e só voltou à noite. O Lucas sequer jantou naquele dia...

DIANA – Pois então. Você disse que o Zak foi até sua casa no dia 03 de setembro e pediu para falar com os dois, não é isso?

AMÉLIA – Sim.

DIANA – O Zak pediu pra falar com os dois. Com os dois! Isso quer dizer que o convite era para os dois! Não faz muito sentido convidar um e ameaçar o outro ao mesmo tempo!

ROSA – Verdade... Me desculpe. Foi só uma ideia besta mesmo.

DIANA – Não, não! Você me entendeu mal! A ideia foi ótima! *(PAUSA)* A proposta da reunião é exatamente essa. Estamos revendo o caso.

OLÍVIA – Então leia logo esse capítulo nove! Tenho mais coisas a fazer do que perder o resto da minha noite aqui!

DIANA – Lerei já, já, Olívia. *(PAUSA)* Antes eu queria saber quem dos presentes na roleta-russa já conhecia a Maria João ou o Lucas antes daquele dia.

SÔNIA – O Danilo... *(PAUSA)* Ele foi ao ensaio da banda deles no apartamento dos Vasconcellos. No dia do próprio acidente, por sinal.

DIANA – Obrigada. *(PAUSA)* Quem mais?

VÂNIA – Minha filha... *(PAUSA)* Ela conhecia o Lucas, ao menos. Eram da mesma faculdade, não é mesmo? *(PAUSA)* Não sei se conhecia a Maria João.

OLÍVIA – O Noel é a mesma coisa. Conhecia o Lucas. Sobre a irmã, não sei dizer.

AMÉLIA – Espera! *(PAUSA)* Teve o jogo de pôquer no apartamento do Zak! Quando a Waléria foi até lá e contou que estava grávida. O escândalo... A Maria me contou toda a história assim que chegou em casa... Havia cinco pessoas jogando: o Zak, o Alessandro, a Ritinha, ela e o irmão. A Waléria chegou depois.

*(SOM DE LÁPIS ESCREVENDO NO PAPEL)*

DIANA – O Otto?

ROSA – Até onde eu sei, não conhecia nenhum deles. Só o Zak mesmo. *(PAUSA)* Meu filho

jogou pôquer algumas vezes no apartamento do Zak... Não posso saber se, nessas vezes, o Lucas ou a Maria João estavam lá. É possível que sim.

DIANA – Ok.

*(SOM DE LÁPIS ESCREVENDO NO PAPEL)*

DIANA – Confirmem comigo, por favor. O Zak, o Alessandro, a Ritinha e o Noel já conheciam os irmãos por causa da faculdade de direito. O Danilo, do ensaio da banda. A Waléria, de um jogo de pôquer. E o Otto, talvez, de um jogo de pôquer também. *(PAUSA)* Confere?

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Ótimo.

OLÍVIA – Certo! Leia logo o capítulo seguinte!

DIANA – Antes, só mais duas perguntas para a Amélia. Pode parecer meio indiscreto, mas tenho que fazê-las. Apenas duas...

AMÉLIA – Pergunte.

DIANA – Nós sabemos que a Maria João teve um rápido relacionamento com o Alessandro...

AMÉLIA – Sim... E?

DIANA – Existe a possibilidade de ela também ter se relacionado com o Zak? Um namoro secreto ou algo assim?

AMÉLIA – Não, nunca! Eu conheço o tipo de garoto de que minha filha gostava... Ela não gostava dos fortinhos. De onde você tirou isso? Não faz nenhum sentido... Com certeza, não! Era só amizade.

DIANA – Certo.

AMÉLIA – Qual é a segunda pergunta?

DIANA – Bem... Sinto muito, mas tenho que perguntar... *(PAUSA)* Existe a possibilidade de o Zak ter se relacionado com o Lucas? Sexualmente, quero dizer.

AMÉLIA – O que você está dizendo? *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Você entendeu, Amélia... *(PAUSA)* Existe a possibilidade de o Lucas ser homossexual? Bissexual talvez?

AMÉLIA – Mas isso é um absurdo! Não, não, nunca! *(PAUSA)* Meu filho gostava de garotas... *(PAUSA)* Na verdade, tinha até um pouco de preconceito contra os homossexuais...

OLÍVIA – Ter preconceito contra os homossexuais é o que os enrustidos fazem, minha querida.

AMÉLIA – Fica quieta! Eu sei o que estou dizendo... Ele e o Zak eram bons amigos apenas. Nada de sexo.

DIANA – Entendi. Desculpe a indiscrição... *(PAUSA)* Mas era necessário.

AMÉLIA – Tudo bem.

DIANA – Mais algum comentário a acrescentar?

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Ao capítulo nove...

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Gostaria de pedir às senhoras atenção redobrada durante este capítulo. Evitem qualquer tipo de comentário paralelo ou interrupção, sim? *(PAUSA)* Na verdade, podemos dizer que este é o capítulo-chave de toda a nossa reunião. Então, por favor...

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

# Capítulo 29

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE

IDENTIFICAÇÃO: 15634-0209-08

ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008 NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA

OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO – 12.ª DP – COPACABANA

*02 de setembro de 2008 – Terça-feira*

Às vezes acontece de você acordar se sentindo um homem novo. A noite de sono é como um divisor de águas entre o passado remoto e o futuro promissor. Os pés flutuam no chão.

Existe também a sensação oposta, quando você se sente um caco. Essa é a definição perfeita de como eu estava quando o despertador soou às nove, anunciando o início da terça-feira.

Quando abaixei o edredom e toquei o chão com os pés, estes pareceram afundar. Meus ombros, enrijecidos, latejavam. Fui até o banheiro, culpando a noite maldormida pelas dores. Lavei o rosto na pia. A luzinha sobre o espelho me invadiu como um holofote. Por um segundo, aquela iluminação repentina me lembrou os flashes de ontem, e, numa reação em cadeia, as imagens dos últimos acontecimentos dispararam em meu cérebro cansado: o acidente de carro, as revelações do Otto, o enterro cinematográfico dos Vasconcellos, o rosto abatido do Zak...

Peguei um remédio para dor de cabeça e engoli, sem água. Meu estômago roncou, dando um sinal de vida entre os ossos moídos.

Minha mãe estava sentada num banquinho na cozinha, folheando melancolicamente uma revista. Teve um sobressalto quando levantou os olhos e me viu parado à porta, observando-a.

– Bom dia, filho – disse. A saudação não foi vigorosa o suficiente para melhorar um dia que já começava mal.

Ainda assim, retribuí o cumprimento.

Meu estômago saltitou de alegria quando observei a mesa da cozinha: jarra de leite, chocolate em pó, bolo de cenoura, fatias de presunto e queijo, requeijão, torradas, pasta de peito de peru e cesta de pães frescos. Quase um café colonial.

– Está bonita a mesa, não é? – perguntou, ensaiando um sorriso.

– É.

Sentei-me e só então percebi como ela estava mal. Tão mal quanto eu. Talvez pior. Os cabelos descoloridos presos num coque apressado, a pele desgastada, flácida, os bolsões sob os olhos, e o nariz avermelhado, resultado de uma noite de choro.

Ficamos ali, em silêncio. Ela me olhava enquanto eu cortava o pão e passava a manteiga. Dei uma mordida no sanduíche sem recheio.

– Dormiu bem essa noite? – perguntou, me estudando com os olhos carinhosos.

A resposta era não. O dia anterior não tinha sido dos melhores. Primeiro o enterro. Depois o delegado albino querendo conversar com Zak. E, finalmente, o muro de incertezas e hesitações entre mim e o meu amigo. Não sei lidar com essas coisas. Não sei o que dizer a uma pessoa que acabou de perder os pais! Qualquer assunto parece fútil. Qualquer tentativa de consolo só serve para remexer as lembranças, reavivar a angústia.

Querendo ou não, a história do Otto ainda estava entalada em minha garganta. Como era possível que Zak tivesse me enganado durante todo esse tempo? Como era possível que ele conseguisse esconder que se divertia também com homens?

Eu precisava saber a verdade. E precisava ouvir a verdade da boca dele. Mas também não podia colocar na parede alguém que tinha acabado de enterrar os pais! Simplesmente não podia. Seria desumano.

Pensando no bem dele, eu fazia mal a mim mesmo. Ficava remoendo isso dentro de mim. A curiosidade querendo vencer a sensatez.

No dia anterior, quase sem querer, eu lançara o assunto no ar. Zak viera dormir em minha casa. Havíamos chegado do enterro, e ele tinha ido descansar. Eu aproveitei para fazer minhas anotações sobre a cerimônia, a parente interesseira e o convite do delegado. Depois decidi folhear um livro, tentando inutilmente acelerar o tempo. Estava distraído na sala de TV quando ele apareceu. Ficamos em silêncio. Um tom lamurioso nos olhares. O maldito muro de hesitações colocado entre nós, interpondo-se na antiga amizade. Então, eu o convidei para jogar pôquer, buscando quebrar o clima. Ele não aceitou e disse que voltaria a dormir. Eu tentei esticar o assunto. Querendo ser engraçado, revelei que conhecia o seu tique quando blefava. Contei do meu medo de blefar. E acabei falando do jogo do outro dia com o Otto. Ele não comentou nada, até porque eu não havia perguntado nada. Apenas se limitou a exibir um sorriso tímido quando eu disse o nome do infeliz. O sorriso me atingiu em cheio, mais forte que um tapa na cara. Era quase uma confirmação.

– Ei, você ainda está dormindo? – perguntou minha mãe, retirando-me dos devaneios.

– Estava só pensando – respondi, continuando a comer. – Mas dormi bem, sim.

– Não vai beber nada? Nem um leite? Suco?

– Suco – pedi, mesmo sem vontade de nada.

Ela se levantou apressada para buscar a jarra na geladeira. Eu conseguia entendê-la perfeitamente. Precisava se manter ativa, buscando coisas para tentar apagar os problemas.

Para tentar esquecer a morte da amiga. Para tentar ignorar a cirurgia de alto risco dali a cinco dias.

– Aí está – disse, me entregando o copo.

Tomei um gole e montei um segundo sanduíche.

– O Zak ainda não acordou? – perguntou, tensa.

– Acho que não – respondi.

A verdade é que eu também estava nervoso. O encontro com o delegado seria dali a menos de duas horas, e eu estava curioso para saber o que ele queria com Zak. Por sinal, essa dúvida era bastante responsável pela minha noite maldormida. Mesmo deitado na cama, eu fiquei pensando por horas e horas que diabos o delegado poderia querer. Só adormeci às três da manhã. Com o despertador acertado para as nove. E foi isso o que consegui: seis horas de sono. E dores no corpo.

– É melhor eu ir acordá-lo... – murmurou ela, olhando agitada para o relógio. – Não é bom que vocês se atrasem para o encontro com o delegado... E o Zak ainda tem que tomar banho. Não tomou ontem quando chegou do enterro...

Pareceu esperar que eu concordasse com ela. Mas, como não me manifestei, levantou-se e sumiu pelo corredor. Voltou vinte minutos depois, segurando meu amigo pelo braço, pálido.

– Oi, Zak – eu disse. Não consegui dizer "bom dia". Nós dois sabíamos que não seria um bom dia.

Cedi meu lugar e fui para o quarto. Só então me dei conta de que, sem saber por quê, eu o estava evitando. Não conseguia encará-lo, não conseguia trocar mais que dez palavras com ele... Havia algo de pena nisso. E de medo também, acho. Medo de que toda aquela desgraça pudesse ser contagiosa e, em um simples toque de pele, minha vida desabasse como a dele havia desabado...

Quando faltavam quinze minutos para as onze, voltei à cozinha. Ele estava deitado, a cabeça no colo da minha mãe, os cabelos sendo afagados num cafuné.

– Vamos, Zak – chamei. – Está na hora.

Copacabana é o mundo espremido num bairro. Famílias, putas, ambulantes, bêbados, velhinhas, babás, gringos, bicheiros e artistas convivem em surpreendente harmonia, jogando damas na mesma praça ou caminhando no mesmo calçadão. Nos dias de sol, o mundo Copacabana sofre um crescimento vertiginoso na sua taxa de ocupação: o subúrbio desemboca pelas três estações de metrô rumo à praia. Da minha janela, consigo vê-los. Munidos de barracas e de isopores, parecem um mar de tanajuras abandonando o formigueiro. O fluxo se mantém constante até o período da tarde, quando os praieiros aplaudem o pôr do sol e os executivos engravatados voltam do centro da cidade.

Normalmente, logo que retorno ao recolhimento do meu quarto, sinto uma ponta de depressão. Nada profundo, mas algo momentâneo e real. A vontade de encarar o dia que vem

pela frente parece se esvair pelos poros, e tudo o que desejo é baixar as persianas e voltar a dormir. É o que eu teria feito se não fosse o encontro com o delegado. Por um segundo, considerei a ideia de deixar Zak ir sozinho, afinal eu não tinha sido convidado. Mas não precisei pensar muito para perceber que isso não seria certo. Amigos só se revelam realmente como tal nos momentos difíceis, e, apesar dos pesares, eu ainda tinha grande estima por ele.

Assim que me lancei à rua, a depressão bateu mais forte. O corpo dormente ficou mais pesado, e meu cérebro rodopiou. Observei as pessoas passarem, cuidando de suas vidas, indo sorridentes em direção à praia ou falando ao celular. E senti o vazio, o tempo escoando pelas mãos, a memória resgatando um passado em branco, sem grandes momentos a serem lembrados. A necessidade insatisfeita de viver perigosamente, de cortar as amarras.

Caminhei os dois quarteirões com certa dificuldade, sentindo-me um prisioneiro. Zak ao lado, em silêncio, seguindo mecanicamente meus passos. Eu não reconhecia mais aquele trajeto tão habitual. Incomodavam-me também os rostos desconhecidos que passavam. E os olhares furtivos que nos lançavam, como se estampássemos na testa nosso estado de espírito.

Eu me senti melhor quando chegamos à esquina do restaurante. Olhei para a vitrine de frutas tropicais presas ao teto. Apesar de passar por ali todos os dias, sempre procuro alguma fruta que não conheço, o que é raro, ou alguma de que eu goste, o que é mais raro ainda. Depois, corri os olhos pelo salão e encontrei o delegado Jonas numa mesa próxima à janela, bebendo um suco esverdeado e conversando animadamente com um homem ao seu lado.

Assim que nos aproximamos, ele se levantou para nos cumprimentar, recuperando depressa a seriedade esperada de um policial. Ele não parecia um delegado. O jeans justo e o blusão branco de botões emoldurando os olhos claros e os cabelos grisalhos faziam-no parecer um turista do Leste Europeu.

– Este é José Aquino, amigo e titular da 12.ª aqui de Copacabana – apresentou, cortês.

Aquino também não aparentava ser delegado. Parecia ter entrado há pouco na casa dos cinquenta anos e possuía rosto fino, olhos caídos, pescoço esguio. Apertou nossas mãos com firmeza, exibindo um sorriso conflitante com o clima da mesa.

– Estou bebendo suco de kiwi. O Aquino pediu um de melancia com guaraná – explicou. – Vocês querem alguma coisa?

Respondi que não. Meu amigo permaneceu de cabeça baixa, os dedos brincando com o pano da mesa, alheio à nossa conversa. A mudez servia de resposta.

– Ei, Zak, você pode até não conversar agora... – começou o delegado, tocando o antebraço do meu amigo para despertá-lo. – Mas, quando nosso assunto começar, eu vou precisar de respostas, sim? Respostas suas...

– Por que não começa logo com a merda do assunto então? – explodiu Zak, dando um pequeno soco na mesa.

O delegado fez que ia responder, mas o garçom se aproximou trazendo o suco avermelhado do Aquino. Perguntou se queríamos mais alguma coisa e, diante da negativa, afastou-se.

– Eu sei que é difícil pra você, Zak... Acredite ou não, estou na polícia há mais de vinte anos, e ainda não sei muito bem como lidar com isso... Não sou muito bom com as palavras e, enfim... Por isso chamei o Aquino aqui. Pra me ajudar.

– E o que vocês querem de mim, afinal? – perguntou Zak.

– Eu preciso que você levante a cabeça. Que olhe para mim – pediu. Focalizou Zak, esperando alguma reação.

Meu amigo permaneceu como estava, as mãos pálidas alisando as coxas num contínuo vaivém.

– Zak, é o seguinte... Eu sou delegado há exatos trinta e quatro anos – começou Aquino. – Trinta e quatro anos! Você deve saber... Nesse tempo eu já vi de tudo, garoto! Todas as atrocidades que você possa imaginar, todo tipo de violência, todo tipo de assassino... Sou um cara experiente. O Jonas também é. Nós sabemos o que fazer. Como fazer. Preciso que você nos ajude pra não se dar mal, entende?

– Isso é algum tipo de ameaça? – perguntei, tentando proteger meu amigo daqueles predadores com cara de gente decente.

– Nenhuma ameaça – respondeu, levantando as mãos.

Bebeu um gole do suco e pousou o copo na mesa, dramático.

– Deixe-me contar uma história pra vocês... – prosseguiu, estalando os lábios. – É real. Aconteceu há uns sete ou oito anos. Eu já era o delegado titular aqui da 12.ª DP. Um pai veio à delegacia denunciar o filho de vinte e três anos, Fabrício. Ele explicou que era viúvo, criava o garoto sozinho e suspeitava que o moleque estava se drogando, roubando joias de família, objetos de valor e até roupas pra comprar as drogas. Eu investiguei. E a coisa era maior. O tal Fabrício tinha se metido com o tráfico. Pra conseguir uma grana, trazia quilos de pó pra consumir e vender nas festinhas da zona sul. Era peixe pequeno, mas estava envolvido até o talo com os caras grandes. Descobri que ele conseguia o carregamento com um contato em Duque de Caxias e fui falar com o delegado da DP de lá. Foi então que conheci o Jonas. Preparamos um esquema para pegar o grupo, chegar aos chefões. E conseguimos. A operação foi um sucesso. Prendemos o Dedim, o traficante que comandava toda a venda naquela área. O Fabrício pegou dois anos de prisão. Mas nem tudo acabou bem... – A voz pausada de Aquino tinha um tom paternal. – Quando o Fabrício saiu da prisão, quinze meses depois, sequestrou o pai. Levou pra favela e o queimou vivo. Nos pneus. Dizem que, depois, pegou as cinzas, enrolou num papel de seda e fumou. Fumou o próprio pai, o filho da puta.

Engoli em seco, imaginando a cena. Zak continuava apático.

– É com isso que nós convivemos. É com esse tipo de coisa que somos obrigados a lidar todos os dias. Temos que encarar a sociedade jogando na nossa cara que somos todos um bando de safados. Temos que enfrentar com humanidade pessoas que agem sem qualquer humanidade. E, depois de tudo, temos que aceitar que nosso trabalho não adianta nada... O corrupto volta a roubar. O viciado volta a se drogar. O assassino volta a matar. As coisas

continuam como sempre. As pessoas não mudam...

Fechou as mãos, mostrando que havia concluído a história.

– E mesmo assim nós continuamos nosso trabalho – disse Jonas. – Torcendo pra que algum dia, talvez, as coisas melhorem... Acreditem ou não, eu faço isso porque gosto. Sou delegado porque gosto. Não me imagino fazendo outra coisa.

– O que você quer? Um troféu? – perguntou Zak, levantando subitamente a cabeça, os olhos repletos de ódio.

– Por isso estou aqui hoje, Zak. No meu dia de folga – explicou Jonas, calmamente. – Porque eu gosto de fazer as coisas direito. Gosto de entender e investigar tudo como se deve. Não duvido que qualquer dia alguém da milícia ou do tráfico consiga me matar. Já tentaram algumas vezes. Sou uma pedra no sapato deles. Mas, enquanto eu estiver vivo, vou continuar lutan...

– O que você quer com todo esse discurso? – explodiu meu amigo.

– Como eu disse, eu gosto de esclarecer as coisas – respondeu Jonas. – Gosto quando elas se encaixam...

Terminou o suco lentamente antes de prosseguir:

– E no acidente dos seus pais, Zak, nada se encaixa.

– O que você quer dizer? – perguntei, sentindo um arrepio súbito.

Aquino se ajeitou na cadeira e franziu o cenho. Entrávamos num terreno perigoso.

– Observem só... – ponderou Jonas. – A Pajero do casal foi fechada por um carro de grande porte, um caminhão com placa fria, cujo motorista nunca foi encontrado. As testemunhas disseram que Getúlio, apesar da fechada inesperada, teve tempo de frear e evitar a tragédia. Mas isso não aconteceu. Não havia sequer uma marca de frenagem no local do acidente. Absolutamente nada... Esta é a pergunta que incomoda: “Por que o seu pai não freou o carro?”.

Meu amigo levantou a cabeça. Havia ali um toque de curiosidade, misturado com medo ou tristeza.

– Os freios podem ter falhado – supus.

Jonas sorriu, satisfeito.

– Pedi para a perícia verificar os freios. Foram sabotados.

– O quê?

– Zak, aquilo não foi um acidente. Foi assassinato.

– Que merda é essa que você está falando? – inquiriu Zak, subitamente agitado. A palidez foi substituída pelo vermelho vivo, os olhos arregalados. – Os meus pais? Assassinados? Isso não faz o menor...

– Acredite no que o Jonas está dizendo, garoto. Nós avaliamos a situação, todas as possibilidades... Aquele acidente não foi casual. Foi algo preparado. O veículo não identificado para fechar a Pajero, os freios mexidos o suficiente para falhar em uma freada brusca... Tudo armado pra parecer um acidente.

Eu não sabia o que pensar nem o que fazer. Não sentia mais dor, mas um formigamento subia pelas pernas. Zak também estava perdido.

– O motivo... – disse finalmente. – Que motivo alguém teria para matar meus pais?

O delegado exibiu outro sorriso. Ele já me irritava.

– Ah, sim, o motivo... – disse. Levantou o copo vazio, fazendo um sinal para o garçom trazer outro suco. – Na verdade, a questão aqui não é exatamente a falta de suspeitos. Mas, sim, a grande quantidade deles...

Zak fez que ia discordar, mas o delegado continuou:

– Seu pai possuía muitas empresas, Zak. Fechava diversos negócios diariamente. Não foi difícil encontrar desafetos. Acredite, muita gente queria vê-lo fora do caminho, sem atrapalhar... A questão é descobrir se esse é um motivo suficiente pra matar alguém. Quero dizer, eu posso odiar uma pessoa, querê-la fora da minha vida, mas não necessariamente vou matá-la por isso, não é mesmo?

– Quem matou os meus pais? – perguntou Zak, num sussurro desesperado. Firmou os olhos nos do policial, esperando uma resposta que o tirasse da angústia.

– A maioria dos inimigos do seu pai já era de longa data – explicou. – O assassino, seja quem for, deve ter tido um motivo específico para cometer o crime naquele dia. Algo que não poderia esperar. Foi um crime preparado às pressas, pouco eficiente em certo sentido, com chances de dar errado. Afinal, o problema no freio poderia ser descoberto... O motorista, encontrado... Foi uma jogada arriscada.

Ficamos em silêncio, as possibilidades martelando nossas cabeças.

– Não foi fácil chegar a uma pessoa – continuou Jonas. – Nem um pouco fácil, acredite... Mas, depois de algumas conversas, chegamos a alguém com um motivo... Um motivo suficientemente plausível para cometer o crime.

Minha vontade era pular no pescoço do delegado e obrigá-lo a dizer tudo logo, sem enrolação. Ele parecia se divertir com a nossa ansiedade.

O garçom trouxe o suco e saiu sem dizer nada.

– No dia 25 de agosto, segunda-feira, houve um jantar na sua casa, Zak. Você se lembra?

Meu amigo não respondeu.

Concordei instintivamente com a cabeça. Afinal, eu estava naquele jantar.

Jonas tomou um gole da bebida e prosseguiu:

– Pois então, Zak... naquele dia... durante o jantar, o celular do Getúlio tocou. Na frente de todos na mesa... Seu pai conversou com o advogado, Goulart. Não é isso?

Silêncio.

– Não é isso, Zak? – insistiu.

Meu amigo deu de ombros e concordou.

– E você se lembra o que eles conversaram, Zak? – inquiriu. A conversa no restaurante estava virando um interrogatório. Pensei em intervir, mas deixei que continuasse.

– Eu... não... – engoliu em seco. – Não me lembro direito. Acho que meu pai queria mudar o testamento...

– Isso mesmo. Ele queria alterar o testamento. Antes, toda a fortuna pertenceria a você, Zak. Com a mudança, você só teria metade. Só a metade.

– Você não está dizendo que... – escandalizou-se.

– Ele iria mudar o testamento na segunda-feira, ao voltar de viagem. Coincidentemente, ele não voltou. Morreu antes. Assassinado. Você perderia metade da fortuna assim que seu pai chegasse. Mas, com o acidente, isso não aconteceu. O que você acha que devemos pensar, Zak?

– Eu não sei.

O delegado cravou os olhos em meu amigo.

– Você matou seus pais, Zak – disse com firmeza. – Eu sei disso.

Fiquei pasmo. O que poderia fazer? Defender meu amigo? Por um segundo, agradeci a mim mesmo por ter tomado o comprimido para dor de cabeça ao acordar. Agora meu cérebro latejava e a garganta se estreitava, deixando-me sem ar.

– Isso é um absurdo! – protestou Zak. A voz saía sem força. Os olhos incharam, lágrimas se formaram, prestes a escorrer. – Eu nunca... Isso é um absurdo!

– Ei, garoto, isso aqui é apenas uma conversa – disse Aquino. – Não é nenhuma acusação formal. Você não vai sair preso daqui. E nada que você disser será usado contra você, entende? Mas não nos faça de idiotas.

– Eu não sei do que vocês estão falando! – murmurou, desesperado.

Podia jurar que ele dizia a verdade. Conheço meu amigo há tempo suficiente para saber quando ele está mentindo. Além do mais, imaginar Zak arquitetando friamente o assassinato dos próprios pais era algo impossível!

– Ora, vamos, Zak! – rebateu o delegado Jonas, desafiadoramente. Bebericou o suco, mantendo o copo no ar. – O relatório oficial sobre o estado dos freios ficará pronto em pouco tempo. O Goulart já se disponibilizou a prestar depoimento sobre a conversa com o Getúlio. Todos os presentes naquele jantar podem confirmar que seu pai pretendia mudar o testamento quando voltasse de Cyrille’s House. Tudo aponta para você.

– Mas não fui eu! – reiterou Zak, em tom de súplica. Parecia prestes a desmontar diante de nós. Os ombros curvados, o tronco jogado sobre a cadeira, o rosto encovado. Era um fantoche em trapos.

– “Não fui eu”... É o que todos dizem – ironizou Aquino. – O melhor é se entregar, garoto.

– Eu não tenho nada pra confessar, vocês entenderam? – berrou. – Nada! Eu não fiz nada! Quero um advogado! O que vocês estão fazendo aqui? Essas coisas se fazem em um restaurante? Ou estão querendo me extorquir?

Zak socou a mesa. As pessoas do restaurante passaram a nos olhar furtivamente. Viram-no exaltado, chorando compulsivamente. Os delegados pareceram acuados. Busquei controlar

meu amigo, pedindo que tentasse conversar. Mas eu precisava vencer meu próprio estado de choque.

– Vocês não ouviram o que ele disse? – perguntei. – Ele não fez nada! Não tem nada pra confessar... Ele nunca mataria os pais... Nunca!

Apoiando os cotovelos na mesa, Aquino aproximou o rosto do meu. Olhou-me sério, desmascarando a insegurança em minhas palavras.

– Olha bem o que você está dizendo, garoto... – começou. – Ele é seu amigo, eu sei. Mas até que ponto devemos defender um amigo? Até que ponto realmente conhecemos as pessoas?

A pergunta ficou no ar. Mas ele percebeu que havia me afetado. Inevitavelmente, os últimos acontecimentos me acometeram. A revelação do Otto sobre a sexualidade do Zak, e agora isso.

Dei de ombros, tentando espantar as ideias incômodas.

– O que vocês querem de mim? – insistiu Zak, recuperando a sobriedade. – Dinheiro?

Os delegados sorriram com a pergunta.

– Ah, sim, essa péssima mania dos ricaços de achar que podem comprar o silêncio de qualquer policial... Dinheiro não falta agora, não é, Zak?

– Se vocês querem dinheiro, é bom irem pressionar outra pessoa! – murmurou, se levantando. – Eu não vou dar um centavo pra vocês. Se acham que sou culpado, me prendam! Não tenho medo! Estou dizendo que não fiz nada. Se é que aquilo foi um assassinato, duvido muito, vocês estão suspeitando da pessoa errada! Eu sou inocente, estou dizendo!

O delegado Aquino também se levantou, encarando meu amigo, apesar de ser bem mais baixo que ele. Tocou seus ombros com a mão.

– O que você está armando, garoto? – perguntou. – Não vê que nós te pegamos?

– Se pegaram, por que não me prendem? Não preciso que ninguém me livre de nada.

Zak recuou, empurrando a cadeira para trás. A plateia no restaurante o observou sair, gritando um “Vocês estão loucos!” antes de ele sumir pela calçada. Pensei em ir atrás dele, tentar consolá-lo, mostrar que eu estava do seu lado.

Mas eu estava *mesmo* do lado dele?

A pergunta do tal Aquino ainda martelava na minha cabeça. Até que ponto eu conhecia meu melhor amigo? O que era verdade ou mentira em todos esses anos de convivência? Meu cérebro era bombardeado pelas perguntas. Algo me prendia ali, como se os pés estivessem fincados no chão do restaurante.

Percebi que os delegados me observavam e murmurei sem pensar:

– O Zak é inocente. Acreditem em mim...

Eles concordaram de leve com a cabeça, mas o gesto era de pena.

A conclusão inevitável se estampava, como uma voz provocante sussurrando ao pé do ouvido: a verdade é que eu não conheço meu amigo. Ele é um estranho. Depois de tantos anos, não conheço seus limites. Não sei do que ele é capaz. Caralho, ele trepava com Otto!

Otto...

A imagem do desgraçado se formou diante de mim, o sorrisinho orgulhoso e nojento a me encarar... De repente, lembrei-me do que ele dissera no domingo: “De certa forma, a morte dos pais vai fazer bem a ele”.

– O Otto... – murmurei, estupefato.

Eu podia imaginá-lo perfeitamente assim. Forçando Zak a assumir sua sexualidade. Forçando meu amigo a viver com ele. E Zak recusando, explicando que os pais nunca aceitariam. E, então, o plano. O plano perfeito para que pudessem ficar juntos. Eliminar a barreira que impedia Zak de se assumir.

– O Otto – repeti, atropelando as palavras. – É um... amigo do Zak... Foi ao apartamento dele no dia seguinte ao... acidente.

– O que tem esse Otto?

– Ele... Eu não deixei que ele conversasse com o Zak... Meu amigo estava bastante abatido com tudo aquilo... E ele, o Otto, me contou algumas coisas... Ele me contou que...

Travei, sem conseguir expulsar as palavras que coçavam minha garganta. Não podia revelar a intimidade do Zak assim, numa mesa de bar. Não podia confiar naqueles delegados. Não podia confiar em ninguém.

– O que esse Otto disse? – insistiu Jonas.

– “De certa forma, a morte dos pais vai fazer bem a ele” – respondi, por fim. – Foi isso o que ele me disse. Disse que estava feliz com a morte dos Vasconcellos. Disse que era a melhor coisa que podia ter acontecido para o Zak. “De certa forma, a morte dos pais vai fazer bem a ele...”

– E por que ele diria isso?

– Eu não sei. Pergunte a ele – respondi, seco. Por algum motivo, não conseguia dizer a verdade.

– E na hora você não suspeitou de nada?

– Claro que não! Não imaginaria uma coisa dessas quando todos diziam ter sido um acidente! – expliquei. – Mas não tenho dúvidas de que aquele desgraçado do Otto seria capaz de matar alguém. Ele é um doente.

Silêncio sepulcral na mesa.

– Ok. Vamos investigar esse Otto. Você tem algo mais para dizer, Alessandro? – perguntou Aquino.

É claro que eu tinha algo mais a dizer! Deus do céu! Sim, eu queria dizer! Queria berrar! Contar para o mundo inteiro o que eu estava guardando... Falar das aventuras sexuais do Zak, falar das minhas desconfianças, da merda de vida que eu estava vivendo, do absurdo de toda aquela situação, da impensada possibilidade de tudo ser mesmo verdade...

– Não – terminei, sem convicção. – Não tenho mais nada a dizer.

Os delegados se levantaram da cadeira simultaneamente. Esticaram-se, estalando as

espáduas.

– Você é um dos melhores amigos do Zak e estava presente no jantar em que o Getúlio falou da mudança no testamento – explicou Jonas. – Será chamado para depor também.

Concordei com a cabeça, sentindo um gosto amargo na boca.

– Nos vemos em breve – despediu-se.

Deixou dinheiro sobre a mesa e saiu com Aquino ao seu lado.

Quando cheguei em casa, estava passando mal. Apoiei-me na maçaneta, as mãos trêmulas com dificuldade para encontrar a fechadura. Fechei os olhos, respirando fundo, tentando recuperar o prumo. Minha mãe veio acudir assim que entrei pela porta da cozinha. Tentou me reconfortar, mas ela também estava abalada.

– O que houve? – ela perguntou, sôfrega. – O Zak chegou chorando e se trancou no banheiro. O que está acontecendo?

Seus cabelos agora estavam soltos, caindo sobre a pele empalidecida.

Sem responder, peguei um copo na pia para beber um gole de água. Aos poucos, eu me sentia melhor. E percebi algo que me escapara antes.

– Quem? – questionei a mim mesmo. – Quem contou do jantar para o delegado?

– Do que você está falando? – perguntou minha mãe, sem compreender nada. – O que aconteceu?

Não perdi tempo em responder. Meu cérebro fervilhava. No jantar, éramos apenas cinco pessoas. Os Vasconcellos, eu e a minha mãe. O Getúlio e a Maria Clara estavam mortos. Zak nunca falaria nada do testamento (principalmente se fosse mesmo o culpado). Eu também não tinha falado nada, claro. Quem poderia ter contado aquilo ao Jonas? Só restava uma pessoa...

– Mãe, o que você conversou com o delegado? – perguntei, incisivo.

Ela gaguejou antes de responder:

– Como assim? Eu... Eu não conversei nada demais com...

– O jantar – expliquei. – Aquele jantar na casa do Zak. A conversa que tivemos na mesa. O Getúlio querendo mudar o testamento. Você falou disso pra ele?

Sua face se contraiu. Estava confusa.

– Eu... Eu não falei nada disso para o delegado. Por que teria falado daquele jantar? O que está acontecendo aqui, Alê?

Ela não tinha por que mentir. Não ganharia nada escondendo de mim o que tinha dito ou não ao policial. Mesmo assim, insisti:

– Você tem certeza, mãe? Não mencionou nada sobre aquele jantar?

Ela confirmou, segura de si.

A pergunta continuava no ar.

Quem mais poderia ter falado do testamento ao delegado? O próprio Goulart seria uma opção plausível. Afinal, mesmo não estando no jantar, ele conversara com Getúlio pelo

telefone e agendara todos os trâmites da alteração testamentária. Mas, ainda assim, eu não conseguia imaginar o advogado alimentando as suspeitas do policial.

Tinha que haver mais alguém...

– Não vai dizer o que está acontecendo? – insistiu minha mãe.

Mas eu já tinha me decidido a não contar nada:

– Pergunte ao Zak.

Então, tive uma ideia. Sem tempo a perder, peguei a bicicleta e saí de casa. Em alguns minutos, estava na orla de Copacabana, colocando toda a força nos pedais, ansioso por chegar ao apartamento do Zak.

Subi o elevador, afobado, e toquei a campainha. Demoraram a atender. Pressionei continuadamente o interruptor. Finalmente, a porta se abriu. Surgiu a empregada, assustada, segurando na mão direita a tampa de uma panela.

– Yara – eu disse, mostrando que ainda me lembrava do nome dela.

Bati os olhos no aventalzinho diligentemente vestido, no rosto negro, desgastado pelo trabalho desde a infância, nos cabelos cortados rente às orelhas. Tinha sido ela. Sim, a empregada! Aquela pessoa que convive diariamente com os donos da casa, a sombra que caminha dia e noite pelos cômodos, escutando conversas, atendendo telefonemas e varrendo o chão.

Ela estava lá naquele jantar, servindo a mesa. Podia perfeitamente ter escutado a conversa ao telefone. Podia perfeitamente ter dado com a língua nos dentes para o delegado.

– O que você quer? – perguntou ela.

– Posso entrar?

Ela saiu do caminho e me deixou a passagem livre. Considerei uma série de abordagens distintas para iniciar o assunto. Ganhar a confiança dela era uma delas. Ir direto ao ponto, inquisidoramente, era outra.

Optei pela segunda.

– Você tem conversado muito com o delegado? – perguntei, sentando-me no sofá da sala. Cruzei as pernas e esperei a resposta.

Ela arregalou os olhos, engasgada. Depois agitou a cabeça, como se tentasse espantar os pensamentos.

– Eu não sei do que você está falando... – murmurou, tomando o corredor, apressada.

– Yara! – gritei.

– O feijão vai queimar – disse ela.

Fui atrás, insistindo.

– Eu não sei de nada. Já disse. Vai embora – pediu, devolvendo a tampa à panela e apagando a boca do fogão.

– Eu só quero uma resposta – murmurei, tentando ser simpático. – Foi você quem disse ao delegado sobre o testamento do Getúlio?

– Eu tenho uma casa inteira pra limpar! Por favor, me deixa em paz! – retrucou, fugidia. Foi até a área de serviço e voltou com um pano umedecido nas mãos. – Eu não sei de nada...

– O delegado está acusando o Zak de ter matado os próprios pais. Alguém contou a ele sobre a ideia do Getúlio de mudar o testamento... Foi você?

– Eu...

– Foi você? – insisti.

Ela baixou a cabeça, enroscou as mãos no pano e respondeu:

– Sim.

– Por que você fez isso, Yara?

– O polícia veio me perguntar se o Zak tinha algum motivo pra matar os pais dele. Eu lembrei da conversa daquele jantar. Essa coisa de testamento acontece muito nas novelas. E eu ouvi a conversa sem querer, mas não contei nenhuma mentira. Só o que eu sabia.

– Você não deveria ter feito isso, Yara! O Zak... O Zak é inocente!

– Inocente? Aquele garoto é o diabo em pessoa! Eu sei que ele é seu amigo... Mas escute o que estou dizendo... Você não conhece ele... Você não sabe do que ele é capaz... Ele é um diabo! Um diabo! Não duvido nem um pouco que tenha matado o seu Getúlio e a dona Maria Clara!

– Por que está dizen...

– Já respondi à sua pergunta. Agora me deixa trabalhar.

– Você pode expli...

– Se quer um conselho, tome cuidado com ele – interrompeu ela, pendurando o pano no ombro. – O Zak é um diabo. Gosta de desgraçar a vida das pessoas, gosta de fazer os outros sofrerem...

Fiquei sem palavras.

– Agora me dá licença. Tenho mais o que fazer.

E saiu apressada para limpar as janelas.

# Capítulo 30

*Capítulo 9*

*Eu nunca tinha visto tanto dinheiro em toda a minha vida. A letra do Getúlio desenhara cada número com esmero, dando uma beleza quase poética à quantia registrada.*

*Vinte e dois milhões...*

*Escutei um coro celestial de virgens no fundo do meu cérebro: vinte e dois milhões! Vinte e dois milhões! Vinte e dois milhõõõõõõões!*

*Fiquei tonto, a vista se embaralhava diante da dinheirama. Tal qual animais famintos, começamos a retirar os sacos, numa ânsia natural de saber o tamanho daquele buraco.*

*Eram incrivelmente leves. Com pouco esforço, nós quatro esvaziamos o lugar e dispusemos os sacos em fileira do lado direito do sofá, a única área livre de sangue.*

*– O que vamos fazer agora? – perguntou a João, sem retirar os olhos do dinheiro.*

*– Eu... – começou Zak. Mas ele não tinha nada a dizer. O cérebro estava confuso demais para articular uma frase completa.*

*Eu também não sabia o que dizer.*

*Nunca liguei para dinheiro. Nunca julguei que alguns milhões na conta bancária fossem resolver meus problemas! Nunca, nunca, nunca! Mas... ainda assim... os meus olhos viam as notinhas esverdeadas como ímãs. Eu queria pular sobre os sacos transparentes, rasgá-los com brutalidade, chafurdar nas notas, sentir sua textura, seu cheiro luxurioso.*

*Era como nos filmes... Maletas metálicas repletas de dólares... Fortunas debaixo do colchão... Com aquele dinheiro, o céu era o limite. Sentia o mundo ao meu alcance.*

*Num átimo, o vazio que me fazia definhar desapareceu. Estava livre. Mesmo preso num porão fétido e sufocante, com corpos destroçados e sangue em todos os cantos, eu estava livre! Os problemas se esvaíam com naturalidade e restava a paz.*

*Com aquele dinheiro, eu podia financiar o lançamento do meu livro sem depender da seleção das editoras. Podia bancar a propaganda, podia torná-lo um best-seller! Com aquele dinheiro, Maria João ia me ver com outros olhos, me desejaria. Mas, desta vez, eu não ia querer. Eu poderia ter mulheres muito melhores que ela. Loiras, ruivas, negras, morenas, mulatas, índias... Bastava preencher um cheque.*

*– O que vamos fazer agora? – perguntou ela mais uma vez, enquanto movia os olhos ágeis pelo porão.*

*Eu sei o que ela estava pensando em sua cabecinha ambiciosa. E se existisse algum outro*

*esconderijo? Vinte e dois milhões de dólares podiam ser apenas um aperitivo para algo mais significativo.*

*Ouro. Ou diamantes.*

*Getúlio vinha para a casa de campo relaxar da semana de trabalho e trazia consigo montes de dólares para guardar em seu cofre subterrâneo... Típico dele. Nunca imaginou, porém, como nós descobriríamos seu pequeno segredo.*

*Eu podia imaginá-lo durante a madrugada, descendo as escadinhas rumo ao porão, olhando para trás para garantir que ninguém o seguia, retirando as tábuas em silêncio para pegar um pouco do dinheiro. O que fazia com o saque? Subornava alguém? Completava a renda do fiscal da Receita? Eu imaginava mil possibilidades para aquele dinheiro.*

*Agora ele podia ser usado para o bem. Para o meu bem.*

*Em meio à escuridão, a felicidade me sorria. Convite a uma vida nova.*

*Eu não precisava mais morrer...*

*– Vamos continuar a roleta-russa – disse Zak.*

*A João negou com a cabeça. Ela também queria o dinheiro. Ela também não via mais sentido em continuar aquela loucura, aquela matança desenfreada. Uma nova porta tinha sido aberta.*

*Vinte e dois milhões.*

*Divididos por quatro.*

*Cinco milhões e quinhentos mil dólares para cada um. Era mais que o suficiente.*

*– Já vai amanhecer – disse Zak, tirando-me dos devaneios. – Temos que continuar logo...*

*Agachou-se para pegar o revólver no chão. Limpou o sangue na bermuda mais uma vez. Rodopiou a arma no indicador, esperando que alguém se manifestasse. Ninguém se moveu.*

*– Vamos logo, merda! – ele explodiu, chutando um dos sacos de dinheiro, com raiva.*

*O pacote voou, espatifando-se contra a parede. As notas caíram em cascata, um farfalhar agradável musicando a queda, e boiaram no sangue ao atingir o chão.*

*A João se virou assustada, contorcendo a face ao ver o dinheiro desperdiçado no líquido escarlate.*

*– Olha a merda que você fez! – brigou, colocando o corpo entre Zak e os demais pacotes antes que ele tentasse um novo chute. – É dinheiro, porra!*

*– E daí? Eu tenho dinheiro! Esse, por sinal, é meu! – bradou meu amigo, agitando o revólver no ar. – O dinheiro que foi do meu pai, não importa se estava no banco ou não, agora é meu. E... Estou cagando pra tudo! Não vim aqui pra isso!*

*Apontou a arma para a João. Instintivamente ela recuou, tentando fugir da mira do revólver.*

*– Abaixa isso, Zak! Abaixa, pelo amor de Deus! – ela pediu, desesperada.*

*Zak concordou.*

*– Eu não vou atirar em você – disse ele, secamente. – Você mesma é que vai fazer isso. Comece.*

*Estendeu a arma para que a João a pegasse. Ela se esquivou, os braços cruzados na altura do peito, amedrontada.*

*– Eu... – murmurou, um leve tremor nas pálpebras. – Eu não quero mais – sentenciou, finalmente.*

*Pareceu que Zak chutaria outro saco, mas ele respirou fundo e se conteve.*

*– O que você quer dizer com isso?*

*– Estou fora, Zak – disse ela, dando de ombros. – Não quero mais. Pra mim já foi o suficiente...*

*Tirava as palavras da minha boca.*

*– Não dá pra desistir agora. Temos... Temos que ir até o fim – respondeu Zak, com serenidade. Desolado pela sensação de abandono, buscou meu olhar, mas desviei, encarando o caderno. Não podia consolá-lo. Simplesmente não podia...*

*O formigamento em meus dedos persiste. Pouco importam os corpos ao meu redor. Eu estou inebriado demais para ligar para eles... Agora vejo como o suicídio é uma atitude mesquinha, pífia. Julgar que um tiro na cabeça resolveria meus problemas é absurdo. A sociedade não se choca mais com nada. Tudo o que interessa é o dinheiro. Eu estou apenas atestando a verdade que repudiei por anos e anos: o dinheiro resolve todos os problemas. Ter dinheiro é tudo.*

*– Eu não quero mais... – repetiu ela.*

*Waléria se posicionou ao seu lado, em uma demonstração de apoio:*

*– É uma fortuna, Zak... – comentou. – E fomos nós que a encontramos. Se não estivéssemos juntos, aqui, você jamais saberia desse dinheiro. Portanto, ele não é só seu. É nosso! Não dá para ignorar isso.*

*– O que vocês querem? – revoltou-se Zak. – Deixar o porão do jeito que está, pegar o dinheiro e fazer compras no shopping?*

*Um silêncio tenso perdurou no ar.*

*– Puta merda, João, pensa só no que você está fazendo... – prosseguiu ele. – O seu irmão! Ele... Ele acabou de morrer... Não pode ter sido à toa, pode? Não dá pra ignorar tudo isso e seguir em frente...*

*Ela titubeou, os dentes mordiscando o lábio inferior. Lançou um olhar de soslaio ao corpo do Lucas e desviou, com pressa. Levou as mãos ao estômago, enjoada, mas se recuperou de súbito:*

*– Ele faria o mesmo...*

*– Não! Não! – retrucou meu amigo. Moveu o corpanzil em direção à João, acuando-a. Brandiu a mão no ar, o indicador em riste. – Seu irmão nunca faria isso. Nunca! Ele... Ele não era podre como você. Ele nunca desistiria...*

*– Quem é você pra dizer o que meu irmão faria ou deixaria de fazer? Você nem era amigo dele de verdade! Você mal o conhecia...*

*– Cala a boca! Ele... Ele era um grande amigo! Um cara decente...*

*Zak se emocionou num choro contido.*

*– O que você sentia pelo meu irmão, Zak?*

*– Como assim? Ele... Ele era meu amigo... Um bom amigo.*

*– Tem certeza? – desafiou ela, um sorriso escondido no canto da boca. – Tem certeza de que você não queria algo mais com o meu irmão? Como quis com o Otto...*

*– Cala a merda da boca! – berrou Zak, empurrando a João contra a parede. Seu corpo dançou na poça de sangue, perdendo o equilíbrio, e ela foi de encontro ao chão.*

*– Seu desgraçado! – gritou a João vendo o antebraço empapado do líquido vermelho. – Veado! Veado maldito!*

*Zak preparou um chute. O golpe iria acertá-la no abdômen se eu não o tivesse segurado por trás.*

*– Calma, Zak! – disse. – Não perde a cabeça.*

*– Essa vaca... Ela... Ela está inventando coisas... Eu nunca fiz nada com o Lucas! Ele... Ele era meu amigo! Amigo! Eu não gosto de homens, entendeu?*

*– Não foi isso o que eu ouvi dizer... – ironizou a João, limpando as pernas. Apontou para o corpo inerte do Otto, preso ao cano como uma marionete. – Aquele ali levou um tiro na cabeça depois de dizer algumas verdades na sua cara. Imagino as fantasias sexuais que você tinha com meu irmão...*

*– Eu nunca...*

*– Ou com o Alê...*

*– Fica quieta, João! – briguei, certo de que não conseguiria impedir Zak caso ele realmente decidisse bater nela.*

*Meu amigo se contorceu, os músculos anunciando uma explosão iminente.*

*– Não liga pra ela, Zak – pedi. – Se você fizer algo, perde a razão.*

*Cessaram os movimentos bruscos, a cabeça baixou num ato de rendição. Hesitante, soltei seus braços, deixando-o livre.*

*– Eu... – começou ele.*

*De repente, levantou a cabeça, a arma em punho mirando na testa da João. Ela gritou. Agachou-se atrás do sofá, próximo ao corpo do irmão.*

*– Você não vai sair daqui, sua puta! – desafiou, caminhando a passos largos atrás dela, os músculos da face retesados numa expressão de ódio. – Desista!*

*Ela rastejou pelo chão, tentando escapar daquela fúria. Os braços e as pernas engatinharam acelerados, em compasso, sem se importar com o sangue pelo caminho.*

*– Não, Zak! – implorou, como um animal afugentado na gaiola. A respiração arfante, os cabelos curtos bagunçados, o rosto em desespero. – Não... Não me mata!*

*Zak manteve o revólver na mão, o indicador no gatilho, deixando a situação em suspenso.*

*– Você é uma vaca interesseira! – berrou. – O que você pensa da vida, João? Acha que pode desistir assim? Acha que pode abrir aquela porta e deixar tudo pra trás? Não pode!*

*– Zak, abaixa essa arma, por favor...*

*– Não pode mesmo, João! Existem consequências... Mesmo com todo o dinheiro do mundo, você seria presa. Não dá pra fingir que você não esteve aqui...*

*– Não, Zak! – disse Waléria. Moveu-se em tom complacente até meu amigo, as mãos estendidas mostrando que ela não tentaria nenhuma investida brusca. – Não é mais um beco sem saída... Tente repensar. Veja a situação por outra ótica... Você pode se tornar um grande homem, respeitado... Como foi o seu pai. Você pode ser como ele. Vencer na vida. Ter suas empresas, sua casa... seu filho...*

*Zak remoeu as palavras por um instante. Esboçou um soluço de tristeza.*

*– Eu não preciso de dinheiro! – revoltou-se. – Vocês não estão entendendo. Eu não preciso de dinheiro! Uma vida normal, com casa e filhos... Não é isso o que eu quero! Não estou aqui por causa de dinheiro...*

*– Por que você está aqui, então? – perguntou Waléria.*

*Ele meneou a cabeça, sem responder. Lançou-me um olhar triste, um companheirismo sufocado pelos últimos acontecimentos.*

*– O acidente dos seus pais... É por isso, Zak? – insistiu ela. – Se quer saber, tenho duas amigas que também perderam os pais. Cresceram com a avó. E elas são muito felizes, Zak. Não estou dizendo que você não deve ficar triste. Não é isso... Mas, se a vida deles acabou, não quer dizer que a sua tenha que acabar também! Siga em frente! Lute!*

*Ele permaneceu mudo, os olhos fixos nos meus.*

*Eu o entendia. Eu sei que não era tão simples. O problema todo era muito maior.*

*Começava no acidente. Mas terminava com uma solidão frustrante, com uma acusação de assassinato, com o medo de ser preso. O mundo tinha virado um pesadelo para ele.*

*Meu amigo decidira não contar nada a ninguém até que o delegado fizesse uma acusação formal. Eu havia respeitado a sua escolha, claro. Se os outros soubessem, seria pior: reprovação, desprezo, medo. Ele sofreria ainda mais. Mais um golpe contra a ferida já aberta.*

*– Vocês nunca vão entender... – murmurou, enfiando a arma na cintura. – Merda, vocês nunca vão entender!*

*– Eu entendo, Zak – concordou Waléria, com ar maternal. – Mas entenda o nosso lado também... Esse... Esse dinheiro...*

*– Para de falar em dinheiro, Waléria! – berrou Zak mais uma vez. – Já disse mil vezes que não tem mais saída. Se vocês saírem vivas daqui, vão ter que prestar contas à polícia! Terão que explicar o que estavam fazendo! Vocês vão para a cadeia e se arrependerão por não terem metido a porra da bala na cabeça enquanto era tempo!*

*– Nós queimamos o livro do Alê – disse ela com frieza.*

*– Vá se foder! – respondi. Mas, em seguida, a ideia de queimar o livro me pareceu razoável. Eu podia começar do zero, uma folha em branco. Escrever uma nova obra, longe do sufoco nauseante do porão.*

*Pelo olhar que Waléria me lançou, lera meus pensamentos. Ela sabia que, apesar do "vá se foder!", eu estava cogitando a possibilidade de pegar a grana e ser feliz fora dali.*

*– Não é só o livro! – disse Zak – Vocês acham que podem sair sem deixar vestígios? Digitais, saliva... Eles vão pegar vocês com facilidade. Não conseguem ver isso? Alê, explica pra elas a parada de medicina legal...*

*Hesitei. E Waléria exibiu um sorriso vitorioso. Seu olhar nebuloso era um convite a juntar-me às duas, a partilhar dos mesmos sonhos.*

*Zak se agachou para pegar um maço de cigarros e retirou o isqueiro do bolso de trás da bermuda. Acendeu o cigarro preso entre os lábios, a mão em concha protegendo a chama. Deu uma baforada nervosa.*

*– Nós vamos deixar você em paz, Zak! – murmurou a João, levantando-se com agilidade. – Mas queremos que nos deixe em paz também! Que nos deixe ser feliz com nosso dinheiro...*

*– Nosso dinheiro! – debochou ele. – Nosso dinheiro? Não tem essa de "nosso dinheiro"! Esse dinheiro é só meu!*

*– Nós achamos a grana. Juntos! – disse a João. – E, se você está dizendo que já é rico e não precisa dela, pode deixar tudo pra nós! E ficaremos em silêncio. Ajeitamos as coisas por aqui, pra ninguém saber. Temos tempo pra isso!*

*– Nem pensar! – berrou ele, brandindo o cigarro no ar. – Toda a fortuna é minha! Faço com ela o que eu quiser!*

*– Mas você não quer fazer nada com ela! – disse Waléria.*

*Meu amigo levantou o rosto, decidido. Num movimento ágil, jogou-se sobre os sacos plásticos, rasgando-os com vigor, deixando os maços caírem no chão.*

*– O que você está fazendo, merda? – desesperou-se a João.*

*– Estou fazendo o que eu quero com o meu dinheiro! – esperneou Zak, cansado, caído entre as notas esverdeadas.*

*Manteve o cigarro entre os lábios enquanto pegava uma garrafa de vodca ao seu lado. Desenroscou a tampa com a boca e bebeu um gole, sedento. Fez uma careta quando o líquido ardente desceu por sua garganta.*

*Sacou novamente o isqueiro do bolso e, dessa vez, não o usou para acender o cigarro. Antes que pudéssemos intervir, derramou a vodca restante sobre os maços de notas diante de nós e ateou fogo.*

*A reação inicial foi de choque.*

*Assistimos hipnotizados ao fogo se alastrar pelos maços, consumindo os sacos plásticos numa chama crescente.*

*Vinte e dois milhões...*

*O espetáculo de pirotecnia foi interrompido por um surto da João. Primeiro, um grito ensurdecedor, desesperado. Depois, uma sucessão de golpes e ofensas.*

*– Você não pode... Seu desgraçado! – ela disse, sem hesitar em socar Zak.*

*Ele caiu para trás, surpreso com a atitude. O lábio superior se abriu num filete de sangue.*

*Ela avançou com mais raiva, preparando um chute na barriga. Como por instinto, Zak pegou o revólver na cintura e atirou.*

*Assim...*

*Sem pensar.*

*Puxando sucessivamente o gatilho.*

*Clique. Clique. Pow! Clique. Pow! Clique. Clique. Clique. Clique. Clique...*

*O tambor executou um giro completo e iniciou outro enquanto o corpo da João tombava para trás. Um gemido contido pontuou a queda.*

*Acudi, desesperado.*

*Os dois tiros acertaram o abdômen. A barriga tinha virado um lago de sangue. Ela ainda respirava.*

*– Merda, Zak, olha o que você fez! – gritei, erguendo a cabeça da João. Ela gemia entre espasmos, buscando manter a respiração no ambiente cheio de fumaça.*

*Waléria tentava abafar o fogo, mais preocupada com a grana que com a João.*

*– Respira, João! Respira! – disse eu.*

*Olhei para meu amigo, e ele permanecia parado, a arma ainda na mão.*

*– Eu... – começou ele. – Eu não queria...*

*– Alguém me ajuda aqui, pelo amor de Deus! – pedi, sem saber o que fazer. Sentia a vida dela ir embora.*

*Zak se aproximou, choroso, arrependido do que tinha feito.*

*– Merda... Merda... Me desculpa, João... – pediu, ajoelhado ao lado do corpo.*

*Ela gemeu mais uma vez, tentando sorver o ar.*

*– Você... – murmurou com dificuldade. – Você não deveria ter feito isso...*

*– Não fala nada, João. Não fala nada – pedi, acariciando seus cabelos. Tentava acalmá-la, aliviar sua dor.*

*Ela me ignorou. O olhar assustado desapareceu, sugado pela iminência da morte. Mas foi substituído pelo ódio. Um ódio fulminante.*

*– Você mereceu... Mereceu tudo o que teve, Zak...*

*– Do que está falando?*

*– Eu sei de coisas, Zak... coisas que ninguém... Ai! – a dor a invadiu antes de terminar a frase.*

*Seu corpo tremia de frio, o olhar ainda sóbrio, com um ar vitorioso.*

*– A morte dos seus pais... – balbuciou, com um sorriso. – Não foi um acidente, Zak... Foi*

*assa... assassinato.*

*Gelei. Como? Como ela poderia saber? Nós tínhamos combinado de não contar nada a ninguém. Como? Será que o delegado também tinha conversado com ela?*

*– E o mais engraçado... – ela continuou, com dificuldade. – O mais engraçado, Zak, é que eu sei quem fez isso... Eu sei...*

*Ele aproximou o rosto, chocado, tentando ouvir antes que fosse tarde.*

*– Quem? Quem fez isso? – perguntou, sofregamente.*

*Se fosse um filme, ela teria morrido ali, deixando o mistério no ar, dando o último suspiro antes de revelar a identidade do assassino. Mas não.*

*Ela teve tempo de responder:*

*– Você atirou em mim... Eu não... – abria e fechava os olhos repetidamente. O fim se aproximava. – Eu não vou te dizer, Zak. Você...*

*Gemeu ao sentir mais uma pontada de dor.*

*– Quem, João? – insistiu ele.*

*Pude ver o desespero no rosto dele. Zak precisava saber a verdade.*

*Eu também.*

*– Foi muito esperto... – murmurou ela, parecendo escolher as palavras. – Fez... Fez com a ajuda da mãe...*

*– Quem? Que mãe?*

*– Eu não vou dizer, Zak... – vangloriou-se. – Não vou dizer nada...*

*E teve tempo de dar mais um sorriso antes de morrer.*

# Capítulo 31

DIANA – “A morte dos seus pais... – balbuciou, com um sorriso. Não foi um acidente, Zak... Foi assa... assassinato.”

DÉBORA – O que... O que você está dizendo? Assassinato? *(VOZ EXALTADA)*

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Por favor! Eu preciso que fiquem calmas! Com toda essa confusão, não chegaremos a lugar nenhum!

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

OLÍVIA – Então os dois ricaços foram assassinados? *(PAUSA)* Uau!

DÉBORA – Isso é um absurdo! Ninguém nunca...

DIANA – Por favor, senhoras! *(PAUSA)* Eu disse que esse era um capítulo importante. Mas ainda não acabamos...

DÉBORA – Depois de um ano você está dizendo que meus amigos foram assassinados e espera que eu fique calma? Eu... Eu... *(VOZ ATÔNITA)*

DIANA – É, Débora. *(PAUSA)* Não restam dúvidas de que foi um assassinato. Uma sabotagem. Um acidente forjado.

DÉBORA – Quem?

SÔNIA – Por que isso não foi divulgado?

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Esperem! Todas as perguntas serão respondidas.

VÂNIA – Então leia logo!

DIANA – “A morte dos seus pais... – balbuciou, com um sorriso. – Não foi um acidente, Zak... Foi assa... assassinato.” *(PAUSA)* “Gelei.” *(PAUSA)* “Como? Como ela poderia saber? Nós tínhamos combinado de não contar nada a ninguém. Como? Será que o delegado também tinha conversado com ela?” *(PAUSA)*

“– E o mais engraçado... – ela continuou, com dificuldade. – O mais engraçado, Zak, é que eu sei quem fez isso... Eu sei...”

AMÉLIA – O que a minha filha...

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DÉBORA – Então o Alê e o Zak sabiam que... *(VOZ EMBARAÇADA)*

DIANA – Por favor, senhoras! Já disse que cada trecho, cada minúcia do texto será analisada... Mas assim é impossível. Precisamos terminar, por favor!

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – "E o mais engraçado... – ela continuou, com dificuldade. – O mais engraçado, Zak, é que eu sei quem fez isso... Eu sei..." *(PAUSA)* "Ele aproximou o rosto, chocado, tentando ouvir antes que fosse tarde." *(PAUSA)* "– Quem? Quem fez isso? – perguntou, sofregamente." *(PAUSA)* "Se fosse um filme, ela teria morrido ali, deixando o mistério no ar, dando o último suspiro antes de revelar a identidade do assassino. Mas não." *(PAUSA)* "Ela teve tempo de responder." *(PAUSA)* "– Você atirou em mim... Eu não... – abria e fechava os olhos repetidamente. O fim se aproximava. – Eu não vou te dizer, Zak. Você..." *(PAUSA)* "Gemeu ao sentir mais uma pontada de dor." *(PAUSA)* "– Quem, João? – insistiu ele." *(PAUSA)* "Pude ver o desespero no rosto dele. Zak precisava saber a verdade. Eu também." *(PAUSA)* "– Foi muito esperto... – murmurou ela, parecendo escolher as palavras. – Fez... Fez com a ajuda da mãe..." *(PAUSA)* "– Quem? Que mãe?" *(PAUSA)* "– Eu não vou dizer, Zak... – vangloriou-se. – Não vou dizer nada..." *(PAUSA)* "E teve tempo de dar mais um sorriso antes de morrer."

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – É o fim do capítulo nove. *(PAUSA)* Suponho que vocês tenham muitas coisas a comentar.

ROSA – Eu estou totalmente perdida... Não entendi absolutamen...

SÔNIA – Eu também não sei aonde vamos chegar com isto.

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Esperem, esperem! *(PAUSA)* Como vocês perceberam, existia uma suspeita em relação à morte do casal Vasconcellos. O delegado responsável, Jonas Astrid, partindo de algumas evidências, acreditava ter sido uma sabotagem, um assassinato...

OLÍVIA – Que evidências?

DIANA – Como disse, antes eram apenas suspeitas. *(PAUSA)* O fato de o veículo que fechou a Pajero dos Vasconcellos ter chapa fria...

OLÍVIA – Ora essa! Gente que foge depois de causar um acidente não é a coisa mais incomum do mundo!

DIANA – Não só isso, Olívia. *(PAUSA)* As testemunhas comentaram que o Getúlio não freou quando foi fechado pelo outro automóvel. Em vez disso, tentou desviar, capotando ao bater na mureta e caindo no barranco... *(PAUSA)* Não havia marcas de freio no local. *(PAUSA)* O delegado achou curioso o fato e pediu uma investigação da perícia. Os resultados comprovaram que os freios foram sabotados.

DÉBORA – Isso é um absurdo! *(VOZ EXALTADA)* Então alguém sabotou os freios do carro e depois deu uma fechada no Getúlio?

DIANA – Sim. Existem indícios e um laudo técnico.

DÉBORA – Ninguém teria por que matá-los! Eu... Eu era amiga deles! Sei o que estou dizendo...

DIANA – Deixe-me terminar, Débora. *(PAUSA)* Yara Guerra, a doméstica que trabalhava no apartamento dos Vasconcellos fazia três anos, se lembrou de um diálogo ocorrido durante um

jantar e comunicou à polícia. *(PAUSA)* O jantar ocorreu no dia 25 de agosto, segunda-feira. Na terça, 26, o casal Vasconcellos viajou para Cyrille's House. No sábado, quando voltavam da casa de campo, o crime ocorreu...

DÉBORA – Eu estava nesse jantar! Eu e o meu filho... *(PAUSA)* Eles... Eles chegaram a nos convidar para Cyrille's House... *(VOZ ATÔNITA)* Nós... Eu poderia estar naquele carro também! Eu poderia estar morta agora!

DIANA – Você se lembra do que foi dito naquele jantar, Débora?

DÉBORA – Eu... Eu não... *(PAUSA)* Futilidades... Assuntos casuais. Eles estavam querendo me distrair, me animar... Na época, eu estava bastante deprimida por causa do câncer e... Queriam que eu fosse para Cyrille's House para ver se eu me animava, esquecia os problemas... o medo da doença...

DIANA – Uma ligação, Débora. *(PAUSA)* Durante o jantar, o Getúlio recebeu uma ligação pelo celular. Era o advogado da família, Goulart Fernandes. Você não se lembra?

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DÉBORA – Não... Na verdade, lembro vagamente da ligação. *(PAUSA)* Mas não sou capaz de dizer exatamente o que eles conversaram. Faz mais de um ano!

DIANA – Eu entendo.

AMÉLIA – O que eles conversaram, afinal? *(VOZ HESITANTE)*

DIANA – O Getúlio queria mudar o testamento. *(PAUSA)* Antes, todos os bens pertenceriam ao Zak. Com a mudança, metade dos bens pertenceria a empresários parceiros do Getúlio.

AMÉLIA – Por quê?

DIANA – Ao que parece, o Getúlio ficou assustado com a visita da Waléria na sexta, 22 de agosto, dizendo estar grávida. Ele pensou que ela quisesse dar o golpe da barriga no Zak e resolveu diminuir a parte dele nos bens da família...

REBECCA – Minha filha não era uma interesseira! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Eu não disse isso, Rebecca. Mas, possivelmente, foi isso o que o Getúlio pensou. *(PAUSA)* Como viajaria no dia seguinte para Cyrille's House, ele agendou a mudança para a segunda-feira seguinte, 1o de setembro.

OLÍVIA – Na segunda-feira, quando o pai voltasse, o Zak perderia metade dos bens com a mudança testamentária... *(PAUSA)* Mas o pai não voltou, e ele levou a grana sozinho. *(RISO SECO)* Coincidência?

DÉBORA – Espere! Vocês estão achando que o Zak... *(VOZ EMBARGADA)*

DIANA – É exatamente isso o que a Olívia disse. *(PAUSA)* Existe a suspeita de que o Zak tenha assassinado o casal Vasconcellos.

DÉBORA – Esse é o maior absurdo que já ouvi em toda a minha vida!

DIANA – Ele tinha o motivo. Tinha a oportunidade também. *(PAUSA)* E os fatos se encaixam...

DÉBORA – O Zak nunca mataria os pais dele! Eu sei o que estou dizendo! *(PAUSA)* Até

acredito que aquele acidente possa ter sido proposital... Mas o Zak ser responsável por tudo? É impossível! *(PAUSA)* Tenho certeza disso!

ROSA – Tão impossível quanto ele ter torturado e matado o meu filho? *(PAUSA)* Porque foi isso o que ele fez, aquele infeliz! Torturou e matou. *(VOZ CHOROSA)*

VÂNIA – Concordo com a Rosa! *(PAUSA)* O Zak provou ser capaz de tudo. *(PAUSA)* Ter matado os próprios pais seria apenas mais um fato na lista de atrocidades que esse menino cometeu...

DÉBORA – Ele nunca...

DIANA – Esperem... Ainda não terminei...

DÉBORA – Vocês estão acusando a pessoa errada! *(PAUSA)* O Zak amava os pais dele. Eu presenciei esse amor a vida inteira. Não venham me dizer que ele cometeu um assassinato por causa de dinheiro...

OLÍVIA – Riquinhos mimados são assim, Débora. *(PAUSA)* Capazes de tudo quando percebem que estão prestes a perder alguma coisa... Eles surtam!

DÉBORA – Isso é uma loucura! *(VOZ EXALTADA)* O Zak nem mesmo sabia que tinha sido um assassinato! Não viram como ele ficou chocado quando...

DIANA – Ele sabia, Débora.

DÉBORA – O quê?

DIANA – O Zak sabia que não foi um acidente. *(PAUSA)* Ele sabia que era o principal suspeito de ter matado o Getúlio e a Maria Clara.

DÉBORA – Como?

DIANA – Você se lembra da conversa que ele teve com o delegado Jonas no dia seguinte ao enterro dos Vasconcellos?

DÉBORA – Deus do céu, então... *(VOZ ATÔNITA)* Então... Então foi isso! O Zak... Ele... Ele chegou chorando e se trancou no quarto... O Alê também se recusou a dizer o que eles tinham conversado...

DIANA – O delegado ainda não tinha provas concretas, mas chamou o Zak para uma conversa informal. Disse que tinha certeza do homicídio. Disse que suspeitava dele.

DÉBORA – Não foi à toa que o Zak ficou naquele estado... *(VOZ HESITANTE)*

DIANA – O delegado tentou pressionar o Zak, conseguir uma confissão dele. Mas o Zak se fechou. Disse que não sabia de nada. *(PAUSA)* Nós sabemos dessa conversa graças às anotações do Alessandro, que narram o episódio no dia 02 de setembro, terça-feira.

DÉBORA – Não foi à toa que ele enlouqueceu... Primeiro os pais morrem, e depois essa acusação absurda! Imagino como tenha ficado a cabeça dele com essas pauladas por todos os lados!

DIANA – Como pudemos perceber, o Zak e o Alê mantiveram a conversa daquele dia em segredo, de modo que nem a mãe do Alessandro, aqui presente, sabia o que estava acontecendo...

DÉBORA – Eu não sabia...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Mas eis que surge algo novo. *(PAUSA)* Um suicídio coletivo, uma roleta-russa. E a revelação de que uma das suicidas, uma pessoa até então fora das atenções, sabia que o acidente foi assassinato e, mais ainda, insinua conhecer o culpado.

REBECCA – Ela poderia estar delirando... Já tinha cheirado e fumado tanto... Mais dois tiros na barriga... Podia perfeitamente estar imaginando coisas.

DIANA – Sim, Rebecca. Podia ser apenas um delírio. Ou ainda um blefe. Um blefe para deixar o Zak irritado, para chocá-lo... *(PAUSA)* Mas acontece que ninguém sabia da suspeita de assassinato. Seria coincidência demais ela delirar, ou blefar, sobre algo que realmente aconteceu, mas ninguém sabia... Não, não... Ela parecia certa do que estava dizendo. Ela afirma com veemência que foi assassinato, num tom de deboche, como se tivesse acesso a uma prova cabal.

OLÍVIA – Algum dos dois deixou vazar a informação, ainda que sem querer. *(PAUSA)* Ou ainda aquela empregada que fez a denúncia deu com a língua nos dentes...

DIANA – Sim... É possível... A empregada... Ela disse que não falou nada com mais ninguém. *(PAUSA)* Obviamente pode ter mentido... Mas não sei...

AMÉLIA – Eu... Eu não faço ideia de como minha filha ficou sabendo disso... Não posso ajudar em nada... *(PAUSA)* Mas isso... Isso explica por que ela ficou diferente desde a morte dos Vasconcellos... Interessada no acidente, lendo reportagens, caçando informações na imprensa...

DIANA – Nós acreditamos que a Maria João tenha visto ou ouvido alguma coisa. *(PAUSA)* Não necessariamente algo objetivo e direto. Mas talvez um trecho de conversa, alguma pessoa num lugar em que não estaria normalmente... Enfim, qualquer coisa fora do comum que, de alguma forma, a fez deduzir que o acidente havia sido assassinato e, ainda mais, a fez ter certeza da identidade do assassino. *(PAUSA)* Por isso, antes de ler o capítulo, eu perguntei quem conhecia a João.

REBECCA – Você está insinuando que algum dos nossos filhos matou os Vasconcellos? *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Tudo é possível, Rebecca. *(PAUSA)* Parece haver algo escondido nessa história. *(PAUSA)* Primeiro um acidente que, na verdade, foi homicídio. Uma semana depois, uma roleta-russa. E a Maria João diz saber quem é o assassino. *(PAUSA)* Há uma ligação entre os fatos. Como num processo em cadeia, os episódios se conectam. Os Vasconcellos morrem, o Zak decide cometer suicídio, e então a roleta-russa.

REBECCA – E, por isso, vocês acham que o assassino dos Vasconcellos é um dos que se suicidaram? Faça-me o favor!

DIANA – Nós estamos apenas buscando respostas, Rebecca... *(PAUSA)* Como explicar o fato de a Maria João saber do crime? Como explicar que ela tenha aceitado participar de uma

roleta-russa, sendo que ela repudiava a ideia de suicídio? Naquele porão, quem, além do Zak, teria motivos para assassinar os Vasconcellos? *(PAUSA)* São apenas perguntas.

OLÍVIA – Tudo me parece muito óbvio. *(PAUSA)* A própria Maria João é a assassina... Ela matou os Vasconcellos.

AMÉLIA – Mas é um absur...

OLÍVIA – Isso explica como ela sabia do crime e como ela sabia quem era o assassino. E explica por que ela decidiu se matar... Arrependimento! Remorso! *(PAUSA)* Ela se sentiu pressionada, sufocada, a consciência pesando por ter acabado com duas vidas...

AMÉLIA – Minha filha não era uma assassina! *(VOZ EXALTADA)*

OLÍVIA – Mas, ao ver que ia morrer, ela decidiu se gabar do seu feito. Como o assassino que, em seu último suspiro, confessa todos os crimes... Ela debochou do Zak, debochou da morte dos pais dele...

AMÉLIA – Cala a boca! Não é verdade! A Maria João não seria capaz de tramar e executar um crime desses!

DIANA – Fique calma, Amélia! Por favor, fique calma!

AMÉLIA – Eu...

OLÍVIA – *(VOZ DE DESDÉM)* É uma teoria que se encaixa nos fatos. Responde às suas perguntas.

DIANA – Seria possível que a própria Maria João fosse a assassina. Ou ainda o seu irmão, Lucas. *(PAUSA)* Mas ainda temos um problema... Falta o motivo. *(PAUSA)* Não há razão para que qualquer um dos dois tenha matado os pais do Zak... *(PAUSA)* Nós ainda aventamos a possibilidade de algum deles ter mantido relações sexuais com o Zak. Talvez isso levasse a uma explicação mais plausível... Mas não temos nada concreto.

AMÉLIA – Então meus filhos são mesmo suspeitos?

DIANA – Todos são suspeitos, Amélia. Não podemos eliminar ninguém até que...

REBECCA – E o Alessandro?

DIANA – O que tem o Alessandro?

REBECCA – Ora, ele namorava a Maria João. Ou saía com ela... Enfim, pouco importa... A questão é que ele era o mais próximo dela. *(PAUSA)* Poderia ter confessado algum desejo de matar os Vasconcellos ou algo do tipo. *(PAUSA)* Pode ser ele o assassino.

DÉBORA – O Alessandro nunca...

DIANA – Como eu disse, tudo é possível, Rebecca. Mas voltamos ao mesmo problema. O motivo. *(PAUSA)* O Alessandro não tinha motivo. *(PAUSA)* O mesmo para quase todos os outros. A Ritinha, o Danilo, o Noel...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

ROSA – Se a Maria João sabia quem era o assassino, por que ela não procurou a polícia?

DIANA – Não temos como saber... *(PAUSA)* Ela pode ter tentado proteger o culpado. Pode ter sido ameaçada.

OLÍVIA – Ou pode ter chantageado o assassino. Ela gostava de dinheiro...

AMÉLIA – Cala a boca!

OLÍVIA – Estou mentindo? Se não me engano, foi ela que esqueceu a morte do irmão assim que viu vinte e dois milhões de dólares na frente!

AMÉLIA – Ela não era uma safa...

ROSA – E se foi mesmo o Zak?

DIANA – O quê?

ROSA – Isso que a Olívia disse... de a Maria João ter chantageado o assassino... é uma boa possibilidade... Mas, nesse caso, o assassino precisaria ter dinheiro, não é? *(PAUSA)* E eu pensei: e se foi mesmo o Zak? *(PAUSA)* E se foi ele que matou os pais e depois foi chantageado pela Maria João? *(PAUSA)* Isso explica por que ele atirou nela assim que pôde, sem levantar suspeitas...

DÉBORA – Impossível! Não faria o menor sentido. *(PAUSA)* Ele praticamente implorou para que ela revelasse quem é o culpado.

ROSA – Sim, é verdade. O Zak ficou desesperado. *(PAUSA)* Mas poderia estar encenando aquilo tudo, não é? *(PAUSA)* Quero dizer, se ele for mesmo o assassino, ficou representando o papel de "pobre menino indefeso" desde o acidente. No enterro, nas conversas... Em todos esses momentos, ele exibia uma expressão de total sofrimento e tristeza.

DIANA – E?

ROSA – Ora, se tudo não passou de um teatro, se ele fingiu lamentar a morte dos pais quando, na verdade, era o assassino... Bem, eu não duvido nada que ele mantivesse o fingimento mesmo estando numa roleta-russa...

DIANA – Não entendi aonde você quer chegar.

ROSA – É como a pessoa que, de tanto contar uma mentira, acaba acreditando nela. *(PAUSA)* O Alessandro e a Waléria estavam ali, do lado dele. Se ele fingiu por todo esse tempo estar sofrendo com a morte dos pais, não acho que mudaria de lado tão rapidamente. Não... Ele embarcaria na mentira, fingiria estar chocado, fingiria estar desesperado pra saber quem é o assassino... Entendem?

DIANA – Faz sentido...

OLÍVIA – Mas é claro que faz sentido! Tudo sempre faz sentido! *(PAUSA)* É só criar hipóteses de acordo com meu capricho, e até o papa pode ser o assassino dos Vasconcellos. *(PAUSA)* Queridas, ninguém aqui é detetive pra ficar caçando pistas, inventando teorias e fazendo deduções! *(PAUSA)* E a própria delegada parece a mais perdida de todas nós! Vamos ficar dando voltas e voltas feito tontas... Sem chegar a qualquer conclusão! *(PAUSA)* O que nós sabemos? Que foi um assassinato e que, de algum modo, a Maria João sabia disso, mas não contou a ninguém. E é só. Mais nada. *(PAUSA)* A partir daí, podemos criar milhares de teses...

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

DIANA – Na verdade, nós temos mais dados relevantes. *(PAUSA)* Vocês prestaram atenção

no fim do capítulo, não é?

ROSA – Sim. *(PAUSA)* A Maria João tem tempo de revelar a identidade do assassino, mas se recusa.

DIANA – É. Ela se recusa... *(PAUSA)* Mas, ainda assim, acaba nos dando uma pista. *(PAUSA)* Um mínimo indício que deixou escapar involuntariamente...

SÔNIA – Que indício?

DIANA – Vou ler mais uma vez. *(PAUSA)* “Foi muito esperto... – murmurou ela, parecendo escolher as palavras...” *(PAUSA)* “Foi muito esperto.” É o que ela diz... *(PAUSA)* Esperto. No masculino. *(PAUSA)* Num primeiro momento, indica que o culpado é um homem. Ele foi muito esperto...

ROSA – Discordo. *(PAUSA)* Esse “ele” pode ser “o assassino” ou ainda “o plano”. O assassino foi muito esperto. Ou o plano foi muito esperto. *(PAUSA)* Não necessariamente quer dizer que foi um homem.

DIANA – Sim, é verdade. Por isso eu disse que, num primeiro momento, nos faz pensar que é um homem. *(PAUSA)* Mas deixem-me continuar a ler.

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – “Foi muito esperto... – murmurou ela, parecendo escolher as palavras. – Fez... Fez com a ajuda da mãe...”

REBECCA – Você não pode estar achando que... *(VOZ ATÔNITA)*

DIANA – Sim, Rebecca. *(PAUSA)* “Com a ajuda da mãe...” *(PAUSA)* Ao que parece, o assassino, quem quer que seja, recebeu ajuda da própria mãe.

ROSA – Isso é um absurdo! Que mãe ajudaria um filho a matar alguém?

VÂNIA – Impossível!

DIANA – Não. Não é impossível. *(PAUSA)* Foi a própria Maria João quem disse.

REBECCA – Então... *(VOZ EMBARAÇADA)* Se vocês estiverem certos e o assassino for mesmo algum dos suicidas...

DIANA – Se nós estivermos certos significa que uma de vocês está mentindo... *(PAUSA)* Que uma de vocês ajudou o filho, ou a filha, a assassinar o casal Vasconcellos.

OLÍVIA – Mas era só o que faltava! Agora somos suspeitas?

VÂNIA – Você não pode estar falando sério...

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Sim, eu estou falando sério. *(PAUSA)* Se nossa suposição estiver correta, e eu acredito que esteja, uma de vocês sabe o que aconteceu naquele acidente. Uma de vocês tem a explicação para tudo o que queremos descobrir aqui. Por isso, tenho tanta certeza de que a verdade está dentro desta sala... É apenas uma questão de sabermos com quem ela está.

OLÍVIA – Então... É por isso que convocaram esta reunião! *(PAUSA)* Para nos trancafiar neste lugar, para nos observar... Acham que uma de nós é uma assassina! *(RISO SECO)* Chega a ser engraçado! Uma reunião marcada com a delegada um ano depois da roleta-russa, uma

justificativa pífia para gravar o que estamos falando... Agora tudo faz sentido!

DIANA – Nós não...

SÔNIA – Isso não é permitido, doutora! *(PAUSA)* Nos colocar numa sala e revelar que há uma assassina conosco! Isso é totalmente absurdo! Estou me sentindo um bonequinho dentro de um jogo sádico! *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA)*

DIANA – Nenhuma de vocês foi obrigada a permanecer aqui. Eu sempre ressaltei que esta é uma reunião informal. Vocês vieram voluntariamente participar...

AMÉLIA – Você mentiu! Escondeu o verdadeiro objetivo da reunião! Nos fez de idiotas! *(VOZ EXALTADA)* E agora diz que somos suspeitas de assassinato!

DIANA – Isso não é verdade...

AMÉLIA – Eu estou indo embora! Você disse que não somos obrigadas a ficar, não é? Pois bem! Pra mim, basta. Cheguei ao limite.

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – Amélia, por favor!

*(PASSOS)*

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DÉBORA – Também vou embora...

DIANA – Gente, por favor! Sair agora é aceitar a derrota. *(PAUSA)* Além de parecer suspeito.

AMÉLIA – O que está dizendo?

DIANA – Abandonar esta reunião agora seria algo, no mínimo, conveniente, não acham? *(PAUSA)* Eu não disse que vocês são todas assassinas. Eu disse que possivelmente uma de vocês é cúmplice de um crime. Apenas uma!

AMÉLIA – Então agora estamos impedidas de sair?

DIANA – Eu não disse isso. *(PAUSA)* Vocês são sete mães. Sete mulheres que perderam seus filhos... *(PAUSA)* Mas uma de vocês pode ser também uma assassina. Alguém que, de alguma forma, colaborou para a morte do Getúlio e da Maria Clara. *(PAUSA)* Você pode confessar o crime agora, ou pode sair.

AMÉLIA – Mas... Você está louca!

DIANA – É apenas isso o que peço. *(PAUSA)* Se você sabe que é inocente, peço que continue até descobrirmos o culpado...

REBECCA – Eu não tenho por que ficar aqui! É... É tão óbvio que eu não fiz nada! *(PAUSA)* A Waléria mal conhecia a Maria João. Eu nunca a vi na vida! Ela não teria como saber que o assassino teve a ajuda da mãe sem conhecer essa mãe, não é? Pois então, a João não me conhecia...

DIANA – A Maria João não necessariamente conhecia a mãe do assassino. Ela poderia saber do envolvimento mesmo sem conhecê-la.

REBECCA – Como?

DIANA – Existem muitas possibilidades.

DÉBORA – Eu também não fiz nada! *(VOZ EXALTADA)* Então vocês acham que eu seria capaz de matar minha melhor amiga e o marido dela? Eles... Eles nunca fizeram nada de mal pra mim ou pro Alê...

DIANA – Débora, fique calma...

DÉBORA – Eu...

OLÍVIA – O que você sugere, doutora? Que fiquemos aqui acusando umas às outras, esperando que alguém se levante e confesse o crime?

DIANA – Ainda temos um longo caminho pela frente, Olívia. *(PAUSA)* Antes, eu acho importante que terminemos de ler tudo o que o Alessandro escreveu. É também uma forma de estudarmos a reação do Zak diante da descoberta...

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Posso continuar a ler?

VÂNIA – Eu também não aguento mais isso! *(PAUSA)* Leia logo, doutora! Termine logo!

*(SILÊNCIO – 05 SEGUNDOS)*

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

*(PIGARRO)*

DIANA – "*Capítulo dez*."

# Capítulo 32

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-2808-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*28 de agosto de 2008 – Quinta-feira*

No dia em que Deus estava inspirado para criar coisas boas, Ele criou as avós. Avós são aqueles seres perfeitos, simpáticos, dispostos a enfrentar nossos pais quando queremos continuar brincando ou quando queremos comer biscoitos antes do almoço. Com o tempo, a avó se torna a melhor conselheira, um verdadeiro ombro amigo, a solução precisa para um neto desnorteado. Quem diria que velhinhas munidas de tricô e pantufas pudessem ser tão especiais?

É claro que existem as exceções. Mas não no meu caso. Eu tive uma ótima avó.

Infelizmente, assim como o filme chega aos créditos e o livro, à última página, as avós também têm seu fim. Um dia elas morrem, e nós continuamos aí, na batalha.

A morte é apenas uma das formas desta triste partida. Existem outras. Piores.

Minha avó enlouqueceu no dia 10 de agosto de 2000, duas semanas após a morte do meu avô. Foi tudo muito rápido. Quando me dei conta, já tinha acontecido. E não havia mais volta. Ela não me reconhecia mais, não era capaz de ir sozinha ao banheiro e passava as noites em claro com medo de que o marido viesse bater nela.

Meu avô era um filho da puta. Doze anos de convivência foram mais do que suficientes para me provar isso. Logo que meus pais se separaram, eu e minha mãe fomos morar com eles (e Deus sabe que aqueles foram os piores anos da minha vida). O desgraçado tratava minha avó como uma escrava, humilhando-a na frente dos outros ou espancando-a. Conosco, fazia questão de ressaltar que estávamos ali de favor. Dizia à minha mãe que ela ganharia mais dinheiro como puta do que sendo dentista.

Mas, na rua, as pessoas gostavam dele, era um homem de respeito, um pai de família exemplar que abrigava carinhosamente a filha desquitada...

Um filho da puta.

Poucos dias antes de morrer, ele me bateu. Não um tapa no rosto em consequência de uma bronca exaltada, como de costume, mas uma verdadeira surra. Minha mãe e minha avó estavam no shopping quando ele chegou em casa, enfurecido, e descontou toda a raiva em mim. Depois, ainda me puxando pelos cabelos, explicou que eu deveria mentir, dizendo que tinha caído enquanto voltava da escola. Mas não deu certo. As marcas nos olhos, no pescoço e nos braços não enganavam. A verdade se impunha na cor roxa.

Por isso fiquei tão feliz quando ele morreu. Junto com ele, todo o medo que nos cercava foi enterrado, e uma sensação de alívio pairou no ar. Por um segundo, pensei que finalmente nós três poderíamos ser felizes.

Mas a vida não se cansa de oferecer obstáculos. Exatos quinze dias depois, minha avó saía de casa, amarrada a uma maca enquanto se debatia de horror pensando que apanhava do marido recém-falecido.

A loucura. Tão rápida e sorrateira!

Foi naquele dia que perdi minha avó. Junto com a sanidade, foram embora o carinho, a doçura e os anos de convivência. Restou apenas a carne. O corpo físico, presente, ainda forte apesar da idade, controlado por um cérebro disfuncional, por uma mente em um mundo paralelo, onde maridos filhos da puta voltam da morte para aplicar surras durante a noite.

Ainda que o rosto, o perfume e o porte fossem os mesmos, ali, naquele corpo, não estava mais minha avó. Não a avó que eu conheci! Estava outra pessoa, mais séria, desconfiada e rabugenta.

– Quem é você? – perguntava-me, o mesmo ar sereno com que encarava meu avô depois de apanhar dele.

“Quem é você?” Essa simples pergunta era capaz de me fazer desmoronar, como se a vida se revelasse subitamente inconstante.

Minha própria avó não sabia quem eu era! Viramos dois estranhos. Um passado apagado pela memória. Acabaram a afetividade, a familiaridade, o companheirismo.

E é por isso que eu não gostava mais de visitá-la. Ainda que ela fosse minha avó, sentia-me um intruso invadindo o espaço dela, abusando da boa vontade do seu cérebro cansado. A avó que eu amei, a avó que eu queria levar pelo resto da vida na memória, partira no dia 10 de agosto de 2000. Esta, que minha mãe me obrigava a visitar mensalmente, era apenas uma senhora desmemoriada, de pele flácida e rosto bondoso, igual à imagem que guardei da minha verdadeira avó.

– Quem é você? – insistiu, como para me torturar.

Estar ali me fazia mal. A desesperança no rosto de cada idoso, o abandono pelos corredores do asilo, o silêncio de velhinhos dorminhocos caídos pelos cantos, afundados no sofá ou entrevados em cadeiras de roda, aguardando a morte. Tudo me incomodava. Tudo me fazia sentir desprotegido, inútil e pequeno demais para seguir em frente. Para me motivar a seguir

em frente.

– Seu neto. Alessandro – eu disse.

Ela sorriu em resposta. Mas foi um sorriso vazio, como se eu tivesse dito que o dia estava quente ou que era bonito o seu vestido florido. Pousou diligentemente as mãos sobre os joelhos ossudos e me ignorou, o olhar perdido na fresta de céu claro surgindo por trás do muro alto.

Ajeitou uma mecha de cabelos brancos caindo sobre a testa e começou a roer as unhas. As unhas... Antes, minha avó era tão cuidadosa com elas! Compridas e pintadas de um vermelho vivo, como se todas as noites fosse sair para um jantar de gala. E agora, o total abandono da vaidade feminina... As unhas embranquecidas, pálidas e roídas. O cabelo escuro nas pontas, mas branco nas raízes. O vestido mal colocado, com a alça do sutiã bege aparecendo nos ombros.

– O que está achando da novela, vó? – perguntei, tentando encontrar algum assunto para prolongar a conversa.

– Eu não gosto de novelas... – murmurou ela, com ar displicente. Fechou o rosto numa expressão mal-humorada, a boca comprimida arqueada para baixo.

– Vó... – comecei de novo, colocando minha mão sobre a dela, numa aproximação cuidadosa.

Ela recuou sobressaltada.

– Não me toque! – gemeu, soltando espasmos. – Não me toque! Você quer me bater... Eu sei! Você quer me bater!

Afastei os braços, numa tentativa de acalmá-la, de arrefecer a sensação de ameaça. Mas não adiantou. O medo estampado em seu rosto permaneceu, ganhando contorno nas bochechas trêmulas, no cenho franzido e na boca escancarada a repetir: "– Não me bata!".

Aos poucos, a voz foi se transformando num tímido sussurro:

– Não me bata! Não... me... bata...

A frase me atingia em cheio, como um tiro. Inevitavelmente, o passado vinha me buscar, me levava de volta àqueles anos malditos, à minha avó no quarto ao lado implorando para não apanhar daquele filho da puta, aos gemidos de dor a cada golpe de cinto, à minha mãe tentando tapar meus ouvidos para que eu não ouvisse nada enquanto ela presenciava, impotente, o próprio pai violentar a mãe...

Lembro-me como se fosse hoje do dia em que ele morreu. Lembro-me do cheiro, da temperatura, das palavras e dos gestos. Cada instante está registrado em imagens precisas na memória. Todas as noites eu sonhava em matá-lo, pegar a faca de cozinha e enfiá-la em seu peito. Eu era o homem da casa. Era meu dever defender minha mãe e minha avó. E para isso eu teria que matá-lo. Matá-lo sem piedade.

Cheguei a fazer planos de como cometer o assassinato, e Deus sabe que eu os teria executado se o velho não tivesse morrido antes. Ataque cardíaco. Fulminante. Na mesa do

café da manhã.

Naquele dia, ele acordou com um incrível bom humor, o que, para nós, significava suportar seus deboches e suas piadinhas de mau gosto. Sentou-se na cabeceira, exibindo um sorriso vitorioso, e esperou que minha avó e minha mãe terminassem de colocar a mesa. Tentou puxar conversa comigo, perguntando como estava meu machucado no braço. Desde que tinha me espancado, parecia estar sofrendo de uma crise de consciência. Mas era tarde para se arrepender. Eu tinha doze anos e o odiava. Ele maltratava todas as pessoas de quem eu gostava. Não havia perdão.

Saí para beber um copo d'água. Quando voltei, a mesa já estava posta. Primeiro ele comeu as torradas, em silêncio. Mastigava com a boca aberta, como se quisesse atrapalhar nossa conversa. Fiquei imaginando como minha avó havia conseguido suportá-lo por todos aqueles anos... E a necessidade de matá-lo tomava corpo diante de mim, insistente. Aquele filho da puta não faria nenhuma falta ao mundo.

Depois, ele pegou o pão. Molhava-o no café antes de dar a mordida. Já estava quase no fim quando começou a gritar com minha avó. Não, o desgraçado não podia sair de casa sem antes arranjar a briga do dia! Reclamou que o pão estava pouco crocante e o café, frio e amargo. Socou a mesa enquanto falava, e minha avó baixou a cabeça, como se fosse mesmo culpa dela. Meu ódio aumentou. Pude imaginá-lo morto, o corpo enrijecido num caixão, algodões vedando-lhe as narinas. E foi naquele instante que ele morreu. Como se meus pensamentos tivessem poder, ele tombou, fulminado diante dos meus olhos repletos de raiva e angústia.

– Mamãe... Meu Deus, o que está acontecendo aqui?! –
gritou minha mãe. Despertou-me daquelas lembranças. Aproximou-se de minha avó, apressada, vendo-a se debater de medo. – O que você fez, Alê? O que você fez com ela?

Ela sabia a resposta. Eu não tinha feito nada. Mas mesmo assim ela perguntava, como para confirmar a insanidade da própria mãe.

– Ele... Ele veio me bater... Meu marido... Meu marido mandou ele me bater! – murmurou minha avó, vertendo lágrimas dos olhos cansados. – Eu não aguento mais apanhar! Eu não...

Eu também não aguentava mais. Não podia suportar nem mais um segundo.

Levantei e tomei o corredor à esquerda, sem olhar para trás. A cada passo, jurava a mim mesmo que nunca mais voltaria ali. Agora, minha avó estava enterrada. Espiritual e fisicamente. Nunca mais a veria de novo. E ponto final.

– O que você pensa que está fazendo, Alê? – perguntou minha mãe com rispidez, dez minutos depois, quando entrávamos no carro.

– Não volto mais aqui – respondi. Bati a porta. – Você não tem como me obrigar a essa merda.

– Não fala assim!

Ela parecia confusa, sem palavras para me contrariar. Eu sabia que também era difícil para ela, até mais do que para mim. Mas eu tinha de respeitar meus limites. E não conseguia mais.

– Ela é sua avó, Alê!

– Minha avó está morta! – gritei, para logo depois me arrepender de ter falado alto. Minha mãe não merecia isso. – Aquela mulher não é minha avó.

– Ora, vamos, Alê! – murmurou ela, e percebi que estava prestes a chorar. – O que você quer que eu faça? Quer que eu a deixe apodrecer nesse asilo sem uma visita sequer?

Sim! Era isso o que eu queria! Pagar a mensalidade do asilo e deixá-la lá, esperando a morte terminar o serviço. Era o que tantas famílias faziam. Podia ser errado, mas também era muito difícil encarar aquilo.

– Não sei. Não sei o que fazer – respondi.

Ela anuiu com a cabeça, sem desviar os olhos do trânsito. Ela também não sabia o que fazer. Visitar a mãe mensalmente e levar iogurte escondido numa sacola era uma forma de se sentir bem consigo mesma, de se sentir uma boa filha.

– Minha cirurgia foi marcada, Alê – disse ela, como quem comunica algo pouco importante.

– O quê?

Apertou o volante com força.

– Eles vão ter que fazer a cirurgia pra ver se tem como tirar ou não, entende?

– Quando vai ser a cirurgia?

– Dia 07, Alê. Um domingo.

– Sete de setembro? No feriado?

– O doutor Torres estava com a agenda lotada. Mas disse que, quanto antes operar, melhor...

– Certo.

– Deve ser grave, Alê... – explicou ela, melancólica.

– Não fala assim, mãe!

– Alê, você não é mais uma criança! Temos que encarar a realidade! – ela tentava manter a sobriedade e aparentar calma. – Eu posso morrer... Posso morrer naquela mesa de cirurgia como sua tia-avó... E você vai ter que enfrentar tudo sozinho.

– Você não vai morrer, mãe.

Ela balançou a cabeça.

– Se eu morrer, Alê... – ela aumentou a voz. – Se eu morrer, você vai ter que cuidar da sua avó. Você não pode abandoná-la, entende?

Fiquei em silêncio, sem resposta.

– Você vai ter que cuidar dos problemas... De todas as coisas... Eu... Eu sei que você consegue...

Sentada ao volante, ela começou a chorar, a boca trêmula tentando controlar a tristeza.

– Não fica assim, mãe... Tudo vai dar certo...

– O dia 07 de setembro, filho... O dia 07 de setembro vai ser um dia decisivo... – murmurou, entre soluços. – Você vai se tornar um homem. Um homem de responsabilidades... Eu sei que você é capaz...

Não. Eu não sou capaz.
Mas eu não podia dizer isso a ela naquele momento.

# Capítulo 33

*Capítulo 10*

*Primeiro, Zak gritou. Um grito angustiante, de dor. Depois veio o desespero. Enlaçou a João pela cintura e sacudiu o corpo inerte, tentando resgatar a vida perdida.*

*A João sabia a verdade. Tivera tempo de contá-la. Mas não quisera. Havia debochado de todos no momento derradeiro.*

*E agora estava morta.*

*Não havia mais jeito.*

*O rosto esbranquiçado exibia o sorriso dos últimos segundos, desafiando Zak para a eternidade, fazendo com que ele se arrependesse por ter puxado o gatilho.*

*Vendo-o ali, desamparado, tive vontade de consolá-lo. Uma vontade que só sentira antes uma vez, no enterro dos Vasconcellos, quando os caixões desciam à cova e éramos obrigados a encarar os flashes da imprensa.*

*Mas, desta vez, não consegui me mover. O sangue colava meus pés ao chão. Continuei escrevendo mecanicamente, registrando tudo. Mas eu só sentia o nada.*

*Olhei para a João. Eu gostava dela. Amava o cabelo curto, o sorriso infantil, o olhar ambicioso... A personalidade forte, quase máscula... Eu a amava.*

*Ainda era capaz de ouvir sua voz. De sentir sua pele, a minha língua passeando por seu pescoço arfante na escuridão do cinema, iluminada vez ou outra por uma cena mais clara na tela. Nossos corpos se tocando com a dificuldade imposta pelas poltronas. E finalmente o sexo. O sexo louco e apaixonado no apartamento do Zak. A única mulher com quem fui para a cama...*

*Agora ela estava morta. A barriga que acariciei com minhas mãos cobria-se de sangue. Mesmo caída no chão, ela parecia ainda conversar comigo. Sua voz invadia meus ouvidos, insistente, cortante.*

*– A morte dos seus pais... Não foi um acidente, Zak... Foi assa... assassinato.*

*Só então me dei conta. Zak era um assassino! Ainda que minha própria mente se recusasse a aceitar isso, eu o tinha visto matar três! Eu tinha visto! O Otto, o Dan e a João... Todos vítimas de um psicopata. Vítimas do meu melhor amigo...*

*“Meu melhor amigo.” Tive nojo dessas palavras.*

*Sim, era possível que a bebida e as drogas o tivessem tirado de si. Era possível que ele nunca tivesse matado ninguém antes, que aquela tivesse sido sua primeira vez... Mas*

*também era possível que não. Ele podia ter matado outras vezes. Podia ter matado muita gente... Afinal, como eu saberia? A sede pela morte, a violência gratuita podiam ser faces tão bem escondidas quanto a sua relação com o Otto...*

*"Até que ponto realmente conhecemos as pessoas?", perguntara aquele delegado.*

*Agora eu tinha a resposta: nós não conhecemos ninguém. Absolutamente ninguém. Não conheço nem a minha mãe. Não conheço seus limites, seus sonhos, seus medos e suas angústias mais íntimas.*

*Também não conhecia meu amigo. E isso me apavorava. Eu sei de tantas coisas... Conheci tantos momentos da vida dele... E se, de alguma forma, ele se sentisse pressionado? Se eu, assim como os outros, passasse a ser uma ameaça para ele? Será que ele atiraria em mim? Em mim?*

*Por mais que nosso passado de amizade negasse essa possibilidade, a realidade diante dos meus olhos não me deixava ignorá-la... Sim! Eu conseguia imaginá-lo me apontando o revólver e puxando o gatilho.*

*Antes, por algum motivo tolo e infantil, eu me sentia protegido por aquele mesmo sujeito que eu tinha visto torturar e assassinar Otto. Eu também tinha visto Zak matar Danilo, ainda que indiretamente, e disparar dois tiros na barriga da João... Mas, de algum modo, nada disso me havia afetado. Nada disso fora capaz de romper a proteção imaginária que eu havia criado ao meu redor. Afinal... Eles eram outros... Outros! Zak era capaz de matá-los, de acabar com a vida de qualquer um deles num piscar de olhos... Mas não comigo. Não eu! Ele... Ele nunca seria capaz de me matar! Ou seria?*

*Merda, o que os outros tinham feito a ele? Danilo o admirava, era um garoto carinhoso... A João era uma menina ríspida às vezes, é verdade, mas ainda assim doce... E Otto... Otto também nunca o obrigara a fazer sexo... Zak fez porque quis! Nenhum... Nenhum deles merecia aquilo.*

*Mas foi o que aconteceu. E podia acontecer comigo! Comigo! Eu era apenas uma peça no jogo dele, um objeto. Eu era como os outros. Nulo. Desprezível. E, ao menor sinal de perigo, descartável.*

*Tive vontade de vomitar outra vez.*

*Pensamentos e imagem se contradiziam. Diante de mim, um Zak indefeso, perdido diante da morte, implorando por mais algumas palavras que esclarecessem o assassinato dos pais. Em minha cabeça, um homem frio, de personalidade inconstante e dúbia, capaz de matar qualquer um. Capaz de matar o melhor amigo. Capaz de matar... os próprios pais.*

*– Eu te odeio! – gritou ele, socando o peito inerte da João, com raiva. – Por quê? Por que você não me contou?*

*Liberava todo o seu rancor, o choro lamurioso embalado por ofensas inflamadas e ameaças vis.*

*Ele perdera a guerra. Recusava-se a aceitar, mas era a verdade. Ele perdera. A João ali*

*caída, morta, desumanizada com dois tiros na barriga, era a vencedora. Ela havia oferecido a dúvida como tortura.*

*– Por quê?*

*Ajudei Waléria a vencer o fogo. Boa parte do dinheiro fora queimada, a fumaça no porão tornara-se insuportável. Cinzas surgiam do papel tostado, fagulhas pipocavam próximas ao sofá de espuma. Poucos pacotes tinham escapado ao fogo, mas o dinheiro não me importava mais. Agora, eu queria viver. Queria ver o Sol nascer no dia seguinte. Queria escrever mil histórias e esquecer esta merda de livro. Queria cultivar a vida, a felicidade.*

*E para isso eu precisava da arma. Para me proteger. Para evitar que Zak me matasse. Precisava pegar o revólver que estava próximo dele. Perigosamente próximo.*

*– Zak... – comecei, sem sair do lugar, esperando por qualquer reação impensada.*

*Um silêncio apavorante preencheu a espera por uma resposta. Ele baixou a cabeça, escondendo o rosto choroso no peito da João, as mãos agarrando a blusa ensanguentada.*

*Aquela era uma boa oportunidade para me aproximar. Tentar tranquilizá-lo, fortalecer a confiança dele em mim... E então pegar o revólver. Controlar a situação. Continuar vivo.*

*Lei da selva.*

*Waléria se assustou quando me aproximei. Por uma troca de olhares, entendeu o que eu pretendia fazer... Ela também queria viver. Ela também queria escapar do porão fumacento e repleto de defuntos. Agora estávamos juntos. Juntos contra Zak. Contra uma fera perigosa. E armada.*

*Se eu conseguisse pegar o revólver, as chances dele diminuiriam. Mesmo que as balas continuassem com ele, pelo menos não poderia atirar em nós. Seria uma disputa meramente física. Dois contra um. Ainda que ele fosse mais forte do que eu e a Waléria, juntos nós podíamos vencê-lo.*

*– Você, sua puta! – gritou ele, levantando repentinamente a cabeça e olhando para ela.*

*Eu estava a poucos centímetros da arma e recuei assustado, temendo levantar suspeitas. No estado em que ele estava, qualquer movimento brusco era suficiente para acuá-lo.*

*Senti minhas esperanças descerem pelo ralo quando ele pegou o revólver, decidido.*

*Pronto. Agora ele estava armado. Não havia saída.*

*Sacudiu a arma no ar, ameaçador, e se levantou com certa dificuldade.*

*– Você, sua puta! – repetiu, a voz inebriada pelo álcool. – Foi você, não foi?*

*– Do que... – ela se engasgou, desesperada. – Do que você está falando?*

*Arregalou os olhos assustados, as sobrancelhas grossas transformadas em meros filetes escurecidos entre a testa franzida e os cílios alvoroçados. Waléria levantou as mãos em sinal de rendição enquanto Zak se aproximava, a arma apontada na direção dela.*

*– Meu Deus, Zak, o que você pretende fazer?*

*Eu posso sentir o medo na voz dela. Basta um tiro. O fim das sensações, das memórias, dos momentos, dos sonhos... Assim, de repente. Um furo, um pequeno e certeiro furo. É o fim*

*da vida. Tornamo-nos um monte de carne mole, fria, vazia de pensamento.*

*– Você, Waléria... – murmurou ele, o rosto vermelho num misto de ódio, lágrimas e suor. – Você matou meus pais...*

*Ela soltou um gritinho de espanto, enquanto balançava a cabeça em negativa.*

*– Eu nunca...*

*Encostou o corpo contra a parede, sem ter mais aonde ir para escapar do Zak.*

*– Eu não fiz...*

*– Foi você! – berrou ele, a poucos centímetros dela. – Foi você! Eu sei que foi você! Assuma!*

*Ela fechou os olhos, trêmula de horror. As lágrimas começaram a brotar espontaneamente, numa súplica desesperada. Seu corpo obeso chacoalhava.*

*– Zak... – começou ela, tentando controlar a respiração ofegante. – Zak, eu juro que...*

*– Não! – disse ele, raivoso. Levantou a arma, apontando-a para ela. – Não adianta jurar! Eu... Eu não acredito em nada do que você diz! Em nada!*

*– Zak, por favor, não me mate! – implorou ela, entre soluços. Soltou um gemido sufocado ao entreabrir os olhos e ver a mira na direção do seu rosto.*

*O tiro a acertará em cheio.*

*No calor do momento, parecem ter se esquecido de que a arma não está carregada. As duas balas restantes estão no bolso do Zak. Se eu ao menos pudesse me aproximar... Se, de alguma forma, eu conseguisse ter acesso à munição... Sairíamos vivos.*

*– Eu não fiz nada, Zak. Não me mate! Não me mate, por favor!*

*Deus, eu estou com pena dela!*

*É bem verdade que não simpatizo com a Waléria, mas mesmo assim... Parece evidente que ela não fez nada. O desespero nos olhos e o tremor em cada palavra confirmam a inocência dela...*

*– Eu não fiz nada, Zak... Eu... Eu juro!*

*– Não adianta, Waléria. Não adianta. Eu sei que foi você... – disse ele, pausadamente. – Só quero que você assuma. Quero que me diga por que fez isso, Waléria... Por quê?*

*Silêncio.*

*Soluços.*

*– Por quê?*

*Pressionou o cano da arma contra a testa dela com uma raiva brutal. Passeou o revólver pelo rosto, borrando as lágrimas da bochecha, enquanto Waléria gemia, implorando por piedade.*

*Era um animal indefeso prestes a ser sacrificado. E eu, mero espectador, tinha que fazer alguma coisa. Impedir que mais uma loucura fosse cometida. Mais derramamento de sangue, a perda de uma vida...*

*Mas o que fazer? Partir para cima do Zak e roubar a arma dele? Não, não! Eu tinha que*

*agir racionalmente... Ele era mais forte. E a Waléria não estava mais em condições de me ajudar. Não... Eu tinha que pensar em outra coisa...*

*Passando os olhos pelo porão, procurei algo de útil. Pilastras, corpos, o sofá depenado, a fortuna queimada, o martelo, a mesa quebrada, sangue...*

*Senti um arrepio. O martelo... Sim, o martelo! Pude vê-lo nas minhas mãos. O Zak de costas, ameaçando Waléria, sem perceber qualquer movimento meu... E então, o desfecho. O golpe certeiro na cabeça. A ferramenta pesada abrindo uma fresta em seu crânio e acabando com aquele pesadelo.*

*– Por que você fez isso, Waléria? Pelo dinheiro? – continuava Zak, pouco se importando com o que eu estava fazendo.*

*Engatinhei pelo chão de tábua corrida pastoso de sangue, evitando deslizar.*

*– Naquele dia, Waléria... Naquele dia que você foi à minha casa dizer que estava grávida e eu te enxotei de lá... Foi naquele dia? Foi naquele dia que você decidiu se vingar e matar meus pais?*

*– Eu não matei ninguém!*

*O diálogo deles se tornava uma conversa ao fundo. Lamúrios e acusações pontuavam meus passos. As vozes a distância misturavam-se às batidas do meu coração.*

*Se Zak olhasse para trás, seria o meu fim. Mas não havia tempo para pensar nessas coisas.*

*Ultrapassei a primeira pilastra. O porão parecia incrivelmente maior agora. Poucos metros se transformavam em quilômetros diante dos meus olhos.*

*Fiquei tonto. Meu corpo pesava e as pernas travavam, empapadas no sangue. Não podia fraquejar... Tinha que pegar o martelo! Lutar pela minha vida!*

*Provavelmente, Zak já percebera que eu estava me movendo. Provavelmente já entendera o que eu pretendia fazer. Devia estar vindo me matar. Rindo de mim a rastejar pateticamente, tonto, ensanguentado.*

*Eu devia fugir. Mas fugir para onde? Não havia saída... A chave... A chave, o Lucas jogara pela fresta da porta... Estávamos trancados.*

*De repente, vi o martelo. A poucos centímetros de minha mão esquerda, banhado numa poça de sangue.*

*Peguei-o. Senti o seu peso, a textura do cabo de madeira. E isso me proporcionou uma lufada de esperança. Eu estava subitamente seguro. Protegido.*

*Me levantei e olhei para a outra extremidade do porão. Eles continuavam a discutir. Ela estava de joelhos, a cabeleira vermelha cobrindo o rosto choroso. Ele ainda apontava a arma, como se fosse executá-la.*

*Escondi o martelo sob a camisa. Caminhei devagar na direção deles. As palavras, aos poucos, voltavam a fazer sentido.*

*– ...pelo dinheiro! Sempre a merda do dinheiro! – disse Zak. – Você soube que meu pai iria*

*mudar o testamento. Tirar metade dos meus bens. E isso atrapalharia o seu golpe do baú! Sim, o seu golpe do baú tão bem arquitetado!*

*Uma gota de suor me desceu pela testa.*

*Estava a poucos metros dele. Quase nada.*

*– Agora tudo faz sentido, Waléria! – ele continuou. – Como não percebi antes? Naquela sexta-feira você foi expulsa da minha casa... Uma semana depois, na sexta seguinte, eu soube que seu pai tinha sido demitido do emprego... Você, claro, achava que meu pai tinha culpa nisso... E decidiu se vingar... "Um plano criado às pressas", disse o delegado. No dia seguinte, sábado, você assassinou os meus pais! Você contratou alguém para provocar aquele acidente!*

*Agora eu já podia ver a nuca eriçada do Zak. Preparei o martelo em posição de ataque.*

*– Eu não fiz nada, Zak... Eu... Eu nem sabia que seus pais estavam viajando!*

*– Mas é claro que sabia... Sim, você sabia! – bradou ele, mais irritado à medida que falava. – Na sexta, pouco depois de eu ter te expulsado da minha casa, sua mãe ligou para falar com a minha. Queria agendar para a semana seguinte uma conversa amigável entre as duas famílias para decidir o assunto do bebê... Mas... Mas... Eu me lembro porque estava na extensão escutando... Minha mãe disse que na semana seguinte viajaria para a casa de campo e só voltaria no sábado... Sim, ela disse! Sua mãe sabia que eles iriam viajar! Sabia que só estariam de volta no sábado... Foi por isso que a João disse que o assassino recebeu ajuda da mãe... Sua mãe te contou quando meus pais voltariam de viagem...*

*Eu estava prestes a desferir o golpe quando algo me veio à cabeça. A imagem da João resfolegando, nos provocando em seus últimos segundos de vida, o rosto doce desfigurado pelo medo da morte.*

*"Fez com a ajuda da mãe...", ela dissera. "Com a ajuda da mãe..."*

*Parei.*

*"Fez com a ajuda da mãe..."*

*Lembrei da Waléria gritando, enquanto dava um tapa na cara do Getúlio: "Eu te mato, seu desgraçado! Se você tirar o emprego do meu pai, eu te mato! Você acha que pode controlar a vida dos outros assim? Fazer o que bem entende? Se meta comigo e eu te mato! Vou até o inferno para acabar com sua vida, seu filho da puta metido!".*

*Gelei. E se eu estivesse errado? E se Waléria fosse mesmo responsável pela morte dos Vasconcellos?*

*– Sua assassina!*

*Qual deles estava mentindo?*

*– Eu não fiz nada, Zak! – repetiu ela. Mas, desta vez, não me pareceu ser a verdade.*

*– A João também estava no pôquer naquele dia. Ela viu você ameaçando o meu pai de morte... Quando teve o acidente, ela deduziu que tinha seu dedo nisso tudo... Ela deve ter te*

*chantageado e você, fraca como é, assumiu. Por isso ela sabia! Por isso ela sabia quem é o assassino!*

*– Eu sou inocente. Eu sou inocente!*

*– Assuma, Waléria! Assuma o que fez!*

*O martelo pendeu nos meus braços, inerte. Eu não sabia o que fazer.*

*De súbito, pensei em matar os dois. Acabar com o problema. Garantir minha segurança. Sim! É isso o que eu devia fazer! Ficar sozinho, livre do assassino, quem quer que fosse ele! Esperar até que alguém viesse nos procurar aqui em Cyrille's House...*

*Ergui o martelo novamente. Ajeitei o cabo na palma da mão. Pronto. Agora era só descer a ferramenta. Na nuca do Zak. E depois na Waléria.*

*Simples.*

*Em menos de um minuto eu podia acabar com os dois. E então encontrar a paz.*

*Respirei fundo, sentindo o odor característico do Zak me invadir as narinas. Sua nuca se oferecia para mim, esperando o golpe. Fechei os olhos.*

*– Assuma o que fez, Waléria! Assuma! Você conseguiu! Acabou com a minha vida, acabou comigo! Não é isso o que você queria? Pois já conseguiu! Assuma! – gritava Zak. Suas últimas palavras...*

*Agora.*

*Como que preso ao teto, meu braço não foi capaz de desferir o golpe. Mesmo depois de ter visto tudo o que Zak tinha feito, eu não fui capaz de matá-lo. Algo mais intenso e vivo do que minha própria autodefesa me impedia de fazê-lo...*

*– Você não vai mesmo me dizer, não é? – gritou ele, batendo com o revólver no rosto dela.*

*Ela gemeu, levando as mãos ao filete de sangue que brotava na bochecha esquerda.*

*Zak enfiou a mão no bolso, retirando uma bala.*

*– Você gosta de sorte, não é, Waléria? Tudo pra você não depende da sorte? – disse, enquanto introduzia a bala no tambor. Sem girá-lo, fechou a arma. – Eu poderia atirar na sua cara de vagabunda agora mesmo. Mas vou te dar uma chance... Uma chance, Waléria... De ficar viva.*

*Ela choramingou, incapaz de responder a qualquer coisa. Em frangalhos.*

*– Você pode assumir tudo o que fez... Ou pode confiar na sorte... O que prefere?*

*Silêncio.*

*– Vamos! Assuma o que fez!*

*Silêncio.*

*– Ok, então... – murmurou, parecendo embaraçado. – A escolha foi sua...*

*Com certa dificuldade, pegou a moeda da Waléria que estava no bolso. Balançou-a entre os dedos indicador e polegar, revelando as duas faces idênticas.*

*– Então você escolheu a sorte, Waléria. A sua sorte – explicou com um sorriso. – Se der coroa, você vive... Se der cara... Bem, você já sabe...*

*– Não, Zak... Por favor, não me mata! – implorou, desesperada.*

*– Não é assassinato, Waléria – sentenciou ele, com uma tranquilidade desumana. – É uma questão de sorte, não é? Pura sorte...*

*Apoiou a moeda sobre a mão fechada e, sem esperar resposta, lançou-a no ar.*

# Capítulo 34

DIANA – “Não é assassinato, Waléria – sentenciou ele, com uma tranquilidade desumana.” *(PAUSA)* “– É uma questão de sorte, não é? Pura sorte...” *(PAUSA)* “Apoiou a moeda sobre a mão fechada e, sem esperar resposta, lançou-a no ar.”

AMÉLIA – Esse... Esse menino é muito cruel!

ROSA – Pra quem torturou um ser humano, como fez com meu filho, não é de surpreender...

DIANA – É o fim do capítulo dez.

*(CHORO)*

DIANA – Rebecca, por favor, tente se acalmar.

*(CHORO)*

REBECCA – É tudo tão horrível! *(SOLUÇOS)* Ter que ficar aqui, ouvindo minha filha morrer, como se eu estivesse lá, e não poder fazer nada... *(PAUSA)* E ter que escutar as acusações absurdas daquele louco... O que eu fiz pra merecer isso?

DIANA – Rebecca, é preciso que você fique calma pra podermos pensar com mais clareza, não acha?

REBECCA – Aonde você quer chegar, doutora? Vamos, me diga! A que merda de lugar você pretende chegar? Você não viu o que aconteceu? Esse louco assassino ameaçando minha filha de morte, pressionando-a, obrigando-a a confessar um crime que ela nunca seria capaz de cometer!

DIANA – Rebecca...

REBECCA – Ela era inocente! *(VOZ ALTERADA E CHOROSA)* Aquilo que ela disse de matar o Getúlio foi um impulso de raiva... Ela não seria capaz disso! *(PAUSA)* Minha filha implorou para viver... Mas aquele desgraçado não cedeu nem por um instante... Não! Ele queria matá-la! *(SOLUÇOS)* Matá-la de qualquer jeito! Assim como fez com os outros!

DIANA – Se ele quisesse apenas matá-la, era só puxar o gatilho e pronto... Mas não... Ele fez a proposta da moeda, deu tempo à Waléria para confessar o crime. *(PAUSA)* Ele realmente acreditava que ela era a culpada.

REBECCA – Minha filha não fez nada! Ela não faria mal a ninguém!

DIANA – Não estou dizendo que ela fez alguma coisa, Rebecca... *(PAUSA)* A questão é que o Zak acreditava na culpa dela. E deu tempo para que ela confessasse.

OLÍVIA – Vocês me desculpem, mas... *(PAUSA)* Eu fui a única que achou os argumentos do Zak válidos? O raciocínio dele fez sentido pra mim... *(PAUSA)* Realmente parece que a Waléria é a assassina.

REBECCA – Isso é um absurdo! A minha filha... *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Sim, Olívia, a dedução do Zak faz sentido. *(PAUSA)* Se recapitularmos os episódios anteriores à roleta-russa...

REBECCA – Mas vocês não veem? Se ela disse que ia matar o Getúlio, foi da boca pra fora! *(VOZ ATÔNITA)* Ela... Ela estava com raiva! Tinha ido lá avisar que estava esperando um bebê do Zak e foi tratada daquele jeito, ameaçada, como se fosse uma pistoleira qualquer... Ela ficou com raiva e foi só! Disse tudo isso só por dizer! Ela nunca...

DIANA – *(FARFALHAR DE PAPÉIS)* Ela disse para o Getúlio: *"*– Eu te mato, seu desgraçado! Se você tirar o emprego do meu pai, eu te mato! Você acha que pode controlar a vida dos outros assim? Fazer o que bem entende? Se meta comigo e eu te mato! Vou até o inferno para acabar com sua vida, seu filho da puta metido!".

REBECCA – Você não pode estar falando sério...

DIANA – No quarto do Alessandro, em Copacabana, nós encontramos anotações referentes a esse dia, 22 de agosto. Ele estava lá. Presenciou toda a cena. É bastante provável que a Waléria tenha dito exatamente essas palavras.

REBECCA – Mas...

DIANA – Naquela mesma sexta-feira, você ligou para os Vasconcellos e conversou com a Maria Clara pelo telefone, não é, Rebecca?

REBECCA – Sim. Pouco depois... *(PAUSA)* A... A minha filha chegou em casa aos prantos, dizendo que tinha sido expulsa antes mesmo de explicar toda a situação... *(PAUSA)* Eu fiquei tão irritada... Muito irritada mesmo! Esses ricaços acham que podem tudo só porque têm dinheiro! Mas não é assim. *(PAUSA)* Eu liguei pra conversar pacificamente. Reclamar do jeito como trataram minha filha...

OLÍVIA – Você conversou com a Maria Clara?

REBECCA – Sim... *(VOZ HESITANTE)* Sim. Por quê?

OLÍVIA – Não sei... É que você tinha dito que não conhecia os Vasconcellos... *(PAUSA)* Você tinha dito que era inocente porque não conhecia os Vasconcellos... E agora está dizendo que conversou com a Maria Clara.

REBECCA – Sim, eu conversei! *(VOZ EMBARAÇADA)* Conversei pelo telefone! Isso não quer dizer que eu os conhecia! Nunca os vi pessoalmente...

DIANA – Você quis marcar um encontro com a Maria Clara, não é?

REBECCA – Sim, mas...

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Mas o quê?

REBECCA – Mas... *(VOZ HESITANTE)* Ela disse que viajaria na semana seguinte para a casa de campo... Era uma mulher tão esnobe! Nos poucos minutos que conversamos, falou das viagens, das propriedades, das riquezas... Era uma metida!

DIANA – Então a Maria Clara disse que não poderia se encontrar porque iria viajar na

terça, 26, e só voltaria no sábado, 30?

REBECCA – Eu não me lembro de ela ter dito as datas exatamente... *(PAUSA)* Ela... Ela disse que não poderia conversar porque estaria viajando... Mas não disse quando voltaria.

DIANA – Entendo.

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

OLÍVIA – O Zak não disse que escutou a conversa na extensão? *(PAUSA)* Pelo que entendi, segundo ele, a Maria Clara disse que voltaria no sábado...

REBECCA – Eu não sou uma mentirosa, Olívia! *(PAUSA)* Estou dizendo o que eu lembro! *(PAUSA)* E não me lembro de ela ter dito que voltaria no sábado, no domingo ou em qualquer outro dia! Ela não tinha que ficar me dando satisfações!

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – O Zak disse para a Waléria: – "Eu me lembro porque estava na extensão escutando... Minha mãe disse que na semana seguinte viajaria para a casa de campo e só voltaria no sábado...".

REBECCA – Eu não sabia! Eu não... Eu juro que não sabia de nada disso!

OLÍVIA – Isso explica o que aquela menina disse... Sobre o assassino ter recebido ajuda da mãe.

REBECCA – Minha filha não matou os Vasconcellos! Vocês precisam acreditar em mim! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Fique calma, Rebecca. *(PAUSA)* A Maria João disse que o assassino, de alguma forma, recebeu ajuda da mãe. Mas ela não disse que tipo de ajuda. *(PAUSA)* É possível que essa mãe tenha ajudado propositadamente ou sem querer.

REBECCA – O que você está dizendo?

DIANA – Estou dizendo que você, sem perceber, talvez tenha dito à Waléria que a Maria Clara voltaria de viagem no sábado.

REBECCA – Eu não...

DIANA – Tente lembrar, Rebecca... Depois da ligação... O que você fez depois da ligação?

REBECCA – Eu... Eu fui tentar consolar minha filha...

DIANA – Então... Enquanto você consolava a Waléria... Tente lembrar... Você não disse em momento algum que tinha ligado para a Maria Clara?

REBECCA – Sim, eu disse. Mas...

DIANA – E você também não disse que tentou marcar uma conversa com ela? Não disse que ela viajaria para Cyrille's House e, por isso, não poderia conversar na semana seguinte? Não disse que ela voltaria no sábado e que, então, poderiam agendar um encontro?

REBECCA – Não! Não! Já repeti mil vezes! *(PAUSA)* Eu não disse nada disso à Waléria... Vocês precisam acreditar em mim...

DIANA – Uma semana depois, na sexta, 29, seu marido foi demitido, Rebecca. *(PAUSA)* Demitido por corte de pessoal. *(PAUSA)* Seu marido trabalhou por dezoito anos naquela

empresa, era considerado um funcionário exemplar e, mesmo assim, foi demitido no primeiro corte de pessoal...

REBECCA – Sim... *(VOZ LEVEMENTE CHOROSA E FRACA)*

DIANA – Agora me diga, Rebecca, como a Waléria reagiu a tudo isso? Como ela ficou ao saber dessa demissão?

REBECCA – Ela... *(PAUSA)* Ficou claro que o Getúlio era o responsável por tudo. *(PAUSA)* Ele tinha prometido que conseguiria a demissão do meu marido... E cumpriu a ameaça... *(SOLUÇOS)* Eu não trabalho, doutora. E também não nasci em berço de ouro. As contas lá de casa eram pagas pelo emprego dele. O emprego que aquele filho da puta do Getúlio tirou...

DIANA – Rebecca...

REBECCA – Eu estou dizendo, doutora. Não matei ninguém. Minha filha também não matou ninguém. *(PAUSA)* Mas Deus abençoe quem quer que tenha feito isso por mim. Aquele desgraçado merecia algo muito pior que a morte... Ele e toda a maldita família dele...

DIANA – Na sexta, seu marido foi demitido. No sábado à tarde, ocorreu o homicídio. Um homicídio preparado às pressas para simular um acidente de trânsito.

OLÍVIA – A Waléria teve uma noite pra planejar tudo...

REBECCA – A minha filha não...

DIANA – Sim, Olívia. Uma noite. *(PAUSA)* Tempo suficiente pra contratar gente que faça o serviço. *(PAUSA)* Na manhã do sábado, eles sabotaram os freios... Depois foi só colocar o restante do plano em prática. Um veículo sem placa pra fechar a Pajero dos Vasconcellos, e estava feito.

REBECCA – Minha filha não matou ninguém! *(VOZ EXALTADA)* E quem são esses assassinos de aluguel? Onde estão eles?

DIANA – Rebecca... Eu sei que é difícil pensar nisso... Ver os fatos por outro ângulo. Mas tente pensar friamente. É possível que você não saiba de nada, que tenha ajudado sem perceber...

REBECCA – Minha filha não matou ninguém, doutora. Se você não quer acreditar, isso não é problema meu. *(PAUSA)* Minha teoria é outra. Ela também responde às suas perguntas... *(PAUSA)* O Alessandro matou os Vasconcellos.

DIANA – Eu já disse, Rebecca. Não há motivo.

REBECCA – Existem milhares de motivos possíveis que nós não conhecemos! Ele poderia ser apaixonado pelo Zak ou qualquer coisa assim... Poderia invejar o Zak e cometer uma loucura dessas, não é?

DÉBORA – Meu filho era amigo do Zak...

REBECCA – Exatamente! Você não quer que as suas peças se encaixem? Pois elas se encaixam! *(PAUSA)* Como explicar que a Débora e o seu filhinho tenham recusado viajar para Cyrille's House justamente no dia do crime? Parece que eles conseguiram prever o que iria acontecer... Como se já soubessem que ocorreria um acidente de carro...

DÉBORA – Eu estava com câncer! *(VOZ EXALTADA)* Você é burra ou o quê, sua infeliz? *(PAUSA)* Está insinuando que eu matei meus amigos, os meus amigos!, só porque não viajei com eles para Cyrille's House e, graças a Deus, não estava naquele acidente? *(PAUSA)* Pois eis aí a sua resposta: câncer! Eu tinha acabado de descobrir um tumor no estômago. Tive que marcar uma cirurgia às pressas... Eu certamente não estava no clima para viajar para uma casa de campo!

REBECCA – Uma desculpa muito conveniente a sua... *(VOZ RÍSPIDA)*

DÉBORA – Engula as suas palavras, Rebecca! Então agora você acha que eu escolhi ter câncer? *(PAUSA)* O que você quer, sua desgraçada? Quer que eu tire essa merda dessa peruca, quer ver a minha cabeça raspada pra ter a certeza de que eu estou dizendo a verdade?

REBECCA – Eu não...

DÉBORA – Eu poderia ter morrido... *(CHORO)* Eu estava desesperada... E... *(SOLUÇOS)* Foi tudo tão horrível! Eu estava com muito medo! A operação aconteceu no dia 07... O mesmo dia da roleta-russa... *(PAUSA)* Quando acordei no pós-operatório, fiquei tão feliz... Parecia um milagre estar viva! *(PAUSA)* Mas o Alessandro não foi me visitar no quarto. E eu achei aquilo estranho... Tentei ligar no celular dele e não consegui. Comecei a ficar preocupada. Mas eu estava presa na cama, recém-operada, sem poder sair. E então... *(CHORO)* E então no dia seguinte... Na segunda de tarde, eu recebi a visita da polícia... Eles me disseram que meu filho estava morto... Que tinha se suicidado numa roleta-russa com os amigos, enquanto eu era operada... *(PAUSA)* Eu não pude fazer nada! Eu estava imobilizada naquela maca... Eu... *(CHORO)*

DIANA – Fique calma, Débora. Beba um copo d'água.

REBECCA – Não estava duvidando do seu câncer. Eu só quero defender a minha filha! Ela seria incapaz de matar alguém! *(PAUSA)* Já o Alessandro, sim! Ele pensou em matar o Zak... Chegou a pegar um martelo!

DIANA – Sim, Rebecca. Ele pegou o martelo. *(PAUSA)* Mas não teve coragem de desferir o golpe, não é? Na hora decisiva ele desistiu...

REBECCA – Isso não importa... A questão é que ele pensou em matar... Passou pela cabeça dele a possibilidade de cometer um ou dois assassinatos para se ver livre do problema... *(PAUSA)* Minha filha nunca pensaria em matar alguém! Eu sei o que estou dizendo. Já o Alessandro chegou muito perto de matar o Zak...

DÉBORA – Meu filho estava com medo! Com medo, entendeu? *(VOZ EXALTADA)* Ele tinha acabado de se dar conta de que o melhor amigo dele era um assassino! Um assassino que tinha torturado e matado gente na frente dele! Ele... Ele se sentiu indefeso... Percebeu que poderia ser o próximo... *(PAUSA)* Pegou aquele martelo pra lutar pela própria vida! Pela vida dele e a da sua filha também! Da sua filha, sua mal-agradecida!

REBECCA – Minha filha está morta! Morta por um filho da puta que decidiu a vida dela ao jogar uma moeda para o alto!

DÉBORA – Meu filho também está morto, merda! *(CHORO)* Você fala como se fosse a única a sofrer aqui...

AMÉLIA – Todos os nossos filhos estão mortos. Mortos e enterrados. *(PAUSA)* Pouco importa descobrir o assassino dos Vasconcellos nessa história toda... Quem quer que seja, já recebeu sua punição... Já está morto...

DIANA – Não é essa a questão, Amélia. É preciso esclarecer tudo! É preciso chegar à verdade...

AMÉLIA – Eu não ligo para a verdade! Quero viver em paz... Esquecer tudo isso, deixar pra trás... Será que consigo? *(PAUSA)* Alessandro ou Waléria... Não importa quem matou os Vasconcellos... Não importa quem causou toda essa desgraça... Eu só quero esquecer!

DIANA – Você disse que não há como punir o culpado... Mas está esquecendo que alguém aqui, dentro desta sala, pode ter ajudado o próprio filho a matar os Vasconcellos. Alguém aqui dentro pode e deve ser punido.

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

REBECCA – Por que estão olhando pra mim? *(PAUSA)* Vocês estão achando que eu descobri quando os Vasconcellos voltariam de viagem e avisei à Waléria de propósito, não é? Eu já disse que não sabia de nada... Eu não...

DIANA – Ninguém disse isso, Rebecca.

OLÍVIA – Se a carapuça serviu...

REBECCA – Eu não sei o quê...

DIANA – Vocês estão se esquecendo das outras pessoas. Quero dizer, não necessariamente a Waléria, o Zak ou o Alessandro tenha matado os Vasconcellos. Os outros, que já estavam mortos quando a Maria João fez aquela revelação, também podem ter feito isso... O Otto, o Noel, a Ritinha...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

OLÍVIA – Por que não acaba logo de ler esse livro para podermos ir embora?

DIANA – Vocês não...

REBECCA – Eu vou embora. Não aguento mais isso aqui... *(PAUSA)* Sou suspeita de um crime que jamais seria capaz de cometer! E agora vou ter que escutar a narração daquele desgraçado atirando na minha filha? *(PASSOS APRESSADOS)* Nem pensar!

DIANA – Espera, Rebecca... Não aconteceu como você está pensando...

REBECCA – Como assim?

DIANA – O Zak não atirou na Waléria. *(PAUSA)* Ela... Ela não morreu naquela hora. *(PAUSA)* Vocês vão entender quando eu ler o capítulo.

REBECCA – Então ele não atirou? Ela confessou alguma coisa? *(VOZ EMBARAÇADA)* Eu não... Ela... Ela confessou todo esse absurdo?

DIANA – Eu vou ler o capítulo. É um capítulo, digamos, especial... Diferente... *(PAUSA)* Não segue a numeração... Nós o chamamos de capítulo onze simplesmente porque vem logo

após o capítulo dez escrito pelo Alessandro.

AMÉLIA – E por que diabos o Alessandro não numerou esse capítulo?

DIANA – Porque... *(PAUSA)* Porque esse capítulo não foi escrito por ele. Foi escrito pela Waléria.

REBECCA – Pela minha filha?

DIANA – Sim... Foi feito um exame grafotécnico. Sem dúvida, é a caligrafia dela.

REBECCA – Por que ela escreveria um capítulo dessa porcaria de livro?

DIANA – Na verdade, não chega a ser um capítulo... *(PAUSA)* É um texto de menos de uma página. Escrito às pressas, no calor do momento. *(PAUSA)* É nossa última referência ao que aconteceu naquele porão. O capítulo final. Depois dele, não há mais nada.

DÉBORA – E por que foi a Waléria que escreveu? Por que não foi mais o meu filho? O que aconteceu com ele? *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Vocês vão entender... *(PAUSA)* Posso lê-lo?

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Vamos lá, então. Quando eu acabar, poderemos tirar novas conclusões... *(PAUSA)* "*Capítulo onze...*"

# Capítulo 35

*[Capítulo 11]*

*o ale me salvou.*

*ele impediu o zak de atirar em mim... o zak ia atirar, eu sei que ia... o ale me salvou! ele pegou a moeda e disse pro zak que ele nao deveria fazer isso... eles estao conversando agora... conversando nao sei o que*

*o ale pediu preu escrever... preu escrever sem parar... mas eu nao sei o que escrever...*

*está quente aqui.... eu estou com medo... o zak ele ia me matar se nao fosse o ale..*

*eles continuam conversando... atras do sofa... falando baixo... a arma continua na mao do zak... o zak nao larga a arma...*

*tenho muito medo... o que o zak fez com o otto foi horrivel... ele ele arrancou os cilios do otto... e eu nao fiz nada... eu deveria ter feito alguma coisa pra evitar... mas eu bebi... eu nao deveria ter bebido... eu to mal... tonta, e está quente aqui...*

*eles continuam conversando... o ale está acalmando o zak... ele vai conseguir... e vamos ser felizes longe daqui.*

*eu quero esquecer tudo... quero esquecer os cilios arrancados... quero esquecer o noel trepando com a ritinha...*

*VIDA NOVA eu quero... e tudo vai dar certo...*

*VIDA NOVA, VIDA NOVA, VIDA NOVA.*

*a conversa continua... o que eles tanto falam? onde está a chave da porta do porao? eu nao sei, mas algum deles deve saber, eu espero...*

*e se o ale nao conseguir convencer o zak? eu nao quero morrer... eu posso criar meu filho sozinha e nao quero morrer! quero estar viva... estou tao arrependida... tao arrependida...*

*nao sei mais o que escrever... eles continuam conversando... o zak parece mais calmo agora... acho que tudo pode dar certo... o ale é bom com as palavras... deve conseguir convencer o zak que eu nao fiz nada...*

*eu sou inocente... eu nao matei os pais dele... eu juro que nao matei...*

*o zak está louco... ele inventou uma historia sem sentido... ele acha que eu sou uma assassina... mas eu nao sou... nao sou, nao.*

*o zak está gritando! merda, o zak está gritando com o ale... a conversa.... o zak está irritado... o ale deve ter falado alguma coisa pra ele que ele nao gostou... ele continua a gritar... o ale recua... o ale está com medo... merda, o zak apontou a arma pra ele... a*

*conversa fugiu de controle... o ale ergueu um martelo... o ale tem um martelo...*

*o zak atirou! o zak atirou no ale... ele, ele matou o ale... o ale está morto... morto... e agora o zak está vindo...*

*ele está vindo na minha direcao.*

*ele está vindo.*

*mas eu nao fiz nada.*

# Capítulo 36

DIANA – “Ele está vindo na minha direção. Ele está vindo. Mas eu não fiz nada...”

*(CHORO INTENSO)*

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – O texto acaba aqui. É o fim do capítulo onze. *(PAUSA)* Como eu disse, são apenas algumas linhas. Escritas pela Waléria. Assustada.

DÉBORA – É... É tão horrível... *(PAUSA)* Eu... Eu não queria ter escutado isso... O Zak... O Zak matando meu filho... *(CHORO)* Um amigo matando o outro... *(PAUSA)* Eu nunca pensei que ele seria capaz disso... Nunca pensei que pudéssemos terminar assim...

DIANA – Débora, tente se acalmar. Por favor, eu... *(PAUSA)* Vânia, pegue um copo d’água aí do lado pra ela.

*(SOLUÇOS)*

*(PASSOS)*

DÉBORA – Isso tudo é muito errado, doutora! Esta reunião aqui hoje, a roleta-russa, o acidente dos Vasconcellos... Nada disso deveria ter acontecido. *(PAUSA)* Desde aquele dia da cirurgia, minha vida se transformou num inferno... *(PAUSA)* Num inferno! *(SOLUÇOS)*

DIANA – Não fique assim...

*(PASSOS)*

DIANA – Beba a água, Débora. Vai te acalmar.

DÉBORA – Obrigada. *(CHORO)* Eu...

DIANA – O seu filho... Ele praticou um ato heroico antes de morrer. Poucos homens teriam a coragem de fazer o que ele fez... *(PAUSA)* Ele tentou salvar a Waléria. Impediu que o Zak atirasse nela. Enfrentou de frente o perigo.

DÉBORA – Eu sei... *(SOLUÇOS)*

DIANA – Nós não sabemos ao certo como aconteceu, mas, ao que parece, o Alessandro interveio antes que a moeda caísse de volta nas mãos do Zak. *(PAUSA)* Ele deixou o caderno de lado para salvá-la... Por isso não escreveu mais. *(PAUSA)* Chamou o Zak para uma conversa. Provavelmente tentou convencê-lo a desistir de tudo. A tentar a felicidade fora dali... *(PAUSA)* Enquanto isso, pediu para a Waléria escrever o que estava acontecendo. Em tempo real.

REBECCA – Minha filha estava tão nervosa!

DIANA – Sem dúvida. Ela só escreveu porque o Alessandro pediu. Afinal, pra ele, o livro não podia parar...

AMÉLIA – O que fez o Zak se irritar tanto?

DIANA – Nós não temos como saber... *(PAUSA)* A Waléria, por causa da distância, ou porque estava muito nervosa, não conseguiu ouvir a conversa. *(PAUSA)* É provável que o Alessandro tenha dado um passo em falso. Ele estava conduzindo a conversa muito bem. A Waléria chega até a dizer que o Zak parecia mais calmo. Porém, em algum momento, algo fez com que o Zak se irritasse.

OLÍVIA – Irritação suficiente para levar o Zak a matar o melhor amigo...

DIANA – Sim, Olívia. Mas, no estado de alucinação em que o Zak estava, qualquer pequeno deslize seria suficiente para provocar um surto de raiva. *(PAUSA)* Talvez o Alessandro tenha tocado no assunto "Otto" ou falado no assassinato dos Vasconcellos...

OLÍVIA – O Alessandro ainda tentou se defender...

DIANA – Sim. *(PAUSA)* Segundo a Waléria, o Alessandro ergueu o martelo pra lutar com o Zak. Mas não deu tempo. A arma estava carregada, com a bala na primeira câmara. Foi só puxar o gatilho.

*(CHORO INTENSO)*

DÉBORA – Ele... Ele atirou no meu filho sem hesitar! *(VOZ EMBARAÇADA)* Esse não é o Zak que eu conheci! Não pode ser!

AMÉLIA – A Waléria não fez nada pra impedir. Não ajudou o Alessandro a enfrentar o Zak...

REBECCA – Minha filha estava com medo! E o Zak estava armado! Ela não podia fazer nada, podia?

OLÍVIA – Podia largar o maldito caderno e tentar ajudar o Alessandro a neutralizar o Zak!

REBECCA – O Alessandro pediu pra ela ficar escrevendo! Você não ouviu? *(PAUSA)* Eu disse... Eu tinha dito que minha filha era inocente! Vocês não quiseram acreditar... Eu disse que ela não matou os Vasconcellos...

OLÍVIA – E daí?

REBECCA – Ora, ela escreveu que era inocente! No momento de desespero, confirmou o que venho dizendo desde que começaram essas suposições absurdas... *(PAUSA)* Minha filha era incapaz de matar uma barata! Ela não teve nenhuma culpa na morte deles!

AMÉLIA – Ela poderia estar blefando...

REBECCA – O quê? *(VOZ ATÔNITA)*

AMÉLIA – Isso que ela escreveu... Dizendo não ter feito nada. Pode ser mentira, não é? Quem garante que ela estava dizendo a verdade?

REBECCA – Minha filha estava desesperada! Sem saber o que escrever! Com medo de morrer... Por que ela mentiria?

AMÉLIA – Pra se fingir de inocente. Caso o Alessandro não conseguisse convencer o Zak a desistir de tudo, ela poderia mostrar aquele caderno, mostrar que tinha escrito que era inocente...

REBECCA – Isso é um absurdo! Vocês não param de dizer absurdos! Ela... Ela seria incapaz de...

DÉBORA – Sua filha não era uma santa! *(VOZ EXALTADA)* Pare de falar como se ela fosse! *(PAUSA)* O Alessandro salvou aquela desgraçada e ela não fez nada, nada!, para ajudá-lo depois!

REBECCA – Eu...

DIANA – Vocês precisam entender que tudo aconteceu muito rápido. Sem tempo pra que alguém raciocinasse e agisse com lógica. *(PAUSA)* A briga começou, o Zak atirou e o Alessandro caiu morto. *(PAUSA)* Restaram duas pessoas. A Waléria e o Zak. *(PAUSA)* O Zak, armado, avançou em direção à Waléria, e o capítulo acabou. Nós não sabemos o que veio depois...

AMÉLIA – É provável que a Waléria tenha tentado se defender, não é? *(PAUSA)* Deixou o caderno de lado pra tentar continuar viva...

VÂNIA – O Zak estava armado... Qualquer movimento dela e ele atiraria.

DIANA – Não, não... Talvez ela tenha tido tempo de se defender, sim... *(PAUSA)* O Zak estava armado. Mas o revólver não estava carregado.

VÂNIA – É mesmo! Eu tinha me esquecido disso...

DIANA – O Zak ainda teve que pegar a munição no bolso, abrir o tambor, carregar o cilindro para, aí, sim, atirar.

REBECCA – Mesmo assim, não é muito! Minha filha estava tonta! Ela não teve chance!

DIANA – É possível que eles tenham lutado. Ou que a Waléria tenha tentado convencê-lo de que não fez nada... Enfim, não temos como saber. *(PAUSA)* Se estivermos certos, pouco mais de duas horas depois eles foram encontrados... Um tempo de aproximadamente cento e cinquenta minutos entre o último capítulo, escrito pela Waléria, e a chegada dos policiais ao porão.

OLÍVIA – Certo.

DIANA – Nós não sabemos exatamente o que aconteceu nesse período... *(PAUSA)* Mas algo aconteceu pra deixar o porão naquele estado... *(PAUSA)* Consumido pelas chamas... Os corpos do Lucas, da Maria João, do Alessandro e da Waléria carbonizados... Os corpos da Ritinha, do Noel, do Otto e do Danilo brutalmente violados...

ROSA – E aquele desgraçado vivo...

DIANA – Sim. *(PAUSA)* E o Zak vivo.

# Capítulo 37

DAS ANOTAÇÕES DE ALESSANDRO PARENTONI
DE CARVALHO – CASO CYRILLE'S HOUSE
IDENTIFICAÇÃO: 15634-0609-08
ENCONTRADO EM: 10 DE SETEMBRO DE 2008
NO QUARTO DA VÍTIMA SUPRACITADA
OFICIAL RESPONSÁVEL: JOSÉ PEREIRA AQUINO –
12.ª DP – COPACABANA

*06 de setembro de 2008 – Sábado*

Hoje faz uma semana que os pais do Zak morreram.

Impressionante como nossa vida pode mudar bruscamente em sete dias. Cento e sessenta e oito horas. O tempo necessário para se chegar ao fundo do poço. Para desejar cometer um suicídio e deixar toda essa merda de vida para trás.

Livro... Acidente... Assassinato... Acusações... Homossexualismo... Câncer... Loucura... Tudo isso me sufoca de tal modo que prefiro a morte. Prefiro a paz que nos espera quando o coração para de bater.

Se é que isso é possível, hoje eu acordei pior do que nos últimos dias. Minha cabeça latejava, nem mil aspirinas acabariam com a dor.

Minha mãe me agitou na cama, a voz medrosa dizendo que estávamos atrasados.

– Não quero ir – murmurei, sonolento.

A missa de sétimo dia do casal Vasconcellos. Marcada para as dez da manhã. Na Igreja da Candelária.

A ideia de sair da cama, tomar banho, vestir roupa e pegar o carro já me causava náuseas. Deitado na cama, os olhos fechados, eu podia antever as horas seguintes. Igreja lotada, imprensa, fotógrafos e lágrimas de crocodilo...

Levantei-me com dificuldade. O corpo em movimento, mas a mente ainda adormecida. Girei a torneira e molhei o rosto na água fria, tentando despertar. Quando me olhei no espelho, gotículas de água caindo pelas bochechas, me vi mais velho. Com barba branca, óculos de lente grossa e rugas nos olhos...

E então me dei conta de que não teria mais nada disso.

Era o último dia.

O derradeiro...

Simplesmente acabou. Haverá um ponto final no dia 07 de setembro. O dia da cirurgia da minha mãe. O dia em que o suicídio seria a solução. A única escapatória de um mundo de bosta.

– Vamos, Alê.

Meus olhos encontraram os do Zak. Por um segundo, me pareceu que ele tinha pensado o mesmo que eu. Amanhã estaremos mortos.

Compartilhamos o segredo fúnebre em silêncio, com um sorriso tímido para mascarar nossos rostos retesados. Ele me deu um abraço firme, pressionando meu corpo fino contra seu tórax rígido. Eu retribuí.

Quando nos afastamos, ele segurou minha mão. Embalou-a com agilidade, palma contra palma, os dedos compridos mantendo a conexão. Ficou parado, esperando que eu o guiasse. Iniciamos alguns passos pelo corredor, as mãos dadas, como um casal enamorado passeando pelo parque.

Otto.

A figura daquele desgraçado me surgiu inesperadamente, como um flash de segundos. Imaginei-o com Zak, na cama, pele roçando pele, pelo roçando pelo. Senti asco, um súbito nojo dos dedos ossudos do Zak a fixar nossa união. Aqueles mesmos dedos passearam pelo corpo do Otto, possivelmente fizeram coisas que eu nem imaginava.

Repulsa.

– Vamos, meninos! Não podemos nos atrasar mais! – gritou minha mãe, da cozinha.

Aproveitei o chamado para acelerar o passo. Quando chegamos à porta, larguei discretamente a mão do Zak e voltei para buscar um copo d’água.

Nunca entendi o sentido da missa de sétimo dia. Reunir familiares numa igreja para relembrar o recente falecimento de dois entes queridos não me parece uma atitude razoável. Principalmente quando esses dois entes eram ateus.

Ainda assim, lá estava eu, a caminho. No Aterro do Flamengo, o táxi a noventa por hora rumava para o centro da cidade. Olhei pela janela o céu escuro, o Cristo Redentor encoberto por um aglomerado de nuvens pomposas.

Entramos na Primeiro de Março, os prédios comerciais fantasmagóricos passavam rapidamente pelos meus olhos, como pilhas de concreto. O centro da cidade parecia morrer aos fins de semana, a calmaria angustiante brindando por dois dias o descanso antes da segunda-feira movimentada.

Chegamos ao cruzamento com a Presidente Vargas. Um agrupamento de minivans com o logotipo de emissoras na lateral rodeava a entrada da Igreja da Candelária.

Assim que saímos do táxi, Zak segurou minha mão novamente. Mas, desta vez, eu não recuei. Os repórteres nos cercaram. Perguntas, filmagens, fotos...

Fiz que não estavam falando comigo e forcei o passo na direção da entrada da igreja, Zak ao

meu lado, sem aliviar a mão.

Por um instante, pensei sobre os limites da imaginação de um jornalista de fofocas. E se estranhassem o fato de Zak estar de mãos dadas com um homem? E se, depois de tudo, Otto, enciumado, resolvesse assumir publicamente sua relação com Zak? Já podia até imaginar a notícia: "Jovem milionário órfão vai com o namorado à missa de sétimo dia dos pais".

Não, não, não! O que Otto iria pensar? Do jeito que era doente, desejaria me matar quando visse a foto no jornal do dia seguinte... Poderia achar que Zak estava andando comigo... Comigo!

Mas então eu me lembrei.

Otto não veria o jornal do dia seguinte.

Na verdade, nenhum de nós veria o jornal do dia seguinte.

A missa durou exatos noventa e seis minutos, dolorosamente contados no relógio. O padre se estendeu na homilia, mas não prestei atenção. E a igreja inteira também não. Eu podia sentir na nuca os olhares furtivos que nos lançavam. A plateia estava mais interessada nos movimentos e nas expressões do Zak que no sermão do padre. Meu amigo permaneceu quieto, os olhos fechados e a cabeça baixa. Ficou sentado durante toda a cerimônia, sem se importar com os momentos em que deveria ficar de pé. Manteve o semblante inabalável, como uma estátua pálida numa roupa preta.

– Ide em paz e que o Senhor vos acompanhe!

Um ronco grave e profundo ecoou pela igreja quando as pessoas se levantaram dos bancos. "Graças a Deus." Era hora de ir embora. Enfrentar o exército de pessoas na saída e os olhares de pena. Sim, Zak precisava do meu apoio para aguentar aquela gente.

Entre as cabeças alvoroçadas na multidão, encontrei a da parente, Maria de Lourdes. A irmã dedicada da Maria Clara. Seu rosto redondo sorriu ao ver que eu a observava, e ela acenou com a mão gorducha. Mascarei o desprezo num sorriso simpático e desviei o olhar rapidamente, antes que ela se sentisse convidada a se aproximar.

Continuei andando pelo vão central, fingindo ignorar o burburinho. Passamos pela grande portada, minha mãe ao lado, os olhos assustados esperando a hora em que seríamos devorados por jornalistas famintos.

– Vamos, vamos... – murmurou ela, dando tapinhas no ar para ver se andávamos mais depressa.

Num grupo de pessoas próximo à saída, encontrei mais rostos conhecidos. Sônia: tailleur bronze impecável, o cabelo ruivo num coque esmerado, tinha o olhar triste, mas rígido. Ao seu lado, de mãos dadas tal qual Zak comigo, o filho dela. Dan. Envergonhado, espremido na multidão.

– Zak, meu filho... – murmurou ela, avançando em nossa direção e abraçando meu amigo. – Seja forte, sim? Estarei sempre aqui para o que precisar...

Zak retribuiu o abraço, forçando um sorriso.

A mulher deu um tapinha no ombro do Danilo, e ele pareceu entender o comando. Timidamente, enlaçou Zak com seus bracinhos curtos, sob o olhar orgulhoso da mãe.

– Bom dia, Sônia – disse eu.

Ela se desculpou por ter me ignorado.

– Oh, sim... É que tem tanta gente aqui... Eu não te vi, Alessandro... Nos últimos tempos ando tão... – ela não encontrou a palavra, e tentou mudar logo de assunto. – O que exatamente vocês vão fazer amanhã?

Senti um arrepio. A princípio, pensei não ter entendido a pergunta, mas ela a repetiu, como se quisesse comprovar que eu a ouvira.

– O que exatamente vocês vão fazer amanhã?

Como ela poderia saber que pretendemos fazer algo amanhã? Do que ela estava falando? Era possível que soubesse da roleta-russa?

– Como assim? – foi o que consegui dizer.

– Vocês não vão ensaiar amanhã? – ela perguntou, parecendo meio perdida. – O Danilo disse que foi convidado pelo Zak a participar do...

– Sim – meu amigo interrompeu. – Eles querem ver se eu me distraio para... Para, enfim, esquecer tudo isso... E decidimos marcar um ensaio pra amanhã... Um ensaio da banda. No apartamento da saxofonista.

– Oh, sim...

– E decidimos convidar o Dan. Não é, Alê?

Eu estava sem palavras, recusando-me a acreditar no que acontecia ali. Zak só podia estar de brincadeira! Ou seria um sonho? Não! Não podia ser verdade! Ele... Ele tinha convidado Danilo para a roleta-russa! Meu Deus! O Danilo...

– Não é, Alê? – insistiu.

O que eu poderia fazer? Negar tudo o que Zak havia acabado de afirmar? Não. Sônia ficaria desconfiada, e nós teríamos que dar explicações. Explicações... Não havia nada a ser explicado. Nós apenas tínhamos decidido nos matar. E ponto.

– É... É... É, sim... – gaguejei.

– Pode ficar tranquila que eu cuido dele – disse Zak, com uma piscadela camarada para a mãe. – Não é, grande Dan?

O infeliz sorriu, satisfeito com a ideia de entrar em nosso círculo, sem saber o que aquilo significava. Eu sabia. Mas não fiz nada. Nem poderia fazer. Estava de mãos atadas, vendo toda a cena se desenrolar diante de mim.

– A que horas, então?

– Depois do almoço – disse Zak. – Eu vou de carro para lá e levo ele.

– Sim... Ótimo, ótimo! – respondeu ela, tão animada que nem parecia ter acabado de sair de uma missa de sétimo dia.

Meu amigo exibiu um sorriso amarelo. E então se afastou sem se despedir.
Fiz um cumprimento com a cabeça e o segui.
Zak estava entrando no táxi quando o puxei pelo braço.
– Que merda é essa que você está fazendo? Convidar o Danilo para a...
– Shhh! – fez ele, colocando o indicador diante da boca. Olhou ao redor para ver se alguém nos observava. – Depois falamos sobre isso... Agora entra no táxi!
E eu obedeci como um cachorrinho.

Por algum motivo, não fiquei surpreso quando Zak pediu para o taxista parar no meio do caminho, diante do Posto 5, em Copacabana. Ele já tinha conseguido se livrar da minha mãe, dizendo que queria pegar algumas coisas no apartamento em Ipanema e pedindo que eu o acompanhasse. Já podia supor que ele queria ficar a sós comigo. Me dizer alguma coisa.
Ele pagou a corrida e saiu.
Retirou os sapatos escuros e pisou a areia. Fiz o mesmo.
Seguimos na direção do horizonte. O mar revolto surgia diante de nós, esverdeado, misturado com o céu cinzento ao fundo.
– Vamos dar um mergulho? – perguntou, enquanto tirava a camisa preta.
Desabotoou a calça e desceu-a, ficando de cueca. Olhei para ele, confuso.
– Ora, vamos! Fica de cueca! A praia está vazia mesmo!
Dobrou as roupas com cuidado e deu uns saltinhos de aquecimento sobre a areia fria.
– Só um mergulho!
– Vai lá você – respondi. – Eu fico aqui cuidando das suas coisas...
Ele não insistiu. Como uma criança ansiosa que conseguiu a autorização da mãe para entrar na piscina, ele correu para a água, erguendo os braços e pulando na espuma das ondas que quebravam. Avançou, fugindo da linha de rebentação. Observei-o brincar na água, incrivelmente alegre, mergulhando vez ou outra.
Os minutos passavam, e ele não parecia se lembrar de mim, à sua espera. Desaparecia por segundos sob a água para emergir alguns metros adiante, como um golfinho exibicionista. Em determinado momento, a cueca escapou e pude ver as nádegas esbranquiçadas enquanto ele a punha de volta no lugar, entre risadas. Deu outro mergulho. Mais outro.
E então saiu. A cueca novamente escorreu pelas coxas, revelando sua nudez frontal. Por um instante, cogitei a possibilidade de ele estar fazendo aquilo de propósito. Para chamar minha atenção. Para ver se de algum modo eu revelava sentir algum tipo de atração...
Otto. Sim, Otto... Eu sempre acabava pensando nele. O jeito afetado, repleto de cinismo, a me desafiar: “A garota de sexo selvagem era eu. Ele estava comigo, seu merda. Comigo”.
Filho da puta!
– Um banho de mar! Um último banho de mar! Eu precisava disso! – disse Zak, enquanto sacudia os cabelos.

Concordei, com um sorriso, feliz por ele estar feliz. Mas ainda com o pensamento no Otto... Será que o que Zak sentia por mim era mesmo amizade? Ou algum tipo de atração desde a infância? Uma paixão platônica, um amor frustrado...

Não. Não podia ser! Eu sou um cara feio. E Zak, bonito. Sim, sou capaz de reconhecer isso. Se ele quisesse mesmo, poderia conquistar outros homens mais charmosos e benfeitos. Eu sempre fui só o amigo. Assim esperava.

De qualquer modo, o olhar dele me incomodou. Ali, diante de mim, molhado e só de cueca, ele sorriu, e seus olhos passearam pelo meu corpo a ponto de me incomodar. Ajeitei-me na areia numa tentativa de me libertar da estranha sensação.

Ele se sentou ao meu lado, os braços enlaçando as pernas cabeludas. Ficou alguns minutos estudando o mar. As ondas quebravam na areia e espalhavam um véu de água cristalina, espuma e cascalho. O vento forte musicava nosso silêncio, esperando que iniciássemos a conversa inevitável.

Uma loira bonita passou diante de nós, correndo à beira do mar, cantarolando uma música em inglês que saía de seus fones de ouvido. Zak não a olhou. Talvez por não gostar. Talvez por estar distraído.

– Qual é o sentido disso tudo, Zak?

– O quê? – ele pareceu despertar de um sono profundo.

– O sentido... disso que vamos fazer amanhã? Cometer suicídio... A roleta-russa...

Ele sorriu.

– Não tem sentido, Alê. Não precisa fazer sentido...

Passeou os dedos agitadamente nos pelos da perna.

– Eu sei o que quero fazer, entende? – continuou. – Fiz minha escolha. E estou tranquilo com ela...

Concordei com a cabeça. Eu tinha tantas coisas a dizer! Mas apenas me restava o silêncio.

– Você está arrependido, Alê?

– Hein?

– Não está pensando em desistir, está?

Não. Eu não estava pensando em desistir. Mas também não precisava ficar por aí saltitando de alegria porque iria meter uma bala na cabeça.

– Estou com medo, Zak – respondi, com sinceridade.

– Medo? – ele zombou. – Medo de quê?

De milhares de coisas. Medo de não conseguir lançar meu livro. Medo de morrer inutilmente por um sonho. Medo da cirurgia da minha mãe no dia seguinte, que eu nunca saberia como ia terminar. Medo do futuro da minha avó se eu e minha mãe morrêssemos. Medo das pessoas mesquinhas e interesseiras que nos cercavam de sorrisos todos os dias. Medo do Otto. Medo das palavras do delegado insinuando que Zak era um assassino. O medo estampado nos olhos da empregada do Zak ao me dizer que ele era um diabo. Medo de mim mesmo.

– De nada, Zak. Besteira minha – respondi.

De repente, uma ideia me ocorreu. A possibilidade de ser mesmo verdade era quase nula, mas, de qualquer modo, não custava tentar.

– O Y, Zak – murmurei, mantendo o olhar no horizonte.

– Do que você está falando?

– A letra Y... Naquela nossa aposta sobre as mulheres... Você tinha que beijar todo o abecedário... Quem foi a mulher com Y?

Meu amigo soltou uma gargalhada, mas percebi que a pergunta o deixava nervoso.

– Quem foi, Zak?

– Eu não vou dizer, Alê – respondeu, meio constrangido. – Eu disse que beijei uma mulher com Y, mas não queria dizer o nome... Eu pedi pra você confiar em mim. E você confiou... Por que tudo isso agora?

– Foi a Yara, não foi? Sua empregada...

Ele engoliu em seco e sacudiu a cabeça.

– Você transou com sua empregada, não é, Zak?

Ele continuou a negar. Mas então socou a areia.

– Puta merda, aquela vaca tinha que te contar isso? Filha da puta!

– Ela não me contou nada... – expliquei, tentando ver aonde aquilo tudo iria levar. – Mas aquela mulher te odeia, Zak. Ela te odeia muito. Você sabe disso?

Ele riu mais ainda. Uma risada sonora e expressiva.

– Aquela infeliz é uma piranha com uniforme de doméstica... Acariciava as minhas cuecas, me via trocar de roupa e tomar banho... No dia em que cheguei mais perto dela, ela recuou... Você acredita? Eu tentei dar um beijo nela, e ela recuou... – ele ficou sério. – Metade das mulheres nesse Rio de Janeiro ia querer me beijar, e aquela vaca molambenta teve a audácia de me recusar... Filha da puta!

– O que você fez, Zak?

Eu não podia acreditar naquela história.

– Eu a obriguei, claro – agora, ele estava orgulhoso. – Ela é uma vagabunda que ganha um salário mínimo por mês e nem tem todos os dentes na boca... Como ela ousa me recusar? Aquela vaca deveria agradecer... Agradecer cada apertada que eu dei nela, cada...

– Você estuprou a mulher?

Eu estava escandalizado. Nunca tinha pensado que ele pudesse chegar àquele ponto.

– Não... Eu não estuprei ninguém... Apenas disse que se ela não descesse a calcinha, os pivetes dela não ganhariam o leite do final do mês... Ela fez a escolha dela... Mas está na cara que ela queria dar para mim.

Deus do céu, aquela mulher tinha todas as razões do mundo para odiá-lo! Ele fora sádico e nojento com ela. Podre.

– Zak, você tem noção da merda que fez? A mulher te odeia e tem bons motivos para...

– Não, não! – brigou ele. – Não vou ficar aqui ouvindo suas lições de moral. Nem pensar! Eu faço o que eu quero, Alê. O que eu quero! E cuido da minha vida. A minha própria vida. O resto eu resolvo amanhã com o homem lá de cima... Ele, e só Ele, pode me julgar aqui, entendeu?

Fiquei quieto, com uma vontade imensa de socá-lo no rosto para tirar aquele ridículo ar de superioridade que ele exibia.

O silêncio voltou. Passeei meus dedos pela areia, esperando o tempo passar, o vento agitando os cabelos.

Não conseguia conceber Zak e a empregada juntos. Transando. Ela chorando, remoendo seu ódio, enquanto ele a fodia por trás, sem piedade. Não, ele não podia ter feito isso! Ou podia?

– Até que ponto realmente conhecemos as pessoas?

A pergunta do delegado voltava, como um luminoso em meu cérebro. E levava a outras. Seria Zak um assassino? Não fazia sentido, mas... Talvez sim. Um estuprador ele já era...

– Estão todos confirmados para amanhã – disse ele.

– Quem?

– O Lucas, a Maria João, o Otto, a Ritinha, o Noel, o Danilo...

– Levar o Dan para a roleta-russa é um erro, Zak! Um grande erro! – interrompi.

– Não se mete nisso, Alê. Eu que estou organizando o negócio... Sei o que estou fazendo.

– Não, não... Você não sabe, não! Esse menino é doente mental! Ele nem entende o que vamos fazer! Você inventou um ensaio de banda pra enganar a mãe dele e me fez ser cúmplice da sua mentira idiota!

Ele sorriu mais uma vez. Aqueles seus risinhos periódicos começavam a me irritar.

– Vai dar tudo certo, Alê. Relaxa... – respondeu. – Na pior das hipóteses, se der alguma merda, ninguém vai poder nos penalizar, não é mesmo?

– A questão não é essa, Zak! Nós não podemos levar o Dan para a roleta-russa simplesmente porque não cabe a nós escolher isso! Esse menino não merece morrer desse jeito!

Ele sacudiu a cabeça.

– O convite já está feito.

– Pois desfaça. Dá um jeito. Inventa outra mentira, não sei! Nós não podemos escolher por ele. Se queremos nos matar, o problema é nosso... Mas ele tem uma vida inteira pela frente!

– Uma vida inteira pela frente? – meu amigo explodiu. – Você só pode estar brincando... Você chama aquilo de vida? Um menino sem liberdade alguma, que vive sob as asas da mãe... Que possui mil deficiências, que nunca vai ter uma mulher de verdade, nunca vai conseguir ser alguém... Quando a Sônia morrer, o que vai ser dele? Nada! Um monte de carne e osso sem utilidade... Você chama essa merda de vida?

– Ele pode ser feliz assim.

– Ser feliz? Fala sério! Se um dia eu estivesse preso numa cadeira de rodas, sem poder falar, sem poder fazer nada direito, sendo um maldito parasita, Deus sabe que eu preferiria morrer!

Sim! Mil vezes morrer do que viver todo fodido!

Levantou-se com vitalidade e continuou:

– Mas ele não pode fazer essa escolha sozinho. Então eu estou fazendo por ele. A escolha certa! Desistir desta bosta de vida e partir para outra...

Eu cansei. Não havia saída. Zak tinha certeza do que estava fazendo e eu não poderia impedi-lo.

Ele vestiu a roupa e ficou me olhando, os braços cruzados, esperando que eu me levantasse.

– Você não vem? – perguntou.

– Acho que vou pra casa – respondi, deixando clara minha insatisfação pelo convite ao Danilo.

– Nos vemos depois, então...

– Seremos oito, amanhã? – gritei, enquanto ele se afastava.

Pensou um pouco, como se contasse os nomes...

Eu, ele, Lucas, Maria João, Ritinha, Noel, Otto e Danilo... Oito.

– Nove! – respondeu.

Recontei os nomes. Definitivamente, oito.

– Quem é a nona pessoa?

– Alguém que me ocorreu agora... Estou indo convidá-la. Tenho certeza de que vai aceitar. Ela não poderia faltar...

– Quem é?

Ele sorriu. Um sorriso misterioso.

– Você vai ver...

E foi embora.

Aproveitei para refletir sobre o livro que vou escrever. Um livro que começará e acabará no mesmo dia. Narrando em detalhes o que vier a acontecer...

Como começá-lo? Apresentando o perfil dos jovens que decidiram se matar? Talvez. Uma descrição breve e precisa da tragédia que acometeu a vida do Zak. A morte dos Vasconcellos, a acusação de assassinato. Meu asco pelo Otto. Uma explicação de como conheci os irmãos Lucas e Maria, e o que eles significam para mim. Minha opinião contrária ao convite a Danilo...

Ou não. Talvez tudo isso devesse ficar para o meio do livro. Por que não começar falando de mim? O leitor, ao notar que é uma história em primeira pessoa, automaticamente se perguntaria: “Quem diabos é esse cara que está contando o que aconteceu?”. Sim. Esse, sim, seria um bom começo. Explicar meu objetivo em fazer parte da roleta-russa, a desesperança de um escritor que encontra na morte a porta para conquistar seu sonho... Achei que ficaria bom desse jeito.

Ainda assim, talvez o melhor mesmo fosse apresentar logo o local. Começar dizendo que íamos para Cyrille’s House, a casa de campo dos Vasconcellos. Explicar o que a casa

significava para mim. E, daí, a minha amizade com o Zak. Pronto. Parecia um ótimo começo: apresentação do ambiente, uma sintética noção dos personagens, uma amizade forte que nem o tempo tinha separado. As pessoas gostam disso.

Comecei a imaginar uma frase inicial. A frase que abria o livro, que dava as boas-vindas ao leitor. Devia ser impactante. Ou, ao menos, repleta de significados. Cyrille. Por que não começar citando o nome da casa? Em francês, o nome abarcava não só a ambientação da roleta-russa, como pintava a imagem caricata da Maria Clara. Apenas uma mulher fútil e suficientemente rica daria um nome daqueles a uma casa de campo no interior de Minas de Gerais. Sim. Cyrille era um bom começo. Devia significar alguma coisa. Estava decidido. Começaria falando da casa, puxaria para minha infância e, assim, para a minha longa amizade com o Zak. A partir daí... A partir daí, a narração seria em tempo real, as mortes se sucedendo, a dúvida sobre o capítulo seguinte...

Permaneci ali por mais uma hora, vendo as pessoas passarem, olhando o mar, sem vontade de ir para casa.

Eu nunca gostei do mar. Mas, de algum modo, senti-me acomodado. A água infinita diante de mim, uma brisa refrescante batendo no rosto e a praia quase vazia se estendendo de ponta a ponta. Sim, eu me sentia bem ali. E satisfeito. Bastante satisfeito.

# Capítulo 38

OLÍVIA – Vivo... *(RISO SECO)* Podemos chamar aquilo de vivo?

DIANA – O Zak ingeriu grande quantidade de monóxido de carbono enquanto o porão pegava fogo. *(PAUSA)* É um milagre que o tenhamos encontrado com vida...

REBECCA – Milagre? *(PAUSA)* A única coisa que sei é que minha filha está morta, e esse filho da puta continua por aí! Respirando!

DIANA – Além disso, de acordo com o laudo, o Zak sofreu uma “lesão contusa na área cervical” que o privou do movimento de braços, pernas e tronco.

ROSA – Viver numa cama é o mínimo que esse garoto merece por tudo o que fez! *(PAUSA)* Ele torturou meu filho... Nenhum sofrimento no mundo vai compensar isso! *(VOZ EXALTADA)*

OLÍVIA – Ele mereceu...

ROSA – Ele merece a morte, isso, sim! *(PAUSA)* A morte!

DIANA – Eu preciso que fiquem calmas... Ainda temos vários pontos a esclarecer.

ROSA – Eu...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Encontramos também, no pescoço dele, um sinal de asfixia característico de tentativa de enforcamento. *(PAUSA)* A falta de oxigenação do cérebro causou danos que lhe tiraram as faculdades mentais. Assim, só nos resta tentar reconstituir os fatos. *(PAUSA)* A primeira hipótese é de que algum desses ferimentos, o da nuca ou o do pescoço, tenha sido desferidos pela Waléria, tentando se defender depois da morte do Alessandro. No entanto, parece claro que, em algum momento, o Zak atirou na Waléria, causando a morte dela. E isso torna a hipótese impossível. Se a Waléria tivesse desferido qualquer desses golpes, o Zak teria caído imediatamente.

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Então, vamos à segunda hipótese. A que acreditamos ser mais próxima do que realmente ocorreu. *(PAUSA)* O Zak e a Waléria brigam. Ele atira nela, e ela morre. *(PAUSA)* Agora ele está sozinho no porão. Ele e mais oito corpos. O que fazer?

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

DIANA – Ao que parece, num primeiro momento, ele desistiu da roleta-russa. Decidiu que não iria mais se matar.

ROSA – Eu sabia! Fez tudo aquilo, obrigou tanta gente a se suicidar e no final desistiu... Era óbvio que ele faria isso! Era óbvio!

DIANA – Mas ele não tinha a chave. *(PAUSA)* Estava trancado naquele porão sem saber

onde o Lucas a tinha escondido... *(PAUSA)* Suponho que entrou em desespero. Já estava evidentemente alterado devido às drogas e às bebidas...

DÉBORA – Ele surtou! *(VOZ ATÔNITA)*

DIANA – Sim, ele surtou. *(PAUSA)* Pouco antes de morrer, o Lucas, numa discussão com a Waléria, brinca com a possibilidade de ter engolido a chave... Enfim... O Zak deve ter se lembrado desse momento e... *(PAUSA)* E imaginou que algum deles tinha engolido a chave...

OLÍVIA – Isso explica o estado dos corpos...

DIANA – Exatamente. *(PAUSA)* O Zak pegou o martelo, o mesmo martelo que o Alessandro utilizou para tentar se defender antes de morrer, e a chave de fenda. Posicionou a chave de fenda na altura do abdômen do Lucas e martelou. Rompeu o tecido epitelial, a camada de gordura e tentou encontrar a chave nas vísceras...

*(RANGER DE CADEIRAS)*

AMÉLIA – Isso é horrível! Ele não...

DIANA – O Zak estava desesperado! Encontrar a chave no estômago de algum deles era sua última esperança.

DÉBORA – Ele... *(VOZ EMBARAÇADA)* Ele furou a barriga de todos?

DIANA – Nós não temos como afirmar isso. *(PAUSA)* Os corpos do Lucas, da Maria João, do Alessandro e da Waléria foram encontrados em avançado estado de carbonização, sendo impossível qualquer avaliação mais precisa. *(PAUSA)* Como vocês sabem, a identificação dos quatro só foi possível por meio da comparação de suas arcadas dentárias com os registros fornecidos pelos respectivos dentistas. *(PAUSA)* O Otto, o Danilo, o Noel e a Ritinha, esses, sim, foram indubitavelmente violados. *(PAUSA)* Por isso é de se supor que, de fato, ele abriu todos os abdomens em busca da chave...

OLÍVIA – Mas não encontrou...

DIANA – É. Ele não encontrou... *(PAUSA)* Como o Alessandro escreveu, o Lucas jogou a chave pelo vão da porta, sendo impossível recuperá-la...

OLÍVIA – Por que ele não tentou arrombar? Arrombar a porta...

DIANA – É possível que tenha tentado. Mas a porta era de madeira maciça e ferro. *(PAUSA)* O Getúlio instalou uma dessas quando fez o porão de esconderijo para sua fortuna...

DÉBORA – Sem a chave... O que o Zak fez?

DIANA – Nós não sabemos ao certo. Mas acreditamos que ele tenha ficado chocado quando abriu a barriga da Ritinha e...

VÂNIA – Não! Isso não! *(VOZ EXALTADA)*

*(CHORO)*

DIANA – Quando abriu a barriga da Ritinha e encontrou um feto. Um bebê em formação...

AMÉLIA – Ela... Ela...

DIANA – A Ritinha estava grávida.

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

*(CHORO)*

AMÉLIA – Mas... Mas... Grávida do Zak?

DIANA – Sim. Grávida do Zak.

VÂNIA – Você é uma mentirosa! *(VOZ EXALTADA)* Você... Você tinha dito que não contaria a ninguém! Tinha prometido! *(SOLUÇOS)*

DIANA – Eu sinto muito, Vânia. *(PAUSA)* O objetivo aqui não é expor sua filha... Mas essa informação é necessária para que continuemos nossa conversa, entende?

VÂNIA – Você mentiu! *(CHORO)* Ela não... Meu Deus, ela não tinha me contado que estava grávida...

DÉBORA – Talvez nem ela mesma soubesse da gravidez...

DIANA – Ela devia saber. Estava grávida de três meses. Mas, pelo visto, não contou a ninguém sobre isso. Nem ao próprio Zak. *(PAUSA)* Imaginem a surpresa dele ao perfurar a barriga dela e encontrar ali dentro um bebê. Um bebê que seria seu próprio filho... Morto.

*(CHORO)*

*(SOLUÇOS)*

VÂNIA – Eu... Eu não...

DIANA – Ele deve ter ficado enlouquecido... Sem saída. Sufocado. *(PAUSA)* Sua única opção era cometer o suicídio.

ROSA – Se ele decidiu se matar, por que não pegou uma bala e meteu na própria cabeça? *(VOZ CHOROSA)* Por que não fez consigo mesmo o que fez com os outros? Esse filho da puta está vivo, doutora! Vivo!

DIANA – É muito simples. *(PAUSA)* Ele não atirou na própria cabeça porque não tinha mais nenhuma bala... *(PAUSA)* Conforme o Alessandro escreveu, eles levaram exatamente nove balas para Cyrille's House. Uma para cada um.

AMÉLIA – Acontece que minha filha levou dois tiros...

DIANA – Exatamente. O Zak, quando atirou na Maria João, usou duas balas. *(PAUSA)* Duas! De modo que, no final, ficou faltando uma...

OLÍVIA – Que ironia!

DIANA – Imaginem a situação... *(PAUSA)* O Zak ensandecido, as mãos sujas de sangue depois de ter violado os corpos com uma chave de fenda, querendo acabar com a própria vida, mas sem conseguir... Sem uma bala para isso... *(PAUSA)* Ele... Ele teve que arranjar outro modo de cometer suicídio... *(PAUSA)* Ele então tentou se enforcar. *(PAUSA)* Desamarrou a corda que prendia o Otto ao cano e colocou-a no teto, fazendo um laço. Pegou a cadeira e subiu nela. Enfiou o pescoço no laço e se jogou da cadeira... *(PAUSA)* Ele deve ter sufocado por alguns segundos antes de a corda ceder...

AMÉLIA – A corda arrebentou?

DIANA – Sim. Cedeu com o peso do Zak. *(PAUSA)* A perícia encontrou-a ainda presa ao teto... Mas rompida. *(PAUSA)* Não temos tanta certeza, mas supomos que o Zak, durante a

queda, bateu em algum lugar e sofreu a lesão na coluna. *(PAUSA)* Quando os dois policiais chegaram, ele estava caído, inerte, bem embaixo da corda, a poucos metros da cadeira derrubada, a cabeça sangrando.

DÉBORA – Nossa! Eu... *(VOZ HESITANTE)*

DIANA – A área leste do porão, próxima à porta, foi onde o fogo começou. Alastrou-se pelo sofá de espuma e transformou aquela parte num verdadeiro forno. *(PAUSA)* Os corpos do Alessandro, da Waléria e da Maria João, por estarem mais próximos, foram totalmente carbonizados. O do Lucas ficou parcialmente queimado. Enquanto os dos outros, na extremidade oposta, não foram afetados. *(PAUSA)* A fumaça foi tanta que, em mais alguns minutos, o Zak morreria asfixiado.

AMÉLIA – Como... Como esse fogo começou?

DIANA – Essa é uma boa pergunta, Amélia. Uma pergunta que também nos intriga. *(PAUSA)* Temos uma teoria, uma possibilidade. Mas é remota... *(PAUSA)* O Zak ateou fogo no dinheiro encontrado no assoalho do porão, certo? É possível que a chama tenha atingido a espuma do sofá e, daí, se espalhado para o restante daquela área...

AMÉLIA – É possível...

DIANA – Sim, é possível. Mas improvável... Nos cadernos, o Alessandro sugere que o fogo foi debelado.

OLÍVIA – E o que você quer da gente? Que adivinhemos como aquele porão se transformou numa churrasqueira?

DIANA – Não é isso, Olívia. *(PAUSA)* Essa é apenas uma das perguntas que vamos deixar em aberto por enquanto.

OLÍVIA – Existem outras perguntas que vamos deixar em aberto, então?

DIANA – Sim, existem. *(PAUSA)* A menos que alguma de vocês saiba me responder, é claro...

OLÍVIA – Pois pergunte!

DIANA – Conforme eu já disse, os policiais chegaram ao porão e encontraram os corpos... *(PAUSA)* E a questão é: "O que eles foram fazer lá?".

AMÉLIA – Provavelmente eles acharam estranho... Perceberam algum sinal de que tinha algo errado acontecendo ali... Talvez fumaça ou coisa assim.

DIANA – Não, não, impossível. O porão é subterrâneo. Os sinais de fogo só seriam percebidos depois, quando a chama já tivesse tomado boa parte da casa.

REBECCA – Espera... Os policiais que encontraram os corpos... *(PAUSA)* Não são os mesmos que aceitaram o suborno do Zak quando os meninos estavam indo para Cyrille's House?

DIANA – Sim, são os mesmos. *(PAUSA)* Plínio Motta e Jurandir Coelho Sá. *(PAUSA)* Ambos já estão presos por terem aceitado o suborno...

REBECCA – O Zak passou um cheque sem fundos, não é?

DIANA – Sim...

REBECCA – Então eles devem ter ido lá reclamar o dinheiro! *(PAUSA)* Quando viram que o cheque não tinha fundos, foram atrás deles conforme tinham ameaçado. Chegando lá, encontraram a casa vazia e invadiram. E acabaram descobrindo o porão... Provavelmente o Zak estava gritando... *(PAUSA)* Ele ainda é capaz de gritar, não é?

DIANA – Apenas um sussurro tímido. *(PAUSA)* As suas cordas vocais não funcionam mais depois da tentativa de enforcamento.

REBECCA – O que achou da minha teoria? Os policiais foram lá cobrar o dinheiro, putos por terem sido enganados com um cheque sem fundos... *(PAUSA)* Não esperavam encontrar um grupo de jovens suicidas... Os mesmos que os tinham subornado! *(PAUSA)* Faz sentido, não faz?

DIANA – Faz sentido. *(PAUSA)* Mas a hipótese possui uma falha grave...

REBECCA – O quê?

DIANA – Eles foram parados pelos policiais por volta das dezoito horas do dia 07 de setembro. E foram encontrados no porão às cinco e vinte da manhã do dia 08 de setembro. *(PAUSA)* Isso quer dizer que os policiais não tiveram tempo de depositar o cheque. Tampouco, de descobrir que não tinha fundos!

REBECCA – Eu... Eu não havia reparado nisso...

*(SILÊNCIO – 03 SEGUNDOS)*

VÂNIA – Mas os policiais... Eles estavam à paisana quando encontraram o porão... Eles não estavam a serviço, estavam?

DIANA – Não, não estavam. O plantão não era o deles.

REBECCA – É possível que eles tenham ido a Cyrille’s House para pedir mais dinheiro... Ou para assustar os garotos. *(PAUSA)* E acabaram encontrando aquele porão em chamas...

DIANA – Sim, é possível.

OLÍVIA – Mas esses policiais estão vivos, não estão? *(PAUSA)* Então por que não perguntam a eles o que foram fazer em Cyrille’s House?

DIANA – Nós já perguntamos, Olívia.

OLÍVIA – E o que eles responderam?

DIANA – Responderam algo absurdo. *(PAUSA)* Nós nem divulgamos essa informação fora de propósito.

OLÍVIA – O quê... *(PAUSA)* O que eles disseram?

DIANA – O ex-policial Plínio Motta disse que recebeu uma ligação no celular durante a madrugada. Às quatro e cinquenta. *(PAUSA)* Nós verificamos o telefone. É de um orelhão a alguns quilômetros de Cyrille’s House...

OLÍVIA – E o que disseram na ligação?

DIANA – A pessoa... *(PAUSA)* A pessoa se identificou como Getúlio Vasconcellos. E disse que queria se encontrar com os dois policiais no porão de Cyrille’s House, disse que deixaria

aberta a porta da mansão...

DÉBORA – O que está dizendo? O Getúlio? *(VOZ EXALTADA)*

REBECCA – Isso... Isso é um absurdo total!

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Sim, é o que parece. Um absurdo. *(PAUSA)* Mas em alguns pontos temos a certeza de que eles estão dizendo a verdade... *(PAUSA)* Quero dizer, nós checamos o celular do ex-policial Motta, e realmente houve uma ligação do orelhão às quatro e cinquenta da manhã... *(PAUSA)* Além disso, eles não precisaram arrombar a porta de entrada da casa para chegar ao porão... Ela... Ela estava realmente aberta...

OLÍVIA – Uau! Eu... Eu confesso que não sei o que pensar!

DIANA – Nós também estamos perdidos. *(PAUSA)* Tentamos pressionar os ex-policiais a nos revelar o verdadeiro motivo para terem ido até lá, mas eles insistem nessa história da ligação.

*(RANGER DE CADEIRAS)*

VÂNIA – E se for verdade?

DIANA – O quê?

VÂNIA – E se for verdade tudo isso o que eles disseram... *(PAUSA)* E se eles realmente tiverem recebido a ligação de alguém dizendo ser o Getúlio Vasconcellos?

DIANA – Bem, se todo esse absurdo for mesmo verdade, nós temos que descobrir quem é a pessoa que fez o telefonema... *(PAUSA)* Eis outra pergunta sem resposta.

SÔNIA – Quem quer que seja a pessoa, fez isso de brincadeira... Uma brincadeira de mau gosto, claro... *(VOZ HESITANTE)* Quero dizer, o Getúlio está mesmo morto, não está?

DIANA – Sim, sim... É fora de propósito supor que o Getúlio esteja vivo. *(PAUSA)* Sem dúvida, era alguém se passando por ele...

SÔNIA – Um homem...

DIANA – Não necessariamente. *(PAUSA)* O ex-policial Motta disse que a pessoa possuía uma voz rouca, um pouco baixa... Estava nitidamente tentando disfarçar a voz verdadeira. *(PAUSA)* Podia ser uma mulher.

AMÉLIA – Uma de nós, você quer dizer.

DIANA – Sim... É possível que sim.

REBECCA – Eu já disse que não fiz nada... *(VOZ EXALTADA)* É um absur...

AMÉLIA – Se for assim, eu também não fiz nada, oras!

DÉBORA – Eu estava numa mesa de cirurgia! *(PAUSA)* É impossível que eu tenha feito qualquer ligação de um orelhão perto daquela casa!

SÔNIA – Eu também não...

*(COMENTÁRIOS PARALELOS)*

DIANA – Senhoras, por favor! Preciso que se controlem!

OLÍVIA – Viu? A delegada pode ficar tranquila! *(PAUSA)* Pelo visto, todas nós somos

inocentes...

DIANA – Eu...

OLÍVIA – Tudo vai terminar exatamente como eu previ... Inútil! Desnecessário! *(PAUSA)* Nós viemos aqui e vamos sair com as mãos abanando... Sem saber nada de útil, nada além do que já sabíamos... *(PAUSA)* Passamos uma tarde inteira aqui pra nada. *(PAUSA)* Para absolutamente nada!

DIANA – Eu... *(PAUSA)* Por que não fazemos uma recapitulação dos fatos? Uma recapitulação das últimas semanas antes da roleta-russa... Talvez nos venha alguma ideia.

OLÍVIA – Ora, mas que merda! *(PAUSA)* Eu tenho uma proposta melhor! Por que não vamos para casa e esquecemos tudo que aconteceu aqui? Passamos uma borracha nisso, e cada uma vive sua vida em paz!

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Comecemos pelo dia 22. *(PAUSA)* Vinte e dois de agosto, uma sexta-feira. Um pôquer no apartamento do Zak em Ipanema. Estão presentes o Zak, o Alessandro, a Maria João, o Lucas e a Ritinha... A Waléria aparece e anuncia que está grávida. Acontece uma briga. O Getúlio chega e a expulsa de casa... Ele ameaça arruinar a vida dela. Ela ameaça matá-lo.

REBECCA – Você está sendo tendenciosa! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – São os elementos que temos, Rebecca!

SÔNIA – A Ritinha... Ela... Ela já estava grávida do Zak nessa época, não é?

DIANA – Sim, por quê?

SÔNIA – Imagina como ela deve ter se sentido! Vendo a Waléria dizer que estava grávida do Zak. Vendo o Getúlio enxotá-la do apartamento! Sendo que ela estava na mesma situação... Com o mesmo problema...

VÂNIA – Minha filha... *(CHORO)* Ela ficou tão estranha depois daquele dia... Eu sabia que ela estava me escondendo algo... Mas ela não quis me dizer! *(SOLUÇOS)* E eu nunca poderia pensar que ela estava grávida! Nunca, meu Deus!

DIANA – Fique calma, Vânia... Eu sei que é difícil...

VÂNIA – Eu... *(SOLUÇOS)* Eu estou bem. Pode continuar.

DIANA – Certo.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Naquele mesmo dia, mais tarde, a Rebecca, aqui presente, telefonou para a mãe do Zak, Maria Clara, para esclarecer o ocorrido, conforme já debatemos aqui...

REBECCA – Mas ela não me disse que viajaria na terça e voltaria no sábado! *(PAUSA)* Eu juro que ela não disse!

DIANA – Ok, Rebecca. Não estamos duvidando disso. Estamos apenas repassando os fatos...

*(SILÊNCIO – 04 SEGUNDOS)*

DIANA – Na segunda-feira, 25, véspera da viagem para Cyrille's House, ocorre um jantar no apartamento dos Vasconcellos. Eles convidam a Débora e o Alessandro para irem com eles para a casa de campo. A Débora recusa.

DÉBORA – Exatamente. E eu ainda tinha exames marcados para aquela semana. Não dava para ir...

DIANA – Certo. *(PAUSA)* Também durante esse jantar o Getúlio conversa por telefone com seu advogado, Goulart Fernandes. E agenda a alteração testamentária para a segunda seguinte, dia 1.o de setembro. *(PAUSA)* Com essa mudança, o Zak perderia metade dos seus bens...

OLÍVIA – Isso, sim, é um motivo e tanto para o assassinato!

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – Na terça, 26, o Getúlio e a Maria Clara viajam para Cyrille's House. *(PAUSA)* Na sexta, 29, conforme o Getúlio tinha ameaçado, o pai da Waléria é demitido.

REBECCA – Ora, me desculpe, mas você está sendo tendenciosa, sim! *(VOZ EXALTADA)* O que isso tem a ver com o crime? Ou com os suicídios? *(PAUSA)* A demissão do meu marido não tem qualquer relação com nenhuma dessas coisas!

DIANA – Seu marido foi demitido a pedido do Getúlio. No dia seguinte, o Getúlio estava morto porque alguém sabotou os freios do carro dele... *(PAUSA)* Tudo tem que ser considerado.

REBECCA – Eu... Eu não aguento mais! *(CHORO)* Não suporto mais isso!

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Dia 30, sábado. *(PAUSA)* Um ensaio da banda no apartamento em Ipanema. O Zak, o Alessandro, o Danilo, a Maria João e o Lucas estão presentes. *(PAUSA)* Eles recebem a ligação. A ligação sobre o acidente dos Vasconcellos. *(PAUSA)* O Zak passa mal. O Alessandro pede ajuda para a mãe. *(PAUSA)* O Zak passou sedado o dia seguinte, domingo, 31. O Alessandro ficou tomando conta dele, enquanto a Débora e a Sônia resolviam os trâmites para o enterro...

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – E nesse mesmo dia o Otto foi até lá. Revelou ao Alessandro que mantinha relações sexuais com o Zak e, segundo consta, disse que "de certa forma, a morte dos pais vai fazer bem a ele". *(PAUSA)* Ficou claramente satisfeito com o falecimento dos Vasconcellos. *(PAUSA)* Achou que aquela seria a oportunidade para o Zak assumir sua sexualidade e fazer o que bem entendesse...

ROSA – Mas meu filho não matou ninguém... Ele... Ele amava o Zak... Não era capaz de matar ninguém! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Não afirmei nada, Rosa. *(PAUSA)* Vamos continuar...

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Segunda, dia 1.o de setembro...

OLÍVIA – O dia em que o Getúlio mudaria o testamento se não estivesse morto...

DIANA – Exato. *(PAUSA)* Nesse dia, ocorre o enterro dos Vasconcellos. *(PAUSA)* Na saída, o delegado Jonas Astrid aborda o Zak e marca uma conversa para o dia seguinte.

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – E finalmente chegamos ao 02 de setembro, terça-feira... *(PAUSA)* Durante a conversa, num restaurante em Copacabana, o delegado diz que o acidente, na verdade, foi um assassinato. Um crime programado às pressas. *(PAUSA)* E acrescenta que o Zak é o principal suspeito por causa da questão do testamento de que já falamos aqui várias vezes...

DÉBORA – Ele ficou chocado com tudo isso! Eu... Eu o vi quando chegou em casa... Estava pálido... Nervoso...

OLÍVIA – Mas é claro! Ele tinha acabado de ser desmascarado! Seria preso em breve!

DÉBORA – Ele não...

DIANA – Vamos deixar as teorias pra depois. *(PAUSA)* Antes, vamos terminar a nossa recapitulação.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Bem... Basicamente todas as informações que citei até agora foram encontradas nas anotações feitas pelo Alessandro... *(PAUSA)* Nós encontramos seu caderno no apartamento de Copacabana.

OLÍVIA – Sim... E daí?

DIANA – Mas, conforme já disse anteriormente, não há qualquer registro sobre os três dias seguintes: 03, 04 e 05 de setembro. *(PAUSA)* Ele parece não ter escrito uma linha sequer sobre esses três dias... *(PAUSA)* Justamente o período em que a roleta-russa foi preparada.

VÂNIA – Provavelmente tinha medo de que alguém lesse e descobrisse que pretendiam se matar, que estavam organizando um suicídio coletivo...

DIANA – Sim, nós também achamos que seja isso. *(PAUSA)* Mas o que aconteceu nesses dias ainda é algo meio nebuloso pra nós... *(PAUSA)* Sabemos que na quarta, dia 03, o Zak visitou a Maria João e o Lucas por volta da hora do almoço. Acreditamos que tenham sido convidados para a roleta-russa nesse dia. *(PAUSA)* Segundo a Amélia nos informou, eles ficaram estranhos logo depois da conversa com o Zak... A Maria João saiu sem dar satisfações, e o Lucas passou a madrugada no computador... Certo?

AMÉLIA – Isso mesmo.

DIANA – Sobre a quinta-feira, dia 04, também não temos nada muito certo... *(PAUSA)* O dia que nos parece mais claro é a sexta, 05 de setembro. *(PAUSA)* Pelo que percebemos, quase todos os participantes da roleta-russa se encontraram com o Zak nesse dia, em horários distintos. A exceção é a Waléria, que não tinha sido convidada ainda...

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – O Alessandro se encontrou com o Zak por volta das onze da manhã. Depois, sabemos que o Zak cancelou a conta no banco e sacou todo o dinheiro às quinze horas. *(PAUSA)* Por isso o cheque para subornar os policiais não tinha fundos.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – Sabemos também que o Danilo esteve com o Zak por umas duas horas entre as dezessete e as vinte e duas... *(PAUSA)* Provavelmente foi aí que o Zak convidou o Danilo para um ensaio da banda no domingo, 07 de setembro.

*(FARFALHAR DE PAPÉIS)*

DIANA – A véspera da roleta-russa foi narrada pelo Alessandro em suas anotações... *(PAUSA)* Nesse dia, ocorre a missa de sétimo dia do casal Vasconcellos. Depois, o Zak vai até a praia pra tomar um banho de mar e confirma que todos estarão presentes no dia seguinte... *(PAUSA)* Depois ele sai e...

REBECCA – E vai convidar minha filha para a roleta-russa!

DIANA – Exato. *(PAUSA)* Ele decide convidar a Waléria...

REBECCA – Ela não merecia! *(SOLUÇOS)* Ela... Ela estava tão frágil!

ROSA – Vocês não percebem o que esse menino fez? *(PAUSA)* Ele se aproveitou de pessoas emocionalmente abaladas, pessoas que gostavam dele... E conseguiu ludibriá-las! Convencê-las de que a solução era cometer suicídio! *(PAUSA)* Foi o que ele fez com o meu Otto, com a Waléria, com o Danilo e com todos os outros... *(VOZ EXALTADA)* E é esse desgraçado, esse filho da puta, que continua vivo! *(PAUSA)* Ele matou nossos filhos, arquitetou essa roleta-russa e ainda o deixam viver neste mundo...

DIANA – Eu tenho acompanhado o tratamento dele de perto... *(PAUSA)* O Zak... Ele leva uma vida vegetativa, Rosa...

ROSA – Foda-se a vida vegetativa dele! *(VOZ EXALTADA)*

DIANA – Ele não consegue falar, mover qualquer parte do corpo abaixo do pescoço, não tem consciência de nada. *(PAUSA)* Quer punição maior que essa?

ROSA – Ele merece morrer! Isso, sim! Morrer! *(PAUSA)* A quem você quer enganar, doutora? *(PAUSA)* Com a grana que aquela família tinha, consigo imaginar a clínica em que o Zak está internado: a porra de um lugar esbanjando luxo e conforto! Ele deve ter uma vida de rei... De rei! *(CHORO)* Sem dúvida, uma vida melhor que a minha depois que ele torturou e matou o meu Otto!

*(RANGER DE CADEIRAS)*

ROSA – E vocês ainda se recusam a dizer em que clínica ele está internado! É um absurdo!

DIANA – Por questões de segurança, Rosa. A imprensa cairia em cima do assunto se soubesse...

ROSA – Onde ele está, doutora?

DIANA – Eu não...

ROSA – Em que lugar esse filho da puta está? *(GRITANDO)*

DIANA – Fique calma, Rosa. Nós ainda não acabamos a reunião... Temos que avaliar as possibilidades e...

ROSA – Onde ele está? Diga agora! Agora!

*(RANGER DE CADEIRAS)*

DIANA – Nós não... *(PIGARRO)* Meu Deus, o que é isso?

*(GRITOS)*

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(PASSOS)*

ROSA – Me entrega a sua arma ou eu atiro! Anda!

DIANA – Eu... Eu não estou armada!

*(PASSOS)*

DIANA – Não adianta me revistar. Eu não estou armada, Rosa... O que você está fazendo?

ROSA – Diga o lugar, doutora! *(GRITANDO)* Agora!

DIANA – Não vá fazer uma besteira, Rosa! Abaixa essa arma... Por favor...

ROSA – Eu sei o que estou fazendo! Sei muito bem! *(PAUSA)* Você não queria uma explicação? Não queria uma justificativa pra tudo isso? *(PAUSA)* Pois o Zak é a sua resposta! Aquele desgraçado matou nossos filhos... Tenho certeza de que matou os próprios pais também! *(PAUSA)* Matou o Getúlio pra que ele não mudasse o testamento! E, quando descobriu que suspeitavam dele, criou essa roleta-russa pra escapar!

*(GRITOS)*

ROSA – Eu tenho certeza de que ele é o culpado! Ele arquitetou essa merda! Torturou o meu filho! Matou a todos, um por um! *(PAUSA)* Isso explica por que só ele podia colocar a bala no tambor... Ele escolhia quem iria matar! É por isso! *(PAUSA)* Ele planejou tudo! Tudo! E agora finge que é um doente mental para escapar da Justiça...

DIANA – Eu não...

ROSA – Ele pode escapar da Justiça! Mas não de mim! *(VOZ ARFANTE)* Não de mim... Eu vou matar esse filho da puta... Arrancar cílio por cílio! Cortar dedo a dedo!

DIANA – O Zak não está fingindo nada, Rosa... Ele está realmente...

ROSA – Isso não importa! *(PAUSA)* Você escutou? Isso não importa! *(PAUSA)* Eu quero saber onde ele está... E nem pense em mentir...

DIANA – Eu não posso!

ROSA – Vou contar até dez! Até dez, doutora...

DIANA – Para com isso, Rosa! Guarda essa arma e vamos continuar...

*(GRITOS)*

*(PASSOS AGITADOS)*

ROSA – Um! Dois! Três!

DIANA – Rosa, não...

ROSA – Quatro, cinco... *(PAUSA)* Vamos, é só de um endereço que eu preciso...

DIANA – Pare com essa loucura, Rosa! Você está no prédio da Chefia de Polícia Civil do Rio de Janeiro! É impossível sair sem ser presa! Pare com isso!

ROSA – Seis! *(PAUSA)* Estou contando! É só me dizer o endereço!

DIANA – Eu não... *(VOZ DESESPERADA)*

ROSA – Sete! Oito! *(GRITANDO)*

OLÍVIA – Puta merda, fala logo pra ela!

*(GRITOS)*

ROSA – Nove!

DIANA – Rosa, por favor, não... *(CHORO)*

ROSA – Dez!

DIANA – Não me mata! *(SOLUÇOS)* Por favor, não...

ROSA – Você decidiu morrer para salvar um filho da puta como o Zak...

DIANA – Eu não...

ROSA – É uma escolha, doutora. *(PAUSA)* Foi um prazer me reunir com vocês...

DIANA – Clínica Madre Teresa! *(VOZ EXALTADA)* Clínica Madre Teresa, ok?

ROSA – Como é?

DIANA – Clínica Psiquiátrica Madre Teresa... Rua Aristides Camargo, 22... *(VOZ ARFANTE)* Isso é uma loucura, Rosa...

*(PASSOS)*

DIANA – Rosa, não vá fazer uma bestei...

ROSA – Você vem comigo!

DIANA – O quê...

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(GRITOS)*

DIANA – Merda! Solta os meus cabelos!

ROSA – Se você gritar, eu atiro!

*(GRITOS)*

*(PASSOS AGITADOS)*

ROSA – Se alguém tentar me impedir...

*(PASSOS)*

*(RANGER DE CADEIRAS)*

AMÉLIA – Meu Deus! Meu Deus!

DÉBORA – Eu...

*(RANGER DE PORTA)*

ROSA – Quanto a vocês, quero que venham atrás de mim...

VÂNIA – Nós não...

ROSA – Não discutam, merda! Obedeçam! *(GRITANDO)*

*(PASSOS)*

ROSA – Fiquem a uma certa distância... Mas venham atrás de mim...

*(RANGER DE CADEIRAS)*

*(PASSOS)*

ROSA – Não pensem em fazer nenhuma besteira!
*(CHORO)*
ROSA – Vamos!
*(CHORO)*
*(PASSOS)*
*(SILÊNCIO – 07 MINUTOS)*
*(TIROS A DISTÂNCIA)*
*(GRITOS A DISTÂNCIA)*
*(SILÊNCIO – 11 MINUTOS)*
*(PASSOS)*
*(RANGER DE PORTA)*
*(PASSOS DE APROXIMAÇÃO)*
*(RESPIRAÇÃO ARFANTE)*
*(SOM DO GRAVADOR SENDO ERGUIDO)*
*(CHIADO)*
*("STOP")*
*(FIM DA GRAVAÇÃO)*

# Capítulo 39

[Carta enviada em 10 de outubro de 2009
Remetente: Débora Parentoni de Carvalho
Destinatário: Marcelo Ulhôa Sá]

Meu filho,

Como você está? Tenho andado tão preocupada! Você nunca mais mandou notícias! Espero que o seu endereço continue o mesmo.

Eu e a sua avó estamos com saudade. Quando poderá vir nos visitar?

Outro dia, alguém no asilo contou a ela que você havia morrido. Em 07 de setembro, saíram tantas reportagens sobre a roleta-russa! Ela ficou desesperada, claro. Chorando compulsivamente. Eu fui obrigada a dizer a verdade para ela. Foi mais forte que eu. Precisava contar tudo a alguém, entende? Não conseguia mais segurar aquilo dentro de mim.

Eu contei que você está vivo.

Contei que está bem e feliz. Em um lugar seguro. E ela ficou mais tranquila.

Eu tenho sofrido muito, meu filho. Longe de você, sem vê-lo há mais de um ano! Isso é muito doloroso para uma mãe... Ainda continuo tendo os mesmos pesadelos de que falei na última carta.

Ontem, como você deve ter visto pelos jornais, foi a reunião das mães na Chefia de Polícia Civil. Eu estava com tanto medo! Parecia que eles sabiam a verdade! É realmente um milagre que tudo tenha dado certo!

A delegada responsável chamava-se Diana Guimarães e parecia muito competente. Tive medo dela. Vez ou outra, ela me lançava olhares desconfiados, profundos, como se pudesse perceber que eu estava mentindo! Mas não. Ela não sabia de nada, tenho certeza.

As coisas aconteceram exatamente como você imaginou. Ela leu o caderno que encontraram no porão de Cyrille's House junto dos corpos. Eu, obviamente, fingi estar surpresa com a existência do livro e suponho que todas acreditaram. De início, ela não contou a ninguém qual era o verdadeiro objetivo da reunião. Percebi que estava nos avaliando, tentando observar quem ficava na defensiva. Mas eu segui o que as outras faziam. Chorei bastante, reclamei da reunião. Em um momento, quase falei demais sobre aquele mendigo e, por um segundo, me passou pela cabeça a troca dos registros dentários que entreguei à polícia. Mas, no fim das contas, cumpri meu papel.

Só fiquei realmente desesperada quando ela leu o capítulo da morte da Maria João. Você não

tinha me contado nada sobre isso! Eu estava despreparada. Me senti afugentada, eles pareciam a um passo de nos descobrir! Como a Maria João poderia saber tanto? Você não contou a ela, contou? O que você fez para que ela não nos denunciasse? E, finalmente, por que diabos você tinha que escrever aquilo no livro? Você sabia que iriam nos interrogar, você sabia que, ao escrever aquilo, seríamos todas suspeitas, inclusive eu! Você me pôs em risco, filho! Quase pôs tudo a perder! Eu era a melhor amiga da Maria Clara! Em determinado momento, todo o foco se voltou para mim, e as pessoas me acusaram! Eu cheguei a ter certeza de que seria descoberta. Acabei conseguindo contornar a situação... Acusei outras mães, propus novas possibilidades e escapei do problema. Mas ainda assim foi um grande risco!

Quando a delegada leu o capítulo em que o Zak atira em você, eu fiquei tão assustada! Mesmo sabendo de tudo, realmente me pareceu que você tinha morrido! Foi horrível ter que ouvir aquilo sendo narrado! Como você fez para enganá-los? Como fez com que a Waléria escrevesse aquele capítulo dizendo que você estava morto? São tantas perguntas! Tantas coisas que preciso entender!

Provavelmente os jornais vão publicar como a reunião terminou. Sem dúvida, esse assunto ainda vai render por algumas semanas: a Rosa puxou uma arma. Ela estava com tanta raiva! Ela queria matar o Zak! Foi uma enorme gritaria! Eu fiquei nervosa, claro. Mas também aliviada... Aquilo significava que eu estava livre.

A delegada acabou dizendo onde o Zak estava internado. A Rosa pegou-a como refém e tentou sair do prédio. Mas não deu certo, é claro.

Tentaram fazê-la se render, mas ela não cedeu. Eu vi tudo. Vi quando os policiais abriram fogo. Vi quando ela caiu morta no chão. Ela e a delegada. Mortas pela polícia.

Você é capaz de imaginar o estardalhaço que foi: o lugar virou uma confusão. Aproveitei para voltar à sala de reuniões e pegar o material. Peguei o seu livro, as anotações e o gravador. Você tinha dito que eu poderia obter tudo isso judicialmente mais tarde, mas, já que a reunião tinha virado aquele caos, achei melhor pegar logo. Fique tranquilo: tenho certeza de que ninguém notou.

Fiz isso por você. Nunca se esqueça disso!

A verdade é que estou muito arrependida do que fizemos. Sei que você está feliz, prestes a realizar seu sonho de publicar o livro... E uma editora grande comprou a ideia! Mas, ainda assim, é um preço muito alto. Viver e assistir de camarote a toda desgraça que causamos para essas pessoas... Será que valeu a pena, meu filho?

Matar uma pessoa não é fácil. Não é não. Quando eu matei seu avô, envenenei o café dele e você viu, não me arrependi nem um pouco. É horrível dizer isso, mas ele não era humano! Era um monstro! Maltratava sua avó, batia em nós... No dia em que ele encostou a mão em você, percebi que não poderia continuar daquele jeito. Não, não poderia! Você é o que tenho de mais precioso, filho. Ele tinha que morrer. Ele merecia morrer. E você sabe disso.

Quando você me pediu ajuda para assassinar a Maria Clara e o Getúlio, eu fiquei totalmente

perdida! Eles eram nossos amigos! O Zak, o seu melhor amigo! Eles não mereciam! Não mereciam mesmo! Mas você estava tão certo do que estava fazendo, que eu tive que ajudá-lo! Te ajudei porque te amo, filho! Sei que você não iria me denunciar para a polícia sobre a morte do seu avô caso eu não ajudasse. Não teria coragem de fazer isso com sua mãe, teria?

Você não pode imaginar como tem sido difícil resistir. Às vezes, tenho a impressão de que vou enlouquecer como a sua avó. Outro dia, vi o vulto da Maria Clara acenando para mim, do outro lado da rua, sorrindo daquele jeito bobo e engraçado dela...

Sonho com eles todos os dias. Todos os dias! Eles vêm me visitar e às vezes falam comigo, como se quisessem me provocar.

Eu deveria ter morrido naquela cirurgia! Não deveria estar viva para ver toda essa desgraça pela qual também sou responsável. Ter sobrevivido é a penitência que Deus me deu para pagar por todos os meus pecados.

Um dia, quando morrer, bem velha, talvez eu já esteja pura de novo. Talvez eu mereça ser perdoada. Talvez eu consiga me perdoar.

Acho que me estendi demais.

Seu nome continua sendo Marcelo, não é? Quando poderei voltar a chamá-lo de Alessandro?

Por favor, me escreva assim que possível. E marque um local para que eu possa visitá-lo, sim?

Da sua mãe que te ama,
Débora.

P.S.: O livro, as anotações e o gravador estão na embalagem anexa à carta. Espero que tudo dê certo daqui para a frente.

# Capítulo 40

[Carta enviada em 22 de outubro de 2009
Remetente: Marcelo Ulhôa Sá
Destinatário: Débora Parentoni de Carvalho]

Mãe,

Eu estou bem. Sei que sumi nos últimos meses, sem enviar cartas, mas a verdade é que tenho estado muito ocupado tentando consertar minha vida. Não é fácil.

Como está minha avó? Na próxima vez que a encontrar, diga que estou com saudade. Estou com saudade de você também, claro. Tenha a certeza de que, assim que possível, marcarei um encontro. Por enquanto, não é seguro. O caso ainda é muito recente. Temos que ter atenção, principalmente agora que completou um ano e a reunião terminou naquele banho de sangue. Não posso me arriscar tanto.

Não se penitencie pelo que fizemos. A ideia foi minha, não sua. E eu não estou arrependido. Você foi uma boa mãe ao me ajudar. E basta. O resto dos pecados é meu. Não os tome para si.

Eu li num livro que apenas os grandes homens são capazes de grandes sacrifícios. Sempre sonhei ser um grande homem, mãe. Sempre. E, naquele dia, quando recebi a carta da editora recusando meu livro como se fosse uma porcaria qualquer, percebi que, se continuasse daquele jeito, eu nunca seria um grande homem. Era preciso inovar. Fazer algo inesperado, ousado.

E, para isso, eu tinha que fazer um grande sacrifício.

Sempre me impressionou como as tragédias atraem a atenção dos leitores. Foi assim com aqueles jovens suicidas dos Estados Unidos, por várias semanas comentados na imprensa. É assim com quedas de aviões, assassinatos de crianças, tsunamis e maremotos. O ser humano é fascinado pela desgraça alheia, mãe. Os alemães chegam a ter uma palavra para isso: *Schadenfreude*.

Eu precisava fazer algo impactante, mas real. Algo que atraísse a curiosidade das pessoas por todo o mundo.

A ideia me veio inteira, completa, como num flash. Tive exatamente uma noite para executar a primeira parte do projeto: sabotar os freios do carro do Getúlio. Apostei todas as fichas naquele acidente, mãe. E deu certo!

Mas então ocorreu a primeira falha. A Maria João. Aquela vaca me desmascarou! Quando o acidente ocorreu, eu estava no apartamento do Zak, ensaiando com a banda. Você me mandou

aquela mensagem de celular: “Está feito. Eles morreram”. Mas eu sequer tive tempo de lê-la direito porque, naquela hora, Zak começou a gritar e a se debater enquanto falava com o delegado no telefone. Eu tive que cumprir o meu papel. Deixei o celular sobre o banco e fui acudi-lo. Mas a filha da puta da João foi ver meu celular. Ela percebeu que eu havia recebido uma mensagem, foi xeretar o que era... E acabou descobrindo tudo.

Por isso ela sabia que eu tinha matado os Vasconcellos! Por isso ela sabia que você tinha me ajudado! Ela viu sua mensagem!

Sim... Quase que aquela vaca põe tudo a perder!

Mas eu inverti a situação. Transformei-a em minha aliada. Ofereci alguns milhões para ela, e seus olhinhos brilharam. Eu poderia conseguir bem mais dinheiro com Zak.

Mas não. O meu sonho é bem maior que milhões na conta bancária. Eu quero um lugar na literatura! Minha maneira de atingir a eternidade.

O destino agiu a nosso favor. A ideia da roleta-russa saiu melhor do que eu esperava. Lancei a proposta no ar, e Zak agarrou-a com afinco. Parecia até que ele mesmo havia criado tudo! Nunca imaginei que poderia ser tão eficiente!

Foi fácil fazer a João ficar quieta, sacrificar a vida do próprio irmão em prol de mais grana na conta. “Apenas os grandes homens são capazes de grandes sacrifícios”, eu disse a ela. E ela aceitou. Convenceu o Lucas a participar da roleta-russa conosco. Obviamente, garanti a ela que ela e o irmão sairiam vivos dali. Vivos e ricos.

Por isso, ela se descontrolou quando o Lucas morreu. Por um segundo, pareceu se arrepender, e eu pensei que ela fosse contar tudo. Mas não. Ela resistiu. Pelo dinheiro. Sempre pelo dinheiro. Quando Zak queimou os vinte e dois milhões de dólares, aí, sim, ela enlouqueceu. Surtou. Zak tê-la matado foi a melhor coisa que me aconteceu naquele momento. Ele silenciou a única pessoa que poderia me entregar. Eu estava em paz. Tinha total domínio da situação.

Zak confiava em mim. E acho que sentia tesão por mim também. Mas isso pouco importa. A questão é que ele estava do meu lado, colocando a bala no cilindro giratório e escolhendo quem iria morrer, garantindo que eu estivesse vivo na rodada seguinte. Ele fez isso por mim. Eu tinha pedido isso a ele para que eu pudesse escrever o livro até o final quando, juntos, nós dois nos mataríamos romanticamente. E ele acreditou.

Quando a João morreu, tudo ficou muito mais fácil. Zak tinha certeza da culpa da Waléria e confiava em mim. Eu joguei com os dois lados. Salvei a vida da gorda naquela hora e pedi a ela que escrevesse o último capítulo, de modo a deixar minha morte verossímil, testemunhada e escrita por uma pessoa imparcial.

Depois, conversando com o Zak, convenci-o de que a Waléria nunca confessaria o crime enquanto eu ainda estivesse ali para defendê-la. Convenci o Zak a atirar em mim. No braço.

O mais irônico é que ele não queria me obedecer de jeito nenhum! Você não pode imaginar como foi difícil fazê-lo me balear! De qualquer modo, quando ele puxou o gatilho, caí para

trás do sofá e foi o suficiente para que Waléria, nervosa, julgasse que eu estava morto.

Ali, deitado, sentindo uma puta dor no braço, ouvi o Zak interrogar a Waléria, acusando-a do crime que eu mesmo havia cometido!

E então ele atirou. Um balaço certeiro na testa da gorda.

Logo depois de matá-la, veio me acudir, preocupado com o tiro que tomei. Eu disse que estava bem. Que tinha sido de raspão e estava sangrando pouco. Que ele podia ficar tranquilo. E, na primeira oportunidade, dei com o martelo na nuca dele.

Pronto! Eu estava sozinho no porão. Era só preparar toda a cena.

Amarrei um pano no braço para estancar o sangue. Com o martelo e a chave de fenda, abri todos os abdomens dos corpos no porão, fingindo estar em busca da chave. Depois, prendi a corda no teto e derrubei a cadeira para simular uma tentativa de suicídio do Zak.

Usei a cópia da chave que fiz para sair do porão (Zak tinha deixado a chave comigo desde sexta) e fui me encontrar com o mendigo. Ele se lembrava de mim porque tinha sido seu paciente, mãe. Eu disse ao pobre coitado que rolaria uma festa em Cyrille's House e que queria que ele fornecesse as drogas. Combinei que me encontrasse na entrada da casa de campo às duas da manhã da segunda-feira. Paguei a passagem de ônibus do infeliz e tudo. E lá estava ele. Nervoso. Uma mochila nas costas com a droga. Quando me viu, começou a gritar um esporro revoltado, dizendo que eu estava atrasado. Muito atrasado. Pedi desculpas e disse para ele vir comigo. Disse que a festa estava rolando às escondidas, no porão da casa. A expressão de surpresa dele ao ver os corpos destroçados é uma das mais impagáveis que verei em toda a minha vida, tenho certeza. Mas ele não teve tempo de entender o que acontecia. Quando se virou, em choque, levou um tiro na cabeça. Caiu bem atrás do sofá onde eu deveria estar. Nem precisei arrastá-lo. Mesma altura, quase o mesmo peso. Com a troca que você fez do meu registro dentário pelo dele, era o substituto ideal.

Tinha montado o cenário perfeito para a minha história.

Restava ainda um grande dilema. Eu tinha que, de algum modo, carbonizar os corpos para que só conseguissem fazer a identificação no corpo do mendigo pela comparação da arcada dentária. Tinha que atear fogo no porão, mas os policiais, quando achassem o lugar, teriam que encontrar meu livro ainda intacto. Como você vê, mãe, um dilema e tanto!

A solução foi incendiar apenas uma área do porão, queimando o sofá e carbonizando os corpos da Waléria, da Maria João, do Lucas e do mendigo que me substituiu. Do outro lado, o mais distante possível do fogo, deixei o meu livro.

Eu precisava que encontrassem logo o porão, antes que o fogo se alastrasse e lambesse tudo. Por isso liguei para os policiais! Fui até o orelhão mais próximo. O telefone do policial Motta estava registrado nas últimas ligações feitas ao celular do Zak. Disquei o número, contei uma história absurda e deixei a coisa toda acontecer.

Estava escondido na mata quando eles chegaram. Vi-os desesperados, saindo correndo da casa depois de ver o fogo e os corpos, pedindo os bombeiros...

Sei que você ficou assustada quando a delegada leu o capítulo em que a João revela que o assassino cometeu o crime com a ajuda da mãe. Peço desculpas por não ter te contado. Mas era melhor você ficar surpresa com isso, assim como as outras mães. Tudo vai servir de material para o meu livro, entende?

Eu sabia que nunca descobririam você. Eles estão tão longe da verdade quanto o Brasil do Japão. Nunca vão saber de nada, mãe. Você fez bem em roubar o material.

Eu usei para a minha vida os princípios do pôquer que meu bisavô me ensinou. Ele dizia que você só pode dar *All-in* em dois momentos: a "grande cartada" e o "grande blefe". Na "grande cartada", você aposta tudo simplesmente porque tem a certeza de que possui a melhor mão da mesa. No "grande blefe", você tem que conhecer bem os outros jogadores para ter a certeza de que eles vão correr quando você fizer sua aposta mentirosa. Conforme ele mesmo dizia, a "grande cartada" é para os homens de sorte e o "grande blefe", para os homens de coragem. Lembra-se disso, mãe?

Eu nunca fui um homem de sorte, você sabe.

Mas agora sou um homem de coragem.

Eu conhecia bem todos os outros jogadores, conhecia suas personalidades, era capaz de prever suas atitudes. Sabia que tudo ocorreria como eu planejara. Eu dei o grande blefe, mãe. Dei o grande blefe e ganhei a partida!

Hoje é um dia muito especial para mim. Com todo aquele material que você me enviou, terminei o livro e entreguei ao editor. Ele acha melhor adiar o lançamento por dois ou três anos, até que essa história toda tenha arrefecido.

Não tenho pressa. Esse é o livro que vai me levar ao sucesso. O livro que todos vão querer ler para descobrir por que nove adolescentes idiotas acabaram com a própria vida. E a resposta sou eu, mãe. Eu os levei a isso.

Cada pessoa que ler o livro terá compactuado com o projeto. Terá provado que essas mortes não foram em vão. Valeram a pena! Sim, valeram muito a pena!

Infelizmente, não acredito que você voltará a me chamar de Alessandro. Não posso mais assumir esse nome. Nos últimos meses, minha vida tem se resumido a mudar de identidade.

Agora parece que finalmente encontrei uma definitiva! O meu novo nome. O nome que vou levar até a morte. O nome com que vou assinar meus livros futuros e criar toda uma vida.

Para que você se acostume, passo a utilizá-lo desde já.

Fique bem, mãe. E saiba que também te amo muito.

Espero que goste do livro.

Mil beijos do seu filho,

Raphael Montes.

# Créditos



Diretor editorial: Thales Guaracy
Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves
Editora: Débora Guterman
Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Paula Carvalho e Richard Sanches
Edição de arte: Carlos Renato
Assistente editorial: Luiza Del Monaco
Direitos autorais: Renato Abramovicius

Preparação: Fátima Gigliotti e Leandro Rodrigues
Revisão: Jandira Queiroz
Diagramação: Jussara Fino
Capa: Graziela Iacocca
Imagem de capa: Malek Chamoun/ Getty Images
Serviços editoriais: Luciana Oliveira
Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes
Impressão e acabamento:

1ª edição, 2012



Benvirá, um selo da Editora Saraiva.
Rua Henrique Schaumann, 270 | 8º andar
05413-010 | Pinheiros | São Paulo | SP
www.benvira.com.br